

IOANNES V. PORT. REX. XII.



J. P. Pinheiro delinavit 1743.

A



GEMIDOS
SERAFICOS,
DEMONSTRACOENS

sentidas, e obsequios dolorosos nas Exe-
quias funeraes, que pela morte

DO FIDELISSIMO, E AUGUSTISSIMO REY O SENHOR

D. JOÃO V.

FEZ CELEBRAR NOS CONVENTOS
*da Provincia de Santo Antonio do Brasil, entre
Bahia, e Pernambuco, e consagra*

A SEMPRE GRANDE, EXCELSA, E SOBERANA SENHORA

D. MARIA ANNA DE AUSTRIA,
Rainha Mãe,

O REVERENDISSIMO PADRE

Fr. GERVAZIO DO ROSARIO,
*Prégador, Ex-Diffinidor, e Ministro Provincial da mes-
ma Provincia.*



LISBOA:

Na Officina de FRANCISCO DA SILVA.

Anno de MDCCLV.

Com todas as licenças necessarias.



SENHORA.



Effeito grande do sempre lamentavel golpe , com que a tyranna parca chegou a provar a Real Constancia de V. Magestade,

tade , cortando o precioso fio da mais estimavel vida do Senhor Rey D. João V., merecido Conforte de V. Magestade , foy taõ excessivo , como o publicaraõ as demonstraçoens de magoa de todos os seus amantes , e leaes Vassallos , que ao incomparavel da perda souberaõ ajuntar o inimitavel do sentimento. E se este se deve tributar á proporçaõ dos beneficios ; sendo taõ notorios , os que esta Provincia de Santo Antonio do Brasil, entre a Bahia, e Pernambuco, recebeu da Real Grandeza de Sua Magestade, que Deos tem em Gloria, pelo excesso de amor , e benevolencia, com que a favoreceo , e amparou , não devia ella ser menos expressiva nos effeitos da magoa ; pois foy a mais singularizada nos favores do affecto.

Com este taõ acertado , e bem fundado juizo, se vio precisada esta Provincia a fazer pela ditosa alma de Sua Magestade publicas , e piedosas Exequias , levantando á sua inconsolavel memoria tantos padroens da

da sua saúdade , quantos Mausoleos fabrica-
raõ os seus Conventos. Naõ puderaõ ser pro-
porcionados á grandeza do objecto , tanto por
naõ o permittir a capacidade dos Templos, e in-
digencia dos lugares, como por lhe ser muy de-
signal a força do braço. Mas como sobrou de
impulso , quanto faltou do poder ; naõ se de-
ve regular a offerta pelo avultado, e precio-
so da fabrica , como pelo generoso , e activo
da vontade.

As ofertas naõ se conhecem melhores,
nem se fazem mais acceitas pela grandeza,
que tem em si ; mas sim pela intenção , que
levaõ consigo : pois naõ olhaõ as Deidades
para a extensão do holocausto ; só attendem
para a pureza do sacrificio : e he certo , que
mais se agrada huma Magestade , ainda a
mais Divina , do pouco, que nos Altares offe-
rece o coração, do que do muito, que nas aras
largaõ as mãos. Nas letras sagradas refere S.
Marcos, que a Christo, Divino Rey, mais lhe
arreatára a attenção a pequena offerta, que

com toda a alma largara no cofre do Têmplo a pobre viuva de Jerusaleem, do que as grandes oblaçoens, que só por cerimonia deixavaõ alli os mayores do povo. E nas humanas escreve Tacito, que os Principes grandes sempre se contentaõ, e satisfazem mais, com pequenos, e sincéros dons.

Este pouco, ou este nada, que esta humilde, e pobre Provincia do Brasil offerece ás Reaes Aras de V. Magestade, he taõ sinceramente puro, e leva comsigo huma taõ affectuosa vontade; que se assim, como legitima e verdadeira, fosse cabalmente penetrada, e conhecida; bastaria a fazer muy avultada, e grandiosa a offerta: porque aindaque lhe não era possível pela sua limitada pequenhez igualar a alteza taõ elevada do objecto; com tudo, pelo affectuoso, e sincéro da vontade, com que o faz, bem póde de algum modo servir de desempenho á divida, de que se confessa, e confessará eternamente obrigada; ja que se vê impossibilitada de condignamente satisfazer.

Este

Este foy o justificado motivo , que teve esta Provincia para offerecer tantos cultos, e Officios funeraes á alma de S. Magestade, que piamente a suppõem ja collocada entre os espiritos bemaventurados: e o que a excitou a consagrá-los aos Reaes pés de V. Magestade, não he menos justificado. A razão he clarissima: porque se d'ElRey defunto recebeu esta Provincia tantas esmólas, e graças muy especiaes, que planamente confessa; a V. Magestade reconhece dever tudo o que recebeu. Muito deve a ElRey, pelo que obrou, e não menos a V. Magestade pelo que cooperou. Grande foy a piedade, devoção, e affecto d'ElRey para os Templos, e casas de Deos; mas tambem não se póde negar, que a V. Magestade deveo ElRey a approvação de todas as idéas, que respeitavaõ o culto do mesmo Deos: donde procedia realçar tudo na sua ultima perfeição, para melhor comprazer ao Regio, e divinizado espirito de V. Magestade.

He notorio a todo Reyno , e ainda ao mundo todo, o animo piedoso, e devoto de V. Magestade, além das mais graças, e virtudes moraes, de que Deos ornou a alma de V. Magestade: tambem não he occulto , que estes forão os incentivos mais efficazes , que teve ElRey para a execuçaõ das suas mayores piedades , e para a praxe das suas acçoens mais devotas. Nem isto póde diminuir em ElRey a grandeza de animo ; e menos deslustrar a sua grande piedade. Rey dos Astros he o Sol; e com tudo, ao primeiro movel deve o acerto, ou concerto do seu natural curso , sem que por isso fique com detrimento na sua grandeza ; antes se ostenta mais acertado na participação das suas luzes , que com liberal equidade reparte ao mundo todo. Do mesmo modo não póde diminuir em ElRey a soberania do seu obrar , o ser o claro Ceo de V. Magestade o primeiro movel das suas piedades, que com discreta , e igual liberalidade communicou a todos os seus leaes, e amantes Vassallos;

sallos; e em especial aos desta pobre, e humilde Provincia Franciscana, que nunca cessará de rogar a Deos pela alma d'ElRey, e pela Pessoa de V. Magestade, que a guarde, como todos, fiel, e cordialmente, desejamos, e havemos mister.



GEMIDOS SERAFICOS,
DEMONSTRAC, OENS SENTIDAS,
e obsequios dolorosos pela morte

DO FIDELISSIMO E AUGUSTISSIMO REY O SENHOR

D. JOAÕ V.



Chando-se em o dia 22. de Outubro do anno passado de 1750. na Cidade de Olinda o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Luiz Jozé Correa de Sá, Governador, e Capitão General de Pernambuco, para com a sua assistencia fazer mais solemne o acto, que na manhã desse dia na Cathedral se celebrava dos annos felicissimos do Serenissimo Rey e Senhor D. João V. de gloriosa memoria, e eterna saudade, com grande regozijo, e aclamação de todo o povo, acompanhada do estrondoso som da artilheria das Fortalezas, que medeão por espaço de huma legoa desde a Cidade de Olinda até a Villa do Recife; e das repetidas cargas da Infantaria de huma, e outra Praça, que se achavaõ ambas incorporadas na mesma Cidade, se deixou ver pela tarde do mesmo dia huma Náo, a qual pela opposição dos ventos contrarios não pode tomar o porto, em que lançalle as anchoras, fenaõ no outro dia pelas tres horas da tarde.

O goisto, com que a vista da Náo alvoreçou toda a Cidade,

de ; foy annuncio da pena. que depois se certificou : porque a salva costumada, com que devia a Não festejar a terra, por se achar já á vista della, se trocou em tiros vagos, e alternados de quarto em quarto, com que significava a funesta noticia, que trazia, de que tinham naufragado as nossas esperanças. As bandeiras, que largas ao ar, e levantadas ao alto, devião espalhar o contentamento da sua chegada, baixadas ao pé da haste, se não de todo colhidas, todas tremulas, mostravaõ receyo, e sentimento de publicar hum fatalidade, que, sendo tão universal, e commum á natureza humana, não podia deixar de ser estranhada pela singularidade do objecto. Viraõ-se quasi ao mesmo tempo dous extremos muy encontrados, hum do mayor gosto na terra, e outro da dor mais sensivel no mar : no mar á vista da terra lamentavaõ morto ; na terra com os olhos no mar o festejavaõ vivo : de manhã applaudido como vivo ; de tarde pranteado como morto. Foraõ exequias tristes de tarde, o que de manhã tinhaõ sido festivos obsequios: a manhã alegre foy annuncio da borrasca da tarde.

Mas quando deixou hum gosto grande de ser preambulo de hum dor mayor! Foy a pena a mayor, que podia ser; porque já não pode ser na occasião mayor o gosto. Tinha-se festejado aquelle dia annual do nascimento de Sua Magestade com o mayor prazer; porque corria noticia, ainda que vaga, vinda pelo Rio de Janeiro, de que Sua Magestade se achava com melhora conhecida na sua enfermidade, q̃ havia oito annos padecia; e com esta noticia tão estimada, se augmentou summamente o gosto: e como chegou ao mayor excessõ, havia de encontrar hum summo desprazer. Na Medicina he aphorismo certo, que quando a natureza chega áquelle ultimo auge da faude, que não póde passar a mais, necessariamente ha de enfermar. A mayor valentia he ensayo para a ultima ruina: quanto mais robusta, mais depresta enfraquece. A luz, quando quer acabar, entaõ resplandece mais : e o final mais certo de se extinguir, he o excessivo auge do seu resplendor. Em fim, sempre o remate do gosto foy exordio de pena: por isso o povo daquelle Cidade de hum gosto tão excessivo, pelos sinaes da Não, e tiros tão demorados, e repetidos, começou a recear hum pena tão desmarcada. Não tardou em chegar a noticia do que receavaõ: porque correo veloz, por isso mesmo que trazia consigo tanta pena.

Assim que o Illustrissimo e Excellêntissimo Senhor Governador,

nador, e Capitão General daquelle Estado avistou do seu palacio de Olinda a Náo no mar, ainda que distante bastantemente de terra, logo a toda pressa pelas tres horas da tarde se retirou para o palacio da Villa do Recife a esperar carta, discurrendo prudentemente, que o Capitão da Náo, vendo que naquella tarde não podia dar fundo, esquiparia algum batel, ou bargantim de remos a trazer a noticia da sua chegada, e do que houvesse succedido na Corte. Correspondeo o successo ao discurso; porque pelas sette horas da noite chegou o bargantim a remos com carta do Capitão de mar, e guerra, e com a noticia infallida da morte de Sua Magestade, cuja noticia logo Sua Excellencia participou a todos os Prelados dos Conventos do Recife, e juntamente expedio logo hum proprio para Olinda a dar a noticia ao Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo D. Fr. Luiz de Santa Teresa, e aos mais Prelados dos Conventos de Olinda, rogando, e recômandando a todos, mandassem fazer com os dobres dos finos os sinaes de sentimento devidos a tanta perda.

Os primeiros finos, que manifestaraõ este justo sentimento, foraõ os do nosso Convento do Recife; não se por ficar este menos distante do palacio de Sua Excellencia, donde com mais brevidade correo a noticia; ou se por destino da Divina providencia, que dispôs se anticipassem nesta demonstração, os que com mayor vehemencia participavaõ o sentimento de tão grande perda. Ao triste som dos nossos finos foraõ correspondendo com as suas funestas vozes os mais finos do Recife. O mesmo succedeo na Cidade de Olinda, quasi ao mesmo tempo, principiando os finos da Cathedral; e corresponderaõ igualmente todos os finos das mais Igrejas, e Conventos. Os dobres dos finos continuaraõ pelos tres dias seguintes com os seus costumados intervallos; a saber: ás cinco horas da manhã, ás nove, e doze do dia, ás tres da tarde, e ás sette da noite: pois em casos semelhantes de tanta dor, e tão excessivo pezar só linguas de bronze, e vozes de metal pôdem dizer com viveza dura, o que o sensível, por amortecido, ou desmayado, não sabe explicar.

Recebida a noticia da morte do nosso Augusto, e Soberano Monarca D. João V. pela carta do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Governador, e Capitão General, o R. P. Guardião do Convento, antes que cõ o melancolico som dos finos se publicasse, junta a Cômunidade dos Religiosos na Capella mayor da

da Igreja, revestido de sobrepelliz, estóla, e capa de asperges, fez cantar com toda a solemnidade hum Responso, e offereceo pela alma do mesmo Rey defunto. Certamente, se pelo enternecido dos accentos, que sahiaõ do intimo do peito, mostraraõ fer espiritos Seraficos, os que o entoaraõ; pelo suave, com que suspendiaõ as attenções dos ouvintes, fizeraõ suspeitosas de Angelicas as suas vozes. A mesma cerimonia, ou tributo Catholico se observou sem discrepancia em todos os Conventos desta nossa Provincia, (por mandarem assim as nossas Leys, e Actas Capitulares) tanto que a elles chegou a lamentavel noticia da morte do nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. João V.

Achava-se nesta occasião o nosso Reverendissimo Padre Provincial Fr. Gervazio do Rosario visitando o Convento de Ipojuca, que fica distante da Villa do Recife, dez legoas para a parte do Sul, com deliberação de vir visitando os mais Conventos por terra até a Cidade da Bahia: mas tendo a infausta noticia da morte do nosso Soberano Monarca, mudou de parecer, e voltou para o Convento do Recife; donde tinha sahido, para nelle com mais acerto determinar as demonstraçoens de sentimento, que devia esta Provincia á saudosa memoria de hum Rey, de cuja grandeza, e liberalidade tinha recebido as mayores expressões do seu agrado, e benevolencia, na especial graça de ser o seu Regio Protector, além de muitas, e grandiosas esmólas, que mais cabem no largo sacrario do silencio para se venerarem, do que nos breves caracteres deste papel para se dizerem. Chegado que foy ao Convento do Recife, logo sem demora resolveo sua Paternidade Muito Reverenda, que além dos suffragios, que para as Pelloas Reas determinaõ as Leys desta Provincia, devia esta, pela razão de mais obrigada, singularizar-se com mayor demonstração no sentimento da morte do nosso Monarcha, ainda que sempre menos ao muito que devia; e assim mandou, debaixo de preceito formal, o que melhor se vê pela seguinte Carta Pastoral.

FR. Gervazio da Rosario, Prégador, Ex Diffinidor, Padre, e Ministro Provincial desta Provincia de Santo Antonio do Brasil: *A todos os nossos amados Irmãos Guardianes, e mais Religiosos nossos subditos, saude, e verdadeira consolação em o Senhor. Como quer que Deos, infinitamente justo, e misericordioso, pela primeira culpa de nosso pay Adão*
conde-

condenasse a todos os homens ao fatal, e rigoroso tributo da morte, e de presente executasse esta terrivel, e indispensavel Ley na Soberana Pessoa do Muito Alto, e Muito Poderoso Rey, e Senhor D. João V. de Jaudoza, e glorioza recordação; cuja fatalidade devemos lamentar com as mayores expressões do nosso sentimento; porque nelle perdemos hum Monarca tão pio, e tão Catholico, que por hum longo, e felicissimo Reinado tinha merecido o amor, e rendimento nos corações dos seus fieis, e leaes vassallos; e com muita particularidade lhe devia a nossa Religião Serafica as mais exaggeradas venerações pelo cordialissimo affeeto, com que sempre a estimou, e muito especialmente a esta nossa Provincia, de quem foy Protector em todo o tempo do seu felicissimo Reinado, favorecendo-a, amparando-a, e distribuindo-lhe muitos ornamentos, cortinados, sinos, e outras alfayas ricas, e preciosas, dignas todas da sua Real Grandeza, para as Igrejas dos Conventos desta nossa Provincia. Pelo que, attendendo a todos estes motivos, e a outros mais, que calam, pelos não vulgarizarmos; e querendo gratificar na morte tantos beneficios, de q̃ na vida lhe fomos, e fomos devedores: mandamos a todos os nossos amados Irmãos Guardiaens desta nossa Provincia, que, tanto que esta lhes for dada, fação hum Officio solemne, com a mayor pompa, e grandeza, que a opulencia do lugar, e a possibilidade do Convento permittir, pela alma d'El-Rey defunto; os Sacerdotes celebrem tres Missas, os Irmãos Choristas tres Officios de defuntos rezados, e os Irmãos Leigos trezentos Padre nossos, e trezentas Ave Marias: tudo offerecido pela alma do mesmo Rey; além dos mais suffragios, que pelas almas dos nossos Monarcas mandão fazer as nossas Leys. E para lhes não faltar o merito da Santa Obediencia, debaixo della assim o mandamos, em virtude do Espirito Santo: e de terem assim cumprido, se fará termo ao pé desta, assinado pelo Guardião, e Discretos do Convento. Dada no Convento de S. Antonio da Villa do Recife, sob nosso Sinal, e Sello mayor do nosso Officio aos 12. de Novembro de 1750.

Loco ✠ Sigilli.

Fr. Gervazio do Rosario
Ministro Provincial.

P. mandado de S. P. M. R.
Fr. João de Jesus Maria,
Secretario da Provincia.

Com

Com grande attenção foy ouvida; e com mayor vontade executada a Carta Pastoral do nosso Reverendissimo Padre Provincial, tanto pela complacencia, que reconciliava o objecto, a que se terminava; como pelo respeito devido de quem a mandou: e assimem todos os Conventos da Provincia, com a mayor brevidade, e solemnidade mais pomposa, que permittio o funebre, ou funesto do acto, se officiaão as exequias, e mais suffragios consagrados á alma d'ElRey defunto. Não descrevemos a fabrica, magnificencia, e perfeição dos Tumulos, que que se erigiraão nos Templos dos nossos Conventos; porque ainda que nelles houve distincção nas architecturas, segundo as diversas idéas dos seus Artifices, huns levantados pela ordem Corinthia, outros pelo methodo Jonico, e os mais formados pelo que chamaão regular, e esta variedade de tantos artefactos poderia dar algum delectavel pasto á attenção; com tudo pelo repetido, ou identico, não deixaria de enfastiar o delicado, ou melindroso paladar daquelles, que na brevidade do que lêem, põem todo o seu gosto: só notamos, que para demonstração da magnificencia, com que se levantaraão, e para expressão do sentimento, que inculcavaão, não faltaraão aquelles indices costumados, que melhor explicaão a grandeza do objecto, e a intensão do sentimento.

O sentimento se inculcava intenso pela negridão das baetas, com que se cobriaão, e enlutavaão os Tumulos: e algum houve, que com o preto veludo quiz testemunhar, ou o mais fino da sua magoa, ou o mais denegrado da sua pena: mas no que o vivo deste sentimento se deixou ver á melhor luz, foy nas poucas, que allumiavaão os Mausoleos; porque em todos não passaraão de oito tochas, que, dispostas, e assentadas no primeiro plintho dos monumentos, faziaão huma bem ordenada cõfuzaão de luzes, além das que distribuidas pelos Altares allumiavaão os Templos. E se ja houve penna discreta, que das luzes de hum cenotaphio transformou estrellas para o firmamento, figurando que não sabia distinguir, se eraão tochas, que brilhavaão, ou estrellas, que resplandeciaão; bem se pôde agora decifrar, que em serem as luzes poucas, foy, ou para se cumprir exactamente a vontade do Rey defunto; ou para se significar melhor, com a diminuição do luzimento, o excesso da nossa magoa: pois he certo, que quanto menos estrellas se descobrem no Ceo, mayores sombras cobrem a terra.

Tambem

Tambem concorreraõ para a expressaõ deste sentimento summo os muitos cyprestes , que com pompa triste , e funebre verdor floresciaõ nos Tumulos : ou porque pela forma pareiaõ levantadas pyramides , em que a magoa gravou os seus effeitos ; ou porque se a natureza lhes deo por representaçaõ a melancolia , e a arte lhes appropriou por terreno a sepultura ; vinhaõ aqui nascendo para jeroglyficos certos da mais lastimada morte : desorte que pelo funebre ornato dos Tumulos se descobria o intenso , e excessivo do sentimento : assim como pelo avultado , e arrogante de seus corpos , on maquinas ; pelo dourado , e prateado das rendas , e galoens , com que se orlavaõ as peças ; pelo rico dos véos , com que se cobriaõ os cofres ; e pelo precioso das almofadas , em que descansavaõ as Coroas , e os Ceptros , se ostentava a magnificencia , e o realengo do seu objecto.

Tinha determinado o Reverendissimo Padre Provincial, que o Convento do Recife fosse o primeiro nesta sentida demonstração, depois de celebradas as Exequias Reaes na Sé Episcopal: mas como as disposições dos homens estão sujeitas aos juizos de Deos, permittio este mesmo Senhor, que no terceiro dia da sua chegada ao tal Convento, lhe sobreviesse, ou da violencia, e trabalho apressado do caminho, ou do abalho interior da infausa noticia, a sua costumada molestia podagra, que padece nos pés: e como nesta occasião foy mais impertinente, por accrescerem de novo tantas causas, e motivos, não lhe era possível assistir, como desejava, pessoalmente aos Regios funeraes; e assim resolveo que se deferissem até a sua total melhora. Esta dilacão interina deo lugar a que as mais Familias Religiosas lhe precedessem nas expressoens funeraes, ficando as do nosso Convento do Recife destinadas para o Sabbado 12. do mez de Dezembro do mesmo anno de 1750.

Com os dobres dos finos na noite de sexta feira se deo principio ás Exequias Reaes, que se celebraraõ no Sabbado. Capitulou o Officio, e cantou a Missa o nosso Charissimo Irmão Prégador Fr. Manoel de S. Jozé, por se achar o Reverendissimo Padre Provincial ainda mal convalescido da sua molestia; que escassamente o deixou assistir no Coro ao Officio, e Missa, e na Capella mayor da Igreja ao Responso. A toda a função funeral esteve presente de humas das tribunas da Igreja o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Governador, e Capitão General daquelle Estado; a cujo exemplo concorreraõ todos os Cabos principaes.

paes, e Subalternos da mesma Praça. Assistirão a este Regio Seráfico acto os Prelados de todos os Conventos, com muitos Religiosos seus subditos, além de outras muitas pessoas graves, e particulares. Nem faltarão a tão pio, e religioso obsequio a Mesa da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, a que presidia o seu R. P. Commissario Fr. Jozé de Santa Clara, Ex Leitor da Sagrada Theologia, e o seu Irmão Ministro João da Costa Monteiro, Capitão mór daquella Villa, com hum grande numero de Irmãos Terceiros, todos com tochas, e brandoens de cera accessos nas mãos.

Acabado o Officio, e Missa, subio ao pulpito o nosso Charíssimo Irmão Prégador Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatao, e tomando por thema as palavras do *Cap. 1. do Ecclesiastes*, orou com tanta energia, e propriedade, que aos circunstantes pareceo ouviao ao mesmo Salamao Author do thema. Nos bem fundados pontos da sua alta, e elevada Oração poderao melhor contemplar os discretos leitores as partes, de que se orna o engenhoso, e erudito discurso deste famoso Orador, que nós não sabemos julgar a quem ficou elle devendo mais na acertada eleição do thema, se ao Sabio Rey de Jerusaleem, que formou para elle aquelle texto; ou se ao Monarca mais entendido de Portugal, que com as suas singulares acçoens soube formalizar para si aquellas palavras.

No Convento da Cidade de Olinda ja antecedentemente em 16. de Novembro em huma segunda feira se tinhao celebrado pela felicissima alma do nosso Soberano Monarca defuncto as Exequias funeraes com luzida pompa, e engenhosa architectura, em que se vio competir entre si a pericia da arte com a preciosidade da fabrica, tudo por industria, diligencia, e actividade do R. P. Guardiao do mesmo Convento o nosso Charíssimo Irmão Prégador Fr. Ludovico da Purificação. Elle foy o que, com huma voz suavemente sonora, e com melodia muy terna, e attractiva, semelhante ao genio, de que he dotado, capitulou o Officio, e cantou a Missa, não sem grande renitencia, por desejar, para mayor honorificencia, e esplendor daquelle acto, capitulasse o Officio, e cantasse a Missa o nosso Reverendissimo Padre Provincial, o qual, como se achava gravemente molesto, não pode condescender ás suas rogativas; antes lhe mandou ordem expressa para não deferir as Exequias, contentando-se, ainda que invito, com deferir as do Convento

to do Recife, onde se achava enfermo, para quando se achasse com allivio, e melhora na sua queixa: e assim se vio precizado o dito R. P. Guardiaõ a fazer a funcão das Exequias no dia mencionado.

Ha accasos, que parecem mysterios, ou mysteriosos: tal pareceo a enfermidade do nosso Reverendissimo Padre Provincial, ainda que muitas vezes repetida, muy casual nesta occasião; porque tendo S. P. M. R. determinado, assim que recebo a infaulta noticia da morte do nosso Soberano Monarca, que o Convento do Recife, onde por duas vezes tinha sido Guardiaõ, fosse o primeiro, que prorompesse em demonstraçoens publicas de sentimento por tão grande, e irreparavel perda, não furtio o effeito desejado a sua determinação, em razão da molestia podagra, que lhe sobreveyo nos pés; e assim veyo a conseguir o nosso Convento de Olinda ser o primeiro, depois da Sé Episcopal, que solemnizou as Exequias funeraes do nosso Rey defunto. Primazia certamente devida de jure, e nisso consiste o mysterioso. Porque além de ser o Convento da Cidade de Olinda o Capital da Provincia, e muitos annos desde o principio da erecção da Provincia Capitular, até que por Decreto Regio, e Pontificio passou a ser Capitular o Convento desta Cidade da Bahia, foy o primeiro Convento de Religiosos, que teve todo o Brasil; e a Igreja, em cujo ambito se fundou o Convento, foy a primeira, que venerou o Estado de Pernambuco, dedicada a nossa Senhora das Neves; cuja invocação ainda hoje conserva o Convento. Com razão logo devia ser o primeiro em expressar o seu sentimento pela morte de hum Rey tão pio, e Catholico, e sobre tudo tão amante, e venerador dos Religiosos.

Assistio ás Exequias celebradas no Convento de Olinda o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Fr. Luiz de Santa Teresã, Bispo de Pernambuco, com todo o seu Muito Reverendo Cabido. Assistirão tambem todos os Cabos, Officiaes mayores, e Subalternos daquella Cidade, toda a Nobreza, e pessoas principaes della; não faltando a este obsequio os Irmãos da Veneravel O dem Terceira da Penitencia, que formados em corpo de Mesa com o seu R. P. Commissario Fr. Diogo de S. Diogo, e com o seu Ministro o M. R. P. Manoel Alexandre Pereira, Vigario collado da Villa do Penedo, assistirão com brandões accesos a todo o Officio, e Missa. Accrescerão na assistência, á-

lêm dos Prelados locaes das outras Religioens, e muitos Religiosos seus subditos, os Prelados Provinciaes, que nesse tempo se achavaõ em Pernambuco, visitando cada hum os Conventos da sua jurisdicção. Foy Orador o nosso Charissimo Irmaõ Lente actual de Prima, em a Sagrada Theologia Fr. Serafim de Santo Antonio, o qual certamente satisfez, e adequou o grande conceito, que delle se tinha, e se tem, pelo elevado engenho, sublime talento, e nervosa facundia na arte Oratoria, em que he famigerado naquelle Bispado, e ainda em toda a nossa Provincia.

Em o nosso Convento da Villa de Iguarassû em outra segunda feira 23. de Novembro do mesmo anno de 1750. se fizeram tambem as Exequias funeraes pela morte do nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joaõ V. não com menos solemnidade, e grandeza, conforme a possibilidade da terra, e industriosa diligencia, com que se mostrou empenhado na execucao do preceito do nosso Reverendissimo Padre Provincial, na sua Pastoral expressado, o nosso Charissimo Irmaõ Prégador Fr. Manoel das Chagas, Guardiaõ do mesmo Convento; o qual capitulou no Officio, e cantou a Missa, sendo o Orador nessa funcao o nosso Charissimo Irmaõ Lente actual de Vesperas em a Sagrada Theologia Fr. Jozé da Conceição: o qual elegendo por thema as palavras, com que a Igreja forma o Invitatorio, e principia o Officio de defuntos, organizou humda discreta, e elegante Oraçao com tal subtileza, e habilidade, que bem inculca o raro engenho, a singular talento de seu Author.

Na mesma segunda feira, e no mesmo dia 23. de Novembro, em observancia da Carta Circular do nosso Reverendissimo P. Provincial, se celebraraõ no nosso Cõvento da Cidade da Paraiiba as Exequias funeraes pela alma do nosso Augusto, e Soberano Monarca D. Joaõ V. de saudosa, e inconsolavel memoria, com toda a grandeza, e fasto em nada inferior ás que se fizeram nas duas Praças, de Olinda, e Recife, à contemplação, e obsequio do nosso Charissimo Irmaõ, Ex-Leitor de Prima em a Sagrada Theologia Fr. Antonio da Purificação, Guardiaõ do mesmo Convento, taõ bemquisto, acceito, e estimado dos moradores daquella Cidade, que todos á porfia com generosa liberalidade concorreraõ com os melhores damascos, veludos, e franjas, assim de ouro, como de prata, para o adorno, e ornato do Mausoleo com engenhosa traça, e admiravel architectura fabri-

fabricado. Capitulou no Officio, e cantou a Missa o mesmo R. P. M. Guardiaõ.

Affistio a esta primorosa, e funesta funcão o Senhor Governadot da Cidade, Antonio Borges da Fonteca, com todos os Cabos, e Officiaes de guerra da mesma Praça, e com as pessoas nobres da Governança, e principaes da mesma Cidade. Affistio tambem o M. R. Doutor Vigario Geral, e Parochiano da Matriz, Antonio Soares Barbosa, com toda a Reverenda Clerozia. Não faltaraõ os Muito Reverendos Prelados das Religioens, D. Abbade de S. Bento, Prior do Carmo, e o Superior da Companhia de Jesus com os Religiosos seus subditos. Não menos empenhados se mostraraõ nesta funcão os Irmãos da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, que formados em corpo de Mesa com o seu R. P. Commissario, o nosso Charissimo Irmão, Ex Leitor da Sagrada Theologia, Fr. Anselmo da Apresentação, e com o seu Ministro Manoel Antonio da Fonteca, affistiraõ ao Officio, e Missa com tochas accetas nas mãos. No fim de tudo subio ao pulpito, e orou o mesmo R. P. Commissario, o qual, valendo-se das palavras do *Cap. 30. do Ecclesiastico* para thema, com discreta erudição vivamente expressou os gemidos, e sentimentos, que a Ordem Serafica dava pela morte de hum Rey, que sendo verdadeiro filho da Ordem Terceira, era pay amoroso de todas as tres Ordens de Francisco meu Padre.

No Convento de Ipojuca, que fica ao Sul, onze legoas da Cidade de Olinda, ficando os de Iguaçu, e Paraíba para a parte do Norte, com a Carta Circular do Reverendissimo Padre Provincial deo ordem o nosso Charissimo Irmão Prégador Fr. Jozé da Trindade, Guardiaõ do mesmo Convento, a fazer as Exequias funeraes pela alma do nosso Serenissimo Rey defunto D. João V., e de facto se celebraraõ no dia 24. de Novembro, em huma terça feira, com toda a solemnidade, e pompa, que permittio a possibilidade da povoação, e seu districto; capitulando o Officio, e cantando a Missa o mesmo R. P. Guardiaõ; a que affistio toda a Nobreza do lugar, que se compõem das mais principaes Familias de Pernambuco. Foy o Orador o nosso Charissimo Irmão Ex Leitor da Sagrada Theologia Fr. João de Santa Angela Alagoas, o qual se não excedeo aos mais Oradores, que nesta occasião de Exequias Reaes apparáraõ a pena, e apuraraõ a viveza dos seus engenhos, certamente de nenhum

nhum foy excedido, tanto pela erudição de noticias, como pela subtileza dos conceitos, argucia, e formalidade das provas.

No Convento da Cidade da Bahia duas vezes se fizeram as Exequias funeraes pela morte do nosso Augusto, e Soberano Monarca D. João V. de eterna, e gloriosa memoria; como este Convento sobre todos foy, e he o mais obrigado á alma do Rey defunto, pelas multiplicadas esmólas, continuos, e muy especiaes beneficios, que de sua Real grandeza, e liberalidade em vida recebeo, com singular destino dispôs a Divina Providencia, que se duplicassem no mesmo Convento as demonstrações funebres de sentimêto. A primeira vez foy em huma sexta feira, dia 13. de Novêbro; em que feitos os sinaes dos sinos desde as sette horas da noite antecedente até ás onze do mesmo dia, capitulou o Officio, e cantou a Missa o nosso Charissimo Irmão Prégador Ex-Diffinidor Fr. Manoel de Jesus, Guardiaõ do dito Convento: pois assim que no ultimo de Outubro do anno passado de 1750. ás seis horas da tarde se publicou nesta Cidade a triste, e funesta noticia da morte do nosso muito amado, e estimado Monarca, pelos dobres dos sinos da Cathedral, a que corresponderão todos os mais sinos de todas as Igrejas Regulares, e Seculares, que fazião, e causavaõ huma horrorosa confusão nos animos, e corações dos moradores desta Cidade, como vassallos tão fieis, e leaes á mesma Magestade, o R. P. Guardiaõ, depois de fazer cantar hum Responso solemne em a Capella mór da Igreja pela alma do Rey defunto, estando toda a Communidade dos Religiosos presente com luzes accensas nas mãos, logo determinou o dia mencionado 13. de Novembro para a função das Exequias funeraes, q com effeito se celebraraõ.

A segunda vez foy em huma terça feira 26. de Janeiro deste presente anno de 1751. porque chegando a Carta Circular do nosso Reverendissimo Padre Provincial em cinco de Dezembro; e querendo o mesmo Reverendo Padre Guardiaõ dar logo prompta execução ao seu mandato em 29. do mesmo mez, e estando juntamente prompto o Orador, que elle destinara; recebeo outra carta por mar, em que lhe avizava o Reverendissimo Padre Provincial, partia depois do Natal para esta Cidade da Bahia por mar, para se achar presente, e officiar as Exequias: mas como a chegada não foy tão breve, como se suppunha, deferiraõ se as segundas Exequias para o dia 26. de Janeiro, em que se celebraraõ com toda grandeza, fasto,

fasto, e apparatus: levantou-se no meyo entre o cruzeiro da Igreja, e a Capella mór hum Mausoleo, rica, e custosamente artificioado pelo mais insigne Architecto da Cidade Paulo Franco, que tambem tinha engehado, e assistido ao artefacto do Mausoleo da Cathedral. Solemnizou o Officio, e cantou a Missa o meímo R. P. Guardiaõ, por não se achar o Reverendissimo Padre Provincial ainda com forças, e consistencia nos pés, para officiar, como desejava, e com essa tenção partira de Pernambuco: e assim foy necessario cortar por este desejo, e ceder ás multiplicadas instancias dos Medicos, que uniformes lhe prohibiraõ a assistencia officiosa desta função.

Assistiraõ ás Exequias do Convento ambos os Principes, Secular, e Ecclesiastico, o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Jozé Botelho de Mattos, Arcebispo da Bahia, e Metropolitano do Brasil, no seu sitial, que se armou junto ao Mausoleo da parte do Evangelho; e o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Luiz Pedro Peregrino de Carvalho Menezes e Ataíde, Conde de Attouguia, e Vice-Rey deste Estado, em a primeira tribuna do corpo da Igreja da parte da Epistola defronte do pulpito. Assistiraõ tambem o Chanceler, e mais Dezembargadores da Relação, com os Doutores, Juiz de Fôra do Cível, Juiz do Crime, e Juiz dos Orsaõs: os Coroneis, e mais Officiaes mayores de Infantaria, Auxiliares, e da Ordenança: toda a Nobreza da Cidade, e os Prelados de todas as Religioens, além de innumeravel concurso de Ecclesiasticos, e Seculares. Foy Orador o nosso Charissimo Irmão Ex.Difinidor Fr Jozé dos Santos Cosme, e Damiaõ, Ex-Leitor de Prima em a Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, e Examinador Synodal do Arcebispado da Bahia, cujo engenhoso talento he publicamente celebrado, e applaudido nesta Cidade, assim pela subtileza, e formalidade, com que argue nas Aulas, como pela erudição, e facundia, com que discorre nos pulpitos; como testificaõ alguns Sermoens, que correm impresos, e melhor testificará a Oração, que aqui se offerece.

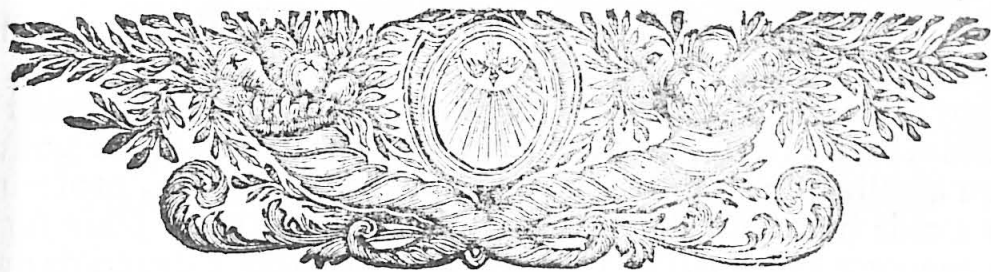
No Convento da Villa de S. Francisco, distante dez legoas por mar desta Cidade, o nosso Charissimo Irmão Fr Laureano de S. Jozé, Ex-Leitor de Prima em a Sagrada Theologia, e Guardiaõ do meímo Convento, tanto que recebeu a Carta Circular do Reverendissimo Padre Provincial, promptamente resolveo a executar o preceito nella intimado, sollicitando com dili-

gente cuidado tudo o que era preciso para se fazerem humas Exequias, que correspondessem á Magestade, e Soberania do objecto, a quem se terminavaõ, e com effeito celebrando-as em o dia 20. de Fevereiro deste presente anno de 1751. confeguiu o seu intento, tanto no artificioso, e polido do Mausolco, como no esplendido, e precioso do ornato, com geral pasmo, e admiração dos moradores do districto daquella Villa, que concorreraõ, e assistiraõ á função. Capitulou o Officio, e cantou a Missa o mesmo R. P. Guardiaõ: assistindo em todo acto funeral a Mesa plena da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, como o seu R. P. Commissario o nosso Charissimo Irmaõ Prégador Fr. Antonio do Loreto, e seu Ministro Balthazar da Costa Vulcão, tendo cada hum hum brandaõ de cera acceso nas mãos.

Celebrado o Officio, e cantada a Missa, subio ao pulpito o nosso Charissimo Irmaõ Ex-Leitor de Theologia Fr. Joaõ de Deos, o qual orou com tal erudição, e energia, que deixou todo aquelle povo, entre Nobres, e mecanicos, plenamente satisfeito, e gratulabundo de ouvirem as relevantes virtudes, e excellencias sublimes do nosso Monarca defunto, tão vivamente recitadas, e tão nervosamente applaudidas, que entre lagrimas, e suspiros reciprocamente se davaõ os pezames de hum taõ sensivel perda, que não podiaõ, nem com a propria vida reparar; passados ao mesmo tempo, e admirados de verem em taõ pequeno corpo, qual he o do Orador, talento taõ agigantado.

Em todos os mais Conventos da Provincia, a saber: da Villa de Serinhaem, da Villa das Alagoas, da Villa do Penedo, da Cidade de Sergipe, da Villa do Cayrû, e de Paraguaçu consta por cartas dos seus RR. PP. Guardiaens, e por attestação dos Religiosos Discretos dos mesmos Conventos, se fizeraõ Exequias funeraes pela ditosa alma do nosso Soberano Monarca D. Joaõ V. de saudosa, e inconsolavel memoria, com toda a solemnidade, e grandeza possivel, segundo a opulencia, ou parcimonia dos seus districtos, sem omitir a menor diligencia; nem ainda elcuar o mayor dispendio. Em todos houvéraõ, além do Officio, e Missa cantada, Sermões muy famosos, como consta de relaçoens particulares: mas os Oradores revestidos da religiosa humildade, ou levados de algum outro motivo, sendo o mais certo, por não terem expressamente o preceito formal do Reverendissimo P. Provincial, para lhos remetterem manuscriptos, nos privaraõ, não sem grande magoa, do gosto de os expor neste papel, para se lerem.

LICEN:



LICENÇAS.

D A O R D E M.

CENSURA DOS MM. RR. PP. MM. Fr. M A N O E L
de Ferreira, e Fr. João de Penamacor, *Qualificadores*
do Santo Officio &c.

NOSSO REVERENDISSIMO PADRE GERAL:

TAnto que conhecemos que este livro, cujo titulo he *Gemidos Seraficos, Demonstraçoens sentidas, e obsequios dolorosos nas Exequias funeraes*, que pela morte do Fidelissimo e Augustissimo Rey o Senhor D. João V. fez celebrar nos Conventos da Provincia de Santo Antonio do Brasil, o M. R. P. Fr. Gervazio do Rosario, Prégador, e Ex-Diffinidor, e Ministro Provincial da mesma Provincia, era parto admiravel de entendimentos tão fecundos, como são os Filhos de tão sabia, e douta Provincia, formámos delle tão alto, e sublime conceito, que nos persuadimos que não haveria nelle que censurar, pois são os sujeitos, que concorreraõ para esta Obra, tão famigerados em sciencias, e letras, que a qualquer delles se póde applicar com verdade aquelle Elogio de Casiodoro: *Huic tantis meritis praelucenti, favendum est linguis, favendum eloquiis*; (Casiod lib. 5. Variar.) e assim he sufficiente saber de que Provincia são os O adores destas Exequias funeraes, para evidente prova da sua bondade, pois nisso tem a sua mayor recômmendação: *Sol, disse Philo Hebreo, non opus habet interprete, nam ipse splendore suo fidem oculis facit.* (Phil. Heb. de Sacrif. Abel.) fallando sobre outro assumpto.

Porém

Porém para não faltarmos ao preceito de V. Reverendíssima, e á satisfação do grande affecto, com que veneramos aos filhos desta santa Provincia, com cuidado nos applicámos a examinar este livro, e nelle subio o nosso conceito de ponto para admiração, tanto dos Oradores nas subtilézas, proferindo a cada hum aquella sentença do Ecclesiastico: *Quis sufficit enarrare opera illius?* (Eccles. 17.) como do elevado da materia deste livro, dizendo outra sentença do mesmo Ecclesiastico: *Virtutem autem magnitudinis ejus quis enuntiabit?* (Ibid.) melhor se não pôde declarar as virtudes do nosso Monarca, nem com mais subtiléza.

Decifrarão estes Oradores as virtudes do nosso Monarca, de tal sorte, que sendo muitas, e a diversos fins executadas, cada hum seguindo no seu discurso diversa idéa, compuzeram o corpo deste livro tão perfeito, que nos faz ficar em duvida, por qual das partes he a primazia, se pela formosura da fórma, ou pelo elevado da materia. Para elogio dos Estatuarios da Grecia, era tal o primoroso artificio de alguns, que hum Estatua feita de pedaços, por differentes Mestres, a collocavam em união tão perfeita, que a julgava a vista fabricada de hum só peça. Esta Estatua, a nosso entender, he a Imagem do q se vê neste livro; pois sendo factura de tantos pedaços, quantas foram as acções, e virtudes do nosso Monarca, que no procedimento da sua vida lhe deo a excellente materia; e os Oradores, sendo muitos, na declaração dellas lhe dão a fórma, com tal verdade, e clareza, que parece que á sua vista se obrarão, quando vivião em tão remota distancia.

Seis forão os Oradores, que manifestarão estes Gemidos, e sendo seis pennas tão diversas as que escreverão esta Obra, se equivocão de tal sorte, que a não se distinguirem pelos nomes, todas parecem do mesmo: *Æquum erat sex cælamorum.* (Exod. 37.) Mas como todas erão partos da mesma mãy, que tanto resplandece em letras: *Qui procedebant de stipite candelabri;* assim se havião de haver para mayor realce de seus talentos, e gloria da sua mesma mãy; razão, porque a cada hum se pôde applicar o que a Igreja diz do nosso Santo Antonio: *Sapiente filio, Pater gloriatur.* (Ecclesia.)

Muitos credits lhe tem adquirido com a singularidade dos engenhos, com que Deos os dotou, como podem publicar todos os que os conhecerão Oraculos consummados em toda a materia

materia de sciencias, não só ra Theologia Sagrada especulativa, e pratica, mas tambem em os pulpitos, dando intelligencia aos lugares da Escriitura mais reconditos, expondo-os com a energia mais clara, e dando á luz pelo prélo muitos Sermões eloquentes, e suaves, dos quaes se póde dizer aquella sentença de Santo Agostinho: *Qui eloquenter dicunt suaviter, qui sapienter, salubriter.* (D. Aug. lib. 4. de Doct. Chr.)

Em fim, muitas Oraçoens funebres se recitaraõ nas Exequias do nosso Monarca Rey, e Senhor D. João Quinto de gloriosa memoria, e muitas se deraõ ao prélo para eternizada lembrança nos seculos futuros das suas virtudes, e naõ menos Epigrammas, Sonetos, e Epitafios, fazendo competencia qual excederia na Eloquencia, na Rhetorica, nos conceitos, e mais subtilezas literarias; porém o nosso affecto nos obriga a preferir, que as que lemos neste livro a tudo excedem, sem admittirem competencia.

Dizem que hum famoso pintor chegou á officina de Apelles, e conhecendo que este estava auzente, pegou no pincel, lançou huma linha dentro de outra de Apelles, deixando dito a seus discipulos, que quando viesse seu Mestre, lhe dissessem, que quem havia lançado aquella linha, era quem o procurava: volveo Apelles, e lançou outra terceira linha dentro da segunda do seu competidor, porém taõ primorosa, e subtil, que era inexcessivel, assim a seu competidor, como a todos os demais. Muitos engenhos, naõ só desta Monarchia, mas fóra della, formáraõ primorosos rasgos com as suas pennas no fallecimento do nosso Monarca, mas excedendo huns a outros deixaraõ sempre lugar a que se pudessem accrescentar, e addir novas subtilezas; mas este livro que se intenta imprimir, he taõ elevado nas delicadezas de engenho, que duvidamos, que se possa accrescentar obra, que o exceda; quem emprender dar á luz Oraçoens funebres, Epigrammas, Sonetos, ou equivalentes Obras, naõ fará pouco se chegar a imitar, o que se diviza neste livro; que o excedé-lo será muy difficil.

Finalmente, nem a Provincia de Santo Antonio do Brasil podia eleger mais dignos Heróes para manifestação dos seus Gemidos, e dolorosas demonstraçoens no fallecimento do Senhor Rey D. João V., nem este ter melhores Chronistas para a sua fama posthuma: pelo que julgamos este livro digno de se dar ao prélo. Este o nosso parecer, *salvo meliori.* Lisboa
Hospicio

Hospicio do Duque de Julho 6. de 1752.

Fr. Manoel de Ferreira. Fr. Joaõ de Penamacor.

FR. Pedro Juan de Molina , Lector de Theologia , Theologo de la Magestad Catholica en la Real Junta por la Immaculada Concepcion , Ministro General de la Orden de Menores de N. S. P. San Francisco , y siervo &c.

Por el tenor de las presentes , y por lo que à Nòs toca, concedemos nuestra bendicion , y licencia , para que con examen , y aprovacion *in scriptis* de los Padres Lectores Fr. Manuel de Ferreira , y Fr. Juan de Penamacor pueda darse à la prensa un tomo intitulado : *Gemidos Seraficos &c.* compuesto de varios Sermones , predicados en la muerte del Fidelissimo Rey de Portugal D. Juan V., en la santa Provincia de San Antonio del Brasil. Y en lo de más se observaran los Decretos del Santo Concilio de Trento , Reales pragmaticas , y lo que nuestras Constituciones Generales disponen. Dado en este nuestro Convento de San Francisco de Rioseco en 26. de Mayo de 1752.

Fr. Pedro Juan de Molina ,

Ministro General.

P. M. D. S. Reverendissima.

Fr. Juan de Landa,

Pro-Secretario General de la Orden.

Reg. tit. Prov.

DO

DO SANTO OFFICIO.

*CENSURA DO M. R. P. M. Fr. ALBERTO
de S. Jozé Col, Qualificador do Santo Offi-
cio &c.*

ILLUSTRISSIMOS SENHORES.

LI com a devida attenção este livro intitulado : *Gemidos Seraficos , Demonstraçoens sentidas , e Obsequios dolorosos* nas Exequias funeraes, que pela morte do Fidelissimo, e Augustissimo Rey o Senhor D. Joaõ V., de faudosa memoria , fez celebrar o Reverendissimo Padre Fr. Gervazio do Rosario , Prégador , Ex-Diffinidor , e Ministro Provincial da Provincia de Santo Antonio do Brasil, entre Bahia, e Pernambuco; e constando este bem merecido obsequio pelo muito que aquella santa Provincia se confessa obrigada, e o deve ser todo o estado Ecclesiastico , de seis Sermoes, em nenhum encontro, que levemente offenda a nossa Santa Fé, nem a rectidão dos bons costumes. Abonadas testemunhas tenho nos dous Sapientissimos Censores , que viraõ este livro por commissão do Reverendissimo Padre Geral de toda a Ordem Serafica. Nem o serem domesticos póde diminuir o credito das suas approvaçoens ; porque, além de serem conhecidos os seus talentos na Republica literaria , não haviaõ faltar á verdade em materia de tanto pezo. Assim fórmõ destes Sermoes o mesmo elevado conceito , que delles fizeraõ taõ sabios Censores, e julgo se deve dar a licença, que se pede, para se darem ao prélo. Carmo de Lisboa 7. de Outubro de 1752.

Fr. Alberto de S. Jozé Col.

Vista a informação, póde se imprimir o livro, que se apresenta, e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 10. de Outubro de 1752.

*Fr. R. de Lancaſtre. Silva. Abreu. Paes. Trigoſo.
Silveiro Lobo. Caſtro.*

DO ORDINARIO.

*CENSURA DO M. R. P. M. Fr. MANOEL
da Annunciaçãõ, Qualificador do Santo Offi-
cio &c.*

EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR.

M Anda-me V. Excellencia veja hum livro de seis Sermoens funebres, demonstraçoens sentidas nas Exequias fune-
naes, que pelas morte do nosso Fidelissimo, e Augustissimo Monarca o Senhor D. Joã V. mandou fazer nos Conventos da sua Provincia o Reverendissimo P. Fr. Gervazio do Rosario, Prégador, Ex-Diffinidor, e Ministro Provincial da mesma; es-
colhendo para tão devida, e Regia empresa, entre tantos bons, os melhores Prégadores de sua Religiaõ sagrada: cuja eleição tão discreta me podia izentar da censura. Porém como V. Excel-
lencia me ordena diga o que entendo nesta materia, devo di-
zer, que logo pelo titulo destes dolorosos obsequios vim no conhecimento de quaes poderião ser os seus assumptos, tendo Oradores tão doutos: não só porque *Gemidos Seraficos* expli-
cação seus affectuosos sentimentos; mas tambem porque estes devem ser os Oradores em semelhantes assumptos, supprindo com gemidos mais dolorosos pelos discursos mais elevados, e sus-
pendendo as palavras mais discretas, para que tenhaõ lugar as lagrimas mais sentidas: *Interdum lacryme pondera vocis ha-
bent.*

E como

E como estes Oradores tão doutos não só discorreram com tanto acerto nos seus assumptos, mas já tem approvação dos seus domesticos, e de estranhos não menos doutos, com licença dos seus Prelados para dar ao prelo estes primorosos partos de seus entendimentos, e nelles não encontro cousa alguma, em que se opponhaõ aos dogmas da nossa Sãta Fé Catholica, ou bons costumes, me parecem dignos da licença, que pertendem; nem para conseguirla necessitavaõ de Protectora tão Regia, como imploraõ na sua Dedicatoria offerecida á Rainha nossa Senhora, entendendo, que se no seu coração se formou hum mar de sentimento, para elle deviaõ correr agradecidos estes rios de seus Gemidos Seraficos. V. Excellencia mandará (como costuma) o que lhe parecer mais acertado. S. Domingos de Lisboa 15. de Dezembro de 1752.

Fr. Manoel da Annunciação.

Vista a informação, pôde-se imprimir o livro, de que se trata, e depois torne para se dar licença para correr. Lisboa 15. de Dezembro de 1752.

D. J. A. de Lacedemonia.

D O P A C, O.

*CENSURA DO M. R. P. M. Fr. ANTONIO
da Nazareth &c.*

S E N H O R.

Sendo os Reaes Decretos huns taes preceitos, que com a mais prompta obediencia devem ser executados; e mandando-me V. Magestade ver este livro, cujo titulo he: *Gemidos Seraficos, Demonstraçoens sentidas, e Obsequios doloro-*
jos,

Jos ; nas Exequias funeraes , que pela morte do Fidelissimo , e
Augustissimo Rey o Senhor D. Joao V. , o M. R. P. Pregador ,
Ex-Diffinidor , e Ministro Provincial Fr. Gervazio do Rosario
mandou celebrar nos Conventos da sua Provincia, entre Bahia,
e Pernambuco , e agora quer fazer imprimir neste Reyno; logo
no exordio me vi perplexo se devia obedecer sem escrupulo a
tao Regio , e Augusto Decreto: obedeci em fim como leal Vaf-
sallo , principiey a ler com gosto , continuey com assombro , e
acabey com tanto jubilo , que a minha obediencia se converteo
em usura , e naõ menos interessada , que escrupulosa , fica a V.
Magesdade em divida da mayor parte do seu Real preceito, pro-
testando , que a ser este livro, como he , de tanto credito para
esta Provincia de Santo Antonio ; o revê-lo naõ deve ser sa-
crificio , que eu faça, mas sim beneficio, que agradeça.

Nasceo a Provincia de Santo Antonio do Brail , desta
Provincia de Santo Antonio de Portugal : esta lhe deo o ser co-
mo Mãy, e aquella como Filha agradecida se preza muito de
que, a que he honra sua, seja gloria para a Mãy, que lhe deo
o ser. Nascem os rios do mar, diz Salamaõ , e saõ os rios taõ
primorosos, que sempre correm para o mesmo mar, donde nascê:
Ad locum, unde exeunt, revertuntur. (Eccl. cap. 1. n. 7.) Gene-
roso agradecimento, que, principiando correspondencia, se vem
a fazer usura. Tantos talentos, com que a Provincia de Santo
Antonio da Bahia se exalta: Tantos Oraculos, com que se hon-
ra, que saõ , senaõ rios de eloquencia , rios de sabedoria , que
largando as correntes aos seus discursos , se bem fecundaõ com
a affluencia de seus estudos a Provincia em que existem, tambem
com a abundancia de seus Escritos acreditaõ a Provincia donde
nascem: varios volumes, com que tem sahido a publico, saõ des-
ta verdade os mais claros indices; e quando naõ fosiern tantos,
este, que se pertende manifestar ao mundo , ainda que limitado
na apparencia , he taõ avultado na subitancia, que, tendo hum,
vale por seis volumes , pois tendo cada Sermaõ deste livro seu
Author diverso , a quem dá a primazia para o applauzo , cada
Author distincto dá ao seu Sermaõ a mayoria para o apreço: he
o que disse Cerdã em outro caso , se naõ identico , ao menos
muito parecido : *Sermo Auctori suo compar , magnum dico,
maius in pretio exclamare non potero.* (Cerd. tract. 9. art. 5.)

Seis saõ os Authores , que escreveraõ estes seis Sermões
para o prelo , tendo antes sido Oradores , que os recitaraõ no
pul-

pulpito ; empenhando-se , e desempenhando-se todos feis , assim ao pré-gá-los , como ao escrevê-los ; em descobrirem textos os mais ajustados , assumptos os mais genuinos , conceitos os mais selectos , e pensamentos os mais solidos ; illuminando os pensamentos , e mais os textos , illustrando os conceitos , e os assumptos com Sonetos , e Epigrammas tão curiosos . que bem se póde gloriar a Bahia que em tão douta Provincia tem engenhos para tudo , e os melhores engenhos : engenhos para as letras , engenhos para Epigrammas , engenhos para as mayores empresas , em fim engenhos de tão iguaes predicados , que na empresa de tão Augustas Exequias , sendo todos feis irmãos no habito , todos feis se devem reputar como primos no desempenho , se não quizermos dizer como unicos ; pois ja a obediencia os destinou para tão Regias empresas a todos feis , como primeiros , sem segundos , e não sey se com grande mysterio entre tantos destinou só o numero de feis.

Toda a Familia Serafica , e qualquer Provincia da mesma Familia , como tão obrigada , além das particulares , e domesticas , celebrou publicas Exequias pela alma do Fidelissimo , e Augustissimo Rey o Senhor D. João V. de gloriosa memoria , mas com esta differença : que algumas Provincias celebraraõ humas , outras duas ; porém a Provincia de Santo Antonio da Bahia , sobre humas , celebrou mais cinco , que fazem seis ; e seria o seu intento , celebrando cinco mais , proporcionar este numero com o Regio objecto , a quem diziaõ respeito : e muito mais quando ja os antigos , como disse Virgilio , e o refere o Egnima Numerico , ornavaõ as Exequias dos seus Monarcas com cinco Quinas por escudo : *Cadit quinque quinas de more bidentes* ; (Egn. Num. tract. 5. n. 1.) mas eu dissera que o destino foy ou querer exceder ás mais Provincias , ou querer mostrar-se agradecida ao muito que Monarca tão benevolo a venerava , favorecia , e amava entre as mais.

He o numero Quinario , diz Santo Isidoro , tão perfeito , que , multiplicado este numero , fórma hum circulo esferico ; cinco vezes cinco , são vinte e cinco ; cinco vezes vinte e cinco , são cento e vinte e cinco ; e quanto mais se for multiplicando assim , achar-se-ha que sempre principia em cinco , e acaba em cinco , formãdo assim hum circulo perfeito , que acaba no mesmo ponto em que principia : *Quinarius numerus est sphericus , qui circulato numero multiplicatus , à se inchoat , & in se conver-*
titur ,

titur, ut quinquies quini, viginti quinque, quinquies viginti quinque, centum viginti quinque, & sic in cæteris. (D. Iúd. orig. lib. 3. cap. 7.) Venerava, e amparava o Fidelíssimo, e Augustíssimo Rey o Senhor D. João V. á Provincia de Santo Antonio da Bahia sem quanto vivo como seu Real Protector, e como Bemfeitor seu especial a favorecia com excessivo amor: e se o amor deve ser como hum circulo, que, principiando do amante para o amado, do amado, como agradecido, deve tornar para o amante, buscando o seu principio, como diz o Doutor Melisso: *Magna res est amor, si ut circulus ad suum recurrat principium.* (D. Bern. sup. cant. Serm. 20.) Querendo tão santa Provincia gratificar a Monarca tão pio, tanto excesso de amor, que fez? Obrou como todas as Provincias, e como nenhuma: como todas, porque celebrou humas Exequias publicas como qualquer fez; e como nenhuma, porque, sobre humas, celebrou mais cinco, em que excedeo a todas: cinco mais, ou ja para eternizar o seu agradecimento neste numero, que multiplicado he esferico, e forma hum circulo: *Quinarius numerus est sphericus*; ou tambem para dezerpenho do seu amor, que como circulo deve buscar o principio, donde emanou: *Magna res est amor, si ut circulus ad suum recurrat principium.*

Com este gratulatorio dezerpenho entre Seraficos Gemidos, Demonstraçoens sentidas, e Obsequios dolorosos, quiz manifestar a Provincia de Santo Antonio da Bahia, e Pernambuco, no pulpito, tão preciso, e affectuoso holocausto; e agora deseja perpetuar no prélo este seu enternecido Regio, e Augusto agradecimento: Augusto, pelo Throno, a quem o consagra; Regio, pelo solio, a quem o dedica, e enternecido, pelo affecto, que o tributa. V. Magestade, a quem neste Throno, em que se exalta, neste Solio, em que se entroniriza, tambem este sacrificio respeita; como seu Rey Supremo, póde aceitar este tributo como seu, e satisfazer ao seu dezejo; permitindo-lhe a licença, que pede, pois nada, do que neste livro se escreve, encontra as Lays, e Reaes Decretos de V. Magestade, que ordenará o que for servido. Lisboa no Convento de Santo Antonio dos Capuchos em 8. de Janeiro de 1753.

Fr. Antonio da Nazareth.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para correr, que sem ella não correrá. Lisboa 11. de Janeiro de 1753.

Marquez P. Attayde. Castro. Mouraõ.



I

J

Si

I

Na

An

An



IN OBITU
DOMINI JOANNIS V.
PORTUGALIÆ REGIS.

EPIGRAMMA.

Joannes moritur? Minime; nam gratia nunquam
Forte perire valet, cum super astra volet.

Aliud.

Si numerus quintus quinta est essentia rerum,
Joannes Regum Quintus in orbe fuit.

*AD DOMINUM JOANNEM QUINTUM
juxta traditionem referentem in ejus capite post obitum
reperitum fuisse cerebrum amplius, ac diffusius, & si-
militer majus pectus, ac magis amplum præter
usitatum in reliquis.*

EPIGRAMMA.

Lusitadum Rex Joannes cognomine Quintus
Mortuus ostendit, qualis in orbe fuit.
Nam reliquis hominum cerebrum multò amplius, æquè
Amplius, & pectus, fertur habere suum.
Amplius in cerebro, in mente amplius: amplius ergo
Pectore, corde (scies) amplius esse notat.
Amplius in Joanne quid amplius ipse requiris?
Si nihil amplius hoc amplius esse potest.

*** 3

D. JOAN.

D. JOANNI V.
LUSITANIÆ REGI,

Salomoni comparato.

EPIGRAMMA.

Æ Dificat Salomon Domino memorabile Templum:
Et Salomon melius dedicat alter ei.
Collocat in Templo Salomon sibi Fœderis Arcam:
A' Salomone novo vera locata manet.
Extiterat sapiens Salomon: sapientior iste.
Dives erat Salomon: ditior iste fuit.
Ille suis pacem semper dilexit, & auxit;
Isteque multo magis pacis amator erat.
Ille venustus erat: facie speciosior iste:
Ille manus aperit: largior iste fuit.
Plurima nè dicam, (mentis nisi fallit imago)
Istius Salomon ille figura fuit.
Ad tumulum quare Joannis nomine Quinti
= En plusquam Salomon = dicere quisque valet.

LUC. II.
V. 32.

DE ASSIMILATIONE
D. JOANNIS V.

Cum Baptista Puero.

EPIGRAMMA.

J Oannes Quintus mundo cum lumina claudit;
Baptistæ Pueri nomen, & omen habet.
Hic Rex cur moriens pueri fit prorsus Imago?
Nam mundo moriens nascitur ille Deo.

SUPER

SUPER NUMERUM QUINARIUM

omnia includentem.

Quinque
sunt omnia.
Enig. Num.
pag. 2.

D. JOANNI V.

Obeunti.

EPIGRAMMA.

SI bene perpendas ; numero sunt omnia quinque :
Omnia , quæ pereunt , cùm modò quinque cadunt.
In numero quinto rerum est essentia Quinta :
Quinta essentia obit , cum nece Quintus abit.

A O SOBRENOME

DO SERENISSIMO REY

D. JOAÕ V.

Em o seu Sepulchro.

DECIMA.

SE juraís , e dizeis que
He das cousas quinta essencia
O numero Quinto , advertencia !
Não jureis , porque he de fé.
E se o numero Quinto he
Das cousas (como dizeis)
A quinta essencia , deveis
Assentir ao que eu assinto,
Que ElRey Dom Joaõ o Quinto
Foy Quinta Essencia dos Reys.

D. D. JOANNI V.

PORTUGALIÆ REGI.

EPITAPHIUM.

Joannes Quintus monumento clauditur intus;
Regni liquit onus : nunc novus astra thronus.

EPITAPHIUM

Acrostichon.

J nclytus exanimis	J acet hac sub sede sepulchr	J O
O rbis Rex ingens	O lim memorabile mund	O
V bsque pari exemplū	V lcides virtute stupend	V
N umine rectrici	N otus, lapsisque levame	N
N orma, & virtutis	N utrix, pacisque nutrime	N
E solio ad folium	E rectus, pacisque quiet	E
S ydera subpeditans	S apiens dominabitur astri	S

INSCRIPTIO

Acrostichon.

J ngemat	J nteritu	J oannis	J actitet	J mbres
O mnis	O lyssipo	O fficiofis	O brutus	O rbis
V stipuletur	V quis,	V sistat	V merica	V manter
N ec non	N aiadum	N utum	N onnulla	N egare
N olit	N obiscū	N unc	N otificare	N ecessē
E xitiū est;	E uge	E ffugiant	E picedia	E podon
S uccedat	S ubiit	S upremus	S ydera	S alyus.

EIDEM

E I D E M

Subditorum lacrymis inconsolabiliter deplorato.

E P I G R A M M A.

C Ursum agit ad manes Orbis mærore Joannes;
Dum nescit miro parcere Parca viro.
Lyfia lamentat, Regi quoque terra parentat
Braſila, jure pati credo, dolore quati.
Impetus angoris, virtus violenta doloris,
Qua caput, ergo ferit ſubdita membra, perit.

A L I U D.

P Ergit ad occaſum Joannes Solis ad inſtar;
Lyfia corda dolent, Braſila corda gemunt.
Sydera, ſi inſpicias, cœleſtia in axe polari
Sole cadente micant, ſole micante cadunt.
Sydera Luſiadæ, mutata ſorte, Paterno
Sole micante micant, ſole cadente cadunt.

E I D E M

Liberalitatis virtute ſummopere inſignito.

G Loria Luſiadum Joannes nomine Quintus
Prædives meritis ſydera celſa ſubit.
Divitias Domino, theſaurum voverat omnem,
Voverat & templis munera, largus opes.
Denique ut offerret totum ſtatione ſub una,
Vitam, animamque Deo tradidit ille ſuam.

PRÆCLARISSIMUS
D.D. JOANNES V.
LUSITANORUM REX,

*Cum se ostenderet pacis cultorem vigilantissimum, ad superos
evolavit.*

EPIGRAMMA.

Designat Urbs lacrymas, jam luctus desinat Orbis
Numine Rex gaudet, gaudia pacis habet.
Eximius pacis fuit usque fidelis amator
Digna quidem merces visio pacis erit.

DESIDERATISSIMUS
D.D. JOANNES V.
LUSIADUM REX,

Sepulto Sole, ad caelos transfertur.

EPIGRAMMA.

TEmpore, quo Phœbus moriens sepelitur in undis,
Tollitur è vivis Rex, super astra volat.
Alluetus tenebris dare terga, adstantibus istis,
Abs dubio coelos lumen adire subit.

ALIUD.

Obstupeat nullus, miretur nemo potentem
Principem obire diū, non obiisse die.
Dormire in Domino cupiebat, nocte salubri
Non nisi se somno præveniente daret.

ALIUD.

A L I U D.

NOste obiit veniente, diem Rex denique fatis
Succubuit Princeps: *Stat sua cuique dies.*
Si tantum stetit una dies tibi, Clare Joannes;
Heu quantum regnis nox stetit una tuis!

A L I U D.

LUcis ad occasum, atris succedentibus umbris,
Dirigit ad cœlos Rex venerandus iter.
Lux procul effugiat, jam tramite certus Olympi
Nescit ad empyream luce carere viam.

DIE VENERIS, CADENTE SOLE,
è vivis sublatuſ est.

E P I G R A M M A.

LUmen dat majus cœlo Deus; ecce Joannem
Terræ sic majus lumen & Ipse facit.
Sol, quia solus erat, sub cœlum dicitur illud,
Istud sub terram Sol, quia solus erat.
Omnia vivificat splendoribus illud, & istud;
Sol equidem eventu currit uterque pari.
Ille diem sextum cùm claudit luce minutus,
Protinùs extremum claudit & iste diem.

ELEGIA.

ELEGIA.

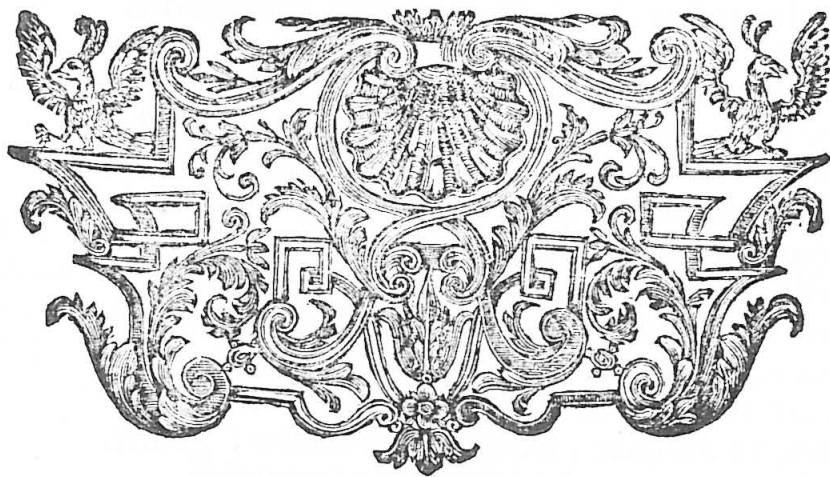
Siste Saluator, paulisper siste Viator,
Te nunc invito plangere, flere cito.
Nunc tibi mirari liceat, liceatque morari;
Ut sentire queas, in lacrymas & fleas.
Ima dolor tangit cordis, violentus & angit,
Nulli vim placat; nemo dolore vacat.
Gloria Lusorum, decus immortale virorum
Busti in sede jacet; quid nisi flere placet?
Luce est extinctus Joannes nomine Quintus,
Hunc dum Parca necat, regia fila fecat.
Olim Rex fortis, spoliū miserabile mortis
Nunc est; splendor abest, solus & horror adest.
Causa erat horroris, tristis nunc causa doloris,
Et causa est fletus, qui fuit usque metus.
Cui contracta ædes, cui Lysia parvula sedes
Claudit & urna levis, servat & urna brevis.
Jam non est lauro sedes redimita, nec auro
Regis nam summi gloria serpit humi.
Urnæ sit stemma istud deplorabile lemma:
Vix ventus, fumus, pulvis, & umbra fumus.
Infelix oh Parca, fuit quo jure Monarcha
Sævitiæ scopus? Heu impietatis opus!
Sternere cur audes Regem? Cur impia gaudes?
Improbat en tellus tam exitiale scelus.
Me nosce invitam, & Joannis scindere vitam
Veni corde dolens, ausa venire solens.
Sapè recusavi, Regemque ferire putavi
Jussa, sed in vanum; sustinuique manum.
Instare æternum, decretum urgere supernum
Postremum vidi; regia fila scidi.
Eu oh Parca veni, cunctos abscinde bipenni,
Quæ caput ense ferit, subdita membra terit.
Unum sit funus cunctis, ictusque sit unus,
Nullus morte cavet, vivere nullus avet.
Plangere quid glisco? Quid deplorando fatisco?
Quò plorando feror? Quid lacrymando queror?

Lysia

Lyſia quid ploras , luctuque Bahia laboras ?
Mors ad celfa rapit , non quia terra capit.
Vita fuit laudanda , foret quare illa locanda
Aſtris , ſub tuto perpetuanda puto.
Quærat jure polum , ſolium ſunt ſydera ſolùm
Nunc ſua ſceptra novans regia , regnet ovans.
Æterno princeps cum Principe , credo , deinceps
Tutus regnabit , jura per œva dabit.
Jam non vincendus , nec mortis falce premendus
Vivet , erit finis vita ſoluta minis.
In melius ſortem mutari , vincere mortem
Sic moriendo patet , fors neque tanta latet.
Proh dolor ! Heu quantum tibi creſcit gloria , tantum
Corda ærumna ligat , fletus & ora rigat.
Gloria Joannes tua reddit gloria inanes
Nos ; via læta tibi , cauſa doloris ibi.
Quis nunc tutamen ? Quis nobis dulce levamen ?
Solamen vadit , ſubſid umque cadit !
Cur nos dimittis ? Cur luſam Lyſiam omittis ?
Jam , te abſente , trem t ; deficiente , gemit.
Vocibus his mutus minimè foret ille loquutus ,
Lætus clamaret , talia verba daret.
Præmia tantorum , requies , & meta laborum
Jam propè ſunt , fatis vita peracta fatis.
Vita peracta fatis curis , Deus ecce beatis ;
Me invitât donis , quæ parat Ipſe bonis.
Linquere mundanas faſ eſt , calcare profanas
Reſ , iſtas nolo , cœlica dona volo.
Cœlica dona volo , Dominum pro munere tollo ,
Cujus me pronum propicio ante thronum.
Ante thronum magnum ſpero lætabilis agnum
Perpetim adorare , & cum prece thura dare.
Regna beatorum , palatia quæro polorum ,
Eſt ubi ſumma quies , & ſine nocte dies.
Denique jam curſum morula ſine dirigo furſum ,
Jam ſine fine Deo perfruiturus eo.
Eia ? Age ? Rumpè moras , cœleſtes advola ad oras ,
Splendor & inde fluit , delitiisſque pluit.
Reſpice Rex flentes , orbos , triſtesque clientes ,
Ne ſubeat damnum Lyſia , tende manum.

Creſcunt

Crescunt fervorum gemitusque, precesque tuorum,
His pietate fave : Rex venerandus, ave.
Perpetuò gaude ; Numen per sæcula plaude ;
Sit tibi solamen , sitque beamen ; amen.



SUSPI

SUSPIROS SAUDOSOS
A' LAMENTADA MORTE
DO SERENISSIMO SENHOR
D. JOAÕ V.
REY DE PORTUGAL.

SONETO.

P Rincipe Augusto, luz da Monarchia,
Sendo Vós sempre firme, astro constante,
Hoje vos vejo estrella mais que errante
Nos limitados breves de hum só dia :

Quando a Vós todo o Orbe conhecia
Por Lua nos crecentes rutilante ,
Em eclipse funesto , em hum minguante
Com pranto vos lamenta hoje a Bahia :

Quando Sol vos mostraveis sublimado
No Zenith mais brilhante , e mais luzente ,
No Occaso então vos vemos sepultado !

Neste Sol a mudança he muy decente :
Pois se a terra he theatro limitado
Para o Sol , só o Ceo he competente.

SONE-

SONETO.

COm incessavel pranto todo o mundo
Lamenta tanta perda, e tanto damno;
Pois perdeu hum Monarca Soberano,
No mundo singular, e sem segundo:
Com luto, dor, e pranto mais profundo
Chora, pena, e padece todo o humano,
Chegando o duro golpe, e tão tyranno
No intimo do peito, e no mais fundo:
Com justiça, e razão damnos tão fortes
Com lagrimas se choraõ, repetidas,
Que em azares se trocaõ hoje as fortes;
Pois o golpe das Parcas constangidas
Na vida, que tirou, causou mil mortes;
Na morte, que causou, tirou mil vidas.

SONETO.

O' Tu Parca cruel, morte tyranna,
Suspende do teu golpe a valentia;
Pois com tão estranhavel ouzadia
Offendes a Coroa Soberana.
Buscas a Magestade toda ufana,
A quem o mundo todo se rendia?
Depõem, ó Parca atroz, essa porfia,
Não te queiras mostrar tão deshumana.
Tantas queixas da Parca o mundo guarde,
Porque sempre fugio do Rey potente
Receoza em fazer do golpe alarde;
Pois para a hum Rey buscar tão excellente
Obrigada até a morte vem cobarde,
Não podendo fugir, vem reverente.

SONETO.

A Quelle Heróe Preclaro, e Rey famoso
De todos tão amado, e tão temido,
Jaz do mundo apartado, e escondido
No grave Mausoleo, e magestoso:
Aquelle, a cujo zelo fervoroso
Todo o pobre se via soccorrido,
E de Deos qualquer Templo enriquecido,
Pois liberal gastava, e generoso:
Se do dar vem de Deos o nome eterno,
Por Excelso, Divino, e Soberano
Podia tambem ter-se este Monarca:
Deos então, que só Rey he sempiterno,
Para tirar do mundo tanto engano,
Mostrou que era mortal, sujeito á Parca.

A^c MAGESTADE AUGUSTA
DO SENHOR

D. J O A Õ V.
REY DE PORTUGAL

*Que se passou desta mortal vida a tempo, que tambem o Sol
buscava o seu occaso.*

SONETO.

Q Uando da terra ao Ceo João subia,
E do mundo morrendo se apartava,
Tambem da terra o Sol ja se auzentava;
Porque do mundo a luz ja se escondia:
Ou porque deste occaso se doía,
E sentido nas sombras se enlutava:
Ou porque para o Ceo ja caminhava
Outro Sol, que levava a primazia:

Se

Se toda a luz porém no mesmo instante
Da vista dos mortaes se vio ausente,
Outro motivo houve, e mais constante.
Em fazer aquella alma refulgente
De luzes se esmerou o Sol brilhante;
Por isso ambos faltaraõ juntamente.

LENITIVO NA MORTE

DO SERENISSIMO SENHOR

D. J O A Õ V.

REY DE PORTUCAL.

S O N E T O.

S Uspenda a terra a dor, cesse a tristeza,
Da Parca não se mostre mais sentida;
Porque esta sómente quiz dar vida,
E não quiz ostentar sua fereza:
Foy o golpe da morte só destreza
Para voar á gloria merecida
Huma alma, que do corpo supprimida
Ja queria deixar tanta graveza:
Se da morte rendido está prostrado,
Nessa vida, que deo, teve a victoria
Quem hoje para Deos foy transportado;
Pois passando da vida tranzitoria
Quem na terra com Deos sempre ha reynado,
Com Deos ja vay reynar la nella Gloria.

EPITAFIO.

A Qui nesta Urna triste, ó caminhante,
Quem contemplas a cinzas reduzido,
Majestade he Augusta, e dominante
Do Rey mais Sabio, Douto, e Entendido:
No Ceptro, que deixou por inconstante,
Grangeou outro Ceptro merecido,
Trocando o seu Imperio tranzitorio
Por outro Imperio excelso, e eterno Emporio.



ORA-

ORAÇÃO
NAS

EXEQUIAS
FUNERAES

DO FIDELISSIMO, E AUGUSTISSIMO
REY DE PORTUGAL

D. JOÃO V.

CELEBRADAS NO CONVENTO DE SANTO
*Antonio do Recife em Pernambuco, pelos Religiosos
Capuchos da Provincia de Santo Antonio do Brazil
aos 12 do mez de Dezembro de 1750,*

QUE RECITOU,

Assistindo o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor

LUIZ JOZEPH
CORREADESA,

Governador, e Capitão General do Estado de Pernambuco;
O REVERENDO PADRE PREGADOR

Fr. ANTONIO DE S.^{TA} MARIA

JABOATÃO,

Filho da mesma Provincia.

A

GOA

MA

JOSE

FUNERARY

OF THE

JOAO

THE

OF THE

OF THE

JOSE

CORREIA

OF THE

ANTONIO

JOAO

FILHO DA

A



*Ego Ecclesiastes fui Rex Israel in Ierusalem.:
Ecce magnus effectus sum, & præcessi omnes Ja-
pientiã, qui fuerunt ante me; & mens mea con-
templata est multa sapienter.*

Eccl. cap. 1. v. 12. & 16.

NOnumêto tris-
te, o que sus-
tentas? Urna
funesta, qual
he o teu deposito: Mau-
zoléo funebre, de quem
es memoria? Que es me-
moria de huma Ma-
gestade defunta; isso
inculca essa tua; ao mes-
mo tempo que grande,
enlutada pompa. Que
es deposito de hum Ce-
ptro arrastado; isso vê-
mos nos olhos. Que
sustentas huma Coroa
cahida; isso percebe a
nossa vista. Mas a ca-

beça, de donde cahio a
Coroa; a mão, que lar-
gou o Ceptro, e a
Magestade, que inculcas
defunta; nem tu por
insensível o saberás di-
zer, nem o nosso senti-
mento o poderá ouvir.
Isso he o que está mol-
trando em ti, entre tan-
tas luzes, tantas som-
bras, entre tantos rayos,
tantas trevas, e tanto
silencio entre tantas lin-
guas. Mas; já que as
tuas sombras offuscaõ
as tuas luzes, já que
as tuas trevas escure-

cem os teus raios , e já que o teu silencio embarça as tuas linguas ; ouve outra vez o repetido ecco das minhas vozes , que ainda que enfraquecidas pela mágoa , quebradas pela dor , e confusas pela perda , talvez exporão articuladas, o que tu callas immudecido.

Essa Coroa , que vês cahida ; esse Cep- tro, que divizas arrastado, e essa Magestade , que admiras defunta , he Magestade , he Cep- tro , e he Coroa de hum Rey ; que já o foy : *Fui Rex*. Mas adverte que foy hum tal Rey , que elle só póde dizer que o foy : *Fui Rex*. Hum Rey, que entre todos ; os que lhe precedêrão, elle só foy o Rey Grande : *Ecce magnus effectus sum , & præcessi- mes , qui fuerunt an-*

te me. Mas se, por- que foy sómente Rey ; o não conheces ainda, porque muitos ha , que foraõ Reys ; se, porq̃ foy hum Rey Grande, ainda o não alcanças, porque muitos se quizerão fazer tambem Grandes Reys ; olha para o Reyno , em que o foy , atten- de para o povo , de quem foy Rey, que cer- tamente o conhecerás : *Fui Rex Israel in Jeru- salem*, q̃ val tanto, como diremos logo: Fuy Rey de Portuguezes em Por- tugal. Rey de Portu- guezes ? Rey mayor , que todos os que lhe precedêrão ? Rey Gran- de em Portugal ? Por mais que as tuas som- bras , ó Tumulo lastimoso , o queiraõ oc- cultar ; por mais que o teu silencio , ó Eça lamentavel , o não fai- ba dizer ; a nossa gran- de veneraçãõ , o nosso
fin-

singular affecto , e a sua saudosa memoria estaõ publicando que ahi se deposita a Magestade suspirada d'El-Rey D. Joaõ V., ou o Grande, de Portugal.

Já agora, Rey, e Senhor nosso, já agora conhecemos todos que o thesouro delejado, a perola perdida; que se deposita nesse horrorozo côfre, he a memoria viva de Vossa Magestade defunto: porque, além de o conhecermos assim, assim o está publicando o nosso grande sentimento. Não houve vassallo de Vossa Magestade, de qualquer estado, ou condição q fosse, que não sentisse, e sentisse muito a sua morte; que não chorasse, e chorasse com excessõ a sua falta. Faltou a todos hum Rey taõ Grande, como V. Magestade: grande de-

via ser o sentimento em todos. Quando Christo morreo na Cruz, sentiraõ geralmente, e sentiraõ muito a sua morte as creaturas todas; rasgoule o véo do Templo: *Velum Templi scissum est*, escureceo-se o Sol: *Obscuratus est Sol*, quebraraõ-se as pedras: *Petræ scissæ sunt*. Estes foraõ os generos de creaturas, que sentiraõ, e muito, a morte de Christo, e a razaõ de serem estes, foy; porque nestes tres generos de creaturas estaõ significados todos os estados de pessoas, de que se compõem hum Reyno. Compõem-se hum Reyno de Ecclesiasticos, de Nobres, e de Plebeos, e todos estes sentiraõ muito a morte de Christo: Por parte do estado Ecclesiastico sentio, e sentio muito; porque se rasgou o véo, a quem

Matth.
27. 51.
Luc.
23. 45.
Matth.
ibid.

a sua forte deo o primeiro lugar em o Templo: *Velum Templi scissum est*. Por parte do estado dos Nobres sentio, e sentio muito; porque se escureceo o Sol, a quem a sua luz deo o esplendor para a sua nobreza: *Obscuratus est Sol*. Por parte do estado da Plebe sentio, e sentio muito; porque se quebraraõ as pedras, a quem a sua fortuna pôs no humilde da terra: *Petræ scissæ sunt*. Mas assim havia de ser, que sentissem, e sentissem muito a morte de Christo todos os estados: era Christo não só o Rey de todos: *Si Rex Israel es*; mas o seu Grande Rey: *Rex Regum*; e na falta de hum Rey Grande; grande deve ser o sentimento em todos.

Todos, Senhor, sentimos; e sentimos co-

mo devemos; porque sentimos muito a morte de Vossa Magestade. Os Ecclesiasticos, os Nobres, e os Plebeos. O estado Ecclesiastico sentio, e sentio tanto, que se não se lhe rasgou o véo exterior, partio-se-lhe no interior a alma; que he a vida do sentimento; porque em Vossa Magestade lhe faltou a sua Regia, e melhor Protecção: *Velum Templi scissum est*: e rasgou-se em duas partes de alto abaixo; isto he, do mayor ao menor: *Scissum est in duas partes à summo usque deorsum*; porque não só o sentio em comum todo esse grande Estado Ecclesiastico; tambem em particular o sentio; e talvez mais que todos, o Estado Menor, ou dos Menores, a Religião

França

Franciscana toda ; por que em Vossa Magestade perdêo tudo , e mais que todos. Mais que todos ; porque em Vossa Magestade perdêo Rey , perdêo Patrião , perdêo Bemfeitor , perdêo Pay , perdêo Amigo , e perdêo tudo ; porque tudo perdêo , quando perdêo a Vossa Magestade : *Velum Templi scissum est in duas partes à summo usque deorsum.* O estado dos Nobres sentio , e sentio de tal modo , que se não se lhe apagou de todo a luz , alombrou-se-lhe de alguma sorte o esplendor ; porque em vossa Magestade lhe faltou aquelle Regio Sol , que mais o illustrava : *Obscuratus est Sol.* O estado da Plebe sentio , e sentio de tal sorte , que , se não estalou de dor , partio-se de magoado ; por-

que em Vossa Magestade lhe faltou hum grande porção daquelle Real substancia , que lhe dava alento : *Petra scisse sunt.* Todos em fim sentimos , e sentimos com excesso a falta de Vossa Magestade ; porque além de perdermos em Vossa Magestade hum Rey , que foy para todos ; perdemos por isso mesmo hum Grande Rey : e na falta de hum Rey Grande , grande deve ser o sentimento em todos

Este he todo o objecto triste desta presente acção : este he o empenho todo funebre do meu discurso nesta hora. Depois de exprimir o sentimento grande , a pena excessiva , e a dor sem medida , que nos acompanha a todos pela morte do nosso Grande Rey ; segue-se

fazemos publicas ao mundo aquellas Reaes prendas, que o fizeraõ hum Rey Grande. Para taõ grande, como sentido assumpto, as palavras, que me occorreraõ mais proprias, naturaes, ou quasi profeticas, forã as que já referi ao principio, e saõ do Cap. 1. daquelle famoso livro, que compôs Salamaõ, chamado do seu proprio nome Ecclesiastes, no qual este Rey se delcreve a si; naõ só como Rey, q̃ foy: *Fuy Rex*, mas como quem foy, entre todos, o mayor Rey; ou o Rey Grande: *Ecce magnus effectus sum, & præcessi omnes*. Mas porque naõ basta que hum diga de si, que he grande, se naõ mostrar com obras, e acçoens o porque o he; com que acçoens, e com que obras mostraria Salamaõ que foy

Grande Rey: *Ecce magnus effectus sum?* As suas ultimas palavras o dizem admiravelmente, que saõ humas como causaes das primeiras: *Mens mea cõtemplata est multa sapienter*. Porque fuy hum Rey naõ só fábio, mas o mais fábio de todos, os que me precederaõ: *Præcessi omnes sapientiã, qui fuerunt ante me*; porque tudo, quanto obrey, o fiz com huma contemplaçaõ a mais fábia; discreta, e acertada: *Mens mea contemplata est multa sapienter*; por isso fuy hum Rey mayor que todos; por isso fuy Grande Rey: *Ecce magnus effectus sum, & præcessi omnes sapientiã, qui fuerunt ante me*. Estas palavras disse-as Salamaõ pela sua Pessoa; mas o nosso discurso mostrará que o espirito, ou alma dellas encheo

cheo, e deſempenhou cabalmente o noſſo Monarcha. As obras de Salamaõ compuzeraõ eſta letra para Texto Sagrado; as acçoens do noſſo Monarcha lhe deraõ a alma; ou eſpirito para Epitafio Real da ſua ſepultura. Para tudo iſto não neceſſitamos, nem de authoridade; nem de expoſição; porque a melhor expoſição haõ de ſer as ſuas meſmas obras, e a authoridade mayor he a da propria fama; que, já com as ſuas vozes, já com as ſuas pennas, lhe tem appropriado por eſtas acçoens o nome de Grande. E ſuppoſto foraõ as acçoens, as que lhe deraõ eſte Grande nome; como antes deſte teve tambem Salamaõ o de Eccleſiaſtes demonſtrado com eſte notavel pro-
nome: *Ego*, começemos

por eſte, que elle nos mostrará melhor o que diremos daquelle.

Naõ quero porẽm, que eſte meu diſcurſo tenha outro nome, ou titulo, mais que o de huma Oraçaõ funebre: e porque, como Oraçaõ que he, deve conſtar de pontos, ou partes: ſeraõ as partes, e os pontos della tantos, quantos ſaõ tambem os pontos, ou partes da primeira Oraçaõ do meu Tema: *Ego Eccleſiaſtes fui, Rex Iſrael in Jeruſalem*. Naõ excitaremos duvidas; nem formaremos reparos, nem uza-remos de outros tropos; ou figuras, que ſe permitem nos diſcurſos panegyricos; porque neſte, como Oraçaõ que he; ſó faremos muito por levantar o pensamento ao mais alto, a que puder ſubir a ſua capacidade, para
pon-

ponderar, meditar, ou contemplar as acçoens mais notaveis do nosso Monarcha, tocando só de passagem a aquellas Textos da Escriitura, que occorrerem para authorizar os pontos desta Oração. Começemos pelo primeiro.

Ego, Eu, diz Salamaõ. Com a demonstração deste pronome, disse este Sábio Rey de si tudo; quanto podia dizer em ordem ao illustre da sua Pessoa, á nobreza do seu sangue, e á sua Real descendencia: *Ego*, Eu sou Salamaõ, hum Rey Grande, hum Rey mayor que todos os Reys; porque eu venho não só de Reys, mas dos mayores Reys; porque eu sou por descendencia; e communicação, da Real Tribu da Casa de Judá, Tribu sempre Real desde o seu principio; Tribu

sempre Regio pela sua communicação. E assim digo bem, que em quanto á minha Pessoa; ao meu sangue, e á minha nobreza, eu sou Salamaõ: *Ego*, que foy o mesmo que dizer: Eu sou quem sou: eu sou como nenhum; eu sou melhor que todos: *Ego*. Desta fraze usou Salamaõ para dizer de si o que era, e com muito acerto; porque desta mesma usou o proprio Deos, quando mandando a Moysés por Embaixador a Faraó, lhe disse assim. Dirás Moysés a este Rey intruzo, que Eu sou o que sou: *Ego sum qui sum*; porque na grandeza, nobreza, e excellencia nenhum he como eu; eu sou mayor, e melhor que todos; porque: eu sou Deos por natureza, e eu sou Deos por communicação, sempre Deos por essên-

essencia da minha Divina Natureza, e Deos sempre por comunicação com Pessoas Divinas, e assim nenhum mayor; nem melhor que eu; porque assim Eu sou o que sou: *Ego sum qui sum*. Nem Deos podia dizer mais de si, e nem de si podia dizer melhor Salamaõ; e bem pôde dizer tambem o nosso Monarcha: Eu sou quem sou; eu sou ElRey D. Joaõ o V.: *Ego*; Eu sou mayor; que todos; eu sou hum Rey Grande; porque por descendencia, e comunicação, eu venho não só de Reys, mas dos mayores Reys: porque eu sou do Real Tronco da Casa de Bragança. E quem não sabe, que a Casa de Bragança, por descendencia, e communicação, vem não só de Reys, mas dos mayores,

e melhores Reys?

Foraõ primeiros Fundadores da Casa de Bragança o Senhor D. Affonso, e Dona Brites Pereira. Era esta Senhora filha do incomparavel D. Nuno Alvares Pereyra, segundo Condestavel do Reyno de Portugal, e por aqui de Reys; e Grandes Reys; porque dos antigos de Leaõ, e Lombardia. Foy o Senhor D. Affonso filho delRey D. Joaõ o I., chamado o Mestre de Aviz, e assim vinha a ser o Senhor D. Affonso nono neto do famoso Rey D. Affonso Henriques, primeiro Fundador do Reyno de Portugal. Foy ElRey D. Affonso Henriques filho do Conde Henrique, a quem, por casar com Dona The-reza sua filha legitima, deo ElRey D. Affonso VI de Castella em dote

dote as terras de Portugal com titulo de Condado. Foy o Conde Henrique neto de Roberto I. Conde de Borgonha, e este segundo, e terceiro neto de Roberto; e Hugo Capeto, Reys de França, os mais nobres, e illustres daquella Monarchia. E se taõ Regias, como isto, saõ desde o seu principio as raizes, de que brotou por descendencia o Real Tronco da Casa de Bragança, por communicação engrossou de tal sorte este tronco; que nenhum he tambem taõ alto, e Regio como elle; pois para a Real Casa de Bragança tem dado Rainhas as mayores Coroas da Europa, e para todas ellas tem tambem dado Rainhas a Casa de Bragança. E se taõ grandemente Regio como isto he o

Real Tronco da Casa de Bragança, sendo o nosso laudozo Monarcha hum dos mais altos ramos deste Tronco Regio, bem pôde dizer: Eu sou D. João V.; Eu sou hum Rey Grande, Eu sou mayor que todos; porque pelo illustre da minha Pessoa, pela nobreza do meu sangue, e pela minha Real descendencia; Eu sou como nenhum: *Ego. Ecce magnus effectus sum.*

Isto he pelo common da Casa, ou do Tronco do Nosso Monarcha. E se attêdermos agora mais para o particular da sua Real Pessoa, ainda he mais que isto; pois teve a sorte incomparavel de ter por Consorte, e unir a este Tronco Regio a melhor flor de toda Alemanha, a Senhora D. Maria Anna de Austria

tria, taõ Illustre, taõ Nobre, e taõ Regia, como a q̃ he Neta de Imperador, Filha de Imperador, e Irmãa de Imperadores. Neta do Grande Imperador Fernando, Filha do Grande Imperador Leopoldo, e Irmãa de dous Imperadores tambem Grandes, Jozé Ignacio, e Carlos VI.: Rainha sempre Grande, como Esposa do mayor Rey; e muito Grande, como Rainha Mãy, que he do nosso Augusto, e Reinante Monarcha, Rey Grande, como Filho de taõ Grandes Pays, e Rey, que será muitas vezes Grande, como o está promettendo a singularidade tambem Grande do seu novo, e Augusto Nome: *Filius accrescens Joseph*; *Filius accrescens*. Ou, para concluir melhor, digamos: Rey Grande huma vez, co-

mo Filho de hum Grande Rey: *Filius accrescens*; Rey Grande outra vez, como Filho de huma Rainha tambem Grande: *Filius accrescens*; e muitas vezes Rey Grande em si mesmo por José: *Joseph accrescens*, *Joseph accrescens*. Como daqui se não pôde subir amais, passemos do pronome: *Ego*, ao nome: *Ecclesiastes*.

Eu, diz Salamaõ, fuy chamado *Ecclesiastes*; e o nosso Monarcha tambem o diz: *Ego Ecclesiastes*. He verdade, que Salamaõ foy o nome proprio deste Rey, e do nosso Monarcha o seu nome proprio foy Joaõ. Mas assim como por estes dous nomes se distinguiraõ em quanto ás pessoas, pelo de *Ecclesiastes* se identificareõ em quanto ás acçoens: Aquelles dous de Salamaõ

maõ, e Joaõ foraõ necessarios para se conhecerem por distinctos os lujeitos: este de *Ecclesiastes* foy precizo para se mostrarem equivocados nas acçoẽs. Para lhes alcançarmos as acçoẽs, vamos-lhes admirando a equivocacão do nome.

Chamou-se primeiramente Salamaõ *Ecclesiastes*; porq̃ foy hum Rey naõ ló fábio, mas o mais fábio de todos, os que lhe precederaõ: *Præcessi omnes sapientiâ, qui fuerunt ante me*; taõ fábio, que teve juntas, e aggregadas em sua alma, ou no seu entendimento, todas as sciencias de todas as cousas naturaes, juntamente com a alcançada por estudo, e adquirida por experiencia; que por isso em lugar da palavra Grega *Ecclesiastes*, põem o Texto Arabigo *Congregans*; e o Texto

Hebraico *Cohelleth*, *id est, Collector*, e quer dizer tudo, o que ajunta muitas cousas: *Dicitur Græcè Ecclesiastes, id est, Congregans; Hebraicè autem Cohelleth, id est, Collector, eò quòd anima Salomonis cunctas in se scientias congregasset, vel potius Deus congregatas, & in unum collectas, in Salomonis sinu effudisset*, escreve o Alapide neste lugar. Naõ quero dizer, que o nosso Monarcha teve sciencia deste modo infuza, como Salamaõ; mas digo, que da alcançada por estudo, teve toda a que bastava a constituir hum Principe perfeitamente fábio; e da adquirida por experiencia foy taõ sabiamente douto, como mostráraõ todas as operaçoens do seu entendimento: de tal lóрте; que para se conhecer
era

era assim douto, e lábio, bastava olhar para a sua Pessoa; porque além de ser nella gentilmente bem disposto, e parecido, grave no aspecto, e na representação magestoso, com todas estas perfeições, e graças naturaes mostrava outra, não sey se superior, mas mayor que todas; e era aquella notavel circunspecção do seu entendimento, porque parecia, a quem o via, que media com reflexão, attentava com juizo, e contemplava com discurio a pessoa, as palavras, e acções de quem lhe fallava. Isto dava a entender a quem o via, e isto mostrou em todas as operações do seu entendimento, pelas quaes, como a novo Salamaõ, lhe vem com muita propriedade o nome de *Ecclesiastes*: *Ego Ec-*

clesiastes: *Congregans*; *seu Collector*. Melhor o mostraraõ as mesmas acções.

Huma das cousas, em que muito, e sabiamente contemplou Salamaõ, e sahio com ella á luz, como parto feliz do seu entendimento, foy o mostrar-se sumamente inclinado á honra, veneração, e Culto de Deos. E para que da confusão, e desordem, em que estava, se reformasse, e tornasse á sua melhor perfeição, edificou aquella seu grande, e celebrado Templo; no qual, depois de adornado com a magnificencia, q̃ nunca se vio, tudo rico, tudo precioso, e com abundancia tudo; pôs nelle Ministros, e Sacerdotes, ordenou Ritos, e Ceremonias, para que alli, como representação de toda a Igreja,

Igreja; socegada, pia, e devotamente fosse Deos melhor servido, e honrado; e por isso, escreve Alapide, dizem commūmente os Sagra- dos Expositores, melhor que por outro principio algum, se dá a Salamaõ o nome de *Ecclesiastes*: *Melius alii censent Sa- lomnem dici Ecclesiastem, quòd ex confuso hominum cœtu, & tumultuante turba fecerit Ecclesiam ordinatam, pacatam, & piam*. Grande debuxo do nosso Monarcha! Qual outro Salamaõ merece por isso o nome de *Ecclesiastes*. Quem não sabe a inclinação natural, ou genio superior, que para o Culto Divino, honra de Deos, augmento da Igreja, veneração de seus Ministros, e exaltação do estado Ecclesiastico teve o nosso Monarcha, desde que

teve a luz do entendimento? Os Templos, que edificou, a magnificencia, com que os fez, a riqueza, com que os ornou, a perfeição, com que quiz se celebrassem os Officios Divinos, ordenando tambem para isso Ceremonias, e Ritos, com que melhor, e mais gravemente fosse Deos servido, e honrado; o gosto, e devoção, com que assistia ás funções Sagradas, e nellas taõ sábio, e previsto, que muitas vezes advertia, e emendava aos Ministros do Altar o minimo ápice, ou ponto, a q̃ faltavaõ; conseguindo assim no seu Reyno, melhor que Salamaõ no seu, ver a sua Igreja ordenada, quieta, pia, e devota: *Quòd fecerit Ecclesiam ordinatam, pacatam, & piam*, resplandecendo em

em tudo isto a sua Real grandeza , liberalidade , e sabedoria: a sabedoria, com que dispôs , e ordenou tudo ; a liberalidade , com que deo, e a grandeza , com que o fez.

Diga tudo isto a sua Sé nova, e Patriarchal; e melhor o diga a máquina , ou Templo de Mafra , que na fórma, materia , e perfeição bem póde competir com o Templo , e maquina de Salamaõ; e digaõ-no finalmente as novas fabricas das Necessidades , nas quaes, e em todas as mais , a variedade dos seus marmores; a idéa da sua architectura , o precioso dos seus ornatos, o rico das suas peças de ouro, prata , e bronze estaõ publicando ; e publicarão eternamente, que foraõ obras de hũ Monarcha não só Grande

no poder, mas grande na sabedoria, com que tudo dispôs, com hũa contempção tão sábia, como sua , de engrandecer a Igreja, augmentar o Culto, e honra de Deos, e exaltar o Estado Ecclesiastico. Este foy todo o fim , com que contemplou o seu entendimento sábio assentar no seu Reyno hum novo Patriarchado, nunca d'antes nelle visto ; e nas suas Conquistas hum novo Bispado na Cidade do Pará , emulação do seu Patriarchado de Lishoa ; dous Bispados novos nas Minas do Brazil , e no mesmo Estado novas Parochias , novos Curatos , e muitas Missões tambem novas ; accrescentando as congruas , e porções de todos os Ministros da Igreja , e tudo para o mesmo fim de exaltar ,

B e en-

e engrandecer o estado Ecclesiastico.

Todo elle em comum o deve confessar assim; e em particular he grande testemunha de tudo isto a Religiao Franciscana toda; pois foy tao grande, e notoria para com ella o seu affecto, e piedade, que o moverao a tomá-la debaixo da sua Real protecção, particularmente a esta nossa Provincia do Brazil, dignando-se ser o seu Protector. Amava de coração aos seus Religiosos, fazia-lhes grandiosas esmólas. Lá o diraõ os que melhor o sabem, que nós cá diremos o que experimentamos. Para o Convento da Cidade da Bahia mandou hum todo de veludo negro para os seus cinco Altares mayores. Outro todo para o Convento da

Cidade de Olinda; de damasco de ouro com franjas do mesmo. Outro do mesmo modo para o Convento do Cayrú; e para o Convento de Sergipe do Conde outro da mesma fórte, além de outras graças, e mercês mais particulares. E para cabal complemento desta sua grande, e affectuosa devoção para com esta Serafica Familia; quiz que o seu corpo fosse amortalhado no habito pobre de S. Francisco, levando só sobre elle as armas, e manto Real de Gran Mestre da Ordem de Christo. Grande confusão para aquelles, que; sendo inferiores aos Reys no habito, não se querem parecer com este Grande Rey na mortalha. Grande honra para a Religiao Serafica, mas grande gloria para este sábio, e pie.

Matth.
6. 29.

piedoso Rey. Nem Salamaõ em toda a sua gloria se soube por ultimo vestir assim: *Nec Salomon in omni gloria sua coopertus est sicut.* Athé isto soy contemplaçã sábia do entendimento do nosso Rey: *Mens mea contemplata est multa sapienter,* para que fosse Rey mayor que todos ; para que fosse Rey Grande: *Eccce magnus effectus lum, & precessi omnes.*

Verdadeiramente , que não podia o nosso Monarcha contemplar meyo mais acertado , nem maxima mais discreta para se fazer celebrado , famoso , e Grande ainda aos olhos do mundo , do que esta da honra , e Culto de Deos , reformaçã da Igreja ; veneraçã dos seus Ministros , e exaltaçã do Estado Ecclesiastico. Reparem

para as historias antigas , assim Sagradas , como profanas , e acharão nellas a todos aquelles Monarchas , e Reys , que merecêrão o titulo de Grandes , ou Magnos , celebrados , e applaudidos por taes , mais pelo que mostráram de piedozos ao de Deos , do que pelo que tiverão de esforçados ao do Mundo.

Quem fez a Alexandre Magno conhecido por tal? Sem repetirmos os grandes votos , e sacrificios , com que se mostrou excessivo para com os seus falsos deozes ; mais o exaltou a grande reverencia , com que , entrando victorioso , e triunfante na Cidade de Jerusaleem , e sahindo a recebê-lo ás portas da Cidade o Summo Sacerdote Jaddo revestido nas vestiduras Pontificas , af-

sim como o avistou
 aquelle barbaro Rey,
 como se fora o mayor
 Catholico, lançando-
 se precipitadamente do
 feroz bruto, em que
 vinha montado, com
 summo acatamento, e
 mayor espanto dos seus,
 todo humilhado, e prof-
 trado aos pés daquelle
 Ministro de Deos;
 adorou o nome do Se-
 nhor, que trazia o
 Summo Sacerdote es-
 culpido em huma lami-
 na de ouro pendente
 da Mitra sobre a testa,
 e introduzido dalli ao
 Templo, offereção sa-
 crificio ao Deos verda-
 deiro, honrou em gran-
 de maneira ao Summo
 Sacerdote, e mais Mi-
 nistros do Templo, con-
 cedendolhes muitas gra-
 ças, e exempçoens, e
 livrando ao povo de
 Jerusalem dos muitos,
 e grandes tributos im-
 postos pelos Reys da

Syria. Estes extremos
 da tua piedade, mais
 que os excessos das suas
 armas, lhe grangearaõ
 o nome de Magno. O
 que triunfou dos ho-
 mens com as armas,
 pôs ao Mundo em
 hum profundo silencio:
Siluit terra in conspectu
ejus; o que tributou a
 Deos em piedades, ain-
 da hoje o está accla-
 mando por Grande.

Quem mostrou a
 Constantino Magno co-
 nhecido por esse? Naõ
 as grandes victorias, que
 alcançou dos homens;
 mas o muito que en-
 grandeceo, e exaltou
 a Igreja de Deos. Quem
 pôs a Carlos I. de Fran-
 ça o nome de Magno?
 Mais os muitos Tem-
 plos, e Igrejas, que
 consagrou a Deos, do
 que as façanhas, he-
 roicas, que entre as
 suas fabulas lhe attri-
 buem as historas. E

quem

1. Ma.
 cab. 1.
 3.

quem finalmente deo a D. Affonso III. de Castella o nome tambem de Magno? Mais o que executou em honra de Deos, e da Igreja, do que o que conquistou dos Mouros. Os Mosteiros, Igrejas, e Templos, que fez, e especialmente o grande Templo de Santiago de Galliza, que sendo hum pequena Igreja de taipa, este famoso Rey a mandou fabricar de novo com grandeza Real: cuja consagração foy feita com a mayor solemnidade, e pompa, que athé alli se tinha visto em Hespanha; pois só de Prelados sagrados assistirão dezalette Bispos. O muito, que cuidou na reformação, e augmento do Estado Ecclesiastico: e para extirpação dos abuzos introduzidos nelle pela communicação,

e trato com os Mouros, fez celebrar hum Concilio nacional na Cidade de Oviedo; no qual; com authoridade do Summo Pontifice Joaõ VIII., e diligencia, e zelo deste piedoso Rey, se tornou a pôr na sua primitiva perfeição. Estas obras da sua piedade, mais do que as victorias das suas armas, lhe grangearão o nome de Grande.

Estes são os quatro Reys, e Monarchas, que acho nas historias expiessamente decorados com o nome de Magnos, ou Grandes, e não tanto pelas proezas das armas, como pelas emprezas da piedade. Antes digo que o nome de Magnos merecêraõ estes Monarchas só pelo que mostraraõ de piedosos, e não pelo que tiveraõ de esforçados. E se não, vamos á His-

toria Sagrada. Quem mais esforçado que David? Quem mais guerreiro? Quem derramou mais sangue dos inimigos de Deos? Tanto, que o mesmo Deos o notou desta demazia: *Multum sanguinem fudisti, & plurima bella bellasti*; e com tudo não lemos que merecesse David o nome de Grande, nem ainda encarecimento algum excessivo, que o singularizasse entre os mais: e a razão he, porque, ainda que foy tão venturoso, guerreiro, e esforçado, não parecêo tão zeloso do Culto de Deos; pois não se acha que edificasse hum só Templo para o Senhor: antes necessitando tanto d'elle, que em todo o tempo de David andou Deos na sua Arca por casas alheas, nunca este Rey se resolveo a fabricar-

7. Para-
lip. 22.
28.

lhe o seu Templo; e se alguma vez cuidou nisso, o não quiz o Senhor, só porque tinha sido David muito guerreiro: *Non poteris edificare domum nomini meo, tanto effuso sanguine.* ^{4. Reg 23. 2;}

E quem fez entre todos os Reys tão famoso a Jozias, que affirma a mesma Escri-tura, que nem antes; nem depois d'elle houve outro, que lhe fosse semelhante: *Similis illi non fuit ante eum Rex; nec post eum surrexit similis illi?* ^{4. Reg 23. 2;} Certamente, que não foraõ as emprezas militares; porque na unica, que emprendêo contra o Rey de Egypto, nos primeiros recontros da batalha encontrou com os ultimos alentos da vida, perdendo-se a si, aos seus, e a victoria: o que o fez Rey Grande, e sem

fem semelhante foy a piedade, com que mandou reedificar o Templo de Jerufalem, arruinado, e quasi destruido de todo pelos Assyrios; o zelo com que reformou a todo o estado, assim secular, como Ecclesiastico daquelle tempo das idolatrias, idolos, e abominaçoens; e o muito que cuidou no Culto, e honra de Deos, celebrando, e fazendo celebrar em todo Israel a festa grande do Senhor chamada *Phase*, ou Paschoa, com a mayor solêndade, que nunca athé alli se tinha visto: *Non fuit Phase simile huic in Israel; nec de cunctis Regibus Israel fecit Phase sicut Josias.* Daqui se vê com toda clareza, como o que deo o nome de Grandes, ou Magnos a estes Monarchas, e Reys, não foy tanto o que

venceraõ pelas armas; mais foy o que triunfáraõ com a piedade: ou, como hia dizendo, o serem piedosos, como Jozias, e não esforçados como David, foy só o que lhes grangeou o nome de Grandes. E se para hum Rey, ou Monarcha, merecer o nome de Grande não lhe he necessario conquistar Reynos, vencer batalhas, e alcançar victorias, basta lhe só levantar Templos, augmentar o Culto de Deos, e engrandecer o Estado da Igreja; quem por acçoens como estas, e mais gloriosas ainda, poderá negar ao nosso Monarcha o nome de Grande?

Grande foy Alexandre, Grande Constantino, Carlos, e Afonso também Grandes; mas o nosso Monarcha mais que todos estes

Grandê. Naõ só porque no Culto, e honra de Deos, veneraçãõ, e augmento da Igreja, e do Estado Ecclesiastico excedêo a todos; mas sim porque depois dos quatro, que tiveraõ o nome de Grandes, foy o ultimo, que merecêo este nome. E ser o ultimo dos Grandes, he ser mayor que todos. Que fosse Grande Alexandre, muito foy; pois foy o primeiro, que no mundo merecêo este nome. Que fosse Grande Constantino, já foy mais; pois pode ser Grande à vista de outro Grande: e muito mais, e mais foy que fossem Grandes Carlos, e Afonso depois de tantos Grandes: mas depois de todos estes ser o nosso Monarcha ainda Grande; isto he, sem duvida, ser por ultimo dos Grandes o mayor

de todos; ou entre todos elles ser por ultimo só o Grande. Isto he por ultimo; e por Quinto naõ he menos que isto. He o Quinto depois dos quatro, que tiveraõ o nome de Grandes; pois ha de ser por Quinto o mayor de todos.

Ao ultimo Imperio, que ha de haver no mundo, chamaõ, porque assim ha de ser, o Quinto Imperio, e ha de ser sem comparaçãõ o mayor de todos: e a razãõ de ser taõ grande he; porque como Quinto ha de contêr em si os quatro Imperios Grandes, que houveraõ no Mundo: o dos Caldeos, o dos Assyrios, o dos Gregos, e o dos Romanos; porque todos estes grandes Imperios se haõ de incluir naquelle Quinto, vindo a ser assim por Quinto o mayor

o mayor de todos; e o fundamento he, pelo fim, com que como Quinto se ha de estabelecer este Imperio, para reformação de todo o mundo, e exaltação de toda a Igreja, e para augmento, e ultima perfeição do Culto, e honra de Deos.

Deixemos agora as conjecturas, por lhes não chamar profecias, que fazem ao nosso Reyno de Portugal, por singularizado na honra, e Culto de Deos, augmento da Igreja, e exaltação de todo o seu estado, este Quinto, e ultimo Imperio; que este foy tambem o fundamento, com que o mesmo Deos disse ao nosso primeiro Rey D. Affonso Henriques, que ria estabelecer nelle este ultimo, e Quinto Imperio: *Volo in te, & in semine tuo Imperium*

mihi stabilire, ut feratur nomen meum ad exterar gentes, e deixemos tambem o affecto; e vontade Portugueza, com que aquelle Prêgador do seculo passado, tambem Portuguez, e tambem Grande, discorrendo do nosso defunto Monarcha, ain-

da antes de nascido, o fez ultimo, e Quinto Imperador deste Quinto, e ultimo Imperio; que o que eu posso concluir, he, que pelo muito, que contemplou o nosso Monarcha na exaltação da Igreja, e Estado Ecclesiastico, veneração dos seus Ministros, no augmento do Culto, e honra de Deos: *Mens mea contemplata est multa sapienter,* o que posso concluir, he, que se não foy o ultimo, e Quinto Imperador do Quinto, e ultimo Im-

Vieira
Palavr.
de Prê-
gador
Empe-
nh. §.
IV. fol.
161,

pe-

perio, foy por ultimo, e Quinto entre os Reys, e Monarchas, que tiveraõ o nome de Magnos, ou Grandes, o mayor de todos, ou entre todos o que por ultimo, e Quinto foy só o Rey Grande: *Ecce Magnus effectus sum, & præcessi omnes.*

Para coroa desta particular excellencia do nosso Monarcha, seja-me licito repetir aqui o

que, fallando em commum das suas excellencias, cantou, debuxou, e imprimio hum Engeño deste Pernambuco. Debuxou a Fama em figura de hum Genio alado, que cortando velozmente os ares, espalhava pelo Mundo todo com o sonoro som da sua trombeta este Disticho heroico, com huma só palavra mudada ao nosso intento;

Fon.
fec.
Opusc.
Euchar

*Quà surgit Cœleste jubar, quà mergitur undis,
Credite, nil maius Quinto Reverente Joanne.*

Quer dizer em Disticho tambem heroico,
e Portuguez:

Delde onde nasce, até onde se põem o Sol,
Naõ se deo para o Pio Rey Mayor.

Depois de edificado por Salamaõ o seu Templo, e reformáda aquella sua Igreja, contemplou este sabio Rey levantar tambem huma casa para a Sabedoria, pondo-lhe por funda-

mentos sette columnas fortissimas: *Sapientia edificavit sibi domum, excidit columnas septem.* Esta casa, que para a Sabedoria edificou Salamaõ, como escreve A lapide com outros, era huma

Pro.
verb. 9.

humana famosa Universidade, de cujas cadeiras, que eraõ sette, se ensinavaõ todas as sciencias, e artes liberaes; ou, como tem Pineda, e o Cartagena, era huma Real Academia, na qual se elcreviaõ as obras notaveis dos Varoens antigos: *Sapientia edificavit sibi domum, id est, Salomon Rex sapientissimus juxta Regiam, & juxta Templum, immò in atrio Templi, edificavit Academiam, in quâ Doctores docerent sapientiam. Excidit columnas septem: septem ergo columnæ sunt septem gymnasia, in quibus totidem erant cathedræ, è quibus Doctores profiterentur omnes artes liberales.* E por isso se chamou tambem Salamaõ *Ecclesiastes*, ou *Cohelleth*, que querem dizer *Recopilador*, ou porque

nella casa, como em huma Universidade, ajuntou todas as sciencias; ou porque nella, como em huma Academia, recopilou todas as historias: *Dicitur Græcè Ecclesiastes, id est, Congregans; Hebraicè autem Cohelleth, id est, Collector; gnomas, & dicta David Patris sui, ceterorumque Patriarcharum, & Prophetarum hoc libro coacervavit, & in unum collegit.*

Nisto foy tambem no que muito, e fãbiamente contemplou o nosso Monarcha: levantou naõ só huma, senaõ muitas casas para a labedoria; porque instituio muitas Aulas, e Estudos, em que se ensinasse todas as sciencias. E porque naõ sahisse a sua contemplação da intelligencia de Salamaõ, dentro dos mesmos Templos, Con-

ven.

ventos, e nos seus Claustros quiz se estabelecessem essas Aulas, e Estudos, como os Geraes de Mafra, entregues aos Religiosos Franciscanos: *In atrio Templi*; e os novos das Necessidades commettidos aos Reverendos Padres de S. Filippe Neri, não só no atrio, ou Claustro do seu novo Templo; mas defronte do seu Palacio Regio, como o fez também Salamaõ: *Juxta Regiam... ædificavit*: ennobrecendo assim estes, como as antigas Universidades, de novas rendas, novos privilegios, eizençoens também novas, assistindo com a sua Real Fazenda a muitos sujeitos, assim Religiosos, como Seculares, que tendo talento, e muito para as letras, tinhaõ muy poucos talentos para as poder

continuar. Tudo contemplação sabia do seu alto entendimento: *Mens mea contemplata est multa sapienter.*

E como isto não bastava para o muito, que o seu entendimento sabio sabia nesta materia das sciencias contemplar, lá foy, como Salamaõ, levantar humma Academia Real: *Ædificavit Academiam*; na qual pelos seus doutos Mestres, e incançaveis Escretores se esquadrinhassem, ajuntassem, e escrevessem as obras virtuosas do espirito, as façanhas heroicas do esforço, e os partos scientificos do entendimento dos Varões notaveis em letras, armas, e virtudes, e das mais antiguidades do seu Reyno: *Ædificavit Academiam.*

E porque a esta Classe das sciencias, e artes

Ecclef.
2. 8.
Para-
lip. 2.
7.

artes liberaes pertencem a Musica, a Pintura, a Escultura, e outras, para que até na contemplação dellas se ajustasse o seu entendimento com o de Salamaõ: *Feci mihi Cantores. Mitte mihi virum, qui noverit operari in auro, argento, ere, & ferro; purpurâ, coccino, & hyacintho, & qui sciat sculperæ cœlaturas &c.* Lá procurou introduzir tambem no Reyno a Musica mais consoante, os Pintores mais destros, e os mais apurados Escultores, sem que lhe escapasse da sua contemplação, porque tambem são artes, e tem sciencia, as novas fabricas de sedas, vidros, e outras, em que tudo mostrou sabia contemplar em tudo o seu entendimento alto: *Mens mea contemplata est multa sapienter.* Para se

mostrar assim em tudo, mayor que todos os Reys, hum Rey Grande: *Ecce magnus effectus sum, & præcessi omnes.*

E se a esta parte de ser o nosso Monarcha tão amante da sabedoria ajuntarmos a primeira, que já tocamos de ser hum Rey em tanto extremo sabio, acharemos merece por isso não só o nome de Grande, mas hum nome muito grande. Tudo, por abbreviarmos, recopilou em outro Distico o Poetico engenho, que já apontámos, formando huma famosa mythologia entre o nosso Monarcha, e o Deos Apollo, e formalizando, que dera Apollo ao nosso Monarcha o seu entendimento, e com elle hum nome muito grande, o qual só o merecem aquelles, que no Palacio do Sol, ou da sabedoria

fabedoria, occupaõ a-
quellas duas casas, ou
thronos, que taõ devidos

aos sabios, e juntamente
amadores da sabedoria.

*Nomen utramque domum per Magnum Jolis
adimplet,*

Ingeniumque dedit doctus Apollo suum.

E se pelo nome de Ecclesiastes tem taõ grande analogia com Salamaõ o nosso Monarcha, naõ a tem menor pelo titulo de Reys, que toraõ ambos do povo, e Reyno, em que o toraõ; que he o ponto, que se segue, conforme as partes da nossa Oraçaõ: *Ego Ecclesiastes fui Rex Israel in Jerusalem.* Ambos toraõ Reys, e Reys de hum povo escolhido por Deos. Salamaõ do povo Israelitico escolhido por Deos para fundar com elle o seu primeiro Reyno: *Elegit te Dominus Deus tuus, ut sis ei populus peculia;*

ris; o nosso Monarcha do povo Portuguez escolhido pelo mesmo Deos, para estabelecer nelle o seu ultimo Imperio, como o disse o proprio Senhor ao nosso primeiro Rey D. Affonso Henriques no campo de Ourique: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire.* E se repararmos mais em onome de hum, e outro povo, ainda apparece melhor a congruencia entre ambos. O povo escolhido por Deos, de quem Salamaõ foy Rey, chamava-se Israelitico; o povo escolhido pelo mesmo Senhor, de quem foy Rey o nosso

nosso Monarcha , he o povo Portuguez , e Portuguez , como já apon-támos ao principio, val tanto, como dizer Israe-lita. Israelita não quer dizer outra cousa mais, que homem forte , ho-mem valoroso , homem constante. Este foy o titulo honroso , que deo Deos a Jacob, de- pois que forte , valo- roso , e constante pe- lejou a braços huma noite inteira como o mes- mo Deos , mudando- lhe então o Senhor em o de Israel o nome de Jacob: *Nequaquam ap-*

Genes.
32. 28.

pellabitur Jacob nomen tuum , sed Israel; quia si contra Deum fortis fuisti; quanto magis contra homines praevaleris. Isto quer dizer Israel, e não quer dizer menos que isto Portuguez. Quem mais fortes, quem mais valorosos ? E que homens ha mais conf-

tañtes, assim na fortuna, como na adversidade , do que os Portuguezes ? Nem temos neces- sidade de nos determos aqui ; porque disto de Portuguezes estão chêas as historias , e não falta nellas quem compare os Portuguezes com os Israelitas : vamos a ou- tra conveniencia.

Foy Salamaõ Rey de Israelitas em Jeru- salem, foy o nosso Mo- narcha Rey de Portu- guezes em Portugal: *Fui Rex Israel in Je- rusalem.* Tambem por aqui concordaõ admi- ravelmente ; porque tanto faz dizer Portu- gal, como Jerusaleem. Jerusaleem quer dizer Vizaõ de paz: *Jerusa- salem , id est , pacis vi- sio* ; lugar , em que se vê paz , e não de qualquer lórte , senão huma paz, que sempre se vê. E assim como em Je-

Jerusalem nunca se viu mais paz do que no tempo de Salamaõ, porque a teve continuada por todo o tempo, que reynou, que por isso se chamou Salamaõ, que quer dizer pacifico: *Salomon, id est, Pacificus*; assim tambem quando se viu em Portugal mais paz, do que no Reynado do nosso Monarcha? Esta paz foy todo o seu cuidado; esta paz foy a cousa, em que mais contemplou o seu entendimento. Quantos meynos, quantas industrias, e que de maximas não contemplou para conservar esta paz, e tudo com discrição, acerto, e sabedoria; sem que para manter esta paz reparasse, nem ainda em grandes dispendios do seu Real Theouro? Donde se segue outra contempla-

ção do seu entendimento, e tão sábia como tua; e he, que não contemplava em conservar esta paz por outro principio algum; fenaõ só pelo bem commum do seu Reyno, quietação do seu povo, e socego dos seus vassallos. E quando não tivesse o nosso Monarcha outra excellencia Real, esta só bastava para o constituir hũ Rey mais que todos Grande. Rey Grande, Rey Superior a todos chamou a Igreja a Christo, quando o viu nascido; e não por attributo algum da sua Divindade, só pela excellencia de Rey Pacifico: *Rex pacificus magnificatus est vehementer*. Isto foy o mais, que disse a Igreja deste Pacifico, e Soberano Rey; e nem do nosso Rey se póde dizer mais do que isto; que pelo
muito

muito, que pela paz, e sua conservação contemplou sabiamente o entendimento do nosso Monarcha: *Mens mea contemplata est multa sapienter*, foy hum Rey mayor que todos, hum Rey Grande: *Ecce magnus effectus sum, & praecepsi omnes*.

E se aqui fizemos mais huma breve reflexão sobre esta paz do nosso Monarcha, ainda o veremos por ella muito mayor. Sendo tão

conhecido o nosso Monarcha dos mais Reys, e Principes por Grande, e Poderoso em tudo, ainda foy conhecido por mais Poderoso, e Grande por esta sua paz. Desorte q̃ conleguio o nosso Monarcha com esta sua paz só, o que com todo o poder das suas armas não pudéraõ alcançar os mais Reys. Tudo exprimio neste Disticho o Poetico Engenho, que já outras vezes deixamos apontado-

Regia Gens timuit Magnum, sed pace potentem,

Quod nulli robur Pax dedit esse magis.

Assim viveo, e acabou em paz o nosso Monarcha; e assim como acabou em paz a presente vida, assim podemos crer piamente entraria na outra tambem em paz. Para o crermos assim nos dá

bastante motivo a ultima contemplação do seu entendimento, em a qual mostrou era verdadeiramente Rey sabio. Oito annos antes da sua morte, e depois de accommettido por aquellle fatal achaque,

C

que

que sendo o seu primeiro effeito com os movimentos do corpo privar juntamente das operaçoens do entendimento, para mostrar q o do nosso Monarcha era superior a todos, nunca lhe offendeo o entendimento, ainda quando mais lhe prostrava o corpo; porque enfermo, e taõ enfermo, sempre nas disposiçoens, e acerto dellas, mostrou obrava com huma contemplação a mais sábia. Mas aonde acabou de mostrar, que sábiamente contemplava todas as cousas o seu entendimento, foy, como hiamos dizendo, naquella famosa resolução, com que, conhecendo pelo achaque, ainda no seu principio, era mortal; quiz morrer antes de morrer: largou o governo, deixou a admi-

nistração do Reyno, e tratou só de preparar-se para a ultima hora, que com effeito a teve taõ feliz, como mostraraõ os effeitos, pelas sette horas da tarde do dia ultimo de Julho deste mesmo anno. E aqui temos desempenhadas cabalmente nas ultimas contemplações do nosso Monarcha as principaes palavras de Salamaõ: *Fui Rex, fuy Rey.*

He sem duvida, que quando Salamaõ disse que fora, ou tinha sido Rey, naõ o disse porque naturalmente estivesse já morto, porque entaõ o naõ dizia elle; mas disse-o, porque moralmente se contemploou morto. Porque conhecendo era mortal, e havia morrer, levado deste conhecimento; contemplando a brevidade da vida, a vaidade do

Hæc
apu
Alap
hic,
pro
pia
opin
ne p
funt
deri
Aut
res, &

Hæc
apud
Alapid.
hic, ubi
pro hac
pia
opinio-
ne pos-
sunt vi-
deri
Autho-
res, &c.

do Mundo ; como elle
mesmo o disse nesta oc-
casiaõ : *Vanitas vani-
tatum, & omnia vani-
tas, dixit Ecclesiastes*,
e outras muitas cousas,
que aqui deve contem-
plar quem he sabio ;
movido de penitencia
largou a administraçaõ,
e governo do Reyno, e
por isso se tratou como
morto, ou como quem
já naõ era Rey como
fora : *Fui Rex, fui,*
inquit, jam non sum, quia
etsi sum idipsum, jam
nihil esse agnosco quod
sum, conclue o Ala-
pide neste lugar. Todas
estas coulas contem-
plou aqui o entendi-
mento de Salamaõ :
Mens mea contemplata
est multa sapienter. E
que de cousas como es-
tas naõ contemplou o
entendimento do nosso
Monarcha na occasiaõ,
em que, conhecendo
era mortal, deixou de

ter Rey : *Fui Rex!*
Contemplou primeira-
mente, que o Rey, que
he sabio, deve enten-
der todas estas cousas;
deve conhece, que o
Rey entre todos os ho-
mens he o mais mortal:
taõ mortal, que mor-
re duas vezes ; taõ
mortal, que sempre
morre mais de pres-
sa ; taõ mortal, que o
mesmo he ser Rey, que
estar já morto. Con-
templemos nós agora
tambem e como tudo
isto he certo, e logo
veremos, como isto
tudo foy contemplaçaõ
sábia do entendimento
do nosso Monarcha na-
quella ultima resoluçaõ
de se conhecer mortal:
Fui Rex.

A muitos Reys pa-
rece, que aquella mes-
ma fortuna, que os fez
mayores, os fez tam-
bem immortaes: pelo
menos quando o demo-

nio prometteo a Adaõ que havia ser Soberano: *Eritis sicut Dii*; logo lhe insinuou que havia ser immortal: *Nequaquam moriemini*; parecendo-lhe áquelle espirito mentirozo, que não poderia Adaõ crier a promessa da mayoria, sem o attributo da immortalidade. Assim parece ao Rey nescio, ao Rey ignorante; mas ao Rey, que he entendido, ao Rey sabio não lhe parece assim. Não só conhece que os Reis são mortaes, mas entende que ainda são mais mortaes, por isso mesmo que são Reis. E são mortaes, que morrem duas vezes. Ora notem. São são mortaes os Reis, que estando a morte avinculada á natuteza humana, aos mais homens vem-lhes a morte pelo que tem de homens;

aos Reis vem-lhes a morte pelo que tem de homens, e pelo que tem de Reis. Morrem os homens por huma só via, morrem os Reis por dous principios; ou, para o dizer melhor, os mais homẽs morrem hũa só vez como homẽs: *Statutum est hominibus semel mori*; os Reis morrem duas vezes, morrem huma vez como homens: *Vos autem sicut homines moriemini*, e morrem outra vez como Reis: *Et sicut unus de Principibus cadetis*. E assim o pedia a razaõ; porque como vivem com duas vidas, huma, com que como homens vivem ao tempo, outra com que como Reis vivem ao officio; assim era justo tivessem duas mortes, ou morressem duas vezes, huma como homẽs, outra como Reis. Tudo disse aquelle Profeta, que

que tambem foy Rey: *Psalm. Non moriar, sed vivam.*

117. 7. Não hey de morrer, hey de viver, dizia David. Hum destes termos parece demais. Quem não morre, he certo que vive; pois se diz David huma vez, que vive: *Non moriar*; como diz que vive outra vez: *Sed vivam*? Já está dito. Era David Rey, e era entendido, e como tal conheceo que, como Rey, tinha duas vidas, huma, com que vivia como homem, outra com que vivia como Rey; e por isso disse vivia duas vezes: *Non moriar, sed vivam*. E se os Reys tem duas vidas, ou vivem duas vezes; duas vezes hão de morrer: são mais vivos, que os mais; pois sejam tambem mais mortaes: vivem como homens, e como Reys; pois morraõ como Reys,

e como homens. Mas advirtaõ, que se como homens tem a morte certa: *Statutum est hominibus semel mori*; como Reys tem a vida breve: *Principatus vita brevis*, e taõ breve, que se como homens podiaõ morrer mais de vagar, ou mais longe: *Mori*, como Reys acabaõ mais depressa, morrem com maior brevidade: *Principatus vita brevis*.

Ainda mais: são taõ mortaes os Reys, que, ainda quando vivos, sempre se devem contemplar como mortos. Em casa de dous Grandes de Judéa entrou Christo em certa occasião, em casa de Pilatos; e em casa de Herodes. Em casa de Pilatos vestiraõ ao Senhor com huma purpura vermelha, divita de Rey: *Induunt eum purpurâ*. Em casa de Hero-

Marc: 15. 17.
Luc. 19. 11.

des vestiraõ-no com hum
ma roupa branca, morta-
talha de defunto: *Indu-
tum veste albâ*. E as-
sim devia ser, entrou
Christo alli feito Rey:
Quia se Regem facit; e
anda taõ unida a morta-
lha com a purpura, que
ao mesmo tempo, em
que o Senhor teve a
purpura de Rey na rou-
pa vermelha, teve a
mortalha de defunto na
roupa branca. No mes-
mo dia, em que Pilatos
o vestio como Rey:
Induunt eum purpurâ;
Herodes o amortalhou
como defunto: *Indu-
tum veste albâ*,

Que outra cousa era
ferem os Reys antiga-
mente ungidos, quan-
do os coroaõ, senaõ
fazê-los certos, de que
o mesmo era nelles en-
trar a reynar, que co-
meçar a morrer. Me-
lhor o diremos: ungidos
quando coroados, por-

que entendessem que;
se como homens eslavaõ
vivos, como Reys já
eraõ mortos. Quando
os antigos Romanos co-
roavaõ aos seus Impe-
radores, ao mesmo tem-
po, que lhes assentavaõ
a coroa na cabeça, e na
maõ o Cetro; entrava
hum mestre de obras de
canterã com hum fal-
va, e nella tres pedaços
de pedra: hum marmore
branco, hum porfido ne-
gro, e hum polido jas-
pe; e dizia assim fal-
lando ao Imperador:
*Elige ex istis saxis, Au-
gustissime Cæsar, ex quo
ipse tibi tumulum me fa-
bricare velis*; escolhe, ó
Imperador Augusto, de
qual destas pedras que-
res se lavre o teu sepul-
chro; como quem lhe
advertia; entendesse;
que o mesmo era subir
para o Throno; que
descer para a sepultura:
porque se como homem
se

se achavã vivõ, como Rey se devia contemplar morto. Mas isto fõ o contempla hum Rey, que he sabio; por isso contemplando como sabio tudo isto Salamaõ, sendo ainda vivo, como homem, concluiu-se morto, como Rey: *Fui Rex.*

Etudo isto contemplou o nosso novo Salamaõ sabio, e defunto Rey: *Fui Rex.* Foy Rey, porque, como Rey que foy, morreo duas vezes, hũa quando naturalmente morreo, outra quando conheceo que havia morrer. Morreo huma vez, quando comõ homem se lhe acabou a vida; e morreo outra vez, quando como Rey sabio conheceo que essa vida se lhe havia acabar. Morreo antes de morrer. Morreo antes, e morreo depois. Morreo

cedo, e morreo tarde. Como homem havia morrer huma vez, quando com effeito morreo; mas como isto havia ser mais tarde, quiz como Rey morrer mais cedo; e morreo, quando na deixaçaõ do governo conheceo que havia morrer. E isto mesmo foy mostrar que, sendo vivo como homem, era já morto como Rey: *Fui Rex.* Mas por isso mesmo, que contemplou sabiamente todas estas cousas: *Mens mea contemplata est multa sapienter*, foy mayor que todos os Reys, foy hum Rey Grande: *Ecce magnus effectus, um, & præcessi omnes.*

Morreo finalmente assim o nosso sabio Rey, morreo o nosso Rey Grande; morreo El-Rey D. Joaõ V.! Mas não disse bem. Não morreo; porque o Rey,

que he fabio , o Rey, que sabe contemplar tudo isto, que contemplou o nosso Rey, ainda que se possa dizer que foy Rey, porque morreo; não se deve dizer que acabou, porque foy hum tal Rey: *Fui Rex...* Ouviraõ tudo quanto contemplou o nosso Rey? Pois ainda contemplou muito mais; ou, para o dizer melhor, tudo quanto contemplou para morrer, foy bulcar hum novo modo para nunca acabar. Contemplou morrer duas vezes, para vir a não morrer nenhuma. Contemplou morrer antes, para não morrer depois. Contemplou-se sempre morto, para viver eternamente. Ahi não ha mais contemplar! Ora vejaõ como foy discreta esta sua contemplação.

He tem duvida que

naõ ha remedio para fugir á morte; mas se algum póde haver, he só a contemplação da mesma morte. Quando Deos creou a Adaõ naquelle primeiro estado de immortal, a primeira coula, que fez para lhe conservar esta immortalidade, foy pôr-lhe a morte na contemplação: *In quocũque die comederis ex eo, morte morieris*; como se dissera, ou quizesse dizer Deos: contemple-se Adaõ morto, que logo se conservará immortal; porque a officina da vida he a contemplação da morte. Quem se contempla morto, faz-se immortal. E he isto tanto assim; que a coula primeira, que o demonio intentou tambem tirar a Adaõ, para o fazer mortal, foy a cõtemplação da morte:

Nequaquam moriemini;

e af.

e assim aconteceo; porque o mesmo foy esquecer-se Adão da morte, que achar-se logõ morto: *Cum cognovissent se esse nudos*. Mas isto, que não entendeo aquelle primeiro Rey da natureza, por se querer fazer nescio: *Homo cum in honore esset, non intellexit*; contemplou como sabio o nosso Rey: contemplou-se morto por tantos modos, para que por nenhum principio pudesse acabar.

Dissemos que o nosso Monarcha vive, e viverá eternamente, mas não dissemos ainda que vida he esta, que ha de viver. Digo que he a vida dos que morrem; porque conheceraõ que haviaõ morrer. He a vida dos Justos, porque só estes, como verdadeiros sabios, he que tem este

conhecimento. E por isso, ainda quando morrem, não morrem. E esta he toda a razão; porque á morte dos Justos se chama vida, e ao dia do seu transito se chama dia do seu nascimento: porque entãõ, quando morrem, he que começaõ a viver a verdadeira vida. E porque suppõmos que o nosso Monarcha morreo como Justo; porque que como Justo conheceo que havia morrer: por isso dizemos, que ainda vive, e viverá eternamente, quando conhecemos que já he morto: *Fui Rex*.

Ainda não dissemos tudo: vive, e viverá eternamente o nosso Monarcha, não só porque morreo como Justo, para sempre viver; mas porque ha de viver sempre na nossa lembrança. Teve duas vidas;

das , quando viveo , hum
ma como homem , ou-
tra como Rey; morreo
duas vezes , quando
morreo, hũa como Rey,
outra como homem: e
assim depois de morto
ha de tornar a viver
duas vidas, hũa, com q̃,
como homem Justo, ha
de viver eternamente na
Gloria; outra, com que,
como Rey desejado , e
faudoso , ha de viver
para sempre na nossa
lembrança. Teria a mor-
te juridição para o fa-
zer acabar a vida , mas
naõ terá poder para o
tirar da nossa memoria;
e como naõ pôde ser
esquecido , ha de perma-
necer sempre vivo: *Re-
cessit à nobis , sed non
totus recessit* , dizia o
Arcebispo de Milão S.
Ambrozio, discorrendo
na morte do Grande
Imperador Theodozio.
Morreo , he verdade :
Recessit ; mas naõ aca-

bou , porque ainda vi-
ve na nossa lembrança:
Sed non totus recessit,
He verdade , ó Mo-
narcha faudoso , ó Rey
D. João o Grande , he
verdade que vos rou-
bou a morte a nossos
olhos : *Recessit* ; mas
como vos naõ pode ti-
rar da nossa lembrança,
deixou-vos nella eterna-
mente vivo : *Sed non
totus recessit*.

Assim he , Rey
Grande, Monarcha en-
tendido , assim he ; se
athégora vos choramos
morto , já desde aqui
vos devemos celebrar
vivo: vivo, porque na
certeza da morte segui-
rastes a perpetuidade da
vida; vivo, porque, ain-
da que fallastes a nos-
sos olhos , viveis, e
vivereis sempre na nos-
sa lembrança. E tu, ó
cada falso enganoso, pa-
draõ fatal de desgraças,
emblema certo de tris-
tezas

tezas, se fostes troféo da morte, já te podes transformar em obelisco da vida; já as tuas luzes podem desterrar as tuas sombras; já os teus raios podem consumir as tuas trévas, e já podem romper o teu silencio essas tuas luminosas linguas; publicando a vozes, que ahi vive, e viverá eternamente aquelle Monarcha Portuguez, cujas acçoens, contempladas sabiamente pelo seu alto entendimento: *Mens mea contemplata est mul-*

ta sapienter, o ellaõ mostrando, ainda quando morto, Rey vivo; como foy: *Fui Rex*; hum Rey, que foy mayor que todos, hum Rey, que lerá, assim como foy, sempre Rey Grande: *Ecce magnus effectus sum, & processum omnes.*

Tudo recopilou ao nosso intento, fallando em commum das acçoens do nosso Monarcha, o Poetico Engenho; que já tantas vezes deixámos apontado; neste seu ultimo, e elegante Disticho.

*Nihil maius terris; Mortales fata dedere,
Nec quamvis redeant aurea secla dabunt.*

Vem a dizer em disticho Portuguez:
Por mais que venhaõ seculos dourados;
Naõ darão Rey taõ grande os Fados.

E porque as acçoens de hum taõ grande Rey, rezumidas ao breve epilogo das palavras do

meu Tema, fiquem eternamente, ou impressas na nossa memoria, como braçoens seguros da

da nossa faulade , ou
gravadas nestas pyrami-
des , como Epitafio
Real da tua sepultura,
eu as torno a repetir co-
mo reclamo da nossa
mágoa , como consôlo
da nossa perda , e como
Memento ultimo das
accoens de hum Rey

sempre Grande: *Ego
Ecclesiastes fui Rex
Israel in Jerusalem...
Ecce magnus effectus
sum , & præcessi omnes
sapientiâ , qui fuerunt
ante me , & mens mea
contemplata est multa sa-
pienter.*



S E R M A Õ
N A S
E X E Q U I A S

DO FIDELÍSSIMO E AUGUSTÍSSIMO REY

D. J O A Õ V.

P R E G A D O

N O C O N V E N T O D E N O S S A S E N H O R A
das Neves, da Cidade de Olinda,

P O R

F_{R.} S E R A F I M
D E S A N T O A N T O N I O ,

*Lente actual de Prima de Theologia em
o mesmo Convento, filho da Provin-
cia de Santo Antonio do Brasil.*

SERMÃO

EXEQUIAS

DO EMINENTÍSSIMO E ALGUEZÍSSIMO PADRE

D. JOÃO V.

ORDENADO POR Vossa Magestade

de Arcebispo da Cidade de Bahia

por

DE SANTO ANTONIO

do actual do Reino de Portugal e

do Reino de Castella, e da Provincia

de S. Paulo e Minas do Brazil.



Rex pacificus magnificatus est , cujus vultum desiderat universa terra.

Ex Ecclesia.

Sendo credito dos defuntos as lagrimas dos vivos , grande descredito será dos vivos, se faltarem com as suas lagrimas nesta morte. (A Vossa Real Magestade , Soberano Senhor , não posso deixar de tomar esta bem submissa venia ; porque ainda que a morte tirou a Vossa Real Magestade a vida , para o pôr nesse Tumulo morto, o amor deseja tirar a vossa Real

Magestade a morte, para o repôr nesse throno vivo.) Sendo credito dos defuntos as lagrimas dos vivos, grande descredito será dos vivos , se faltarem com as suas lagrimas nesta morte ; porque aquella mesma obrigação , que a natureza pôs aos filhos de chorarem a morte dos pays , vinculou tambem aos vassallos de sentirem a morte dos Reys. Tanto que o Redemptor do Mundo padecio nos braços

braços da Cruz a morte, logo se rasgou o véo do templo em pedaços: *Matth. 27. 51. Velum templi scissum est:* e que mysterio teria rasgar-se aquelle véo naquella morte? Muito grande, notem.

Era então costume entre o povo Hebraico rasgarem-se os vestidos nos sentimentos grandes: assim o fez Jacob na morte imaginada de seu filho Joseph; e assim o fez David na morte lastimosa de seu filho Absalaõ: e como Christo era legitimo Rey da Synagoga: *Joan. 19. 39. IESUS Nazarenus Rex Judeorum;* por isso ella, piedosamente sentida, e sentidamente magoada, rasgou o véo, com que se adornava, para mostrar a magoa, que sentia: *Velum templi scissum est.* Não ignoro a distancia, que se dá entre o Creador, e a

creatura; porêm também sey a differença, que ha entre Judeos, e Christaõs: e por isso se os Judeos se acreditáraõ muito em sentir a morte de hum Rey, a quem trouxeraõ sempre em huma viva guerra: *Crucifige, crucifige eum;* *Luc. 23. 21.* muito se desacreditáraõ os Christaõs, se naõ sentirem a morte de hum Rey, que sempre os trouxe em huma foccagada paz.

Assim o prometteo o mesmo Rey, quando disse a seus Vassallos rogassem a Deos que os livrasse de fome, e de peste, porque de guerra elle os livraria: e assim o experimentáraõ os mesmos Vassallos; quando viraõ muitas vezes que o proprio Rey tratava de compôr, e dispôr por todas as partes o seu Reyno em paz, quando os Reys estra-

estranhos lhe pediaõ, e rogavaõ se declarasse por alguma das partes para a guerra. Esta, e naõ outra, foy a razaõ, porque, para Thema desta Oraçaõ funebre, lancey maõ daquellas mesmas palavras, que a Igreja nosa Mãy applica ao Nascimento de Christo Redemptor nosso: *Rex pacificus magnificatus est, cujus vultum desiderat universa terra:* porque se por ellas se nos dá a entender que deve toda a terra suspirar alegre pela presença de Christo, por ser hum Rey Pacifico, magnificado pelo seu Nascimento; por ellas tambem se nos dá a entender que deve todo o Reyno suspirar triste pela ausencia de D. Joaõ V., por ser hum Rey Pacifico, magnificado pela sua morte;

pois, como diz o Ecclesiastico, de mais magnificencia he o dia, em que morrendo se caminha para o tumulo; do que o dia, em que nascendo se caminha para o throno: *Melior est dies mortis die nativitat.* Ecccl-7.

E assim, se Christo merece toda a alegria, ou a alegria de todos, por ser hum Rey Pacifico, magnificado quando nascia, por se ver no throno: *Rex pacificus magnificatus est;* tambem D. Joaõ V. merece todo o sentimento, ou o sentimento de todos, por ser hum Rey Pacifico, magnificado quando morre para se ver no tumulo: *Rex pacificus magnificatus est;* e quando nada, sem muita difficuldade temos accommodado o Thema com o empenho presente; porque se pe-

la vida de Christo, por fer hum Monarcha Magnifico, e hum Rey Pacifico, suspirarão todos alegres; tambem na morte de D. João V. devem suspirar todos tristes: porque D. João V. tambem foy hum Monarcha Magnifico, e hum Rey Pacifico. Porém, como todos os que devem suspirar tristes na morte do nosso Rey Pacifico, e do nosso Monarcha Magnifico, ou são Vassallos de todo o Reyno, ou são Vassallos de todas as Conquistas, ou são Vassallos de todas as Religioens; acertado será, que para sentirmos todos, como devemos, esta morte; vejamos em tres discursos tres motivos para tres sentimentos: porque no primeiro discurso veremos o primeiro motivo para hum sen-

timento grande dos Vassallos de todo o Reyno; no segundo discurso veremos o segundo motivo para hum sentimento mayor dos Vassallos desta Conquista de Pernambuco; e no terceiro discurso veremos o terceiro motivo para hum sentimento maximo dos Vassallos desta Religião Franciscana. Está proposta a materia, entremos a discorrer.

Dizem todos os Politicos, que as prerogativas, que constituem a hum homem Rey; são principalmente a Justiça, a Liberalidade, o Valor, a Vigilancia, a Piedade, e a Religião: porém eu, sem me apartar da opinião commua, dissera, que só a paz he o principal constitutivo de hum Rey homem; não só porque; como diz Santo Agostinho,

Seraficos.

51

nho, a paz he para o
homein o summo bem:
*Pax hominis maximum
bonum*; fenaõ tambem
porque todas aquellas
prerogativas, que, se-
gundo a opiniaõ com-
mũa de todos os Poli-
ticos, saõ constitutivas
de hum homem Rey, se
incluem na preroga-
tiva da paz, que, se-
gundo a opiniaõ parti-
cular, e minha, he
constitutiva de hum
Rey homem. Foy o que
nos deo a entender a
Igreja nossa Mãy, quan-
do retratando a Eter-
na Bemaventurança na
Cidade Santa de Jeru-
salem: *Cælestis urbs Je-
rusalem*, disse que era
a Eterna Bemaventu-
rança huma bemaven-
turada vizaõ de paz:
Beata pacis visio; por-
que ainda que a Eter-
na Bemaventurança se-
ja hum aggregado de
todas as prerogativas,

como dizem os Theo-
logos: *Beatitudo est sta-
tus omnium bonorum
aggregatione perfectus*;
com tudo, como to-
das as prerogativas
se incluem na preroga-
tiva da paz, como
dizem todos os Padres
da Glossa: *Qui pacem
dedit, uno verbo omnia
dedit*; por isso se chama a
Bemaventurança Eterna
Bemaventurada vizaõ
de paz: *Beata pacis visio*.

FP.
Gloss.
apud
Silveir.

E sendo o Rey,
por quem suspiramos
tistes, trõ Pacifico;
que ao mesmo tempo,
em que todos os mais
Reys, por terem sem-
pre guerras, naõ sou-
beraõ acertar com o ca-
minho da paz, como
disse David: *Viam pa-
cis non cognoverunt*; el-
le soube caminhar pe-
lo caminho da paz, com
tanto acerto, que teve
todo o Reyno em paz,
em quãto viveo, e recõ-

Psalm.
13. 3.

D 2 men:

Hymn.
Dedic.
Ecclef.

mendou a paz do Reyno todo quando morreo : bem se deixa ver, que o ser o nosso Magnifico Monarcha hum Rey Pacifico, e hum Principe da paz, he o primeiro motivo para o sentimento grande dos Vassallos de todo o Reyno ; porque verdadeiramente os Vassallos de todo o Reyno devem ter hum grande sentimento na morte de hum Rey que he Pacifico, e de hum Principe, q̃ he da paz. Foy taõ grande o sentimento, que causou a morte de Christo no Calvario, que de pena, e de magoa se rasgou o véo do Templo : *Velum Templi scissum est* ; escureceo-se o Sol : *Obscuratus est Sol*, e quebrá-raõ-se as pedras : *Petræ scissæ sunt*. Naõ reparo em sentirem todas estas creaturas a morte

Luc.
23. 45.

Matth.
27. 51.

de seu Creador ; porque como o povo se divide em tres estados, convêm a saber, no estado dos Ecclesiasticos, no estado dos Nobres, e no estado dos Plebeos ; por parte dos Ecclesiasticos havia de sentir, e rasgar-se o véo, a quem a sua sorte deo o primeiro lugar em o Templo : *Velum Templi scissum est* ; por parte dos Nobres havia sentir, e escurecer-se o Sol, a quem a sua luz deo o esclarecido de sua nobreza : *Obscuratus est Sol* ; por parte dos Plebeos haviaõ sentir, e quebrarem-se as pedras, as quaes a sua fortuna pôs no humilde da terra : *Petræ scissæ sunt*.

Todo o meu reparo está em ser taõ grande o sentimento, que houve naquella morte, que de pena, e de magoa se chegon a rasgar o mesmo

o mesmo véo, escurecer-se o mesmo Sol, e quebrarem-se as mesmas pedras. Mas não ha que reparar; porque como se faziaõ Exequias pela morte de Christo, que tinha sido hum Rey taõ pacifico: *Rex pacificus*, e hum Principe de tanta paz: *Princeps pacis*, que trouxe sempre em paz o seu Reyno: *Et in terra pax hominibus*; por isso os Vassallos de todo o Reyno tiveraõ grande sentimento na sua morte: tiveraõ grande sentimento os humildes, porque sentiraõ as pedras quebrando-se: *Petræ scissæ sunt*; tiveraõ grande sentimento os Nobres, porque sentio o Sol escurecendo-se: *Obscuratus est Sol*; tiveraõ grande sentimento os Ecclesiasticos, porque sentio o véo, rasgando-se: *Ve-*

lum Templi scissum est: para que se entenda, que os Vassallos de todo o Reyno devem ter hum grande sentimento na morte de hum Rey Pacifico, e de hum Principe da paz.

Eu bem ley que o ser hum Rey, como o nosso, Justicozo, Liberal, Valoroso, Vigilãte, Piedoso, e Religioso, he motivo sufficiente para sentirem a sua morte os Vassallos de todo o Reyno: porêem o que digo he, que este sentimento não deve ser grande; porque só a falta de hum Rey Pacifico, e de hum Principe da paz he motivo bastante para o sentimento grande dos Vassallos de todo o Reyno. Assim o profetizou Isaias, quando profeticamente disse, que os mesmos Anjos do Ceo, como Vassallos do Rey

Isaias

33. 7.

da paz, haviaõ sentir amargamente a sua morte: *Angeli pacis amarè flebunt*. Bem podia o Profeta naquella profecia chamar aos Anjos Vassallos do Rey da justiça, ou da liberalidade, ou da vigilancia, ou do valor, ou da piedade, ou da Religiaõ, ou de tudo; porque Christo, que era o Rey, havia ser Senhor de todas as prerogativas; *Dominus virtutum ipse est Rex*; porêm como Isaias nos queria dar a entender, q̃ a perda de todas as prerogativas, na morte de qualquer Rey, naõ he motivo sufficiente para sentimento grande, e que só a perda da prerogativa da paz he motivo bastante para grande sentimento; por isso disse o Profeta, que os Anjos, como Vassallos do Rey Pacifico, e

Psalm.

23. 10.

do Principe da paz, haviaõ sentir amargamente a sua morte: *Angeli pacis amarè flebunt*.

Sintaõ muito embora os Vassallos dos mais Reys a morte dos seus Monarchas, por se acharem nelles aquellas prerogativas, que segundo a opiniaõ commua constituem a hum homem Rey: porêm seja esse sentimento pequeno; que o sentimento grande só devem ter os Vassallos do nosso Rey, por se achar nelle a prerogativa da paz, onde se incluem todas as mais prerogativas: *Qui pacem dedit, uno verbo omnia dedit*. E se quereis saber a razãõ desta razãõ, dai-me attençaõ. Os Vassallos dos mais Reys devem sentir a morte dos seus Monarchas com sentimento pequeno; porque os mais Reys com

as prerogativas cōmūas quando muito sãõ Reys, e sãõ Senhores: os Vassallos porẽm do nosso Rey devem sentir a morte do seu Monarcha com sentimento grande; porque o nosso Rey com a prerogativa particular da paz, quando menos, era Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores.

Vio S. Joãõ no seu Apocalypse a hum homem de taõ grande personagem, que tinha por timbre de sua pessoa o ser Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores: *Rex Regum, & Dominus Dominantium.* Notavel brazaõ por certo; pois he digno de toda a admiracão! Porque se o mais, a que póde chegar hũa creatura na terra, he a ser Rey; e Senhor; porque razaõ aquella creatura passou a ser Rey

dos Reys; e Senhor dos Senhores? A mesma Aguia dos Evangelistas responde dizendo: que a razaõ, porque aquelle homem mereceo taõ grande brazaõ, foy por trazer na boca huma espada, que cortava por huma, e outra parte: *De ore ejus gladius utraque parte acutus*, e por trazer todos os seus Vassallos vestidos de branco: *Vestiti bisfino albo.* Pois por aquelle homem trazer na boca huma espada, e a seus Vassallos vestidos de branco, por isso chegou a taõ alta dignidade? Sim, e com razaõ; porque na espada se representa a guerra, e no branco se symboliza a paz: e Monarcha taõ pacifico, que chega a trazer sempre a guerra entre dentes: *Ex ore ejus gladius acutus*, e chega a trazer sempre a

Ibid. 151

Ibid. 14

Apo-
cal. 19.
16.

seus Vassallos revesti-
dos de paz : *Vestiti bis.*
sino albo ; não pôde
deixar de ser Rey dos
Reys , e Senhor dos
Senhores: *Rex Regum,*
& Dominus Dominan-
tium.

Naõ era Vossa Real
Magestade, meu Sobe-
rano Monarcha, aquel-
la Personagem; porque
para com V. Real Ma-
gestade não são neces-
sarios hyperboles , nem
encarecimentos; porêm
parecia-se muito com
aquella Personagem
Vossa Real Magestade:
porque se aquella Per-
sonagem foy Rey dos
Reys , e Senhor dos
Senhores ; porque de
tal sorte aborrecia a
guerra, q̃a trazia sempre
entre dentes , e de tal
sorte amava apaz, que
a trazia sempre nas pal-
mas; Vossa Magestade
tambem foy Rey dos
Reys , e Senhor dos

Senhores: porque Vos-
sa Magestade foy aquel-
le Rey taõ contrario á
guerra , e taõ amante
da paz , que por con-
servar em paz o seu
Reyno , nunca teve
guerras com os Reynos
estranhos.

Fez o nosso Sobe-
rano Monarcha em qua-
si quarenta e tres annos,
que teve de governo ,
o que não puderaõ fa-
zer varios homens em
muitos seculos: porque
se Jacob não pode vi-
ver em paz com Esaú
no logro de hum Mor-
gado ; se Izac não po-
de viver em paz com
Ismael no logro da mes-
ma herança; se Saul não
pode viver em paz com
David no logro de hum
Reyno ; e se Caim não
pôde viver em paz com
Abel no logro de hum
mundo inteiro : o nos-
so Soberano Monarcha
viveo em paz com todo
o Mundo.

o Mundo, com todo o Reyno, com toda a herança, e com todo o Morgado: porque como estimava mais as vidas de seus Vassallos, do que todo o Morgado, do que toda a herança, do que todo o Reyno, e do que todo o Mundo; por isso nem por todo o Mundo, nem por todo o Reyno, nem por toda a herança, nem por todo o Morgado que-ria arriscar as vidas dos seus Vassallos na guerra: antes sim, sem todo o Morgado, sem toda a herança, sem todo o Reyno, e sem todo o Mundo, queria conservar as vidas de seus Vassallos em paz. E hum Rey, que assim estimou as vidas dos seus Vassallos em vida, bem merece grande sentimento dos seus Vassallos na morte; pois,

como já temos visto, a falta de hum Rey pacifico he motivo sufficiente para o sentimento grande dos Vassallos de todo o Reyno: *Rex pacificus magnificatus est, cujus vultum desiderat universa terra.*

Sobre o sentimento dos Vassallos de todo o Reyno cresce o sentimento dos Vassallos da Conquista de Pernambuco: e assim, se deve ser grande o sentimento dos Vassallos de todo o Réyno, por se verem com esta morte privados de hum Rey Pacifico, e de hum Principe da paz; deve ser mayor o sentimento dos Vassallos desta Conquista, por se verem privados com esta morte de hum Rey Pacifico, ao mesmo tempo, em que se julgavaõ de posse do mesmo Prin-

Principe da paz. Eu me explico melhor , para que me percebaõ todos. Estavaõ todas, ou quasi todas as Conquistas de Portugal a vinte e dous de Outubro solemnizando os annos do nascimento do nosso Monarcha , quando a esta Conquista de Pernambuco chegou em huma não Capitania a noticia da morte do nosso Rey Pacifico , e do nosso Principe da paz , razão porque trocáraõ logo os Vassallos desta Conquista as demonstraçoens festivas da alegria , que tinhaõ com os annos de vida do nosso Rey , em sinaes funebres de sentimento, que começaraõ a ter com as novas da morte do mesmo Monarcha Magnifico.

De maneira que os Vassallos de todo o Reyno sentiraõ a mor.

te do nosso Rey Pacifico , e do nosso Principe da paz , quando o não esperavaõ vivo, pois lhe não festejavaõ os annos de vida, quando tiveraõ novas da sua morte : porẽm os Vassallos desta Conquista sentiraõ a morte do nosso Rey Pacifico , e do nosso Principe da paz, quando o esperavaõ vivo ; pois lhe festejavaõ os annos de vida , quando tiveraõ novas da sua morte: e por isso, ainda que deve ser grande o sentimento dos Vassallos de todo o Reyno por lhes faltar precisamente hum Rey Pacifico , e hum Principe da paz , deve ser mayor o sentimento dos Vassallos desta Conquista, por lhes faltar hũ Rey Pacifico, e hũ Principe da paz , quando o esperavaõ vivo , solemnizando-lhe os annos de vida; porque as
novas

novas de huma morte, no mesmo tempo, em que se esperava com solemnidade a vida, he motivo sufficiente para hũ sentimento mayor.

Grande foy o sentimento, que tiveraõ os Discipulos de Christo, quando ouviraõ dizer que morrera o mesmo Senhor no Calvario; porẽm foy maior o sentimento, que tiveraõ os mesmos Discipulos, quando caminhavaõ para o Castello de Emaûs; pois o mesmo Divino Mestre lhes perguntou a causa deste, e naõ daquelle sentimento: *Qui sunt hi sermones, quos cõfertis adinvicem ambulantes, & estis tristes?* Parece-me que se deviaõ trocar aquellas tristezas, para que se trocassem tambem aquelles sentimentos; porque que motivo mais sufficiente para o sentimento mayor

de huns Discipulos, do que a triste nova da morte de seu Mestre? Assim parece, porẽm naõ he assim, como parece; porque, attendidas bem as circumstancias de hum; e de outro lugar, ainda ha outro motivo mais sufficiente para hum sentimento mayor: e se naõ vejaõ. Antes da jornada para Emmaûs, naõ esperavaõ os Discipulos a vida de seu Mestre, antes esperavaõ a morte por meyo de sua crucifixaõ: e que noticias tiveraõ? Tiveraõ por noticias, que Christo acabara a vida entre os tormentos de hũa Cruz: *Crucifixerunt eum: Emisit spiritum:* quando porẽm os Discipulos caminhavaõ para Emmaûs esperavaõ a vida de seu Mestre por meyo da sua Resurreiçaõ, como diz Estella commentando

Luc.
24. 17.

Matth.
26.

do a resposta dos mesmos Discipulos: *Nos autem sperabamus eum hodie resurrecturum: e que noticias tiveraõ? Tiveraõ por noticias, que Christo existia sepultado entre os horrores da morte: Sed jam non est quid speremus.* Pois para que se reconheça que as novas de huma morte, no mesmo tempo, em que se espera a vida, sãõ motivo sufficiente para hum sentimento mayor; por isso sendo grande o sentimento dos Discipulos, quando ouviraõ dizer que Christo morrera no Calvario, onde se esperava a morte; foy mayor o sentimento dos Discipulos, quando ouviraõ dizer que Christo morrera na sepultura, onde se esperava a vida: *Qui sunt hi sermones, quos confertis adinvicem ambulantes, et*

estis tristes? Nos autem sperabamus eum hodie resurrecturum, sed non est jam quid speremus.

Foraõ as noticias da morte do nosso Rey para todas as mais Conquistas, assim como foraõ as noticias da morte de Christo no Calvario para os Discipulos do mesmo Senhor; foraõ porẽm as noticias da morte do nosso Rey para esta Conquista; assim como foraõ as noticias da morte de Christo no caminho de Emmaus para os Discipulos do mesmo Senhor: porque se as mais Conquistas tiveraõ noticias da morte do nosso Monarcha, ou antes, ou depois do dia dos annos do seu nascimento, quando os Vassallos o naõ esperavaõ vivo, naõ lhe solemnizando os annos de vida; esta Conquista te-

ve a noticia da morte do nosso Monarcha no mesmo dia dos annos do seu nascimento , quando os Vassallos o esperavaõ vivo , solemnizando-lhe os annos da vida ; e por isso, se deve ser grande o sentimento dos Vassallos das mais Conquistas , deve ser mayor o sentimento dos Vassallos desta Conquista. Grande deve ser o sentimento , que se deve ter com a morte da Roza , por ser a Roza a Rainha das flores; porê m deve ser mayor o sentimento , que se deve ter por morrer a Roza no mesmo dia, em que vive : grande deve ser o sentimento , que se deve ter com o Occaso do Sol , por ser o Sol o Rey dos Astros, porê m deve ser mayor o sentimento, que se deve ter, por ser o Occidente do Sol no mesmo dia

do seu Oriente: grande deve ser o sentimento , que se deve ter por se sepultar no mar o rio; por ser o rio o rizo do prado ; porê m deve ser mayor o sentimento , que se deve ter, por ter o rio a sua sepultura no mesmo tempo, em que tem o seu berço.

Grande deve ser tambem o sentimento dos Vassallos de todo o Reyno com a morte do nosso Rey; porque para elles foy a morte do nosso Rey , como a morte da Roza, como o Occaso do Sol, e como a sepultura do rio: porê m deve ser mayor o sentimento dos Vassallos desta Conquista com a morte do nosso Rey ; porque para elles foy a morte do nosso Rey como a morte da Roza no mesmo dia da vida , como o Occidente do Sol no mesmo

ma

mo dia do seu Oriente, e como a sepultura do rio no mesmo tempo do berço: porque se aquelles Vassallos virão ao seu Rey morto nos braços da morte, e por isso com grande sentimento; estes Vassallos virão ao seu Rey morto nos braços da vida, e por isso com mayor sentimento. Agora se entenderá a razão, que teve Cicero para dizer, que a morte mais digna de mayor sentimento, que se acha nas letras humanas, fora a do famoso Diagoras Rhodio: *Extinctus morte omni lamentatione, & planctu digna*; porque esperando-se que aquelle Rey tivesse vida com os braços de tres filhos victoriosos, nos braços de tres filhos victoriosos teve a morte: *Cum tres filios victores coronari vidisset*,

jet, in oculis, & manibus filiorum animam efflavit.

O mesmo, que aconteceu aos filhos de Diagoras, aconteceu aos Vassallos desta Conquista: porque se os filhos de Diagoras virão a desgraça da morte do pay nos mesmos braços da ventura, com que se coroavaõ alegres; os Vassallos desta Conquista virão a desgraça da morte do seu Pacifico Rey, e do seu Principe da paz nos mesmos braços da ventura, com que festejavaõ os seus annos plausiveis: e assim bem podemos dizer a respeito da morte do nosso Magnifico Monarcha, o que disse Cicero a respeito da morte de Diagoras: *Extinctus morte omni lamentatione, & planctu digna.* Foy a morte do nosso Magnifico Monarcha

Cicer.
apud
Textor, &
in Com.

narcha para os Vassallos desta Conquista digna de toda a magoa , e digna de todo o sentimento : e com razão ; porque esta pena de ver a desgrça nos mesmos braços da ventura, deve ser tão grande , que mal se possa soffrer. Foy tão grande a pena, que teve Joseph , quando Jacob leu pay lançou a benção a Efraim , e não a Manassés , que diz o Texto Sagrado mal a pudera soffrer :

Genef.
45.

Graviter accepit : aegrè tulit , lê o Texto Hebreo. Pois se assim Efraim, como Manassés eraõ filhos de Joseph ; porque razão levou Joseph tanto a mal , que Efraim levasse a benção , e não Manassés, que não pode soffrer tão grande pena?

Porque Joseph queria que Manassés levasse a benção , e não

Efraim ; que por isso pôs a Efraim da parte esquerda , que era o lugar da desgrça , e a Manassés da parte direita , que era o lugar da ventura : e como Jacob, trocando as mãos: *Cōmutans manus*, fez que a desgrça da falta da benção se visse no braço da ventura , que era da parte direita , onde estava Manassés ; por isso foy tão grande a pena de Joseph , que mal a pode soffrer: *Graviter accepit: aegrè tulit*.

Que melhores braços da ventura , do que o dia , em que os Vassallos festejaõ alegres os annos de vida de seus Reys ! E que mayor desgrça, do que o dia ; em que os Vassallos sentem tristes a morte de seus Monarchas ! Pois para que os Vassallos desta Conquista tivessem huma pena tão grande, que

q̃ mal a pudessem soffrer, permittio a sua adverſidade que viſſem a mayor deſgraça, qual foy a noticia da morte do ſeu Rey, no dia em que com grande ventura feſtejavaõ os annos de vida do ſeu meſmo Monarcha.

Paſſou a deſgraça dos Vaſſallos de Pernambuco muito além do termo, a que póde chegar a conſideração dos homens: porque ſe a conſideração das homẽs não póde chegar a mais, que a dizer q̃ ás alegrias dos goſtos ſe devem ſeguir os ſentimentos dos lutos: *Post gaudia luctus*; para os Vaſſallos de Pernambuco não eſperaraõ os ſentimentos dos lutos para leguirem as alegrias dos goſtos: porque no meſmo tempo, em que eſtavaõ com as alegrias dos goſtos da vida do ſeu Rey

Pacífico, eſtiveraõ com os ſentimentos dos lutos da morte do meſmo Principe da paz. E ſe as novas de huma morte com tris-tezas no meſmo tempo, em que com alegria ſe eſpera a vida, he motivo ſufficiente para hum ſentimento mayor, como já vimos; mayor deve ſer o ſentimento dos Vaſſallos deſta Conquiſta na morte do ſeu Rey Pacífico; e do ſeu Principe da paz: *Rex pacificus magnificatus eſt, cujus vultum deſiderat univerſa terra.*

Sobre o ſentimento dos Vaſſallos deſta Conquiſta de Pernambuco, creſce o ſentimento dos Vaſſallos deſta Religião Franciſcana: e aſſim ſe foy mayor o ſentimento dos Vaſſallos deſta Conquiſta de Pernambuco, por ſe verem com eſta morte priva-
dos

dos de hum Rey Pacifico no mesmo tempo, em que se julgavaõ de posse do mesmo Principe da paz ; deve ser maximo o sentimento dos Vassallos desta Religiaõ Franciscana , por se verem privados com esta morte de hum Rey Pacifico , que era seu Principe da paz , e juntamente seu Irmaõ. Era o nosso Soberano Monarcha Irmaõ nosso, naõ só pelo amor , com que nos tratava ; naõ só pela protecçaõ, com que nos defendia ; naõ só pelos beneficios, com que nos favorecia ; senaõ tambem por ser verdadeiro filho de S. Francisco : pois para mostrar, clara , e evidentemente , que era verdadeiro filho de S. Francisco, na sua morte deixou os habitos de todas as mais Religiões, e fez eleiçaõ para sua

mortalha deste desprezivel burel, e deste cinzento sayal. E que motivo mais sufficiente para o sentimento maximo dos Vassallos desta Religiaõ Franciscana , do que perderem com esta morte a hum Monarcha Pacifico, que era juntamente seu Rey , e seu Irmaõ ? Nenhum ; e se naõ vejaõ.

Sabem todos , que apenas em tumulto de crystal se sepulta o Sol ; Monarcha das luzes , quando logo entraõ os lutos uniuersaes na effera de todo o Mundo ; porq naõ só o ar se veste todo de negro , e a terra se reveste toda de sombras , senaõ tambem o Ceo se enche todo de funeraes tochas, que como vigilantes sentinellas assistem ás Exequias do seu Rey defunto: mas nem todos sabem a razãõ, porque, sendo gran-

E de,

Com.
ad lib.
2.
Theb.

de, e ainda mayor o sentimento das Estrelas, ha de ser maximo o sentimento da Aurora; pois entre todos os Astros só a Aurora derrama lagrimas mais funestas: *Aurora funestas profert lacrymas*, disse o Cōmentador de Estacio. Porê m he, porque nem todos reparaõ para as razoes, que ha entre o Sol, e a Aurora, e entre o Sol, e os mais Astros; porque se repararem bem, que dos mais Astros he o Sol precisamente Rey, e da Aurora he Rey, e juntamente irmaõ, como diz o mesmo Author citado: *Aurora soror solis*, logo haõ de saber que, ainda que seja grande, e ainda mayor o sentimento das Estrelas na morte do Sol, por ser o Sol precisamente o seu Rey, deve ser maximo o sentimento da

Aurora na morte do Sol, por ser o Sol o seu Rey, e juntamente o seu irmaõ: *Aurora soror solis funestas profert lacrymas*.

Ah Sol amortecido! Todos os Vassallos de Vossa Real Magestade eraõ como Astros do Ceo; porque todos, como os Astros do Ceo, participavaõ na terra das benignas influencias, e pacificos influxos de vossa Real Magestade: porê m com esta differença, q todos os mais Vassallos eraõ como as Estrelas, e os Vassallos desta Religiaõ eraõ como a Aurora: porque se para todos os mais Vassallos era Vossa Magestade precisamente seu Rey Pacifico, e seu Principe da paz; para os Vassallos desta Religiaõ, além de ser seu Rey Pacifico, e seu Principe da

da paz, era tambem seu Irmaõ igualmente amado, e amante: e por isso, se para os mais Vassallos deve ser a morte de Vossa Real Magestade de grande, e ainda de mayor sentimento; para os Vassallos desta Religiaõ deve ser de maximo sentimento a morte de Vossa Real Magestade; porque deve ser superlativa a magoa, com que se deve sentir a morte de hum Principe, que he juntamente Irmaõ. Foy taõ grande a dor, com que sentio David a morte de Jonathas, que só pelo superlativo explicou bem a sua magoa: *Doleo super te.*

2. Reg.
c. 1.26.

Pois como assim? Se no mesmo tempo, em que morreo Jonathas, morreo juntamente Saul; porque razãõ, devendo David, como politico que era, magoar-se

mais da fatalidade de Saul, que era seu Rey; do q da delgraça de Jonathas, que era seu Principe, para com o Rey exaggerou menos a sua dor: *Abiectus est clypeus Saul*; e para com o Principe encareceo mais a sua magoa: *Doleo super te?*

Ora dai-me attençaõ, que a razãõ está taõ clara como a mesma razãõ. Era Saul precisamente Rey de David; porêem Jonathas naõ só era seu Principe, senaõ tambem seu Irmaõ amado, e amante: *Frater mi Jonathas*; e como deve ser superlativa a magoa, com que se deve sentir a morte de hum Principe, que he juntamente Irmaõ; por isso, sendo menor o sentimento, que David teve com a morte de Saul, que era seu Rey: *Ab-*

jectus est clypeus Saul, foy superlativo o sentimento, que teve com a morte de Jonathas, que era o seu Principe, e juntamente seu Irmao:

Doleo super te, frater mi Jonatha. E que com-

paração póde ter Jonathas a respeito de David, com o nosso Soberano Monarcha a respeito dos Franciscanos?

Muito pouca: porque ainda que Jonathas era Irmao de David, pelo amor com que o tratava, pois o amava como a sua alma: *Anima Jo-*

7. Reg. *nathæ conglutinata est*
18. 1. *animæ David*; pela protecção, com q̃ o defendia, pois não permittia que o offendessem ainda levemente: *Vade in pa-*

2. Reg. *ce, quæcumque juravimus*
13. 5. *ambo*, e pelos beneficios, com que o favorecia, pois lhe chegou a dar a propria tunica:

1. Reg. *Expoliavit se tunicâ,*
28. 4.

quâ erat indutus; & dedit eam David; com tudo, Jonathas, e David não eraõ Irmãos verdadeiros, por não serem filhos do mesmo pay; porque Jonathas era filho de Saul; e David era filho de Itai,

Porém o nosso Soberano Monarcha era Irmao dos Franciscanos no amor, com que os tratava; pois para mostrar que os amava como a sua alma, só delles fiava, e confiava o governo do seu Reyno: na protecção, com que os defendia; pois para que os não offendessem, ainda levemente, parece-me que era; Protector de toda a Religião, assim como era na realidade desta Provincia: nos beneficios, com que os favorecia; pois como os não podia vestir com a propria purpura, lhes vestia os Altares

Altareſ de ricas alfayas, e os reveſtia nos Altares de precioſas télas, e em ſer verdadeiro Irmaõ dos Franciſcanos, por ſerem aſſim os Franciſcanos; como o noſſo Soberano Monarcha, filhos do meſmo Pay; porque todos eraõ filhos do meſmo Patriarcha S. Franciſco. E ſe David na morte de hum Principe, que não era ſeu Irmaõ verdadeiro, teve hum tal ſentimento, que chegou a ſua dor ao ſuperlativo da mayor magoa: *Doleo ſuper te, frater mi Jonatha*; conſiderem agora lá os Vaſſallos deſta Religiãõ, qual deve ſer o ſeu ſentimento na morte de hum Rey, que era ſeu Irmaõ verdadeiro! Oh q̃ deve ſer tão grande, que não cabendo a magoa no peito dos de caſa, devem tambem deſſa participar os eſtra-

nhos; porque não ló os de caſa, ſenaõ tambem os eſtranhos devem ſentir amargamente a morte de hum Irmaõ, que he verdadeiro!

Foraõ tantas as lagrimas, que derramou a Magdalena com os que a acompanhavaõ na morte do deſunto Lazaro, que fizeraõ com que de compadecido choraffe tambem o meſmo Chriſto: *JESUS* ^{Joan:} *ergo ut vidit eam plorantem, & Judæos, qui venerant cum ea, plorantes...lacrymatus eſt.* Que choraffe Chriſto na morte de Lazaro não me admira, porque aſſim pedia a razeõ de amizade, que ſe dava entre Lazaro, e Chriſto: *Lazarus amicus noſter*; o que me cauſa eſpanto; he chorarem tambem naquella morte os Judeos. Não baſtava que Maria, que era de ca-

Ibid.
32.

ta, se lastimasse na morte de Lazaro? Tambem era necessario que sentissem os Judeos, que eraõ estranhos? Sim, e com razãõ; porque Lazaro, que era o morto, era Irmaõ verdadeiro de Maria: *Domine, si fuisses hic, frater meus non fuisset mortuus*; e deve ter tal o sentimento, que deve haver na morte de hum Irmaõ; que he verdadeiro, que naõ cabendo a magoa no peito dos de casa; como era Maria: *Ut vidit eam plorantem*, devem tambem della participar os estranhos, como eraõ os Judeos: *Et Judeos, qui venerant cum eâ plorantes*.

Para que respire pois a nossa dor, e della participem os estranhos, suspiremos todos os de casa na morte do nosso Magnifico Monarcha, pois era nosso Ir-

maõ verdadeiro; porque, quando com os nossos suspiros o naõ possamos livrar da morte, sempre com os nossos suspiros mostraremos claramente, que lhe desejamos restituir a vida. Lá suspirava aquella Esposa dos Cantares por aquelle seu amado Esposo, por ser Irmaõ verdadeiro, e filho da mesma Mãe: *Quis mihi det te fratrem meum suggentem ubera Matris mee*; porque o muito amor a obrigava a imaginar, que a respiraçãõ daquelles suspiros o havia restituir á sua presença: *Ut inveniam te foris*. Isto mesmo, que dizia aquella Esposa amorosa ao seu amante Esposo, deve dizer cada hum dos Franciscanos ao seu Pacifico, e Magnifico Monarcha; porque naõ só era

Cant.
8. I.

era filho da mesma Mãe, que he a minha Sagrada Religião, te-
naõ tambem filho do
mesmo Pay, que he
Francisco, meu mais
que Grande Patriarcha:
*Quis mihi det te fratrem
meum suggentem ubera
matris mee, ut inveniam
te foris.* Oh quem me
dera; meu Soberano
Monarcha, e meu Ir-
maõ verdadeiro, que
vos achasse fóra del-
te Tumulo: *Quis mihi
det &c!*

Porém como; por
mais que suspiremos, e
tornemos a suspirar,
naõ ha remedio para a
nossa magoa; seja ma-
ximo o nosso sentimen-
to na morte do nosso
Rey Pacifico, e nosso
Monarcha Magnifico:
*Rex pacificus magnifi-
catus est, cujus vultum*

*desiderat universa ter-
ra.* Sendo grande a dor
dos Vassallos de todo o
Reyno, sendo mayor
a magoa dos Vassallos
desta Conquista de Per-
nambuco, e sendo ma-
ximo o sentimento dos
Vassallos desta Reli-
giaõ Franciscana; com
tudo deve ser igual o
lenitivo para o senti-
mento maximo dos Vas-
sallos desta Religião
Franciscana; para a
magoa mayor desta Cõ-
quista de Pernambuco,
e para a dor grande dos
Vassallos de todo o
Reyno; porq̃ huns, e ou-
tros Vassallos bem se po-
dem consolar, dizendo:
q̃ piamente se deve crer;
que quem viveo com
tanta paz na terra, ha
de viver na Gloria com
muita paz. *Requiescat
in pace.*

S E R M A Õ
N A S
E X E Q U I A S

DO FIDELÍSSIMO E AUGUSTÍSSIMO REY,

D. J O A Õ V.

P R E G A D O

NO CONVENTO DE S. ANTONIO,
da Villa de Iguarassu

PELO REVERENDO PADRE MESTRE

F_R J O S E P H

DA CONCEIC, A Õ,

LEITOR ACTUAL DE THEOLOGIA

*de Vespera no Convento de Olinda, Filho da
Provincia de Santo Antonio do Brasil.*

SERMA

NAS

EXEQUIAS

NO CONVENTO DE S. ANTONIO

D. JOAO V.

PERCADO

NO CONVENTO DE S. ANTONIO

da Villa de Iguaçu

PELO REVERENDO PADRE MASTRE

FR JOSEPH

DA CONCEICAO

REITOR ACTUAL DE THEOLOGIA

do Collegio no Convento de Olinda, Filho de

Francisco de Santo Antonio de Paula



Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus.

Ex Eccl. in Off. Defunt.

COm estas funebres vozes, cujos eccos tentidíffimos, penetrando ha pouco os ouvidos de todos, fizeraõ pauza em nossos coraçoes, como em centro cabal das paixoes mais vehementes, nos convida hoje a Igreja nossa Mãy para as honras posthumas de hum defunto Filho, o qual por obediente foy della o mais querido, por virtuoso o mais estimado, e por excellente o mais benemerito de infinita duraçaõ; (se possível lhe fora na terra tal durar)

mas se dando ao tempo o que he seu, mostrou este Rey ser temporaneo no viver; [pois em fim morreo, como o testimunha o funesto daquelle Regio Mausoleo) com tudo, contra os mesmos contratempos, nos dá hoje a conhecer a fama universal, com que todos o applaudem por bom Rey, e a saudade Portugueza; com que ainda o veneramos por bom Pay, que vive elle infinito em nossos coraçoes penalizados; pois tanto nos tem chegado ao vivo a morte do

do muito Alto, e Venerando Rey, e Senhor nosso D. João V. deste nome, de gloriosa memoria, que Deos tenha: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus.*

O Invitatorio, com que para isto nos convida a Igreja; he o mais triste, e o mais commum. He o mais commum; porque com elle celebra a mesma Igreja as Exequias de todos os seus filhos, assim nobres, como mecanicos, e assim Reys, como Vassallos; claro exemplo na verdade, em que com evidencia nos mostra, ou que todos morremos, sem excepção de pessoas: *Psalm. autem sicut homines moriemini; & sicut unus de Principibus cadetis;* ou que, depois de mortos, devemos todos ser tratados irmaamente,

Psalm.
81. 7.

como filhos em fim do mesmo Pay: *Deus unus creavit nos*: desorte; que se na Filosofia da vida aprendemos alguns a fazer distincções Reaes entre as pessoas, admitindo por Alto na serie da Nobreza novas especies de individuos, huns supremos, e outros infimos; na morte havemos todos acreditar, ou formaes identidades, como nos manda o Espirito Santo: *Idcirco unus interitus est...quia eadem cunctis eventiunt,* ou defender em fórma, como nos ensina Horacio, igualdades espirituaes entre Nobres, e mecanicos; ricos, e pobres; Reys, e seus Vassallos: *Mors æquo pede pulsat pauperum tabernaculas, Regumque turres.*

He o mais triste; porque na verdade he introito de funeraes, e todo o introito destes actos

actos he tristissimo, como se vio no da morte de Christo em toda a terra: *Sol obscuratus est...*
 Luc. 23 *U tenebræ facta sunt in universam terram*, e se ha de ver no acabamento do mundo em toda a gente: *Erunt signa in Sole, U Luna, U in terris pressura gentium*. Porêm se por esta razã já he tristissimo o invitatorio, mais triste se faz ainda pelo que obra em nós; e na Igreja: na Igreja; porque lhe traz á lembrança hum Varaõ excellente, a quem mais não ha de ver; e em nós; porque nos objecta hum Rey defunto, a quem sempre venerámos como a Pay: e he maxima a dor, que causa na Igreja a lembrança de não ver mais a hum Varaõ excellente, como succedeo na de Epheso com a despedida de S. Paulo: *Do-*

Agor
30.

lentes maximè in verbo, quod dixerat, quòd amplius faciem ejus non esset visuri; assim como he a mayor trisleza, que le dá nos subditos, o objectarem-lhe defunto hũ Rey, a quem veneráraõ sempre como a Pay; como se vio em David com as novas da morte de Saul: *Planxit ergo David planctum hujusmodi super Saul*. 2. Reg. 1.

Mas assim havia de fer; porque neste golpe mortal toda a tristeza he necessaria, e toda a dor nos he devida: que se lá se entristeceo taõ gravemente a mãy de Tobias pela ausencia deste filho, só porque lhe tardou com a sua vista, posto que logo o vio dahi a pouco *Flebat igitur mater ejus irremediabilibus lacrymis... eò quòd non venisset ad præstitutum diem*; e se lá se doeo tanto

Tob.
10. 4.

Joás

Joás pela morte de Eli-
zeo ; a quem só obede-
cia como a pay , ainda
que o não reconhecia
por seu Rey: *Flebat*
4. Reg. *corameo, dicebatque, Pa-*
13. *ter mi, Pater mi ;* que
dor não terá a Igreja
com a ausencia de hum
filho , cuja vista não
só lhe tarda , senão que
nunca mais o ha de ver!
Ou que tristeza não te-
remos nós com a morte
de hum Heróe, a quem
não só obedeciamos co-
mo a Pay , senão que
tambem reconheciámos
como a nosso legitimo,
e natural Rey ! Sem du-
vida q̃ terá aquella tan-
ta dor, que; qual outra
Rachel na ausencia de
seus filhos, não consen-
tirá allivio em suas pe-
nas: *Rachel plorantis*
Jerem. *filios suos, & nolentis*
31. 15. *consolari super eis, quia*
non sunt; e teremos nós
tanta tristeza, que, qual
outro Jeremias, de dia,

e de noite clamaremos
contra o Cso, lamen-
tando a solidão, em que
ficamos sem Rey, e sem
Pay por huma vez: *Vide* Thre.
Domine, quid acciderit nor. 5.
nobis, pupilli facti su-
mus absque Patre.

Porém cessem já as
dores, e tristezas, pois
com ellas não remedia-
mos cousa alguma: e
ainda que agora todos
os sentimentos são lici-
tos, e todas as lagrimas
decentes para chorar-
mos a hum Rey, que si-
milhante não houve em
Portugal, e em todo o
Mundo; com tudo, quan-
do a Igreja nos convida
hoje a este acto, mais
nos manda venerar a
hum Rey vivo, que cho-
rar a hum Rey morto:
desorte que, se callada-
mente nos permite
que o choremos morto,
pelas consequencias da
perda; que tivemos;
clara, e primariamente
só

só nos manda que o veneremos todo vivo, pelas inferencias do desejo, que lhe temos: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus.* Mas como pôde ser todo vivo aquelle, aquem nossos olhos registaõ todo morto; ou como pôde não ser totalmente morto hum Rey, a quem todo este apparato representa já defunto? Ora direy: Quem morreo, bem pôde ainda ser vivo em nossos corações, em nossas memorias, e em nossos louvores, como disse Cassiodoro: *Si laudandos tradas, obtulisti morientibus decenter interitum;* em nossos corações pelo amor, em nossas memorias pela lembrança; e em nossos louvores pelo applauzo das suas excellencias: e quando estas razoens todas não bas-

tem, baste o saber-ie, que quando os corpos ficaõ defuntos á vida, entaõ na fama, e na faudade dos que existem, he que vivem as excellencias dos que morrem, como se lê no Ecclesiastico: *Corpora Ecclef. ipsorum in pace sepulta⁴⁴ sunt, nomen autem eorum vivit in generationem, & generationem.* E aonde as excellencias vivem famosas, e faudosas, tambem abi, entre as ancias de quem as ama, e os applauzos de quem as louva, revivem os seus sujeitos; que na vida as executaraõ: *Videtur nobis in sermone reviviscere,* diz Santo Ambrosio: logo, conclue o mesmo Santo, logo não se diga, que de todo he morto esse Rey, nem que totalmente he defunto esse Monarcha: *Recessit, sed non totus recessit;* mas

mas diga-se que, ainda que morto, como vemos, vive em nossos corações, em nossas memórias, e em nossos louvores: *Si laudandos tradas, abstulisti morientibus decenter interitum*; e que, ainda que defunto, como mostraõ os apparatus, totalmente he vivo na fama, e na saudade: *Corpora ipsorum in pace sepulta sunt; nomen autem eorum vivit in generationem, & generationem*: razão, porque a Igreja, permittindo tacitamente o sentimento da sua morte, claramente nos manda que o veneremos todo vivo: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus*.

Ex vi disto; já sabem todos que as excellencias dos mortos são a causa total das suas vidas infinitas: por isso hoje ainda vivem

em nossas memórias aquelles antigos mais famosos; porque também as suas excellencias ainda hoje vivem eternizadas na fama, e na saudade: *Opera enim illorum sequuntur illos*. Mas quaes serão as excellencias do nosso Rey já morto, que, vivendo ainda hoje, também o fazem vivo na fama, e na saudade? Pudéra dizer que são todas; porque todas exerceo elle em sua vida: e effas são as que hoje vivem, como ciz o mesmo Thema: *Regem, cui omnia vivunt*; porém reparando na precisa razão de Rey, que he o objecto principal destas Exequias, e reduzindo a numero certo o incerto daquella palavra: *Omnia*, diz o Author do Enigma numerico, que são cinco: *Quinque sunt omnia*: não
ley,

Isidor.
Origin.
lib. 3.
cap. 7.

Virg.
Ænsid.

sey, porque as Excellencias de hum bom Rey principiaõ, e acabaõ neste numero, como nota Santo Isidoro : *Sphericus autem hic numerus est, quia à se inchoat, & in se convertitur*; ou porque a este numero saõ devidas todas as honras de hum grande Principe, como se vio no funeral de Anchises: *Cædit quinas de more bidentes, totque lues, totidem nigrantes terga juvencos..; animamque vocabat Anchisæ magni*: o que sey he, q̃ o numero de cinco lhe indica grandes mysterios, todos achados na sua vida, como foraõ as cinco Chagas de Christo, de cuja meditação tirava elle o acerto do seu governo; os cinco sentidos corporaes, de cuja guarda lhe procediaõ todas as suas boas obras; as

Quinas Portuguezas, de cuja exaltaçaõ lhe provieraõ as mayores honras, e venturas: e para que tudo seu se cifraffe neste numero, athé foy D. Jcaõ o V. no nome, quando *in re* foy o primeiro sem legundo de Portugal: *Quinque sunt omnia.*

Porêm o Doutissimo Bercorio, depois de assentir connosco em que saõ cinco as excellencias, que vivem, e que tem vivo ainda a este Rey, as declara com certeza, cotejando-as pelas condiçoens requizitas de hum bom Principe, dizendo que saõ: Sabedoria, Liberalidade, Fortaleza, Commuidade, e Severidade; Sabedoria no governar, Liberalidade no premiar; Fortaleza no defender, Commuidade no julgar, e Severidade nõ

F castigar

castigar: *Iste Rex habet quinque conditiones boni Regis. Quilibet enim Rex debet esse sapiens ad gubernandum, liberalis ad præmiandum, fortis ad defendendum, communis ad judicandum, & severus ad castigandum.* O que supposto; terá hoje o meu empenho mostrar nesta funebre Oração, que o nosso Monarcha em quanto vivo teve estas cinco excellencias principaes, que são todas as condiçoens de hum bom Rey: *Quinque sunt omnia*; pois na verdade foy Sabio em governar, Liberal em premiar, Forte em defender, Commun em julgar, e Severo no castigar, quanto era devido que fosse: *Quilibet enim Rex debet esse sapiens ad gubernandum, &c.*; e entã viremos a conhecer, que

quem na vida exerceo taes excellencias, posto que já seja morto em quanto ao corpo, ainda hoje vive com ellas em quanto á fama, e á faudade: *Corpora ipsorum in pace sepulta sunt; nomen eorum vivit in generationem, & generationem:* na faudade, pelo desejo, que temos, de que fosse infinito o tal sujeito; e na fama, pelos repetidos louvores, com que sempre o applaudimos: e Rey, que ainda assim vive junto com as suas excellencias; permitta-se muito embora que caladamente o choirmos, como morto; mas claramente só se manda que o veneremos todo vivo, como quer a Igreja: *Regem, cui omnia vivunt, veniente adoremus.*

Tanto que as acçoens são excellentes; fe

se vivem na fama eternizadas para as glórias, também os seus sujeitos vivem em nossas memorias infinitos para a laudade; e por isso Job, vendo que era hum homem sem semelhante nas excellencias:

Jcb. 1. *Quod non sit ei similis in terra*, queria eternizar-se no Mundo, esculpindo em marmores, e bronzes o heroico das suas acçoens: *Quis mihi det, ut exarentur in libro stylo ferreo, vel celate sculpantur in silice*: porém o que não alcançou o seu desejo, (talvez permittindo-o Deos, porque em marmores, e bronze tudo acaba) veyo a alcançar a sua dita; pois vive ainda hoje, e viverá sem nunca acabar em nossa memoria, e laudade; porque também as suas acçoens excellentes vivem ainda, e viverão

sempre na fama eternizadas: *Homo simplex; & rectus, ac timens Deum, & recedens à malo*. Milagres são da fama, e da laudade; que aquillo, que não conserva marmores, e bronzes na sua dureza, e solidez, conserva a fama em applausos repetidos, e conserva a laudade em suspiros continuados. Não sabem o como isto seja? pois ouçaõ.

Repetem-se os applausos, continuaõ-se os suspiros, e eis-ahi bem nascida a fama, e originada a laudade: multiplicaõ-se os applausos, retiraõ-se os suspiros, quando também crelce a fama, e fica adulta a laudade: espalhaõ-se logo os applausos, rodeando toda a terra; alargaõ-se em breve os suspiros, passando todo o ar; e

eis-que se ostenta forte o corpo da fama, e robusto o composto da faulade; e tão forte, e tão robusto, que gravando-se em suas entranhas as acçoens mais excellentes, conserva eternamente vivas não só as excellencias gravadas, senão também os graves sujeitos, que na vida as exercerao: mas como não ha de ser assim; se de principios tão fortes. o que se gera na fama, he hum corpo tão grande, que só o ecco da sua voz he ouvido em todo o Mundo: *Exiit fama haec in universam terram*; e de causas tão robustas, o que provem á faulade he hum composto tão potente, que dominando em todos os corpos, athé nas almas parece ter dominio, e senhorio: *Memoriâ memor ero, & tabescet in*

me anima meâ. Pois por isso, o que não conserva marmores, e bronzes na sua dureza, e solidez, conserva a fama por grande em applausos repetidos, e conserva a faulade por potente em suspiros continuados: *Corpora ipsorum in pace sepulta sunt; nomen autem eorum vivit in generationem, & generationem*.

Porém eu não me admiro tanto desta eterna conservação, quanto me espanto da producção daquellas vidas. He certo, que toda a conservação suppõem producção de vida: logo se a fama, e a faulade em seus suspiros, e applausos conserva eternamente aos sujeitos excellentes, segue-se que também lhes haõ de dar vida, pois os suppomos mortos ao Mundo. Assim he, e
assim

Matth.
9.

Ter-
nor. 3.

assim hade fer ; porque na escola do Subtilissimo Doutor toda a causa conservativa , he a mesma productiva ; tanto assim, que athé a accaõ, com que se conserva qualquer cousa ; he a mesma , com que se produz , sendo depois continuada : *Conservatio est continuata productio* : mas o que não sabemos he , como se produzem estas vidas. Certamente , que isto he hum dia de Juizo , pois em fim he resuscitar mortos á vida eterna : porêem como a accaõ , ainda que difficil, he quotidiana , o que sempre se vê, facilmente se diz. Brada a fama por huma parte,applaudindo a hum Varaõ por excellente ; e ex vi destes brados vive logo o Varaõ com todas as suas excellencias : suspira a faudade pela ou-

tra , desejando o excellente de hum sujeito ; e ex vi destes suspiros vivem logo as excellencias juntamente com o seu sujeito. Esteja embora morto o sujeito ; esteja sem duvida defunto o Varaõ ; se foy excellente , nos brados da fama acha berço , em que renasca , e nos suspiros da faudade regaço, em que reviva : com esta differença , que os brados da fama , como soaõ mais, daõ vida aos taes por todo o Mundo ; e os suspiros da faudade ; porque soaõ menos , só daõ vida a estes no coração de quem os ama : mas huma tal vida , que se na primeira pagaraõ elles ao tempo o seu tributo morrendo , nesta primeira ha de o tempo tributar a elles a sua paga ; pois primeiro ha de acabar o Mundo , do que acaba-

bem os excellentes de viver na fama, e na faudade.

Deſta ſorte he, que a fama, e a faudade daõ eternas vidas aos ſujeitos excellentes: nem pareça iſto novidade, quando por experiencia ſabemos, que aſſim vivem entre nós os mortos de tantos ſeculos; e ſe os brados, e os ſuſpiros ſaõ huns ſons eſpiritofos, como ſente quem os dá, mal pôde ſer iſto novidade, quando já do principio do Mundo ſabemos, que eſſes ſons daõ vida a muitos corpos. Bradou Deos a Adaõ: *Faciamus*

Gen. 2. *hominem*, e o meſmo foy dar eſte brado, que tambem dar vida a Adaõ: *Et creavit Deus hominem ad imaginem ſuam*. Sulpira Martha pela peſſoa de Lazaro: *Domine, ſi fuiſſes hic, frater meus non fuiſſet*

Joan.
11.

mortuus; e o meſmo foy ſuſpirar Martha, que viver tambem Lazaro: *Et ſtatim prodiit, qui fuerat mortuus*. Bradou Deos a huns oſſos ſecos: *Oſſa arida audite verbum Dei*, e o meſmo foy dar tal brado, que dar a eſtes oſſos toda a vida: *Ingreſſus eſt in ea ſpiritus, & vixerunt*. Sulpirou huma viuva pela vida de ſeu filho unico: *Filius unici matris ſue, & hæc* Luc. 7. *vidua erat*; e o meſmo foy ſuſpirar eſta viuva, que tambem ter vida aquelle filho: *Et reſedit, qui erat mortuus, & cæpit loqui*. Finalmente no eſpiritofolom de varios brados conſiſtio a vida de todo o Mundo: *Dixit Deus, fiat, & factum eſt*; e no eſpiritofolom de alguns ſuſpiros he que ſe deo a vida a todos os homens: *Deus meus, Deus*

Deus meus, ut quid dereliquisti me? Pois se estes sons espiritosos, já no principio do Mundo, dêraõ vida a tantos corpos; que muito, que tambem hoje a dêem, em quanto ao nome, nos brados da fama, e nos suspiros da faudade! Logo não se deve ter por cousa nova, que a fama, e a faudade dem eternas vidas aos sujeitos excellentes: *Nomen autem eorum vivit in generationem, & generationem.* Mas para que me canço em provar o que he sabido, quando ninguem ignora, que desta forte he que a fama, e a faudade daõ vida, e conservaõ vivos aos sujeitos, e as suas excellencias? E se o nosso Rey foy hum Monarcha taõ excellente, como publicamente brada a fama, e em particular suspira a

faudade: legue-se, que tambem elle, posto que morto, e já defunto, ainda vive, e viverá entre nós com todas suas excellencias nos brados da fama, e nos suspiros da faudade: *Regem, cui omnia vivunt, &c.* Para vermos isto resta provar, que fosse o nosso Monarcha excellente; porêem a isso digo assim.

Escusado fora mostrar deste Rey as excellencias, quando saõ taõ sabidas, que huns as viraõ, e outros as ouviraõ; mas bom he que tambem se lêaõ, para que com a sua lição saibaõ presentes, e futuros o que haõ de imitar para serem bons. Cinco foraõ as suas excellencias, quando vivo, e nestas se resumem todas: *Regem, cui omnia vivunt...* *Quinque sunt omnia*; e como des-

tas he a sabedoria a primeira, que governa: *Iste Rex habet quinque conditiones boni Regis: Rex enim debet esse sapiens ad gubernandum*; vejamos agora como nesta foy excellente o nosso Rey, e entaõ conhecemos, que por ella ainda vive hoje entre nós na fama, e na faudade. Sábio foy o defunto Monarcha no feu governo, como bem o mostraõ as disposições do feu reynar: e nem seria elle verdadeiro Rey, se na verdade não fora Monarcha Sapiante. Taõ necessaria he a sabedoria, como necessaria he a alma a hum corpo: *Principi non aliter necessaria est sapientia, quam anima corpori*, diz Plataõ. Por isso muitos antigos tó elegiaõ por Reys aos sábios, porque a estes, mais que a todos, he de-

Plat.
Dia-
log. 5.
de Re-
publ.

vida a sabedoria: *Rex nabit Rex, & erit sapiens*: e com razaõ; porque se o nome de Rey se deriva do verbo *Rego*, que significa reger, e para cada qual se reger a si já necessita de ser sabio; como diz David: *Da mihi intellectum, & vivam*; que será para hum Rey, que se rege a si, e a tantos subditos? Sem duvida; que lhe será necessaria tanta sciencia; que por ella se diga que he verdadeiro Rey, pois sabe mais que os seus Vassallos: *Qui stultus est, serviet sapienti*. Esta sciencia necessaria a hum Rey, he muito proveitosa a todos os subditos, tanto assim, que de a não ter aquelle, provêm ao Reyno mil desgraças: *Rex insipiens perdet populum*; e de a ter procedem aos subditos mil fortunas: *Rex sapiens*

3. Reg.
21.

S. Bern.
Serm.
S. Ste-
phan,

Ecccl.

10.

3. Reg.
9.

populi

populi stabelimentum: Por isso Salamaõ, vendo a Deos prompto para lhe conceder o que pedisse, só pedio sabedoria, para dita do Reyno, e do seu povo: *Dabis ergo servo tuo cor docile, ut populum tuum judicare possit.*

Em grão supremo logrou o nosso Rey esta excellencia. Diga-o o augmento do seu Reyno, a direcção das suas obras, e o acerto das suas acções: ao menos no seu tempo não houve Reyno mais ditozo, obras mais bem justas, ou acções mais bem lurtidas. Não individuo agora calos, porque neste canto do Mundo, onde estamos, ou não chegam acções particulares, ou, se chegam, vem tão variadas, e diminutas, que absolutamente as não ponho aqui, por não fal-

tar á verdade pura; mas só direy o mais commum, que, pelo ser, he verdadeiro. Em cada cousa, que fazia, sabia de tal sorte occultar os seus intentos, que com o segredo dellas pasmava aos estranhos, e espantava aos naturaes; pois primeiro se viaõ *extra causas*, as suas determinações, já muy bem justas, do que sobre ellas se pudesse ajustar algum discurso: tal como o rayo, que primeiro se sentem na terra os seus effeitos, que se alcançam no ar os seus intentos. Mas como não havia ser assim, se elle, como sábio, conhecia que o bom succésso dos negocios depende do segredo, que he a sua alma? Para isto elegia no Conselho muitos Conselheiros, conforme aquillo: *Salus autem, ubi multa consilia;*
pro:

Joan.
21.

procurando sempre, não os mais velhos, ou os mais nobres, porque estes também errão, como erraraõ contra Christo: *Collegerunt Pontifices, & Pharisei consilium, ut IESUM dolo tenerent*; mas os mais sábios, e mais tementes a Deos, porque estes são os que sempre acertaõ, como se afirma nos Proverbios: *Ego sapientia habito in consilio... timor Domini odit malum... per me Reges regnant, & legum conditores iusta decernunt.*

Pro-
verb. 8.
12.

Psal. 3.

Como soube fugir de contelhos impios, e tyrannos, por isso soube abraçar os pios, e humanos de Religiosos graves, e prudentes, podendo delle dizer-se: *Beatus vir, qui non abiit in consilio impiorum... sed in lege Domini voluntas eius.* Por esta razão, não faltáraõ criti-

cos, que lhe calumniassem a companhia continua de Varoens Religiosos, quando só deviaõ louvar a Deos, por verem o Palacio do seu Rey reduzido a hum Convento; mas tudo isto soube distargar aquelle Principe; continuando sempre cõ o seu dictame, fundado tó nesta razão: que se para os conselhos se requerem Varoens independentes; quem mais independentes; que os Religiosos, que já deixaraõ o mundo, e tuas honras? Ete destes ainda se diz que podiaõ errar, pela razão de serem homens: *Hominum est errare*; que se dirá daquelles homens, q, não sendo Religiosos, todo o seu pensamento tem no Mundo, e suas honras? Certamente; que tó se poderá dizer destes o que diz a Es-
critura:

Matth. 6. 21. critura: *Ubi thesaurus vester est, ibi & cor vestrum erit*; pois o seu conselho só hade ser conforme a sua conveniencia, para que assim seja o effeito á medida do seu desejo.

Esta sabedoria, que mostrou no bom regimen dos Vassallos, apurou muito no augmento deste Reyno; pois, qual outro Salamaõ, para que nelle não faltasse couza alguma, chamou operarios estrangeiros; admittio fabricas novas, e modernas invençoens em tudo aquillo, que foy honesto, e util ao bem commum. Nas artes liberaes não teve que invejar a Scipiaõ, a Annibal, a Augusto, ou a outros destes; porque a huns excedeo, e a outros igualou nesta materia. Bem mostrou isto na estimaçaõ; que fez dos sabios, pois

qual o insigne Vespasiano, de quem diz Suetonio, que: *Ingenia, & artes maximè fovit*; Suet. in vit. Vespes. foy excellente Instituidor da Academia Portugueza, dando a entender ao Mundo, que já podiaõ os Portuguezes obrar façanhas memoraveis, sem temor de que o tempo as consumisse; porque, emendado já este erro antigo; tinhamos em cada Academico hum Homero; com tanto, que fosse cada Portuguez hum Achilles. Nem tem mais lugar a passada queixa dos Singulares de Lisboa: porque se estes se doiaõ do pouco florescer das suas Aulas, por não terem hũ Principe, que patrocinaffe os seus estudos; agora já tivemos hum Rey, que instituiu, fomentou, e patrocinou estas Aulas com despezas, amor, e

authoridade: razão, porque tem florecido tanto esta Academia, quanto floreceraõ a de Pavía, a de Sena, a de Ferrara; a Paduana, e Veneziana, a Florentina, a Bellonica, a Corusca, e a Nocturna; porque tiveraõ tambem Principes, que as amparassem, como affirma Thomaz Garloens. Tambem foy exaltador supremo da Universidade Conimbricense; tanto assim, que para nas suas Classes haver emulação em serem mais doutos, premiava a huns, honrava a outros, e estimava a todos: acção na verdade indicativa da sua sabedoria, pois não póde não ser sabio, quem aos sabios premia, honra; e estima, segundo aquillo: Chega-te aos sabios, ferás hum delles. Finalmente, em todas as ar-

tes, acçoens, e dispoziçoens do seu governo mostrou sciencia total; e adequada; e quem na sua vida teve excellencia desta sorte, posto que morresse, não só huma; fenaõ muitas vezes, com tudo, ainda com ella vive entre nós na fama, e na laudade.

Duas vezes morreo Adam, aquelle primeiro Principe que vio o Mundo, huma no Paraizo, em quanto á graça: *In quocumque die comederis, morte morieris*, e outra fóra d'elle em quanto ao corpo: *Tēpus, quod vixit Adam, anni nongenti triginta*: e com serem tantas estas mortes, se diz no Genesis, que ainda não morreo: *Nequaquam moriemini*. Eu bem ley que este dito póde ser mentiroso, pois quem o disse foy o pay da mef-

mesma mentira; mas por experiencia sey que he verdadeiro: porque se morreo em quanto á graça, e ao corpo, em quanto ás excellencias ainda vive com ellas na fama, e na laudade:

Ibid. v.

3.

Ecce Adam quasi unus ex nobis factus est, sciens bonum, & malum. Porêm qual será a causa, porque morrendo elle huma, e outra vez, se diga que ainda vive com as suas excellencias nessa fama, e laudade? Eu o digo. Adaõ no Paraíso teve sciencia total; pois entendeo do do bem, e do mal: *Sci- entes bonum, & malum;* Adaõ fóra do Paraíso teve sciencia adequada; pois conheceo tudo por seus nomes: *Appellavit Adam nominibus suis cuncta animantia:* e quem na vida teve tal excellencia desta sorte, posto que morresse; não

fó huma, mas muitas vezes, com tudo ainda com ella vive entre nós na fama, e na laudade:

Nequaquam moriemini.

Oh como por esta excellencia ainda hoje ap- plaude a fama a hum defunto Rey, e suspira por elle a nossa lauda- de! Mas por isso mesmo ainda hoje vive elle com a sua excellente sabedoria, posto que es- teja morto, e já defun- to; pois quem na vida logrou sciencia total, e adequada, bem he que ainda viva, diz o Espi- rito Santo, quando taõ viva tem em todo o povo a lembrança da sua sciencia: *Sapiens in populo hereditabit hono-*

Eccl.
37.

rem, & nomen illius erit vivens in æternum. Porêm, ainda que a sciencia em toda a ma- teria dá eterna vida ao sujeito, que a logra; melhor a dá a sciencia
no

no morrer, por ser esta de todas a mais perfeita, e proveitosa: assim disse huma voz do outro Mundo ao Imperador Carlos V. em hũ delicto: *Carlos, Carlos, tu vanidad te engaña, saber morir es la maior hazaña*: e sendo o nosso Monarcha hum Varão em tudo sabio, por força havia de ter esta sciencia; que he principio das mais: *Initium sapientiæ timor Domini*; mas se a morte he da cor da vida, quem soube bem viver, porque não saberia bem morrer? Em oito annos completos o avisou Deos da sua morte, não em sonhos, ou enigmas, como fez com alguns Santos, e Profetas; mas com huma molestia repetida, que he o aviso mais proximo como afirma S. Gregorio; *Cum iam per ægritudinis mo-*

lestias esse mortem vicinam designat. Oh como em todo aquelle tempo esperaria este Rey pela ultima hora, preparando-se para Deos, como manda David aos bons Catholicos: *Expecta Dominum, viriliter age, confortetur cor tuum, & iustine Dominum*! Oh como em todos os instantes, que lhe restavaõ de vida, louvaria a Deos por mercê tão singular: *Laudabo Dominum in vita meæ; psalam Deo meo quandiu fuero*! Bemaventurado na verdade, pois o achou a morte com todos os Sacramentos preparado, e veyo a morrer com sinais claros de predestinado, como piamente acreditamos: *Beati servi illi, quos cum venerit Dominus, invenerit vigilantes*. Pois se assim soube morrer, quem

Psal. 26.

Psal. 145.

Matth. 24.

Greg.
homil.
13. in
Evang.

tão

Sap.
16.

taõ bem soube viver, bem digo eu que a sciencia no morrer, por ser a mais perfeita, dá melhor eterna vida ao fujeito, que a logrou, quando vivo: *Iustitia-tem in perpetuum vivet*; posto que o nosso Monarcha, como sabio em toda a materia, e principalmente na do governo: *Iste Rex debet esse sapiens ad gubernandum*, só com esta excellencia já se achava vivo entre nós nos braços da fama, e nos suspiros da saudade: *Nequaquam moriemini: sapiens in populo hereditabit honorem, & nomen illius erit vivens in eternum.*

A segunda condição para hum bom Principe he a liberalidade no premiar: *Liberalis ad premiandum.* Esta excellencia nas mãos do nosso Monarcha achou

seu centro, pois nellas descansou, e fez morada toda a vida. Não houve dia, em que não fizesse favores; hora, em que não expendesse mercês, e instante, em que não exhibisse beneficios: tendo para si, qual outro Agesilao; que o officio proprio de hum bom Rey era premiar largamente a seus Vassallos: *Boni Regis officium est, ut plurimis eos bonis cumulet, qui sub imperio constituti sunt.* Mostrem isto os subditos de hum, e outro estado, para cujos premios innovou elle no Ecclesiastico Dignidades, Cadeiras, e Prebendas; e no Secular Ducados, Marquezados, e Governos, parecendo-lhe poucos os beneficios já erectos, para com elles premiar aos Vassallos benemeritos. Mostrem os Militares,

Xenoph. in Orat.
8. Laudib.
Agesil.
lai.

tares, e plebeos, huns accrescentados nos postos, e soldo cada dia, outros despachados em lugares, e officios cada hora. Mostrem os Ministros, ou de Justiça, ou superintendentes de outras Ordens, chegando para com estes a ser taõ liberal no premiar, que a alguns Ultramarinos, além do seu dobrado estipendio, dava com Regia mão vestido, e mantimentos, como se vio muitas vezes, e agora proximamente nas expediçoens passadas para a India. Mas que muito participassem desta dita os naturaes, se athè a logravaõ os Estrangeiros! Pois a grandeza de suas acçoens liberalissimas, não cabendo no limite de todo o Portugal, lá chegávaõ ao Imperio, lá parávaõ em Roma, e lá se ficávaõ por outras terras.

Agora entendo eu por verdadeira aquella sentença de Aristoteles: *Liberales homines maxime fere omnium amantur*; pois por esta razão não houve em todo o seu tempo na Europa, e fóra della, Monarcha mais estimado, Principe mais venerado, ou Rey mais querido de todos os homens; parecendo a Corte nos seus dias, pela frequencia de Embaixadores, Ministros, e Enviados de outros Reys, que procuravaõ sua amizade liberal, não Lisboa, mas segunda Roma, ou Cabeça universal de todo o Mundo.

Desta liberalidade usava elle, não só premiando aos que mereciaõ, e rogavaõ, senão tambem aos que mereciaõ, e não pediaõ; porque conhecendo que as naturezas nobres, por
mais

Ariù.
l. 4.
Ethy.

mais que mereção, nada pedem, tinha cuidado de fazer esta pesquisa para que, como o Imperador Adriano, premiando sem rogos, tivessem os subditos mais que lhe agradecer no liberal: *Gratus est donum, quod venit ante preces*. Mas no que mais mostrou a liberalidade nos seus premios, foy no Culto Divino, e acçoens pias, tribuindo para isso rendas tão grossas, e despezas tão altas, que esgotou os Erarios Regios em remunerar a Deos, e aos Santos os beneficios, que lhe faziaõ. Digaõ isto a magnificencia, e custo, com que devotamente ampliou a Procição annual do Corpo de Deos, as grandes esmólas nas Igrejas de todo o Reyno, o Laufperenne de toda a Corte, as excellentes peças

da Capella Real, e os custosos ornamentos da Basilica Patriarchal: sobretudo, digaõ isto os excessivos gastos, com que, além desta Basilica, fabricou em Mafra aquelle Convento Magestoso, obra tão grande, e edificio tão sumptuoso, que pasmando a todos com a soberba architectura, e formosa pedraria de sua fabrica, dá a entender, pelo sublime, que se quer levantar a terra ao Ceo; e pelo vistoso, que desceo por ahi o Ceo á terra: *Cælestis urbs Jerusalem, que celsa de viventibus saxis ad astra tolletis*: maravilha tão rara, e singular, que com ella não fazem parallelo, nem o Templo de Salamaõ em Jerusalem, nem o de Ara-Cœli em Roma, nem o de S. Dionyzio em Pariz, nem outros mais famo-

fos dentro ; e fóra do Reyno ; porque he esta maravilha tão unica, entre as oito do Mundo, que será singular em todos os seculos preteritos, presentes, e futuros : *Nec similem visa est, nec habere sequentem.*

Porém se estes edificios, por serem mudos, não pôdem dizer a liberalidade deste Rey no premiar, digaõ por todos os necessitados, os orfaõs, e os pobres, pois só estes, como diz Santo Ambrozio ; são os que pôdem fallar nella materia: *Liberalitas perfecta est, quam laudat os pauperis.* Mas ah ! que a falla, com que o dizem são suspiros, com que se queixaõ ; e os ditos, com que em tal fallaõ, são queixas ; com que suspiraõ. Nelle tinhaõ Pay ao seu desamparo, soccorro á sua

mizeria, e allivio á sua necessidade ; mas agora na sua necessidade, na sua mizeria, e no seu desamparo, nem tem Pay, nem soccorro, nem allivio. Mal de muitos, consôlo he: consolem-se pois estes pobres com outros não menos que comnosco pobres *ex professo*, por filhos de Francisco, meu mais que Grande Patriarcha. Sentem juntamente a morte deste Rey as nossas Igrejas, as nossas Capellas, e os nossos Altares, pois já não recebem delle ornamentos, cortinas, vazos, e outras peças semelhantes ; que athé agora recebiam ; sentem porém mais que tudo os mesmos Religiosos desta Serafica Familia, pois não só sentem como Vassallos a morte de hum tal Rey, fenaõ tambem como amantes a falta

S. Ambr. de bonjur.

a falta de hum tal Irmao, [Irmão na verdade, porque filho tambem de meu Santo Padre) e tao liberal no premiar, que depois de nos dar Conventos, esmolas, e outras cousas, athé á sua custa doutorou em a Universidade de Coimbra muitos Mestres da nossa Religiao, podendo-se entao delle dizer : Divina accao, pois exaltou os humildes, os quaes por pobres nunca lograraõ esta honra : *Exaltavit humiles... esurientes implevit bonis*. Oh liberalidade nunca vista ! E he certo, que morreo hum tal Monarcha ? Sim, que assim o tem nossas ancias : *Quis mihi det te fratrem meum?* Pois naõ he certo ; soceguem os sentimentos, e as penas, que quem na vida logrou desta sorte a liberalidade

no premiar ; passo que muito, e já em ossos, ainda com esta excellencia vive entre nós na fama, e na faudade.

Falla a Escriitura de Joseph Principe do Egypto, e diz q os seus ossos depois da morte profetizaraõ : *Ossa ipsius post mortem prophetaverunt*. ^{Ecc1.} Já sabemos que o profetizar ^{49.} suppõem viver no sujeito, que profetiza ; pois esta accao, quando nada, requer falla ; a qual sò se dá em quem está vivo : logo se os ossos de Joseph depois da morte profetizaraõ ; he porque elle morto, e já em ossos, ainda tinha vida : *Ossa ipsius... post mortem prophetaverunt*. Porê m como poderá ser isto agora ? Se estes ossos com o seu sujeito na verdade estavam mortos como diz a Escriitura, que o sujeito morto, e já em

Genes.
45. &
47.

oslos, ainda vive? Ora reparem: o sujeito destes oslos era Joseph, aquelle Varão tão liberal no premiar, que vendo-se senhor de toda a terra do Egypto, premiou com larga mão a todos os homens; aos Ecclesiasticos, dando-lhes largas congruas, e Prebendas: *Præter terram sacerdotum... quibus statuta cibaria ex horreis publicis præbebantur*; aos Seculares, innovando-lhes mais governos no dominio de Pharaó: *Emit igitur Joseph omnem terram Egypti, subiecitque eam Pharaoni*; aos Militares, Ministros, e mais povo necessitado, accrescentando-lhes cada dia o pão de municipal, o pagamento commum, e o alimento quotidiano: *Clamabat populus alimenta petens, quibus ille respondit: ite ad Joseph, & quidquid*

vobis dixerit; facite; mostrando-se sobre tudo tão liberal com seus pobres irmaãos, que, de pois de muitas dadas, e esmólas, athé os sublimou com muitas honras á custa da sua fazenda: *Deus fecit me Dominum universæ terræ Egypti, descende ad me, ne moreris... & ego dabo vobis omnia bona*: e sujeito, que na vida logrou desta sorte a liberalidade no premiar; posto que morto, e já em oslos, ainda com esta excellencia se acha vivo entre nós, não no Mundo, porque implica; mas na fama, e na saudade, que he o lugar dos Excellentes: *Osula ejus post mortem prophetaverunt*.

Valente excellencia; que tirando das garras da morte aos seus sujeitos, os restitue á vida, e vive com elles eternamente

na fama , e na laudade! Por isso os Antigos reco-
nhenciaõ immortalidade
naquelles sujeitos , que
veneravaõ por Deos:
Dii immortales: Porque
como da sua liberalidade
suppunhaõ receber to-
dos os premios , e for-
tunas ; ainda que os
viaõ morrer , e ficarem
em ossos , sempre os
consideravaõ vivos , e
immortaes pelas suas
liberalidades : e ainda
hoje sabemos , que o
Verdadeiro Deos im-
mortal de ser liberal
adquirio o nome: *Deus*
à dando ; pois he a li-
beralidade huma excel-
lencia taõ famosa, que,
ou ló se acha em Deos
immortal, ou em ho-
mens , que , vivendo
eternamente, se pare-
cem com Deos nesta
materia : *Nunquam ho-*
mines (disse Philo Ju-
deo] *ad Dei similitu-*
dinem accedunt, quàm

cùm sunt benefici : pois
se isto he o que se vio
em o nosso Monarcha;
quando vivo : *Iste Rex*
debet esse liberalis ad
præmiandum ; oh como
por esta excellencia ain-
da hoje o ; applaude a
fama , e suspira por elle
a nossa laudade : *Quis*
mihî det te fratrem meum?
Mas por isso mesmo
ainda hoje vive entre
nós com a sua excellen-
te liberalidade ; posto
que esteja morto , e já
em ossos ; pois quem
nesta vida logrou desta
forte a liberalidade no
premiar , ainda depois
de morto se acha vivo
entre nós na fama , e
na laudade : *Ossa eius...*
post mortem prophetave-
runt:: nunquam homi-
nes ad Dei similitudi-
nem accedunt, quàm cùm
sunt benefici.

He a fortaleza no
defender a terceira con-
dição de hum Rey per-

feito: *Fortis ad defendendum*: e se a fortaleza no accommetter he excellencia muito grande, mayor he no defender; porque a fortaleza no accommetter lá pecca em ira, cobiça; vangloria, ou temeridade, como foy a de Absalaõ, e outros muitos: mas a fortaleza no defender sempre se absolva de toda a culpa com a ley natural, que isto nos manda: *Nemo tenetur seipsum prode-re*. Esta excellencia se achou no defunto Monarcha; mas por modo taõ raro, que quando os outros se defendem com guerra; elle só se defendeo com summa paz. Dezasette annos tinha de idade, quando entrou a governar, e achando Portugal todo revoltado, pelo soccorro que entaõ davamos ao Imperio contra Castel-

la, obrou tanto nesta guerra, que dentro em tres annos reduzio o Reyno á ultima paz, e com ella o defendeo quarenta e hum annos athé morrer, podendo-se entaõ dizer com David: *In pace factus est locus ejus*; assim como diria elle perto da morte: *In pace in idipsum dormiam, & requiescam*. Nem foy pequena fortaleza defender elle o Reyno com esta paz; quando nos seculos presentes tem ardido toda a Europa em guerras offensivas: mas como a guerra he a origem dos males, e a paz o principio dos bens, achou, que mais forte se ostentava bem pacifico, que bom guerreiro: *Pax omnibus bonis fuit optabilis*; e naõ se enganou; porque com a paz naõ só se defendeo fortemente, se naõ que

Psal. 75.

Psal. 4.

tri-

triunfou com ella dos mais Principes ; que tambem a paz tem seus triunfos , como diz S. Cypriano: *Habet etiam pax coronas suas.*

Haveriaõ estranhos, que a esta paz chamaſſem cobardia, mas ſem razaõ ; porque além de ſe não dar cobardia em Varaõ ſábio, como ſe diz nos Proverbios: *Vir ſapiens fortis eſt* ; bem mostrou elle que a não tinha em varias occaſiões, que ſe lhe offereceraõ, como foy na fortificação da nova Colonia em o Brazil para o Sul, nos reparos das Fronteiras, e nas prevenções de todo o Reyno: e não havendo neceſſidade de guerra, como não houve no ſeu tempo, antes foy fortaleza o defenderſe em paz; pois com iſto dava cuidado aos outros Principes, que

o temiaõ deſcançado, com o Reyno forte, e abundante: *Fiat pax* Pſalm. *in virtute tua, & abundantia in turribus tuis.* 122.

Por eſta razaõ algumas vezes o provocáraõ a declararſe, e a ſeguir alguma liga; mas elle objectando eſperas, e demoras, ſe fez mais forte, defendendo os ſeus Vaſſallos com a paz, do que pelejando ſem cauſa urgente.

De Fabio Maximo, diz Enio que com eſperas, e demoras ſora mais forte na paz, que Marco Minucio na guerra contra Annibal; e dá logo por cauſa, vencer aquelle defendendo com paz os ſubditos, quando eſte ſe hia perdendo por ſahir a pelear ſem cauſa urgente:

Unus homo Politi- *cunctando nobis reſtituit* crat. *rem: e com razaõ; por* Hift *que evitar os perigos da* l. 3. *guerra honradamente,*

Chry-
fol.
Serm.
15.

he fortaleza; e não temor, como diz S. Pedro Chrysologo: *Bellicosus, quod fugit in bello, artis est, & non timoris*; e não evitar, antes procurá-los sem necessidade, he querer perecer por vontade propria: *Qui amat periculum, peribit in illo*. Para se defender desta sorte, todas as suas disposições punha em Deos o nosso Monarcha, mostrando que conhecia não haver sem elle fortaleza alguma no defender, como diz S. Cypriano: *Nemo suis viribus fortis est, sed Dei indulgentiâ, & misericordiâ*; e dando a entender que com elle se defendia qualquer fortemente, não só no exterior do mundo, senão também no interior do espirito: *Si Deus pro nobis, quis contra nos?*

S. Cy-
prian.
Serm.
de
orat.
Dom.

Porém tendo este Heróe tão amante da paz, como se vio, o zelo da Ley de Deos o fez deixá-la, qual outro Elias punitivo: *Zelo zelatus sum pro Domino Deo exercituum, quia dereliquerunt pactum tuum, filii Israel*; pois vendo que os Nacionaes da India, já Christãos, hiaõ desamparando a nossa Fé, e por isso negandõ a sujeição ao nosso dominio, para defender esta causa, e exaltar aquella Fé, se fez fahir dos seus limites, e metter mãos á espada como S. Pedro. Por esta causa expedio para Gôa nos annos proximos passados huma Armada com gente, armas, e bons petrechos, a qual, ainda que para a grandeza da India era pequena no corpo, com tudo na força dos Soldados era capaz para todo

3. Reg.
19.

Veget.
dere
milit.
lib. 2.

todo o Mundo ; pois na guerra, como diz Vegecio, não se attende á grandeza, e multidão, mas sim ao esforço, e valentia : *In omni conflictu non tam prodest multitudo, quam virtus.* Bem pequeno exercito tinha Alexandre no Oriente ; e com tudo, com esses poucos, porêm fortes Soldados, sujeitou o Oriente, e o mundo todo: *Hac tamen parvâ manu*, diz Justino, *vicit universum terrarum orbem.* Bem pequeno no corpo, era David ; e com tudo assim pequeno, porêm forte, derrubou a hum grandioso Gigante: *Perussit Philisthæum in fronte*: e se isto lá se vio, o mesmo se vê cá nesta Armada pequena; pois, chegando a Gôa, não só recuperou as nossas terras já perdidas, senão que hostilizando

aquellas gentes, por mar, e terra, lhes tomou novas Praças de estimação, como foraõ Rari, Alorna, e outras muitas, desbaratando ao Maratá, Bounsolós, e a outros Indios rebellados: e como continuaõ os progressos das nossas armas todos os dias, (porque os modernos Portuguezes, em nada inferiores aos antigos, vaõ obrando na India ; theatro sempre das nossas glorias, acçoens famosas ; e memoraveis ; de tal sorte, que já o nome Portuguez lá se ouve com espanto ; se respeita com temor, e se venera com humildade) cedo tornarão os rebeldes, e toda a India ao gremio da nossa Fé, cujo zelo excessivo he que obrigou ao nosso Principe a fazer-lhes guerra tão cruenta: *Zelo zelatus sum pro Domino.*

mino Deo exercituum, quia dereliquerunt patrum tuum filii Israel.

Assim se mostrou elle forte no defender de varios modos na causa propria ; e cousa sua com paz ; na de Deos, e cousas da Fé com guerras : porque o seu ardente zelo não dava para menos ; pois de dia , e de noite aspirando ao bem da Fé , parece que este desejo lhe roía as entranhas impaciente : *Zelus domus tuæ comedit me.* Isto , que com os estranhos mostrava , melhor o fazia em si , e no seu Reyno : em si , aspirando sempre a mayor perfeição da ley , já rezando o Officio Divino em todo o tempo ; já ouvindo Missa todos os dias , e já com outras obras supererogatorias todas as horas ; e o que mais he , tão absorto

nesta vida , q̃ só se via nã rua , ou a Procissãoens , ou a romagens ; no seu Reyno , já desterrando uzos , já destruindo abusos , e já prohibindo luxos , e superfluidades ; de forte q̃ como o seu incançavel zelo parecia em tudo não só hum Christão reformado , senão hum reformador dos Christãos ; chegando com elle a procurar não só o bem dos vivos , senão também dos mortos , como se vio na Indulgencia , que agora alcançou para bem das almas , com se lhe dizerem tres Missas no dia de Finados. Procedia este zelo de hum affecto excessivo , e de hum paz interior , que tinha na alma ; pois quem defendia desta sorte a causa de Deos no externo , he porque no interno se achava primeiro forte , e muy pacifico

co: *Cum fortis armatus custodit atrium suum, in pace sunt omnia, que possidet.*

Falla David com-nosco; e diz estas palavras: *Non moriar, sed vivam.* Senhores; eu nunca hey de morrer neste Mundo, mas sempre nelle hey de viver eternamente. Notavel dizer! Que esta vida seja na fama, e na fauda-de, claro está; pois na vida do corpo já sabe-mos que morreo: *Sepultus est in civitate David;* mas te esta vi-da provêm das excel-lencias: *Nomen autem eorum vivit in generationem; & generatio-nem,* que excellencia teve David em quanto vivo, para dizer que nunca havia morrer na fama, e na fauda-de? Ora reparemos para a sua vida, e vejamos nel-la o que achamos.

Foy David aquelle sujeito taõ forte no de-fender, e defender com paz, que achando em certa occasiã dormin-do a Saul, que como inimigo o procurava ma-tar, contentou-se com lhe cortar hum pedaço da capa; e defender-se delle com toda a paz:

Cum præscinderem sum- ^{1. Reg. 24.}

mitatem clamydis, nolui extendere manum meam in te. Aquelle Varaõ; que, para ser forte no defender, todas as suas disposições entregava a Deos; como quem sabia que só nelle he que estava a fortaleza: *Fortitudo mea; & laus mea Dominus; & factus est mihi in salutem.*

Aquelle Heróe; que movido do zelo da Ley deixou esta paz nas suas cousas; para usar da guerra na causa de Deos; não descançan-do de perseguir aos ini-migos

Pfal.
117.

Pfal. 17

migos do seu nome athé os sujeitar ao seu dominio: *Donec ponam inimicos tuos scabellum pedum tuorum*; e finalmente aquelle Rey que aspirando sempre á mayor perfeição das virtudes, depois de extirpar os vicios do seu Reyno, athé rezava o Officio Divino cada dia para defensão sua exterior, e interior: *Septies in die laudem dicam tibi.. in psalterio decem cordarum psallam tibi*. E quem deste modo foy forte no defender, por mais que esteja morto, bem he que nos diga que não morreo; mas sim que vive ainda com esta sua excellencia na fama, e na faudade: *Non moriar, sed vivam*. E se isto diz David, por esta razão; que diremos nós do nosso Rey morto pela mesma? Diremos, como o Eccle-

siastico, que se morreo em quanto ao corpo; ainda vive em quanto ao nome: *Corpora ipsorum in pace sepulta sunt, nomen autem eorum vivit in generationem, & generationem*. Oh excellente fortaleza! Que com a paz se defenda o corpo da morte, muito bem; mas que com ella tambem passem as almas da morte á vida; não o ciera, se o não dissera o Real Profeta: *Redimet in pace animam suam*. E pois isto he tão certo, como sabemos, justo he que o nosso Monarcha, por mais que esteja morto, não se dê por tal, antes se diga que, pela excellencia de forte no defender: *Iste Rex debet esse fortis ad defendendum*, ainda hoje vive excellente na fama; e na faudade: *Non moriar, sed vivam. Redimet in*

Pfalm.
164.

Pfalm.
54.

in pace animam suam.

Na communidade em julgar, e na severidade em castigar consistem a quarta, e quinta condição de hum bom Monarcha: *Communis ad judicandum, & severus ad castigandum.* Ambas estas excellencias logrou o nosso Principe na sua vida. Em quanto á primeira, logrou-a não em dezejões, como fez Absalaõ: *Quis mihi constituat Principem, ut iuste judicem?* Mas em obras, como deve fazer hum Rey honrado; *Honor Regis iudicium diligit.* Nunca Deos, como justo Juiz separou pessoas no julgar, como diz o Apostolo: *Non est Deus acceptator personarum;* nem este defunto Principe as soube distinguir no seu juizo, antes cuidando só na mera justiça, com a mesma vara

medida a todos, que assim faz, quem quer ser justo: *Nescit enim personas distinguere, qui meram cogitat equitatem,* diz Cassiodoro. Por esta razão gastou os dias, não como Sardanapalo em deleites, nem como Zenon com comedias, nem como Helio gabalo em vícios; mas qual outro Octaviano Augusto só os consumia em attender, e despachar a todos os homens igualmente, grandes, e pequenos; pobres, e ricos; bons, e máos, como se via: tendo para si, que só desta sorte exercia o Ceptro com agrado de Deos: *Statera dolosa abominatio est apud Deum, & pondus equum voluntas ejus;* pois só para isto o ungiu Rey de Portugal: *Dilexisti iustitiam, & odisti iniquitatem, propterea un-*
nit

Cass.
od. 2.
Ep. 3.

Pro.
verb.
12.

ait te Deus. E quem na sua vida logrou assim a cōmunidade no julgar a todos igualmente, posto que se não veja no Mundo, não digamos logo, que he morto, mas sim, que o parece; pois realmente vive com esta sua excellencia na fama, e na faudade.

Fulgebunt justi sicut Sol. Diz o Espirito Santo, que os Principes justos reſplandecem como Sol: valha-me Deos! E porque não ha de ser como outro Astro? Será porque entre todos he o Sol o jeroglyfico mais proprio de hum justo Principe, pois sendo Monarcha entre os Planetas, he tão commum na sua justiça, que igualmente reparte a excellencia de suas luzes por todos os homens, grandes, pequenos, ricos, pobres, bons, e máos: *Qui solem suum*

oriri facit super bonos, ^{Matth. 8.} & malos? Será por isso, eu não duvido; porêem a mayor razão he, porque o Sol depois de morto ainda vive com esta sua excellencia na fama, e na faudade: *Oritur Sol, & occidit,* ^{Eccl. 1.} *ibique renascens gyrat per meridiem,* ouvi o como: morre o Sol, e apenas se sepulta nas ondas, quando logo entramos a louvar a justiça commua, com que naquelle dia allumiara a todos com igualdade: *Omnibus unus,* diz o Padre Picinello. E como o mesmo he fallar-se nisso, que tornar esse Sol já morto a viver com aquella excellencia famosa, e na faudade; por isso digo, que a mayor razão, porque os Principes justos nesta sua excellencia se comparaõ ao Sol, he porque tanto este, como aquelles;

âquelles, depois de mortos, ainda vivem com elle na fama, e na fauldade: *Oritur Sol, & occidit, ibique renascens gyrat per meridiem.*

Diraõ agora, que o Sol nunca morre, pois viveo huma vez no quarto dia depois do Mundo creado para nunca morrer. Assim he, vennero a instancia para complemento da prova; mas respondendo, q̃ se o Sol na realidade naõ morre, morre na apparencia todas as noites, que escondido de nós se sepulta nas ondas: *Et occidit*; pois por isso mesmo se compáraõ com o Sol os Principes justos: *Fulgebunt justi sicut Sol*; porque assim como o Sol, quando de noite se naõ vê; parece que de todo morre, e com tudo pela igualdade da sua justiça realmente vive ainda famoso na

fauldade: *Omnibus unus*; assim os Principes communs no seu julgar; quando se naõ vêm no Mundo, parecerão que estão mortos, mas he só na apparencia; porque na realidade vivem ainda com aquella excellencia na fama, e na fauldade: *Oritur Sol, & occidit.* Por isso de Minos; e Rhedamanto dizem os antigos, que ainda vivem no outro Mundo: *Gnosfius hæc Rhedamantus habet durissima regna*, porque como estes homens forão communs no seu julgar, como adverte logo o Poeta: *Castigatque, auditque dolos*, justo era que, ainda que morressem, se tivessem por vivos; pois esta excellencia sempre vive famosa na fauldade. E se o nosso defunto Monarcha foy taõ famoso nesta excellencia, digamos tam-

tambem que ainda vive; porque se, pelo não vemos no Mundo, cuidamos que elle está morto, pelo considerarmos excellente em ter *commum* no julgar: *Rex enim debet esse communis ad judicandum*, conhecemos que ainda assim vive na fama, e na faudade: *Fulgebunt iusti sicut Sol: Oritur Sol, & occidit, ibique renascens gyrat per meridiem*.

Em quanto á ultima condição, que he a severidade no castigar, se achou tão perfeita-mente neste Principe, que lagrimas, respeitos, nem afeiçoens o tiraraõ de castigar gravemente a quem rectamente o merecia; mostrando com isto, que naquella lugar tão *commum* era em julgar a todos igualmente, como era igual em castigar a todos severamente: *Iustitia, &*

iudicium correctio sedis ejus. Affinem isto os Vassallos, assim nobres, como mecanicos, huns prezos, outros desterrados, outros confiscados; e finalmente outros todos castigados segundo o merecer de suas culpas: *Unicuique secundum opera ejus*. Vejaõ lá, se algum dia na sua presença se alteraraõ vozes nos Magnates, se nos seus mandados se recambia- raõ ordens nos Tribunaes, ou se nos seus designios se opuzeraõ ou- sadias em todo o Reyno. Tal era o temor de seus severos castigos, que desde o mayor até o menor não sabiaõ outra resposta mais do que esta: *Fiat fiat*. Mas nem por isso castigava elle á virga ferrea; pois sabia que os castigos tem seus termos, e a severidade seus limites. Cõ os olhos em Deos, cuja miseri- cor:

cordia sabia que era maior que a justiça: *Superexaltat autem misericordia judicium*, modificava as leys, e as dispensava no possível; humas vezes castigando pouco, outras disfarçando muito, e outras perdoando tudo; não querendo que a sua severidade lá topasse alguma vez em tyrannia, e assim offendesse a Deos, e ao proximo, quando a sua natureza só o inclinava á compaixão; e as suas Regias acçoens á verdadeira misericordia: *Misericordia, & veritas custodiunt Regem, & roborabitur clementiâ thronus eius*. E quem desta sorte teve na vida a severidade em castigar, ainda que na realidade esteja morto, não o reconheçaõ por tal os homens; mas digaõ sempre, que ainda vi-

ve com aquella excellencia na fama, e na faudade.

De Moysés diz a Escritura que vive ainda, pois ninguem por morto o reconhece: *Non cognovit homo sepulchrum ejus*. Affirmaõ alguns, que esta vida he a do corpo, a qual lha conserva Deos milagrosamente para altissimos fins; mas isto he falso, pois da Escritura consta; q̃ fizica, e realmente está morto: *Mortuus est Moyses servus Domini*: logo aquella vida ha de ser a do nome; pois só nesta he que elle vive por meyo da fama, e da faudade, como nos affirma em outra parte: *Levabo ad Cælum manum meam, & dicam: vivo ego in æternum*. Mas quem dá nome a Moysés, para que, morrendo realmente, não se diga que he morto, se-

Deuter
32. 34.

Prov.
20.

H

naõ

Exod.
33.

naõ que vive ainda na fama, e na faulade? Sabem quem? A severidade no castigar. Moytês foy hum Principe taõ severo em castigar, que, havendo culpa, naõ deixava de a punir inteiramente em nobres, mecanicos, e em todo o proximo: *Ite per medium cæterorum, & occidat unusquisque fratrem, & amicum, & proximum suum*, mandou elle, quando peccou o povo no Dezerto; mas de tal sorte, e com tal geito, que no mesmo tempo, que assim castigava, se mostrava benigno, como se vio na mesma occasiã: *Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo*: e quem desta sorte teve na vida a severidade em castigar, ainda que na realidade esteja morto, naõ he bem que os homens

o reconheçaõ por tal; mas sim que digaõ sempre, que com aquella excellencia ainda vive famoso, e fauloso: *Non cognovit homo sepulchrum ejus*. Oh excellencia mais que grande! Por isso de Salamaõ se diz, que dorme como vivo, quando todos sabemos que dorme morto: *Dormivitque Salomon cum patribus suis*; porque como foy severo em castigar: *Dividite infantem in duas partes, no mesmo tempo, em que era benigno na sua justiça: Date huic infantem vivum, & non occidatur*; bem he se diga, que dorme vivo, ainda que realmente esteja morto: *Dormivitque Salomon cum patribus suis*. Logo, se o nosso Monarcha morto desta sorte foy severo em castigar: *Rex enim debet esse severus ad casti-*

3. Reg.
cap. 11.

3. Reg.
c. 3.

castigandum; por mais que na realidade esteja morto, não o reconheça por tal os homens, mas em fim digaõ sempre, que com aquella excellencia ainda vive na fama, e na saudade: *Non cognovit homo se pulchrum ejus: Dormivitque cum patribus suis.*

Eis-aqui como as cinco condições de hum excellente Principe se acháraõ todas em o nosso Rey quando viveo. Foy Sábio em governar, Liberal em premiar, Forte em defender, Commum em julgar; e Severo em castigar; e certamente mais fora, se mais fora necessario ao seu officio: *Iste Rex habet quinque conditiones boni Regis; Rex enim debet esse sapiens ad gubernandum, liberalis ad premiandum, fortis ad defendendum, communis ad iudican-*

dum, & severus ad castigandum: e se estas cinco excellencias ainda hoje vivem nelle, como nos diz a Igreja: *Regem, cui omnia vivunt*; por força que havíamos dizer q̃ elle tambem vive junto com ellas: *Opera enim illorum sequuntur illos.* Não digo que vive, como nós vivemos; porque comnosco se não compara hum tal Monarcha; mas digo que vive, como excellente, na fama, e na saudade: na fama entre os applausos de quem o louva: *Si laudandos tradas abstulisti morientibus decenter interitum*; e na saudade entre os suspiros de quem o chora: *Corpora ipsorum in pace sepulta sunt, nomen autem eorum vivit in generationem, & generationem.* Morreo; ninguém duvida; mas não de todo: *Recessit;*

sed non totus recessit; pois neste Sermaõ o vemos taõ presente, que nos parece outra vez vivo com todas as tuas excellencias: *Videtur nobis in sermone reviviscere.* Nem vos engane aos olhos aquelle tumulto, que vedes; porque aonde estas excellencias se achão todas juntamente, por força que ainda dentro do tumulto tem vida para largos annos o sujeito, que as possue.

Job. 29. *In nidulo meo moriar, & sicut palma multiplicabo dies meos.* Eu hey de morrer, diz Job; mas ainda dentro do tumulto por força hey de viver, como vive a palma. Já sey que nisto quer dizer, que por força ha de ter vida para largos annos; pois a palma vive tanto, que depois de cem annos he que dá o primeiro

fructo: mas que acha Job em si para tal dizer? Respondo que acha todas juntas as excellencias de hum bom Príncipe: ouvi-as numerar por elle mesmo. Eu, diz Job, em primeiro lugar sou Sábio no governar: *Qui me audiebant, expectabant sententiam; intenti tacebant ad consilium meum;* em segundo, sou Liberal em premiar: *Pater eram pauperum... oculus fui ceco, & pes claud;* em terceiro, sou Forte no defender: *Vocem suam cohibebant duces... verbis meis addere nihil audebant;* em quarto, sou Cômum no julgar: *Vestivi me sicut vestimento, & diadmate judicio meo;* em quinto, sou Severo em castigar: *Iustitiã indutus sum:* logo se Job achava em si todas juntas as excellencias de hum bom Príncipe;

cipe, que havia de dizer, fenaõ deste antecedente tirar esta legitima consequencia: eu hey de morrer, mas ainda dentro do tumulto por força hey de ter vida para largos annos: *Dicebamque*, (notay a força desta deducção) *dicebamque, in nidulo meo moriar, & sicut palma multiplicabo dies meos.*

Assim Job; e assim o defunto Principe, por ter juntamente todas aquellas excellencias; tambem com ellas ha de viver largos annos naquelle tumulto. Em quanto nelle cuidarmos, em quanto nelle fallarmos, e em quanto por elle suspirarmos, vida tem o nosso Rey, entre nós mesmos; por isso eu, quando hoje entrey nesta Igreja, e ouvi entre grande concurso, que huns applaudiaõ as suas boas obras, e outros suspiravaõ por sua

boa pessoa, logo disse: naõ he morto o nosso Monarcha, mas por certo que ainda vive nos applausos da fama; e nos suspiros da fauldade. Morreo huma filha a hum Principe da Synagoga; e este magoado pedio a Christo lhe tornasse a vida, pois isto estava em tua mão: *Filia mea modò defuncta est, impone manum tuam super eam, & vivet.* Olheu Christo para a menina, e respondendo para o que della ouvia, diz que naõ estava morta, porêm viva na fama, e na fauldade: *Non est mortua puella.* Notavel dizer! Senhor; se esta menina está morta, como dizeis que está viva? Ou se vive na fama, e na fauldade, que razãõ ha para isso? A razãõ he esta. Olhou Christo para hum grande concurso, que esta-

va naquella casa , e ouvindo a huns , que louvavaõ as boas obras , a outros , que suspiravaõ pela presença da menina , disse logo que não estava morta ; porêem fim , que vivia nos applausos da fama , e nos suspiros da saudade: pois he certo , que quem assim morre applaudida , e suspirada , nunca morre , mas sempre vive : *Non est mortua puella.*

Oh Varaõ applaudido , e suspirado ! Se a morte vos levou por necessidade, consolamo-nos, que já vos restituiu a vida por traças da fama , e industrias da saudade. Morrestes em quanto ao corpo temporaneo ; mas lucrastes muito nesta morte , pois viveis agora para sempre em quanto ao nome. Oh , e como agora he que tem lugar ef-

te bom nome ! Na vida, diz o Espírito Santo que se não louve a alguem, por mais excellente que seja : *Ne laudes quemque in vita sua* , logo aos mais excellentes he que se deve louvar depois da morte. He o bom nome , como a sombra ; porque assim como esta só legue a quem lhe foge ; assim aquelle só se deve a quem se apresenta : logo necessario foy morrer o nosso Monarcha , para que , seguindo o bom nome a sua morte , da sua morte se seguisse tambem o viver hoje na fama. Demais que foy necessaria a sua morte , para que , dando a Deos boas contas de toda a vida , recebesse o premio das suas obras em outra vida mais perfeita. Oh , e como assim as daria multiplicadas ! De hum fer-

Matth.
25.

fervo bom, diz S. Matheus que recebendo de Deos cinco talentos, dêra de si taõ boa conta, que os restituira em dobro multiplicados: *Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sũ;* o que vendo o Senhor, differa logo: homem, necessario he que morras, para que em outra vida mais perfeita recibas o premio de tuas obras: *Euge serve bone, & fidelis... intra in gaudium Domini tui*: isto mesmo se vê hoje á risca no nosso caso. Entregou Deos a este Rey, seu bom servo, cinco talentos, que foraõ as condiçoens requizitas de hum bom Rey: *Iste Rex habet quinque conditiones*; chegou a occasiaõ de lhe dar contas, e deo-lhas multiplicadas; porque com o seu bom governo lucrõu pa-

ra Deos muitas virtudes. *Domine, quinque talenta tradidisti mihi; ecce alia quinque superlucratus sum*: logo necessario foy que por vontade de Deos elle morresse, para que em outra vida mais perfeita recebesse o premio de suas obras: *Euge serve bone... intra in gaudium.*

Diraõ que esta vida, ainda que he optima, e muy perfeita, nunca tira a nossa fauldade: quando muito, alegra a fama; mas a fauldade, nem ainda a allevia. Ora senhores, ha de alegrar a fama, e ha de alleviar a fauldade. Alviçaras pela boa nova, que vos dou: que se a vossa fauldade só consiste em que aquella vida he só para a alma, e naõ para o corpo; cessem as vossas fauldades, que para a alma, e para o corpo

Eccl.
3º.

temos vida, pois em o
nosso Rey vivo o Se-
nhor D. Joseph, I. deste
nome, que Deos guar-
de, temos vivo em cor-
po; e alma a seu Pay o
Monarcha morto. Não
he meu o pensamento,
porque assim o diz o
Ecclesiastico: *Mortuus
est pater ejus, & quasi
non est mortuus, similem
enim reliquit sibi post se.*
E quando não o disse-
ra, quem o deixaria
de acreditar? Na Pes-
soa deste Alto, e Po-
deroso Rey vivem as
mesmas virtudes, as
mesmas acçoens, e as
mesmas excellencias,
que viverão em seu
Pay; pois se me não
acreditaõ por suspeito-
to no amor de Irmaõ,
diga elle por mim o que
he verdade. Mas que
ha de dizer, lenaõ o
que eu tenho dito:
*Qui videt me, videt &
patrem meum?* Por isso a

Igreja, ainda que hoje
tacita nos permite len-
timentos, claramente
nos manda que adore-
mos por vivo aquelle
Pay; o que nós execu-
tamos adorando vivo a
este Filho com alegria,
mais que com pezar:
*Regem, cui omnia vi-
vunt, venite adoremus.*

Acabara agora, se
vos não ouvira dizer
que, supposto esteja vi-
vo o Monarcha morto,
nem por isso lhe deve-
mos dar adoraçoens;
como mandaõ aquellas
ultimas palavras: *Venite
adoremus*; pois adora-
çoens só aos Santos são
devidas. Eu bem sey os
decretos, e diplomas
Pontificios, que ha so-
bre esta materia; e as-
sim não he meu inten-
to canonizá-lo por San-
to; porque essa averi-
guação, e definição só
compete á Santa Sé
Apostolica: quero sim;
que

que o reverenciemos, e adoremos por excellente, que esta adoraçãõ he humana, e devida aos Reys perfeitos: nem isto vos pareça novidade; porque se a huma estatua morta já se deiraõ estreitas adoraçoens no tempo de Nabuco: *Proclidentes adorare statuem auream*; que muito se dem no tempo de hoje adoraçoens amplifsimas a hum Monarcha vivo nos applausos da fama, e nos suspiros da saudade: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus!*

Tenho sido extenso, bem conheço, mas por força; porque dar vida a hum homem morto; custa muito. Pudera dizer-vos tudo em tres palavras: *Joannes vivit occisus*; mas falta-me a energia de Chrysologo. Considera Chrysologo a hum Joaõ

já morto; e diz que assim mesmo ainda vive; porque assim mesmo ainda falla com Herodes: *Joannes vivit occisus. Joannes mortuus adhuc loquitur, & clamat*; assim mesmo digo eu de outro Joaõ. Digo que o nosso Rey D. Joaõ V., que piamente o consideramos glorioso na presença de Deos, assim mesmo morto, ainda vive, porque assim mesmo morto ainda falla conosco: *Joannes vivit occisus. Joannes mortuus adhuc loquitur, & clamat*: e se não entendes o que elle diz, por ser o idioma do outro Mundo, eu o explico. Reparay para todo este triste concurso, e vereis que a boca daquelle tumulo, a lingua daquellas tochas, e as lugubres vozes de todo o Clero nos estaõ dando a entender que diz elle:

S. Ped.
Chryf.
Serm.
de S.
Joaõ
Bapt.

Tome-

Tomemos exemplo no que vemos; porque por aqui haõ de paſſar todos os vivos: e que ſe quizermos viver tambem depois de mortos na terra dos vivos, onde ſupponmos que elle vive: Credo

videre bona Domini in terra viventium, ſejamos neſta vida virtuoſos, para que com verdade ſe nos diga a todos o que a elle hoje ſe diz: *Requiescat in pace. Amen.*



ORA-

ORACAO,
PANEGYRICO
FUNEBRE

N A M O R T E

DO FIDELISSIMO E AUGUSTISSIMO REY,

D. JOAÕ V.
E X P O S T A

NO CONVENTO DE S^{TO} ANTONIO
do Lugar de Ipojuca.

PELO PADRE

Fr. JOAÕ DE S^{TA} ANGELA,
*EX-LEITOR DE THEOLOGIA,
Filho desta Provincia de Santo
Antonio do Brasil.*

ORACAO
PANEGYRICO
FUNEBRE

NA MORTE
DO ENDESSIMO AUGUSTINHO

D. JOAO V.

EXPOSITA
NO CONVENTO DE S. ANTONIO

do Largo de Ipojuca
PELO EXORON

M. JOAO DE S. ANGELA

EXAEITOR DE THEOLOGIA

Alm. da Paroquia de S. Antonio do Brasil



Joannes est nomen ejus, & mirati sunt universi.

Luc. I.

SE a pezar da dura Parca retumba ainda hoje no clarim da fama o nome dos Varoens mais insignes, e Heróes mais illustres, que encheraõ de pasmo a terra, e de assombro o universo, como não gritará nos ouvidos do Orbe o immortal Nome do mais preclaro Heróe, que conheceo a terra, e desconheceraõ as idades; o qual veneramos occulto, e encerrado, a violencias da morte, entre as tristes, e funeraes sombras, que á nossa vista representa es-

te lucuoso apparatus nestas funebres Exequias do Rey mais sábio, e entendido, do Monarcha mais generoso, e magnanimo, e para dizer tudo do Fidelissimo, e Augustissimo Rey de Portugal o Senhor D. Joaõ V.!

Muito Alto, e muito Poderoso Rey, e Senhor nosso, cuja saudosa memoria se eterniza hoje em nossos peitos para hum perpetuo monumento da nossa magoa, e hum eterno padraõ da nossa dor, explicada esta pelo penetrante golpe, e interior

terior sentimento, com que se nos apura o sensitivo ; e significada aquella na exterior corrente de nossos olhos, q̃ em copiosas lagrimas pertende desaffogar a mesma dor, que lhe motiva taõ excessivo pranto, pela falta, que sentimos faudosos, da Real presença dessa Magestade já defunta, a qual, occultando-se hoje da esféra da nossa vista, não se pôde esconder, nem ao vivo das nossas memorias, nem ao faudoso dos nossos coraçoes; porque servem os nossos coraçoes de animadas urnas, em que se deposita para eterna faudade a regalia desse Cepetro, e as nossas memorias de huns vivos barços, em que hoje renasce para a immortalidade a soberania dessa Coroa: pois tendo nas nossas memorias actual exis-

tencia o vosso Nome para a fama: *Joannes est nomen ejus*, tem a sua etymologia nos nossos coraçoes perpetua duração para a faudade: *Joannes, id est gratia*; bem merecido lugar, por devido, ás cinzas de hum taõ pio, e sabio Monarcha, que de ambos os principios da vida, do entendimento, e da vontade, soube erigir duas columnas, para nelas gravar a immortalidade do seu Nome, dando a entender ao mundo todo, que pelo entendimento, e pela vontade foy o *Non plus ultra* das admirações, e palmo de todo universo: *Mirati sunt universi*.

Se a pezar da dura Parca retumba ainda hoje no clarim da fama o nome dos Varoens mais insignes, e Heróes mais illustres, que encherão de pasmo a ter-

ra, e de aslombro o universo, como não gritará nos ouvidos do Orbe o immortal Nome do mais preclaro Heróe, que conheceo a terra, e desconheceraõ as idades, o qual veneramos occulto, e encerrado à violencias da morte entre as tristes, e funeraes sombras, que á nossa vista representa este luctuoso apparatus, nestas funebres Exequias do Rey mais sábio, e entendido, do Monarcha mais generoso, e magnanimo, e para dizer tudo, do Fidelissimo, e Augustissimo Rey de Portugal o Senhor D. Joaõ V. em cuja vida descarregou o golpe a tyrannia da morte, para huma eterna dor dos coraçoes Portuguezes, que hoje se mostraõ extremos no sentimento pela perda de tal Monarcha, que foy a quin-

ta essencia dos Reys; por ser o mayor entre os mayores Monarchas do Mundo: *Non surrexit* ^{Matth. II. v.} *major*; cujas prendas não são para repetidas, por'naõ serem todas para declamadas: porque se huma só prerogativa de qualquer Monarcha basta para encher o campo de huma dilatada Oraçaõ; para os encomios do nosso Monarcha defuncto, o Senhor D. Joaõ V., pouco seria todo o tempo, para nelle só fazer o exordio a qualquer virtude, e prologo a qualquer excellencia, e prerogativa.

Dous Sermoes acho que prégara o mayor Prégador do Mundo, Christo Bem nosso, e ambos de Exequias; hum na morte de Lazaro, e outro na morte do Grande Baptista quando ainda prezo; pois desde o carcere, em que

Matth.
II. v. 2.

Ponte-
vel in
Matth.
tom. I.
cap. 2.
v. 20.
n. 142.

que se via: *Joannes in vinculis*, se deve computar a sua morte: porque desde então fallece, e morre hum Monarcha, desde quando se lhe acaba o dominio, e fenece o mando, como affirma o Douto Pontelense: *Hominibus enim tunc vita deficit, cum dominandi potestate priuantur*. E como ao Bautista desde a prizaõ lhe feneceo o mando, e se lhe acabou o dominio, desde a prizaõ (e na prizaõ) falleceo, e acabou o Bautista, em cujas exequias noto, e he para notar, o differente modo, e diverso estylo, com que se houve Christo prégandõ a respeito da Oraçaõ funebre, que fez nas exequias de Lazaro defunto; porque para estas, tomando por thema as palavras, que cita, e refere o Evange-

lista S. Joaõ: *Dixit eis manifestè: Lazarus mortuus est, & gaudeo, propter vos, ut credatis, quoniam non eram ibi, verdadeiramente prégou, como commenta Hugo Cardeal: Non eram ibi, tamen scio, & prædico, quoniam mortuus est*. Mas de que modo, ou athé quando se estendeo a prégacaõ de: Christo nas Exequias de Lazaro? Direy, Christo estava da outra parte do Jordaõ: *Abiit iterum trans Jordanem*, e començando ahi a prégar, veyo a dar fim ao Sermaõ em Betania, onde se achava Lazaro defunto: *Dixit, solvite eum, & finite abire*; servindo-lhe todo aquelle dilatado campo, que vay de Jerusalema Betania de theatro, onde explanava, e encarecia a virtude da conformidade em Lazaro

Joan.
II. v.
14.

Joann.
Io. v.
40.

zaro quando enfermo, e agora defunto: *Lazarus mortuus est*. Assim se houve Christo pré-gando nas Exequias de Lazaro.

Porê m nas Exequias do Bautista mais que assim se houve Christo; porque, como refere o Evangelista S. Mattheus, começou Christo a prégar: *Cœpit IESUS dicere de Joanne*, porê m não diz que dera fim a este Sermaõ, que nas Exequias do Bautista pré-gava. Começou por huma das virtudes: *Quid existis in desertum videre?* Porê m não passou do exordio todo o Sermaõ; porque nunca passou do principio aquella funebre Oraçaõ: *Cœpit dicere*. E pois qual seria a razaõ, porque dilatando-se tanto Christo na funebre Oraçaõ de Lazaro defunto, quando

chega a prégar do Bautista, nas suas Exequias não passa do exordio, ao menos em abono de huma só virtude? Desorte que para Lazaro ser na morte encomia sticamente louvado abundaõ figuras na Rhetorica, e para o Bautista não? Sim: porque essa he a differença, que vay do Bautista a Lazaro, de Joaõ aos demais. Ora vede.

Lazaro era figura de qualquer Monarcha; tanto pela qualidade do sangue, como pelo sublime do dominio, que se reconhecia em sua casa: pela qualidade do sangue, por ser Lazaro hum sujeito muy nobre, e de grande opiniaõ, como expõem Hugo Cardeal: *Erat quidam Lazarus: quidam nobilis;* ^{Joan. v. 1.} *et magne opinionis, et domus ejus;* pelo sublime do dominio, que em

sua casa se reconhecia; porque em seu nome, e em sua pessoa foy mandada a Christo a Embaixada: *Miserunt Sorores eius ad eum dicentes*: demais, que havendo arrayaes, ou Castellos no poder, e senhorio de Lazaro: *Erat autem quidam languens Lazarus de Castello*, he indicio de que Lazaro he figura de hum Rey, e que representa a qualquer Monarcha. Bem está: mas quem era, e a quem representava o Bautista? O Bautista não era menos, do que hum Monarcha, e tal Monarcha, que era a Quinta essencia dos Monarchas: *Ecce constitui te super gentes, & super Regna*, por ser o mayor entre todos os Monarchas da terra: *Non surrexit mayor*. Este era o Bautista: e neste estado, a quem

Jerem.

I. v. 10.

cuidais que representava? Eu não ley; só o que sey he, que o nome do Bautista he Joaõ: *Joannes est nomen ejus*. E se agora lhe perguntarmos pelo throno, que he o lugar dos Monarchas, e divisa dos Reys?

Responder-nos ha Gerlon, Joaõ Ekio, e outros, que o throno, e lugar de Joaõ, ou que Joaõ tem o lugar do seu throno, logo immediatamente depois de MARIA Santissima Senhora nossa, em os Ceos, primeiro que todos os Serafins. Vay a authoridade: *Videtur Joannes Baptista primus post MARIAM positus in ordine Seraphinorum loco Luciferi*. Agora estay cõmigo: Joaõ he depois de MARIA, e MARIA depois de quem? Depois da Trindade Beatissima em os Ceos: logo em os Ceos tem

Joan. Gerf. tract. 4. in Cat. Mariæ Deip.

tem o primeiro lugar as tres Pessôas da Santissima Trindade, a quarta he MARIA Senhora Nossa, e he Joaõ o Quinto, que se segue em ordem ás Pessôas: e se Joaõ he o Quinto, e he Monarcha, ou se este Monarcha he Joaõ o Quinto, e se Lazaro he figura de qualquer Monarcha meramente, já se deixa ver a razão, porque Christo nas Exequias de Lazaro se houve tão diffulto, e extento na ponderação de huma só virtude; e nas Exequias do Bautista nem só huma excellencia, e prerogativa foy, nem pode ser proporcionado assumpto, que coubesse na esfera do tempo: para nos mostrar, que, se huma só prerogativa de qualquer Monarcha basta para encher o campo de hũa dilata da Oração; para

os encomios de hum Monarcha Joaõ o V., curto era todo o tempo, para nelle se fazer o exordio a qualquer virtude, e prologo a qualquer excellencia, e prerogativa.

E se a eloquencia do mayor Orador daquelle Joaõ só se contentou com começar: *Capit*; como poderey eu dar fim á minha funebre narração na ponderação de qualquer das excellencias do nosso Monarcha defunto, na perda de suas prendas, que sentem hoje lastimados os nossos corações? Mas como para renovar este sentimento he costume dos Oradores ponderarem algumas prendas do defunto; para provocar as lagrimas dos ouvintes, e de zabafarem o sentimento pelos olhos, como nos ensinou Santo Ambrosio na

Oração funebre, que fez nas Exequias do grande Imperador Theodozio: *Fletus refrigerat pectus, & maestum consolatur*; necessariamente, para satisfazer esta obrigação, me hey de ajustar às leys da magoa, para não encontrar os foros do allivio. E tudo parece nos inculca o nome do Monarcha defunto, que, por ser Monarcha de nome, assombrou com elle ao Universo: *Joannes est nomen ejus: mirati sunt universi*.

Este Texto foy o de que fiz eleição para prégar nestas Regias, e funeraes honras do nosso inclyto Monarcha defunto, por me parecerem as suas palavras muy proprias para esta funebre acção; as quaes são cortadas do Cap. 1. de S. Lucas delcrevendo o nascimento do grande Bautista. E não he mui-

to que com ellas ore eu hoje na morte de outro João; porque se o dia da morte he o dia do nascimento para os Justos, (sendo o nosso Monarcha tão Justo, como piedosamente cremos) nascendo vem o Texto para esta funeral acção. Mais: que o mesmo Evangelho, que trata do nascimento do Bautista, nem, porque falla no nascimento, deixa de ser Sermaão de Exequias, por ser já fallecido o Bautista, quando S. Lucas o escreveo; e prégo: e como os Oradores costumão tratar das acçoens; e vida dos defuntos, de razão era que tratasse o Evangelista tambem do nascimento de João: *Joannes est nomen ejus*. Accresce a isto; que aquillo, que foy parto em Isabel, foy o mesmo que obito, falleci-

mento,

mento, ou morte em Joaõ, como o dá a entender a Purpura Dominicana sobre as palavras do mesmo Evangelista:

Impletum est tempus parienti Elisabeth. Notandum Scripturæ, diz o Cardeal, que utitur verbo impletionis in tribus, in ortu bonorum, in obitu, (reparay bem naquella in ortu, e naquella in obitu) ut ex verbo impletionis notet in bonis esse plenitudinem perfectionis. O que tudo parece confirma o mesmo Christo quando disse, que entre os nascidos não resuscitara mayor que o Bautista: *Non surrexit maior*, equivocando o nascimento do Bautista com a morte, segundo o rigor daquelle palavra *surrexit*, que propriamente significa reurreiçãõ; porque supõem morte, como diz o doutissimo Silveira:

Surrexit, quod proprie significat excitationem eorum, qui ex morte, vel infimo statu eriguntur ad vitam.

O que supposto: temos que ponderar [temos] que ponderar [temos] os sahirmos do nome de Joaõ, e da sua etymologia: *Joannes est nomen eius: Joannes, id est, gratia*] deste grande nome as suas excellencias, e prerogativas, servindo-nos de exemplar do nosso Monarcha defunto o Grande Bautista, nesta funebre Oraçãõ. Mas como são muitas as excellencias, graças, e prerogativas, que se incluem em o nome de Joaõ, só de duas trataremos para alivio da nossa magoa, e credito da nossa dor. E assim, o entendimento, e a vontade do nosso Monarcha defunto haõ de ser os dous pólos, em que se ha de sustentar

toda a fabrica do Panegyrico nesta acção funeral. Comecemos.

A graça, segundo a etymologia do nome Joaõ: *Joannes, id est, gratia*, divide-se em varias especies na lingua do Apostolo: *Divisiones sunt gratiarum*; e como entre ellas se acha a graça, e dom de sabedoria: *Alii datur sermo sapientiæ*, a qual attende tanto ao entendimento, como ao coração: *Sapientia ab intellectu & à corde ducit originem*, tanto do coração, como do entendimento será a materia dos nossos discursos. A Aguia dos Evangelistas S. Joaõ, fallando do Bautista, diz que era o Bautista huma lucerna, que ardia, e juntamente luzia: *Ille erat lucerna lucens, & ardens*. Pela luz já sabem todos que se entende a sciencia,

ou sabedoria; que se sujeita no entendimento; e que pelo ardor se entende o fervor da vontade, que reside no coração. E começando pelo entendimento: quem pôde negar ao nosso Monarcha defunto esta graça, ou dom de sciencia, e sabedoria, sabendo que esta he constitutiva de hum verdadeiro, e perfeito Monarcha?

Eu, diz David fallando do seu Reinado, eu fuy constituido por Deos em Rey sobre todo o povo de Israel: *Ego constitutus sum Rex ab eo super Sion montem sanctum ejus*. E que novidade nos dirá David em dizer-nos que foy instituido, ou constituido Rey de Israel? Ora David, por não parecer em propria causa suspeito, encobrirá o mysterio; porêm nós estaremos.

1. Corinth.
c. 12. v.
4.

Cassil.
de ornat. il.
lat. 94.
n. 45.
pag. 82.

Joann.
5. v. 35

Psalms
2. v. 6

remos pelo testemunho de outro Profeta. O Cardeal Hugo, cōmentando as palavras de David, diz assim: *De constitutione huius Regis: Jeremiæ vigesimo tertio; da constituição de David em Rey de Israel, lea-se ao Profeta Jeremias no cap. 23. E o que diz Jeremias naquella Capitulo? Diz estas formaes palavras: Sulcitabo David germen justum, & regnabit Rex, & sapiens erit. Diz: (falla Deos por Jeremias) Hey de constituir a David por Rey do meu povo, e reinará como Rey, e será sabio: Regnabit Rex, & sapiens erit. E pois só porque terá sabio, he que ha de David reinar como Rey? Ou por isso ha de David reynar como Rey, porque ha de ser sabio? Sim: porque como Deos queria constituir em Da-*

vid hum perfeito, e verdadeiro Monarcha, como feito por elle: *Ego constitutus sum Rex ab eo*; o mesmo foy dizer que seria sabio: *Et sapiens erit*, que dizer que havia de reinar como Rey: *Regnabit Rex*; para mostrar que só a sciencia, ou sabedoria he constitutiva de hum perfeito, e verdadeiro Monarcha. Que reinar sem ser sabio, he reinar sem ser Rey: trazer sem ser sabio a coroa na cabeça, he não ter cabeça para a coroa. Não sey se reparais em que trazendo os Reys na mãos os ceptros, insignia do poder, não tragaõ tambem nas mãos, mas sim na cabeça, as coroas. E porque? Para denotar, que o Rey deve ser sabio, e entendido; porque pela sabedoria se constitue hum Rey: *Reges, ac Principes,*

pes., diz Seneca, *mente alios supra pollere, ac iudicio reliquis prestare debent*. Não percamos de vista ao nosso Bautista.

Nem ao Bautista lhe faltou também esta prerrogativa da sabedoria, ou sciência. Zacharias seu pay, entre os assombros dos montanhezes, que suspensos tinham grande expectação no

Luc. I.
66. Bautista: *Quis putas puer iste erit?* Respondeo em

hum Cantico, que o Bautista havia ser o Profeta do Altissimo: *Tu puer Propheta Altissimi vocaberis*; que foy o mesmo, que dizer, que o Bautista havia ter a perfeita sciência, ou sabedoria, como diz o Purpurado Hugo: *In*

Hug.
hic. *responsione patris sapientie perfectio*. Também ao nosso Monarcha D. João o V. não faltou o dom da sabedoria, em quem resplandeceo

com tanto excesso, como podem testemunhar todas as acçoens da sua vida, que foraõ reguladas todas com tal prudencia, que parecia que só a sabedoria era a arbitra, e conselheira das suas determinações; ou fossem estas particulares, ou fossem publicas; ou fossem militares; ou fossem politicas; ou fossem dirigidas ao Reyno, ou fóra d'elle.

Em fim, que tendo a sciencia, e sabedoria humana nos homens communmente seus eclipses, e minguentes, no nosso Monarcha nunca se vio com minguentes, nem eclipses a sabedoria: com ecclipses não, porque não conheceo quem no Mundo lhe fizesse, nem pudesse fazer sombra; com minguentes menos, porque sempre esteve cheia a sabedoria, como quem possuia

possuía toda a sabedoria em cheyo; pois nelle parecia natural, e com elle nascida do ventre materno: mas como não havia fer assim, quem nascia para hum Monarcha Grande!

Predisse o Profeta Isaias, que da raiz de Jessé havia nascer huma vara, e que da mesma raiz havia nascer huma flor, sobre a qual descansaria o Espírito, e Dom de Deos: *Egredietur virga de radice Jessé, & flos de radice ejus ascendet, & requiescet super eum Spiritus Domini.* E que Espírito, e Dom de Deos he este, que havia adornar a esta vara, ou abundar nesta flor? O mesmo Profeta diz que era o dom da sabedoria, e dom de entendimento; o dom de conselho, e fortaleza; o dom da sciencia, e piedade: *Spi-*

ritus sapientiae, & intel. Ibid. v. lectus; spiritus consilii, 2. & fortitudinis; spiritus scientiae, & pietatis.

Eu não reparo na flor, nem na vara; porque tanto a vara, como a flor, no sentir de S. João Chrysostomo, Santo Ambrosio, S. Clemente Alexandrino, e Origenes, representa a Christo; no que reparo he, que fallando huma só vez na vara, e na flor o Profeta, falla quatro vezes na sabedoria, de que he adornada: *Spiritus sapientiae*; eis-ahi huma vez: *Et intellectus*; eis-ahi outra: *Spiritus consilii*; eis-ahi a terceira: *Spiritus scientiae*; eis-ahi a quarta vez. E não bastaria que fallasse huma só vez na sabedoria, assim como huma só vez fallou na vara, e mais na flor? Não; porque a flor na vara, ou a vara com a flor

Apud.
Cass.
pag.
360.

Castil.
de Or-
nat. il-
lat. 216.
n. 66.
pag. 361

Apoc. 1.
5.

flor representa a Christo como Rey: *Nomine virgæ, & floris... Christus Dominus potestate regia præditus intelligitur*, diz o Castillo ; e como nascia Christo para hum Grande Monarcha do Mundo , como depois divisou S. Joaõ no seu Apocalypse : *Princeps Regum terræ* ; por isso quando Isaias o descreve nascido , como Rey, ou para Rey: *Egredietur virga de radice Jesse, & flos de radice ejus ascendet ; nomine virgæ, & floris Christus Dominus potestate regia præditus intelligitur* , no-lo descreve adornado, não só huma vez, mas quatro vezes, com o dom da sciencia, e sabedoria : *Et requiescet super eum spiritus sapientiæ, & intellectûs ; spiritus consilii, & fortitudinis ; spiritus scientiæ, & pietatis* : paraque na abun-

dancia, e enchentes de tanta sabedoria, entendessemos que lhe era esta muy natural, e com ella nascida no ventre materno.

Tudo isto nos quiz dizer em menos palavras o Evangelista S. Lucas, descrevendo, e referindo-nos a conferencia, que teve o Anjo com a Senhora, quando lhe trouxe a Embaixada. Este (falla de Christo o Anjo com Maria] este ha de ser Grande, e ha de chamar-se Filho do Altissimo, e ha de reinar no throno de David : *Hic erit magnus, & Filius Altissimi vocabitur, & dabit illi Dominus Deus sedem David Patris ejus*. Notay, que o appellida com o renome de Magno, quando diz que se chamará Filho de Deos, e que ha de reynar; porque como ao Filho de Deos,

Luc. 1.
32.

Deos, que he o Verbo, se attribue a sabedoria, o mesmo foy dizer que seria Grande, e teria o renome de Magno, que considerá-lo Rey, e Sabio. Mas quando? Quando o considerava no ventre de Maria, e della nascido:

Ibid. v. 31. *Ecce concipies in utero & paries filium;* para nos dar a conhecer, que do ventre da Mãe já trazia consigo toda a sciencia, e sabedoria, para se chamar Grande, e appellidar Magno: *Hic erit Magnus.* Não deixemos o Bautista, e passemos do parto de Maria para o parto de Isabel.

Tambem por Grande, e com o renome de Magno, foy annuciado o Bautista a Zacharias: *Erit Magnus;* e que desde o ventre de sua Mãe seria cheyo do Espirito Santo: *Et Spiritu*

Sancto replebitur adhuc ex utero matris suæ. Já todos sabem, que do Espirito Santo he proprio comunicar-se por meyos dos seus dons. E quaes são os dons do Espirito Santo? He a sabedoria, entendimento, conselho, &c.: *Sapientia, intellectus, consilium &c.*, e cheyo o Bautista de tanta sabedoria (com a devida proporção, que ha entre Christo) desde o ventre de sua Mãe: *Replebitur adhuc ex utero matris suæ*, oh como lhe vem adequado o renome de Magno: *Erit Magnus!* Não sey se Hugo Cardeal estaria no meu pensamento, quando, commentando aquelle: *Ex utero matris;* disse q a Mãe do Bautista era a sabedoria, e a sabedoria de Deos: *Mater Joannis est sapientia Dei.* Hug. Porê m passando agora ^{ibi.} de hum João a outro João;

Joaõ: se o Bautista foy nomeado por Magno: *Magnus erit*; porque não será chamado D. Joaõ o Magno o nosso Monarcha D. Joaõ o V.: Se ao Bautista lhe deo aquelle renome o Anjo, por ver que a sabedoria do Bautista nascera com elle do ventre de lua Mãy: *Ex utero matris*; vendo nós que o nosso Monarcha defunto trouxe o dom da sabedoria do ventre materno, (como supponho pelos seus prudentes, e sabios dictames) porque lhe havemos negar esse renome? Finalmente: se o Bautista foy nomeado por Magno, porque a mesma sabedoria foy a sua Mãy: *Mater Joannis est sapientia*; porque não será também nomeado por Magno o nosso Monarcha, se a lua Mãy foy a mesma sabedoria: *Ma-*

ter Joannis est Sophia? D. Ma-
Verdadeiramente, que ria So-
se não pôde negar (se fia
he certa a tradiçãõ, e Mãy
noticia, que chegou a del Rey
esta America, a qual fi D. Joaõ
que na fê dos relato- V.
res) não se pôde negar, que tão grande sabedoria foy portentosa; pois, segundo referem, acharaõ os Anatomicos na cabeça do nosso Monarcha defunto mais abundante cópia de cerebro, do que se costuma achar nos mais homens; indicio certo de mayor entendimento: e muito mayor indicio de ser esse entendimento, e sabedoria com elle nascido, por ser esse cerebro no ventre da mesma sabedoria organizado: *Mater Joannis est sapientia*; *Mater Joannis est Sophia*.

Blazone já agora muito embora Salamaõ de que foy amante da
sciencia,

Sap. 8.
2.

sciencia, e sabedoria; e que por isso a buscara desde moço, desejando estar mui casado com ella: *Hanc amavi, & exquisivi à juventute mea*, (falla da sabedoria) *& quæsi spon/am mihi eam assumere*: blazone muito embora digo; porque fica muito a perder de vista, á vista do nosso Monarcha defunto; porque Salamaõ, se a desejou: *Hanc amavi*, lô com os desejos se vio, e o nosso Monarcha a logrou: se Salamaõ a buscou desde moço, o nosso Monarcha a possuio nascendo: e se Salamaõ em fim a pertendeo por esposa: *Quæsi spō/am mihi eam assumere*, o nosso Monarcha defunto a reconheceo por sua verdadeira mãy: *Mater Joannis est sapientia: mater Joannis est Sophia*. De huma tal mãy que se

podia esperar, senaõ hum tal Filho? De huma taõ vasta, e ampla sabedoria, que se podia colher, senaõ hum taõ Sabio Monarcha, o qual; com os documentos da sua propria sciencia, e conselho, soube de tal forte governar o seu Reyno, que pôs em assombro ao Mundo: *Mirati sunt universi*, ao mesmo tempo, que pôs em quietação, e tranquillidade ao seu Reyno, e Vassallos, sendo elle a defensta de seus Vassallos, e escudo de seus subditos o seu grande entendimento; pois por elle se pôde dizer, que hum Rey sabio he a fortificação, e defeza de seu Reyno: *Rex sapiens stabilimentum populi est*. Testifi-
que-o Portugal, e diga-o o Mundo todo: [a pezar da inveja, e do assombro) que Rey, ou que

Sap. 6.
26.

que Monarcha soube como D. João V. conservar em paz o seu Reyno, ao mesmo tempo, que se abrazava toda a Europa em sanguinolentas batalhas? Ao mesmo tempo, que todas as Potencias delem-bainhando as espadas huns contra os outros, se viaderramar de parte a parte o sangue Catholico com horror da natureza, e dor da Christandade? Mas que? O nosso Monarcha, embainhando por estaõ a espada, desembainhou só a espada de Minerva, e com a espada da sua grande sabedoria, e entendimento defendeo ao seu Reyno, e aos seus Vassallos, com tal industria, que recebendo de todas as Potencias da Europa Embaixadas, para que se declarasse por alguma das partes, nunca o fez, sa-

biamente mostrando-se por todas as partes indifferente. Maravilha verdadeiramente rara vez conseguida, e de muy poucos imitada! Já nos hia tardando o Bautista.

Miserunt Judæi ab ^{Joan. 1.} *Jerolymis Sacerdotes,* ^{19.} *& Levitas ad eum, ut interrogarent eum: tu quis es? Mandáraõ os Grandes, e Potentados de Judéa os seus Embaixadores ao Bautista, para que se declarasse, de que parte era, ou quem era: Tu quis es? Mas o que responderia o Bautista a estas Embaixadas? O que? O que lhe dictava a grande sabedoria, de que era adornado. Com a indifferença respondia o Bautista. Perguntavaõ-lhe huns, se elle era Elias: *Elias es tu?* Com hum *Non sum*, respondia o Bautista: *Et dixit non sum*; não se de-*

declarando que era da parte de Elias. Outros lhe perguntavaõ se era algum Profeta, ou se era da parte de algum dos Profetas, ou fosse Jeremias, ou Itaias, ou outro qualquer: *Prophe-ta es tu?* Mas o Bautista com o mesmo *Non sum* se ficava na mesma indiferença: *Non sum*. Em fim, por mais que instavaõ os Embaixadores, e cada hum em particular, não colhiaõ outra resposta, mais que o *Non sum*; athè que desenganados lhe disseraõ se declarasse, para que com a resposta satisfizessem aos seus Grandes, e Mayores, que os tinham enviado: *Dixerunt ergo ei: quis es, ut responsum demus his, qui miserunt nos? Quid dicis de te ipso?* Aqui respondendo ultimamente o Bautista: dizei-lhes que eu sou huma voz: *Ego*

vox, e voz de Deos, como commenta Hugo: ^{Hug. hic.} *Vox Verbi*. Eisso, que se passou com o Bautista, não foy o mesmo, que se passou com o nosso Monarcha defunto? Lancemos os olhos por toda a Europa, quando entre os Potentados della ardia mais o furor da guerra; eis-ahi vem ao nosso Monarcha Embaixadores de todas as Potencias. Chega o Embaixador da Alemanha, ou do Imperio, e em nome do seu Monarcha lhe pergunta, de que parte he o nosso Monarcha: *Quis es tu?* Por ventura sois Imperial na parcialidade: *Germanus es tu?* Mas o nosso Rey com hum *Non sum* se mostra indifferente. Chega outro Enviado de França, e em nome do seu Rey lhe pergunta: *Quis es tu?* Quem sois vós, ou para onde se

se inclina Vossa Magestade? Sois por ventura Francez no sequito das armas: *Francus es tu?* Com outro *Non sum* lhe responde o nosso Monarcha: *Non sum*; e assim a cada hum dos Enviados das outras Potencias satisfazia á pergunta: *Quis es tu?* com a resposta de *Non sum*. Em fim, defenganados lhe perguntaõ todos, e cada hum dos Enviados: E pois, Senhor, declarai-nos que resposta havemos dar aos nossos Soberanos, de quem fomos Enviados, acerca deste negocio; de vos declarares quem sois na propensão: *Quis es tu; ut responsum demus his, qui miserunt nos? Quid dicis de teipso?* Eu [responde a todos o nosso Monarcha] eu sou a voz do meu Reyno: *Ego vox*. Eu sou a voz do Reyno de Christo:

Ego vox Verbi. Eu sou D. Joaõ o V. Rey de Portugal, que tambem he o Reyno de Christo: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire: Ego vox Verbi*; eu sou a voz do Verbo, a quem compete a Sabedoria. Eu sou hum Rey Sabio, que dirijo o meu Reyno pela direcção, e voz da Sabedoria, porque a Sabedoria he a minha voz: *Ego vox: Vox significat intellectum*. Hug. hic.

E de esta forte, e com esta indiferença trouxe em socego ao seu Reyno, e pôs em admiração aos Estranhos; porque como Sabio, e tão Sabio, que era, penetrava todas as razoes, e proposlas, que se lhe offereciaõ, por mais occultas, e palliadas, que apparecessem; e como as conhecia, não era necessario que uzasse das

das armas , quem sabia
valer-se do entendimen-
to : e deste modo, ven-
cendo mais com o en-
tendimento , do que
com as armas, se fazia
lugar no coração de to-
dos; porque como viaõ
que lhes decifrava os
intentos , todos se da-
vaõ por vencidos da sa-
bedoria de taõ grande
Monarcha , e applau-
diaõ aquillo mesmo, que
naõ desejavaõ. A indif-
ferença, he verdade , se-
gundo o testemunho,
que he huma inimizade
manifesta: *Qui non est*
mecum, contra me est :
mas que me importa
que as demais Potencias
o julgassem assim , se
viaõ que naõ podiaõ
com elle medir as ar-
mas, por serem superio-
res as do nosso Monar-
cha, tanto, quanto vay
do corpo á alma, do fer-
ro ao entendimento:
Melior est sapientia ,

quàm vires ; & vir pru-
dens, quàm fortis: se bem;
que naõ deixavaõ de al-
cançar , que a indiffe-
rença em o nosso Mo-
narcha procedia da in-
nata propensão , que ti-
nha para a verdade ; e
como a verdade he o
objecto do entendi-
mento, em quanto mais
descobria a verdade
aquelle entendimento,
tanto mais indifferente
se mostrava. Oh Mo-
narcha verdadeiramente
Sabio ! Oh Rey sabia-
mente verdadeiro! E sem
duvida, Senhores , que
hum Rey taõ Sabio , e
entendido , e que assim
governou com tanto
acerto da prudencia , e
sabedoria, naõ era para
os limites de Portugal o
seu mando , e imperio:
a mais terra se devia
extender o seu Reyna-
do; porque a mais Mun-
do se podia extender a
sua sabedoria. Porque
K hum

Luc.
11. 29.

Sap. 7.
1.

hum Rey taõ dotado de sciencia, merece ser Monarcha de todos os mais Reys do Mundo: hum Monarcha taõ Sabio, que por antonomazia lhe he devido o nome de Sabio, merece, e se faz digno das demais coroas do mundo.

Lá divizou a Aguia dos Evangelistas no seu Apocalypse a hum mysterioso Cavalleiro, que trazendo na cabeça muitas coroas: *In capite ejus diademata multa*, trazia escrito por diviza de suas façanhas esta letra, que dizia: *Rex Regum, & Dominus dominantium*, Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores. Notavel Cavalleiro por certo! Porém muito mais notáveis as coroas, com que vem adornado, e a letra, com que se inculca taõ amplo no dominio, e na Monarchia! E de

donde lhe veyo aquelle titulo, e com que titulo possuia tantas coroas? Ora elle parecia ser homem de razaõ; porque trazia outra escriptura, pela qual declarava o grande dominio, que tinha sobre todos os Reynos, e sobre todas as coroas. E que escriptura era esta? Era a escriptura do seu nome: *Habens nomen scriptum... & vocatur nomen ejus Verbum Dei*. Dizia a escriptura, em que estava possto o seu nome, que elle se chamava a Sabedoria de Deos. Bem: e Monarcha de taõ grande nome na sabedoria, Rey taõ sabio; que só pela sabedoria se dá a conhecer por mais sabio, que todos os Monarchas da terra; elle fim terá Rey, porém hum tal Rey, que domine a todos os mais Reys: elle fim terá a sua pro-

propria coroa , porêm ha de se adornar de muitas coroas: *Rex Regum , & Dominus dominantium: in capite ejus diademata multa*; para que se conheça , que hum Monarcha, que logra o nome de Sabio, ou he Sabio de nome, logra por justo titulo o titulo de Rey sobre todos os Reys; e que, além da propria coroa, merece ser com as demais coroas adornado: *Vocatur Verbum Dei; Rex Regum, & Dominus dominantium; in capite ejus diademata multa*. Vamos agora com o nosso Bautista.

Tambem o grande Bautista foy visto Rey sobre os todos os Reys; e com dominio não só sobre hum Reyno, mas sobre todos os demais Reynos: *Ecce constitui te super Reges, & super Regna*; e tambem

trouxe o seu nome escrito: porêm quem nos ha de dar delle informação, ha de ser Zacharias seu Pay, que foy o Escrivão, que o escreveo: *Scriptit*. E que nome foy? *Propheta Altissimi vocaberis*. Diz Zacharias, que o nome do Bautista era huma Sabedoria Altissima. Pois então, se o Bautista tem tão grande nome, e he dotado de huma Altissima Sabedoria: *Propheta Altissimi vocaberis*, de razão he que appareça Rey, não sobre hum só Reyno, mas sim que domine todos os demais Reynos, e Reys: *Ecce constitui te super Reges, & super Regna*. E descendo agora de hum Joaõ para outro Joaõ; vendo nós que o nosso Monarcha defunto foy dotado de tanta sabedoria; que excedeo a todos os demais Reys;

porque não diremos
que foy Rey sobre to-
dos os outros Reys ; e
quem, além da propria
coroa, se devia adornar
com as demais coroas ?
Elegantemente em hum
Epigramma diz o Padre

Antonio dos Reys da
Sagrada Congregaçã
do Oratorio, cantando
da sabedoria do nosso
Monarcha defunto, que
elle fora o Rey mais sa-
bio, e douto, que tinha
tido Portugal.

Lib. 5.
Epig.
81.

*Tot, quot in his regnis vixerunt : doctior
extas*

Regibus; haud miror: Filius es Sophiæ.

Disse bem ; porém
disse pouco, e pudera
extender-se a mais, e di-
zer que foy o mais sa-
bio, que teve o seu se-
culo, se não quizesse di-
zer o Mundo todo ; e
assim será bem que diga-
mos : *Tot, quot in hoc
mundo vixerunt : doctior
extas Regibus*; pois que
mereceo a coroa de to-
dos os Reynos do Mun-
do, que os soube con-
quistar com a virtude
do seu entendimento, e
rara sabedoria, de que
foy adornado, deixando

nome á posteridade : e
porque tambem não fal-
tasse a circumstancia de
o trazer escrito, bem he
que o leamos os Portu-
guezes, para nossa mayor
ternura, no seu proprio
nome : bem he que lêa
Portugal no mesmo no-
me do seu Monarcha a
sua confissão, e a sabe-
doria de tão desejado,
e suspirado Rey ; pois
nelle temos que reno-
var o sentimento, e ad-
mittir o allivio : reno-
var o sentimento pela
perda de hum tão sabio Mo-

Monarcha, e admitir o allivio, pela confissão que fazemos de suas prendas. He pois a letra o mesmo nome do nosso Monarcha: Joaõ o V., he o seu nome, que no idioma Latino se diz: *Joannes Quintus*; e pelas letras do proprio nome, symbolicamente tomadas cada huma de per si, vejamos o que diz este nome: consta pois de sette letras este nome: *Joannes*, e de outras sette letras consta este outro: *Quintus*; as quaes fazem quatorze todas por junto: *Joannes Quintus*. Agora notay. A primeira letra, q̃ he o I, diz *Imperatorum*; a segunda, que he o O, diz *Orbis*; a terceira, que he o A, diz *Adhuc*; a quarta, que he o primeiro N, diz *Nul-*
lus; a quinta, que he o segundo N, diz *Nostro*; a sexta, que he o E,

diz *Exstitit*; a settima, que he o S, diz: *Sapientior*. Athéqui o nome de Joaõ: *Joannes*; cujas dicções todas juntas, e unidas dizem assim: *Imperatorum Orbis adhuc nullus nostro extitit sapientior*; que, vertidas em Portuguez, querem dizer: dos Monarchas do Mundo ainda nenhum foy mais Sabio que o nosso. Assim o confessa Portugal; e assim o póde ler no nome do seu Sabio Monarcha: *Imperatorum Orbis adhuc nullus nostro extitit sapientior*. Isto diz só o nome de Joaõ: *Joannes*. Vejamos agora o que diz este nome: *Quintus*; e assim continuando:

A outra letra, (e vem a ser a primeira em ordem a este segundo nome) a oitava letra, he o Q, e diz *Quia*; a nona, que he o V, diz

Viribus; a decima, que he o I, diz *Intellectus*; a undecima, que he o N, diz *Nixus*; a duodecima, que he o I, diz *Totum*; a terciadecima, que he o V, diz *Universum*; aquartadecima, e ultima, que he o S, diz *Subegit*. Isto diz o nome *Quintus*, cujas dicções todas juntas, e unidas, dizem assim: *Quia viribus intellectus nixus totum universum subegit*; que em Portuguez veridas querem dizer: que sujeitou a todo o universo com as grandes forças, ou á força do seu grande entendimento: *Quia viribus intellectus nixus totum universum subegit*.

Ajuntemos agora huma cousa com a outra, o nome com o sobrenome: *Joannes Quintus*, e lêa-mos as dicções de ambos por junto: eis-aqui *Joannes*

Quintus, q̃ he o nome do nosso Monarcha defunto, o qual por inteiro inclue em si, e quer dizer: *Imperatorum Orbis adhuc nullus nostro extitit sapientior: quia viribus intellectus nixus totum universum subegit*. As quaes no nosso idiomoz dizem assim: dos Monarchas do Mūdo ainda nenhum foy mais sabio do que o nosso; porque sujeitou a todo o universo á força do seu grande entendimento, e sabedoria. Esta he a letra, que traz por divisa o nosso Sabio Monarcha defunto; e isto he o que lemos para despertar nas nossas memorias a laudade; e isto he o que dizemos os Portuguezes para allivio da nossa magoa, confessando huma, e muitas vezes, que o dom da Sabedoria, que nelle resplandeceo, que nelle resplandeceo, servio de assombro ao

Mundo

Mundo , e de paímo a todo o Univerſo , pelo immortal nome , que adquirio, e hoje deixa : *Joannes eſt nomen ejus : Mirati ſunt univerſi : Joannes, id eſt, gratia.*

Eſtamos na ſegunda parte da noſſa funebre Oraçãõ, na qual temos que tratar do coração do noſſo Monarcha defunto ; porque a ſabedoria não só attende ao entendimento , tambem reſpeita á vontade. E ſendo o noſſo Monarcha defunto taõ assignalado no entendimento, como poderia deixar de ſer igualmente assignalado na vontade, quando elle tinha vontade , ou coração igual ao ſeu entendimento. Que ter hũ entendimento bom, com huma má vontade, he ſaber obrar mal : e ter huma boa vontade com hum máo entendimento , ſerá obrar bem,

mas ſem ſaber o que obra. Porém ter igual entendimento , e igual vontade ; ter a vontade boa , e bom o entendimento , iſſo he ter o entendimento na vontade, e a vontade no entendimento : iſſo he obrar o que entende , e entender o que obra. Iſſo he ſer hum Sabio assignalado.

David, que foy hum Rey muy Sabio, e entendido , dizia huma vez aſſim fallando com Deos: Senhor, vós nos assignalastes com o lume do voſſo roſto , e influíſtes alegria no meu coração: *Signatum eſt ſuper nos lumen vultus tui, Domine, dedíſti letitiam in corde meo.* Pelo lume do roſto de Deos ſe entende o entendimento: *Vultus Dei dicitur ratio;* diſſe Hugo ; e foy como ſe diſſera David: Senhor, vós me fizíſtes

Psalm.
4. 7.

hum Rey de assignalado entendimento, e me infundistes no coração alegria. Reparo neste modo de fallar de David. E [pois dizeis David que vos assignalou Deos no entendimento, e fallais no plural: *Super nos*; e então, quando fallais, que no coração vos infundio a alegria, fallais no singular: *In corde meo*? Já que fallais no plural, quando fallais no entendimento: *Super nos*; fallay tambem no plural, quando fallais no coração: *In cordibus*; e se haveis de fallar no singular, fallando no coração: *In corde meo*; fallay tambem no singular, quando fallais no entendimento: *Super me*. Oh deixem, que David fallou aqui com o entendimento no coração, ou com o coração no entendimento. David quiz mostrar, que

tanto o entendimento, como o seu coração eraõ iguaes, e por isso fallou daquelle modo: *Signatum est super nos*, [explica Hugo) *id est, in superiore parte nostri, id est, in anima*; diz o Douto Cardeal, que fora David assignalado de entendimento na parte superior do homem, que he a alma: e como a alma incluye em si tanto o entendimento, como a vontade, ou o coração; por isso quando falla no entendimento, falla juntamente no coração. Ou se naõ, digamos que fallou aqui David com Deos em nome do seu coração, e do seu entendimento; para nos dar a entender, que quando Deos o fazia hum Sabio assignalado, o fazia de hum coração igual ao seu entendimento: *Signatum est super nos lumen vultus*

tus tui, Domine: vultus Dei dicitur ratio: signatum est super nos, id est, in anima.

Entendo que Salamaõ, chamado o Sabio por antonomazia, aprendeo de David seu Pay esta doutrina, quando pedindo a Deos a sabedoria, para julgar, e reger, que pertence ao entendimento, só lhe fallou no coração: *Dabis ergo servo tuo cor docile, ut populum tuum judicare possit inter bonum & malum*; como quem sabia muito bem, que pouco importava para ser sabio ter grande entendimento, se não tivesse esse entendimento igual ao coração. Do Bautista, a quem sempre seguimos, diz o Evangelista Mimoso q̃ era huma tocha; que igualmente ardia, e luzia; luzia pelo entendimento, e ardia pela vanta-

de: *Ille erat lucerna ardens, & lucens*; sendo aquelle, &, o fiel da balança, em que o Evangelista pezo a igualdade daquelle coração ardente: *Ardens*; com a grandeza daquelle luzido entendimento: *Lucens*.

E se agora medirmos tambem o coração do nosso Monarcha defunto com a sua grande sciencia, e entendimento, acharemos, sem duvida, que se grande foy o entendimento, grande foy igualmente o coração, ou vontade. Segundo huma relação; que passou de Lisboa a estas partes, contaõ, que assim como na cabeça do nosso Rey defunto acharaõ os Anatomicos mayor porção de cerebro, do que se costuma achar nos demais homens, assim tambem lhe descobrião no

peito

3. Reg.
c. 3. v.
9.

Joann.
5. 35.

peito hũ coração mayor, e mais dilatado, do que são commūmente os mais. E sendo assim, e que mayor porção de cerebro he indício de mayor entendimento, e de mais perfeita vontade o coração mais amplo, e dilatado; bem se deixa inferir, que achando-se no nosso Rey defunto mayor, e mais dilatado coração no peito, mayor, e mais abundante cópia de cerebro na cabeça, que além de exceder aos demais no entendimento, e coração, era o seu coração, e vontade igual ao seu entendimento. Demais, que não podia deixar de ser grande, e muito grande o coração de hum Monarcha, que em tudo foy tão pio, e amante de Deos, que sempre se ajustou com os seus Divinos preceitos. David em tudo

piedoso, em hum dos seus Psalmos diz, que o seu coração se lhe fizera, ou desfizera, como cera no meyo do seu ventre: *Factum est cor meum, Pfalm. 21. 15; tamquam cera liquefcens in medio ventris mei.* E pois o coração de David he tão grande, que lhe chega ao meyo do ventre? Assim soa no material das palavras; porém fallará em outro sentido David; mas como o assimilhou á cera, symbolo da piedade pelo brando, e enternecido; por isso materialmente o encarece tão grande; e dilatado: *Factum est cor meum tamquam cera liquefcens in medio ventris mei.* E no Psalmo 118, fallando outra vez no seu coração, ouço estar com Deos de todo o seu coração assim fallando: Eu corri, Senhor, e segui o caminho dos vossos mandamentos; quando

quando vós me dilatastes o coração : *Viam mandatorum tuorum curri, cum dilatasti cor meum*, medindo a grandeza do coração pela guarda, e observancia dos preceitos de Deos. Não deixemos o Baptista.

Tambem o Baptista, que tanto seguio, e guardou os caminhos, e preceitos de Deos, como quem foy cheyo do Espírito Santo para esse fim, e ministerio : *Spiritu Sancto replebitur*; por isso mesmo, que os observou, tambem teve hum grande, e dilatado coração : *Erit Magnus*, cõmenta Hugo, *non virtute corporis, sed animi magnitudine*. E passando de hum João a outro João; bastava para o nosso Monarcha defunto ter hum grande, e dilatado coração, o observar (como ob-

servou) os caminhos do Senhor, que são os seus preceitos ; e a piedade grande, com que sempre viveo ; pois foy tal a sua piedade, e tal a observancia ; e guarda dos mandamentos de Deos, que bem parecia ser dirigido pela mão do Omnipotente : bem parecia, que na mão de Deos estava o seu coração.

Cor Regis in manu Domini : quocumque vo- Prov. 21. v. 1.
luerit, inclinabit illud.

Diz Salamaõ nos Proverbios, que o coração do Rey está na mão do Senhor, e que o ha de inclinar, e dirigir para onde quizer. Falla aqui o Espírito Santo por Salamaõ de qualquer Rey indeterminadamente. Mas oh ! e quantos Reys, e Monarchas tem havido, que se não deixaram dirigir pela vontade de Deos, não pondo, e entre-

Luc. 1.
15.

Hug.
hic.

entregando nas mãos de Deos os seus corações! Diga-o Saul, e outros muitos Reis de Israel, quam longe estiverão de seguirem as Divinas direcções, e vontade Divina; quam longe se puzerão a si, e seus corações da poderosa mão de Deos. Ora eu cuido que este Rey, ou que o coração deste Rey, de quem falla Salamaõ, só deve ser o do nosso Monarcha defuncto. Não percamos de vista ao Bautista.

Luc.
1. 66.

Do Bautista diz o Evangelista S. Lucas, que estava elle, e o seu coração na mão de Deos: *Manus Domini erat cum illo*. E isto porque? Pela expectação grande, que nelle tinha o povo de Judéa, quando chegasse a ser homem: *Quis putas puer iste erit?* E se só pela expectação, que tinhão de futuro os

povos de Judéa no Bautista, chegou o Evangelista a dizer, e affirmar, que o Bautista, ou o seu coração estava na mão de Deos: *Etenim manus Domini erat cum illo*; como não affirmaremos nós, que muy particularmente estava nas mãos de Deos o coração do nosso Monarcha defuncto, vendo com nossos proprios olhos, não o que seria de futuro, mas sim o que estava sendo de presente; defenganando-nos com a experiencia das suas boas obras, e virtudes a inclinação, que tinha para fazer a vontade de Deos aquelle coração: *Cor Regis in manu Domini: quocumque voluerit, inclinabit illud*. Verdadeiramente, que tanto o Bautista, como o nosso Monarcha, cheyos de zelo, e piedade, seguindo os caminhos

minhos de Deos, toraõ por Deos dirigidos para os mayores empregos da vontade; como os que tinhaõ o coração entregue nas mãos de Deos: *Cor Regis in manu Domini*, obrando o que Deos queria, e inclinando-te á sua vontade: *Quocumque voluerit, inclinabit illud*. No coração do nosso Monarcha quantas vezes ardendo o amor de Deos, se enternecia pelos peccados do mundo, desejando que todos se salvassem, guardando os Divinos preceitos, fazendo por esse motivo o que Deos queria, e obra-va o Bautista.

Lança para o Jordaõ os olhos, e vereis alli ao Bautista pré-gando penitencia por toda aquella Regiaõ, levado do zelo; e piedade, que lhe influa Deos de salvar as almas: *Venit in*

omnem Regionem Jordanis prædicans Baptismum pænitentiae in remissionem peccatorum. Olhay tambem para o nosso Portugal, e para todas as Regioens do seu Dominio, e vereis tambem ao nosso Monarcha pré-gando por meyo dos seus Missionarios penitencia incansavelmente, ló movido da piedade, e zelo da salvaçaõ das almas; e com tanto mais excessso ao Bautista, quanto vay de huma Regiaõ: *In omnem Regionem*, ao Mundo quasi inteiro, aonde tem os seus Dominios: em Portugal, na Azia, Africa, e America, sendo taõ repetidas as Missões por mandado deste piedoso Monarcha, que trazendo actualmente esta Provincia dous Religiosos Missionarios, assim pelas partes da Bahia, cabeça deste novo Mundo, como

como pelas de Pernambuco ; com tudo, sendo só treze os Conventos desta Provincia, achavaõ se por repetidos annos vinte e seis Missionarios actualmente desta Serafica Ordem, e Provincia, sahindo de cada Convento dous Obreiros Evangelicos, que penetrando o mais recôdito destes Certões, e atravessando o mais fragozo das suas serranias, e montanhas, hiaõ conquistando para Deos outros tantos Mundos, quantos se avaliaõ pelo dilatado destas terras ; e isto sem fallarmos em outros Missionarios das demais Sagradas Religioens, que se achãõ neste Pernambuco, que em todos, e em cada hum prégava o nosso defunto Monarcha penitencia: *Prædicans baptismum pænitentiae*. E desta piedade, e Catho-

lico zelo bem se deixa inferir a devoçaõ, que tinha ao estado Ecclesiastico, aquella vontade em tudo emula, e competidora do Grande Bautista, fazendo, e edificando o que lhe punha, e inspirava Deos no coração, para gloria do mesmo Deos. Mas o que fazia? Vamos com o Bautista, e veremos o que obrou.

Lá vio S. Joaõ no seu Apocalipse sempre mysterioso (e hoje mais que nunca) aberta huma porta no Ceo, e ao ponto ouvio huma voz primeira, ou a primeira voz, a qual lhe dizia que subisse, porque lhe queria mostrar o que lhe convinha fazer, ou que se fizesse: *Ecce ostium apertum in Cælo, & vox prima, quam audivi, dicens: ascende huc, & ostendam tibi, quæ oportet fieri post hæc*; e mostrou-lhe

Ibid. v.
2.

Ibid. v.
3.

Silveir.
hic.

Ihe primeiramente, o que? Huma Sé posta no Ceo, e huma Personagem collocada sobre essa Sé: *Ecce Sedes posita erat in Cælo, & supra Sedem sedens.* E por final, que essa Personagem, que na Sé estava collocada, e sentada, dava alguma similitude á pedra Jaspe, e ao Sardio, também pedra preciosa: *Qui sedebat similis erat aspectui lapidis Iaspidis, & Sardii.* Vamos por partes decifrando a vizaõ. Que porta pois he aquella aberta no Ceo, e que voz primeira he aquella, que ouvio o Evangelista? Pela porta do Ceo se entende a da Igreja: *Cælum est Ecclesia militans*, diz, citando o parecer de outros, o Padre Silveira; e aquella voz primeira, diz o mesmo Padre, por outros, que era o Bautista: *Hanc tamen primam vo-*

cem in Cælo esse Ioan- nem Baptistam existimat. Bem está: taibamos agora o que queria, que se fizesse, o Bautista? Já disse que huma Sé; e qué Sé era essa, e que Personagem se sentava nella adornada daquellas pedras? Diz Aureolo, pelo mesmo Silveira; que significava essa Sé huma nova Romana Sé; e quem nella se sentava, hum novo Pontifice: *Dei Sedes Ecclesia, in qua sedet Pontifex:* e a pedra Jaspe huma das preciosas, de que se adornava, significava a misericordia, e poder de absolver peccados; e a outra, que he o Sardio, significa o poder de reter, e punir esses peccados: *In hac est Japis virens, puta misericordia, potestas scilicet absolvendi peccata, & Sardius rubens, id est, potestas ea retinendi, & punien-*

Au.
reol.
apud
Silv.
hic.

puniendi, diz, citando a Aureolo, hum Douto Expositor, isto seria em Roma.

Voltay agora a consideração para Portugal, e vede o como a sua primeira voz, o nosso Rey defunto, tanto que vio aberta a Porta da Igreja por meyo do Sũmo Pontifice Romano, logo determinou fazer huma nova Sé, e hum novo Pontifice. A nova Sé, a Santa Sé Patriarchal; o novo Pontifice, o Eminentissimo, e Reverendissimo Cardeal Patriarcha, á imitação do Romano Pontifice, tambem com poder de abtolver, e reter os peccados, á imitação, e com dependencia, da que disse o Bautista que se fizesse. Vio-se mayor conformidade! Vamos continuando, e decifrando a vizaõ. E para isso pergunto: o que mostrou

mais o Bautista, que se havia de fazer; ou o que vio o Evangelista mais nesta factura, e obra do Bautista? Diz elle, que vira tambem o Arco Iris em roda da Sé, como similhança de elmeralda: *Et Iris erat in circuitu Sedis similis visioni smaragdinae*. E que significa o Arco Iris com aquella similhança? O Padre Ribeira com outros, que allega o referido Expositor, diz que significa a misericordia: *Denotari Dei* ^{Apud.} *misericordiam*. ^{Silv.} E que se ^{hic.} acha tambem na Santa Sé Patriarchal, mais que as misericordias do Senhor para bem das nossas almas?

Que mais se divilou naquella obra do Bautista? Naõ menos, que vinte e quatro Anciaõs, e vinte e quatro cadeiras, em que se sentavaõ, vestidos de vestiduras

ras brancas , e com coroas de ouro na cabeça: *Et in circuitu sedis sedilia viginti quatuor, & super thronos viginti quatuor seniores sedentes, circumamicti vestimentis albis, & in capitibus eorum coronæ aureæ.* E o que representavaõ estes Anciaõs nestes assentos assim adornados? Já se deixa ver , que em Roma representará aos Eminentissimos Senhores Cardeaes, e Bispos: porêm em Portugal representa os Excellentissimos Principaes , ou Ministros mayores da Santa Sé Patriarchal. Não pareça exposiçaõ livre ; porque pelos vinte e quatro Anciaõs nas suas cadeiras , entende Hugo os Maiores na Igreja. *Maiores, scilicet, in Ecclesia.* E Nicolao de Lyra entende os Bispos : *Sunt omnes Episcopi.* Porêm o Pa-

dre Silveira nos adverte, com Santo Agostinho , que este nome: *Seniores* he o mesmo , ou derivado desta palavra , Senhor , a qual foy deduzida de outra Gotica: *Sior* , que na lingua Estrangeira val o mesmo que *Monfieur*: *Hinc videtur* , conclue o Padre, *quod vox Hispanica, Senhor, dirivetur à Gotico nomine Sior, quod dominum significat.* E com as coroas de ouro na cabeça se representaõ as ricas Mitras, com que se adornaõ os Reverendos Monsiures , e a alvura dos vestidos representa nelles a pureza da vida, de que he symbolo a candura.

Que mostrou mais na sua Fabrica o Baptista ? Diz o Evangelista que se ouviraõ sahir daquelle Templo , ou Throno, humas vo-

zes, relampagos, e trovoens, e sette lampadas ardentes, que são os sette Espiritos de Deos: *Et de throno procedebant fulgura, & voces, & tonitrua, & septem lampades ardentes ante thronum, qui sunt septem Spiritus Dei* Por estas vozes, relampagos, e trovoens se entendem as vozes dos Prégadores: *Voces sunt Prædicationis*; e pelas sette lampadas, e Espiritos de Deos entende o Cardeal Dominicano os sette Dons do Espirito Santo: *Id est septiformis gratia Spiritus Sancti*. Isto mesmo se acha na santa Fabrica do nosso Monarcha defunto; porque achão-se Prégadores Sapiientissimos, que com o brádo das tuas vozes, e efficacia da palavra Divina despedem rayos de ameaça contra os peccados, e jun-

tamente se achão os Dons do Espirito Santo, com que se enriquecem as almas, e se evitaõ as culpas. E que mais mostrou o Bautista na sua Obra? Hum mar como de crystal, e no meyo do assento, e à roda do assento se achavaõ quatro animaes cheyos de olhos. O primeiro leão, o segundo novilho, o terceiro homem, e o quarto aguia, ou cada hum delles com similhanças destes animaes, *In conspectu se lis tanquam mare vitreum simile crystallo, & in medio sedis & in circuitu sedis quatuor animalia plena oculis ante, & retro; & primum animal simile leoni, & secundum animal simile vitulo, & tertium animal habens faciem quasi hominis, & quartum animal simile aquilæ volanti*. Pelo mar de vidro

Hug.
hic.

vidro se entende com-
mūmente a penitencia:
Per mare baptismus,
qui purgat multitudinem
peccatorum, e na Santa
Sé Patriarchal não se
acha a todo o tempo efi-
te segundo bautismo: He
sem duvida: vejamos a
significação dos quatro
animaes.

Apud.
Silv.
hic.

Pelos quatro ani-
maes se entende no sen-
tido de Joachim Abba-
de a Jerarchia Ecclesi-
astica: *In his animalibus*
adumbrari Ecclesiasticam
Hierarchiam: e que
mais proprio se póde
achar, ou descobrir, do
que nesta Santa Sé Pa-
triarchal do nosso Mo-
narcha defunto? Por-
que tres são as Jerar-
chias dos Reverendos
Conegos da mesma
Igreja, e a superior Je-
rarchia de todas he o
Eminentissimo Senhor
Cardeal Patriarcha, que
por si só faz Jerarchia á

parte, e ficaõ sendo qua-
tro Jerarchias, corres-
pondentes aos quatro
animaes: o Texto o dá a
entender assim; porque
diz, que no meyo da
Sé, e á roda, he que se
achavaõ os animaes:
*In medio sedis, & in cir-
cuitu sedis quatuor ani-
malia*: logo se o do meyo
da Sé com os demais
fazem quatro, sendo o
que se senta no meyo
o Eminentissimo Cardeal
Patriarcha, elle entra no
numero dos quatro; po-
rêm sempre no seu thro:
no fazendo a mais supe-
rior Jerarchia: e por is-
to se representa no pri-
meiro animal, que he o
leão, o qual, como
aqui diz Laureto, re-
presenta a Fortaleza da
Igreja: *Designat forti-
tudinem Ecclesie*. As
primeiras duas Jerar-
chias, depois do Emi-
nentissimo Cardeal Pa-
triarcha, se represen-

taõ huma no novilho, outra no homem, e a terceira, e ultima na aguia, que tambem he o ultimo animal. E com muita propriedade; porque como he proprio da aguia ir subindo cada vez mais; tambem da ultima das tres Jerarchias he proprio ir subindo de huma para outra Jerarchia. E todos igualmente cheyos de olhos, por terem estes o symbolo da vigilancia, e cuidado, de que saõ adornados.

Que mais? Diz o Evangelista, que nessa visaõ, que lhe mostrou o Bautista, estavaõ de mais a mais esses quatro animaes cheyos de olhos por dentro, e por fóra, e que as azas de cada hum eraõ seis: *Singula eorum habebant alas sexnas, & in circuitu, & intus plena sunt oculis.* Os olhos já se deixa ver

que saõ symbolo da vigilancia; mas o que significarãõ essas seis azas? Hugo Cardeal diz que se entendem por essas seis azas de cada hum dos animaes as sciencias das Escrituras: *Alas sexnas, hæ sunt sciencie Scripturarum.* E cheyos de olhos, para que pela vigilancia prevejaõ, e se denote a cautela, que tem do inimigo: *Ut prævideant, & caveant insidias inimici*, diz o mesmo Hugo. E não se acha tudo, vigilancia, e muita sciencia na Sé Patriarchal? Ninguem o duvida.

Teremos mais que ouvir da Fabrica do nobre Bautista? Diz o Evangelista, e eraõ os louvores, que davaõ esses Mitrados Principes, os quaes incessantemente louvavaõ a Deos, e diante d'elle depondo as coroas, ou mitras, o aben-

abendiçoavaõ com encarecidos louvores, glorificando-o com muitas honras, e repetidas graças: *Et requiem non habebant dicentes, Sanctus, Sanctus, Sanctus*, e concluiã desta sorte: *Dignus es Dominus Deus noster accipere gloriam, & honorem, & virtutem, quia tu creasti omnia, & propter voluntatem tuam erant, & creata sunt.* E naõ he tudo isto o mesmo, que se vê na Santa Sé Patriarchal, Fabrica do nosso defuncto Monarcha? Tudo isto he, porque tudo isto fazem os Reverendos Conegos, e Monsiures, á imitação daquella, que foy Fabrica do Bautista: e para esles louvores de Deos he que hum, e outro Joaõ, o Bautista, e o nosso Monarcha, quizerãõ, que se fizesse taõ portentosa Obra, para imitação da-

quella; como aquelles, que por terem o coração na mão de Deos, o tinhaõ á sua vontade inclinados. Reparemos agora na conclusão dos louvores, que davaõ aquellas mitradas Personagens: Sois digno, Senhor, e merecedor, de que vos demos todas as graças, e louvores; porque tudo, o que aqui está, he criação vossa, e por amor de vossa vontade he que fomos nós creados, como fomos: *Tu creasti omnia, & propter voluntatem tuam erant, & creata, sunt.* Bendito seja Deos, que confessaõ todos a sua criação: e bendito Deos outra vez, que assim podiaõ, depois de lhe render as graças, como fazem, render tambem as graças a quem foy o Author, ou Promotor da criação de todos; pela sua vontade

he que foraõ todos creados naquellas altísimas Dignidades : *Propter voluntatem tuam creata sunt.*

Affim se houve naquella famola Fabrica o nosso piedoso Monarcha, para desempenho da Divina vontade, como quem se dirigia por ella á imitação do Bautista: *Ostendam tibi, quæ oportet fieri post hæc:* se bem que nesta parte contemplo ao nosso Monarcha com excessos ao Bautista; porque se o Bautista estava cheyo de piedade, e zelo de Deos, e desse zelo, e piedade lhe nacia a veneração da Igreja, não descubro eu que o Bautista traçasse outro Templo, nem se lhe ouvisse mais a voz para outra Fabrica: põrêm o nosso Monarcha defunto, além da Santa Sé Patriarchal, ainda lhe coube no coração

outra igualmente magnifica, e sumptuosa, que na Villa de Mafra consagrou aos filhos de Francisco meu Padre, ainda se lhe pode ouvir a voz para executar os mandamentos, que Deos lhe inspirava. Ou se naõ; digamos, que como já o Bautista vivia entre os Serafins no Ceo: *Joannes stat, quia amicus stat, quia ardens est, & Seraphim stare dicuntur;* quiz tambem o nosso Monarcha viver cá entre os Serafins da terra, para se enfiar a acabar como Serafim. E certamente, que naquelle magnifico Convento pela continuada assistencia; que nelle fazia; chegou a ter hum coração de Serafim. Sim: porque se os Serafins laõ incendios no amor de Deos: *Serafim plenitudo amoris;* alli se encheo tanto do amor de Deos,

S. Bernard.
de Verbo, H.
p. Sermon.
I.

Deos, como póm de testemunhar as acçoens, que alli obrava, e exercia; seguindo mais á risca, e com mayor diligencia os preceitos de Deos, exercitando-se com mais véras na piedade, e zelo Christão, e tendo mais conta com a laude dos seus, e bem espiritual dos demais, do que de sua propria vida, como se vio na ultima enfermidade, aonde resignado nas mãos de Deos, como quem tinha posto o coração nas suas mãos: *Cor Regis in manu Domini*, exhortava a todos ao amor; que a Deos devemos, e a todas as virtudes, como nascidas do coração. Em fim, como quem já tinha tanto de antes tomado lição para aquella hora ultima, abrazado no amor de Deos, despedindo se dos sentidos, e penali-

zados filhos, tendo-se de antes preparado com os Sacramentos Santissimos da Igreja, encõmendou ao Principe Successor, e hoje Rey de Portugal, o Reyno, dando-lhe aquelles documentos, que lhe daria hum Serafim do Ceo, sendo entre todos hum delles a sujeição á Igreja Catholica Romana; e com o conhecimento claro de que morria, e exhalou a vida, ficando o Reyno triste, e luctuoso, os corações tão quebrados de dor, e a voz tão embargada do sentimento, que não houve quem pudesse articular palavra, trocando-se a lingua em olhos, e fazendo os olhos o officio da lingua, na consideração de que acabava o mayor Monarcha da terra, o mais sabio Principe do mundo, e o magnanimo Rey

do Universo. E com razão; porque quando hum sujeito, quando hum Monarcha he de tão raras prendas, nem o sentimento pôde deixar de ser menos, ainda que pôde subir a mais, suspendendo-se as melmas lagrimas igualmente cõ a voz, como devemos considerar na Augustissima Rainha, dignissima Conlorte do Rey defunto, e em toda a mais Casa Real, a respeito da dor nos demais Vassallos; porque sendo nestes muy grande a pena, fica sendo a outra muito mayor pelas duplicadas razoes: pela commua, e pela particular do parentesco. Vamos com o Bautista.

Morto o Bautista, forão os Discipulos entregar o seu corpo á sepultura, e não diz o Texto que fallaraõ, e nem que choraraõ tambem diz:

*Accedentes discipuli tulerunt corpus eius; por-
rêm eu tenho para mim,
e julgo que as vozes se
lhes embargaraõ á vio-
lencia das lagrimas, que
derramaraõ: e a razaõ
he; porque depois de
sepultarem o corpo do
Bautista, foraõ contar
a Christo, e dar-lhe par-
te da morte de seu Mes-
tre: Et venientes nuntia-
verunt JESU; e diz
aqui o Pontevel, que
derramaraõ muitas, e
muy copiosas lagrimas:
*Quod non sine uberrimis
lacrymis fecisse creden-
di sunt;* logo [agora in-
firo eu) se os Discipu-
los do Bautista ausentes
do corpo defunto se des-
fazem em copiosas la-
grimas pelos olhos, mui-
to mais o fariaõ tendo-o
á vista; como incenti-
vo da mais viva pena.
Assim he: reparo agora:
Que chorem tanto os
Discipulos do Bautista*

na

na morte de seu Mestre, desforte que as lagrimas lhes embarguem, e suspendaõ as vozes; e que Christo nem hum só lagrima derramasse, nem hum só suspiro em final de dor proferisse! Como pôde ser! Oh deixay, que essa falta de lagrimas, e vozes em Christo, na morte do Bautista, não he falta de amor; antes he excessõ da vontade, acompanhada essa de hũa apertada obrigação, q̃ faz o sangue nos corações. E se não, dizeime: qual he o motivo de tantas lagrimas nos olhos dos Discipulos do Bautista? He a morte de seu Mestre. E qual he a causa de que, chorando elles tanto, não tenhaõ alentos para dar hum só suspiro, e proferir hum voz? He a mesma dor, por ser muy grande, e muy forte. Bem está: logo em quan-

essa dor for mais forte, e mayor, tanto mayor, e mais forte ha de ser o seu effeito na suspenção das operaçoens sensitivas: e como Christo sentio mais que os Discipulos a morte do Bautista; porque desfazense naquelles a dor em lagrimas, lhes tapava a boca para os suspiros: tó em Christo, nem pelos olhos, nem pela boca se desaffogava a dor. Era o Bautista aquella tocha luminosa, e ardente: *Ille erat lucerna ardens, & lucens*, constituido por Sabio Rey entre todos os Monarchas: *Ecce constitui te super Reges, & Regna*, com hum vontade tão ampla para Deos, que se dirigia pela sua vontade. Estas, e outras prendas, que vistes finalizadas, para os discipulos Vassallos de tão sabio Mestre, e sciente Mo-

Monarcha , e verdadeiro pay de todos ; oh que he hum dor sem limite ! Mas se sobre essas razoes todas accrescentares ao Bautista a razao de Elpofo : *Amicus Sponsi* ; oh que dor muito mais sem termo, e muito mais sem limite, se he que ainda se póde dar limite aonde o não ha ! Meus Portuguezes , eu não applico o lugar ; porque já sabeis que o nosso Monarcha foy assimilhado ao Bautista ; e assim, que o seu Reyno no d'elle se figura. Só o que digo he, que se a morte ferio sem dor aos nossos corações por nos levar ao mais sabio Monarcha da terra , magnanimo , e piedoso ; contra ella nos devemos queixar , por ser a nossa dor excessiva.

Contra ti , pois ; ó dura Parca , deviaõ ser

agora as minhas queixas, se me dessem lugar as minhas magoas. Porque, tyranna, te quizera perguntar : para que nos levastes, e roubastes dos olhos hum Monarcha , que era a inveja dos mais Reynos, pelas virtudes, de que o adornou a graça, e dotou a natureza, ficando este Reyno sem Rey , este Hemisferio sem Sol , e todo o Orbe sem luz ; porque elle era a luz , era o Sol, e era o Rey ? Era o Rey de Portugal , era o Sol dos seus Estados, e a luz de todo o Orbe : luz de todo o Orbe ; porque a sua luz a todos chegava : era o Sol dos seus Estados ; porque com o calor deste Sol nunca se alliavaõ as sombras ; e com o Regimento deste Rey não havia quem competisse, por ser tão sabio, e entendido ; por ser dotado de hum tal en-

entendimento, e hum tal vontade, que chegou, e chegará com a fama a allombrar ao Univerlo, e he o seu nome igual á sua fama: *Joannes est nomen ejus; Joannes, idest, gratia: divisiones gratiarum. Mirati sunt universi.* Na falta pois delle, senhores, quem nos ha de reger? Quem nos ha de allumiar? Quem nos ha de defender? Ah Parca! E como outra vez es cruel! Quem ha de substituir o lugar do nosso defunto Monarcha? Não sey quem possa ser. He necessario para encher o lugar de hum tal Monarcha, e de hum tal Rey, e Joaõ, muitos Joaõs.

Bastarão pois, senhores, dous Joaõs? Nada: he pouco. E pois bastarão cinco? Não. Bastarão dez? Tambem não. Bastarão vinte?

Ainda não. Bastarão trinta, quarenta, ou cincoenta? Não, que ainda he pouco. Bastarão sessenta? Ainda não bastaõ. E settenta bastarão? Ainda he pouco; porque ainda são necessarios mais alguns para substituirem o lugar de hum só, que he o nosso Joaõ Rey defunto. Despeçamo-nos do Bautista. Depois que morreo o Grande Bautista, foraõ instituidos não menos que settenta e dous discipulos, os quaes pelo Mundo evangelizassem, e prégassem. E advertem os Expositores, que o Bautista tinha nesse tempo fallecido: *Designavit Dominus & alios septuaginta duos,* ^{Luc. 10. 11.} *& misit illos binos ante faciem suam.* Eu não reparo tanto nos Discipulos; como na advertencia dos Interpretes, em dizerem que era

Pon-
tev.
hic.

era fallecido nesse tempo o Bautista : *Pro hoc tempore iam idem Joannes vitam cum morte commutaverat*. Pois que tinha ser, ou não ser já nesse tempo fallecido o Bautista ? O que ? Muito : foy para advertir, que esses settenta e dous eraõ para supprir a hum só Joaõ. Esses settenta e dous Joaõs eraõ para substituir a hum Joaõ só. Reparay que lhe não chamaõ, senaõ Joaõs. Vay a authoridade de Maldonado : *Ut omnes intelligent* (conclue o Padre) *pro uno Joanne de medio sublato, septuaginta duos Joannes* [reparay bem nesse *septuaginta duos Joannes*] *natos fuisse*. E te para o Bautista, se para aquelle Joaõ, que foy o exemplar do nosso, foraõ necessarios para substitui-lo, não menos que settenta e

Apud.
Pontev.
hic.

dous Joaõs : *Septuaginta duos Joannes* ; outros settenta e dous Joaõs nos são necessarios hoje : *Septuaginta duos Joannes*, para substituirem ao nosso Rey D. Joaõ : *pro uno Joanne*. Assim parece havia de ser: mas

Alviçaras, ó Portuguezes, que aquillo, que haviaõ substituir, settenta e dous Joaõs, ha de substituir, e gozar, como com effeito goza, e substitue hum só Joseph, que por unico he o primeiro. E com muita razão ; porque só o teu nome está indicando a mesma felicidade : *Joseph, idest, augmentum*. E parece que só hum Joseph Primeiro havia de substituir a hum Joaõ Quinto. Não sey se reparais em huma notavel determinação da Igreja Catholica, que allumiada pelo Espirito Santo nunca

ca pôde errar, a qual ha poucos tempos (não sey , se com os olhos em o nosso Portugal) mandou que S. Joseph nos Breviarios da Igreja se puzesse logo depois do Bautista. O q̃ supposto; notay a equivocação fallando em ordem ás Pessoas. Primeiro que tudo são as tres Divinas Pessoas; MARIA Santissima he a quarta, que se segue ; he Joaõ o Quinto, que depois de MARIA se conta; bem está : e depois de Joaõ, quem se segue ? Depois de Joaõ, he Joseph o primeiro. He Joseph o primeiro, que se segue depois de Joaõ, o quinto depois de MARIA Santissima, e da Beatissima Trindade. Assim vemos em ordem ás Pessoas, entre aquelle Joaõ, e aquelle Joseph: e assim vemos hoje no nosso Portugal em ordem aos

nomes; depois de hum Joaõ, o Quinto no nome, hum Joseph Primeiro do nome. Que bem parece, que só hum tal Monarcha vivo he que podia substituir o lugar, que só deviaõ substituir settenta e dous Joaõs; pela morte de hum só Joaõ, que hoje chora Portugal, que foy, e será de eterno nome, e fama eterna para a admiração : *Joannes est nomen eius : mirati sunt universi.*

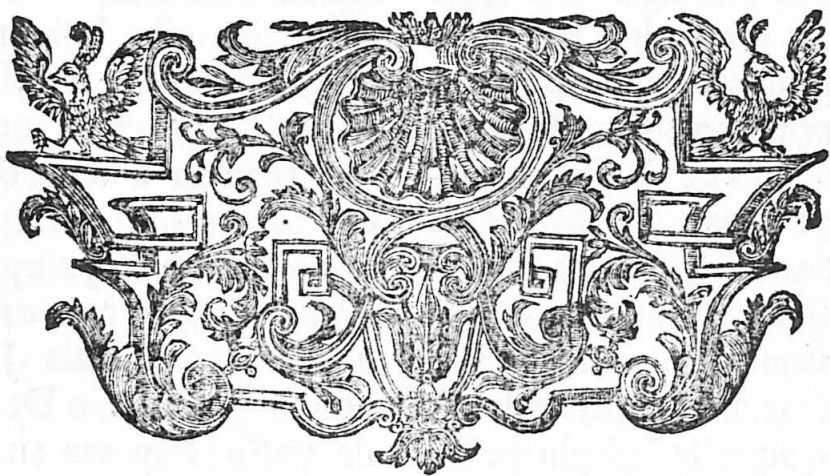
Oh, e como não menos será feliz Portugal com este Joseph ; do que foy com aquelle Joaõ ! pois vejo que lhe recahio a benção ; que já em outro tempo recahio a outro Joseph: *Deus Patris tui erit adiutor tuus*, dizia Jacob a Joseph : o Deos de vosso Pay em tudo vos ha de favorecer, e o Todo poderoso Senhor

VOS

Gen.
49.

vos ha de encher de ben-
çoens celestes; ha de
vos abundar tambem
com os dons da terra, e
com todas as mais gra-
ças, e dons: *Omnipo-
tens benedicet tibi bene-
dictionibus Cæli desu-
per; & benedictionibus
abyssi, benedictionibus ube-
rum, & vulvæ.* Era ef-
esta a benção de Jacob
para Joseph, e esta se-
rá tambem a benção do
nosso Joaõ Portuguez
para o nosso Joseph de
Portugal. Queira o Ceo

que, assim como se en-
cheraõ todas aquellas
bençoens em Israel, as-
sim se cumpraõ neste
Reyno. E assim como
Deos olhou, e attendeo
para aquelle Jacob, pa-
ra o depositar em o Ceo,
assim confio, que tam-
bem attendesse Deos
para o nosso Monarcha,
e Joaõ de Portugal, de-
positando-o pelos seus
grandes merecimentos lá
na eterna Bemaventu-
rança. Amen.



S E R M A Õ
N A S

EXEQUIAS FUNERAES

DO SERENISSIMO REY , E SENHOR

D. JOAÕ V.
QUE POR ORDEM

DO REVERENDISSIMO PADRE PRE'GADOR

FR. GERVAZIO
DO ROZARIO,

EX-DIFFINIDOR, E BIS-MINISTRO PROVINCIAL
da Provincia de Santo Antonio do Brazil, se celebraraõ
no Convento do Serafico Padre S. Francisco, da Cida-
de da Bahia, capitulando, e cantando a Missa

O M. REVERENDO PADRE PRE'GADOR,

FR. MANOEL
DE JESUS MARIA,

Ex-Diffinidor, e Guardiaõ actual do meismo Convento,

PRE'GADO PELO MUITO R. P. MESTRE

FR. JOSEPH DOS SANTOS
COSME, E DAMIAM,

*Ex-Leitor de Prima em a Sagrada Theologia, Ex-Diffinidor da
mesma Provincia, Examinador Synodal do Arcebispado da
Bahia, e Qualificador do Santo Officio, pelo Supremo Tri-
bunal da Inquisição de Lisboa.*

Aos 26 de Janeiro de 1751.

SE R M A O
EXEQUIAS FUNERAE
DO SEUS ANTOENY, F. SENIOR

D. JOAO V.
QUE POR ORDEN
DO REVERENDISSIMO PATER

GERVASIO
DORAZARIO,
REVERENDISSIMO, E BIS-MINISTRO DE OUVREIRO
da Provincia de Santo Antonio da Bahia, e
no Conselho do Governador de S. Francisco da Oba.
da Bahia, e Capitan, e Comandante da Milicia

O M. REVERENDO PATER PRECATOR
F. M. A. D. O. E. I.
DE JESUS MARIA,

PRECATOR DO BOM MUNDO R. F. MISTRE
F. JOSEPH DOS SANTOS
COSME, EDMAN,
F. M. A. D. O. E. I.
da Bahia de Todos os Santos, e Capitan da
Bahia, e Governador do Santo Officio, para a
Bahia, e Capitan da Bahia de Todos os Santos.

Acto de de Janeiro de 1711.



Regem , cui omnia vivunt , venite adoremus.

Ex Eccl.



Té agora cuidava eu , que estas canções rituaes, de que uza a Igreja nos Officios, e Exequias funeraes , eraõ dirigidas a despertar em nós a memoria para a compaixão , e sentimentos , e não a infundir alvoroço para a alegria , e applausos : (Soberana , e Augusta Magestade , se já defunta , e morta para o Mundo , como funestamente representaõ as tristes sombras dessa Urna ; sempre viva, e im-

mortal para os Ceos , onde piamente vos considero já collocado , e glorioso , logrando o premio das acçoens, que neste Mundo obrastes, taõ sublimes, como virtuosas , taõ heroicas ; como meritorias ; e por isso agora com mayor razaõ adorado por tanto mais Alto , e tanto mais Poderoso Rey , e Senhor nosso , quanto vay do Ceo á terra.) Até agora cuidava eu , que estas cançoens rituaes, de que usa a Igreja nos Officios , e

M

Exe-

Exequias funeraes eraõ dirigidas a despertar em nós a memoria para a compaixão , e sentimentos, e naõ a infundir alvoroço para a alegria, e applausos: porêm já estou persuadido que errava no pensamento , pois queria medir, e regular as mortes de todos com a mesma igualdade, sem attender que, assim como ha muitas , que devem ser lamentadas, assim tambem ha algumas, que pedem ser applaudidas , e festejadas.

As mortes lamentadas e sentidas saõ daquelles , de quem se ignora o premio, ou, para dizer melhor, o castigo; que lhes está destinado em satisfação das culpas , que nesta vida cometeraõ ; por cuja razão a Igreja nossa Mãe, taõ pia , como compadecida, applica muitos ;

e diversos suffragios para allivio das penas , que padecem as almas no Purgatorio, para que as mesmas almas alleviadas das penas passem a gozar a Visão beatifica de Deos. As mortes , que se devem applaudir, e festejar, saõ daquelles , cujas acçoens virtuolas, e meritorias nos daõ fundamento provavel , e motivo vehemente para piamente arguirmos; e conjecturarmos , que logo, ou pouco depois do seu transito, passaraõ a gozar a melhor vida; que he a eterna ; a respeito das quaes diz o Espirito Santo, por boca de Salamaõ , que mais se deve estimar o dia da morte , que o dia do nascimento: *Melior est dies mortis die nati-*

*Eccl.
c. 7.*

E assim naõ será de estranhar : fallo com toda moderação , e respeito de-

devido aos decretos Pontificios; pois não he meu intento asseverar do nosso Soberano Monarcha defuncto assertiva, e definitivamente o estado da Bemaventurança; nem transcender os termos da credulidade meramente humana; e neste sentido, e com este protesto digo: que não será de estranhar que entre eu a convidar a todo este auditorio tão grave, tão douto, e tão discreto, a que venha adorar o nosso Rey, e Senhor D. João V., nunca mais Augusto, nem mais Soberano, do que quando eternamente vivo, e glorioso: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus*: porque se atégora o adorámos na terra como Rey, que nos governou com amor de Pay; daqui por diante o adoraremos no Ceo como Patrono, para nos

proteger, e amparar com zelo, e fervor de Advogado. Esta foy a consolação, em q̃ prorompeo S. João Capistrano, quando teve a noticia da morte de seu Mestre, e Prelado S. Bernardino de Sena: *Magistrum amisi, Protectorem inveni*, consolo-me, que se perdi na terra hum Mestre, e Prelado, tenho agora no Ceo hũ grande Protector, e Advogado.

Forão tantas as acçoens heroicas, e meritórias, que obrou o nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. João V. nesta vida, pelas quaes se póde arguir, e conjecturar a possessão da vida eterna, que se me faz impossivel o numerá-las; e só em sũma recopilarey, reduzindo-as a dous generos, ou classes. Quando aquelle Farizeo, prezumido de Satriapa, e Doutor da Ley;

Chron:
P. 5. l.
I. c. 27.

perguntou a Christo o q̃ havia de fazer para possuir a vida eterna: *Magister, quid faciendo, vitam æternam possidebo*: Respondeo-lhe Christo com outra pergunta! Que he o que manda a Ley: *In lege quid scriptum est*? Vendo-se o Farizeo alcançado, e arguido com esta pergunta, confessou planamente, que a Ley mandava amar a Deos com todo o coração, e ao proximo como a si mesmo: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, & proximum sicut teipsum*. Pois isso mesmo, conclue o Divino Mestre, he o que debes fazer para viveres, e possuires a vida eterna: *Hoc fac, & vives*; porque da observancia destes dous preceitos depende a possessão da vida eterna.

Observou tanto á

ritica estes dous preceitos o nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. João o V., que não haverá quem com razão o possa duvidar. Vejamos o primeiro: todo o cuidado, e delvélo do nosso Soberano Monarcha, fundado no amor de Deos; foy sollicitar o mayor culto, e gloria accidental do mesmo Deos; já na creação da Magnifica, e sempre Veneranda Igreja Patriarchal com tantas preminencias para o Eminentissimo, e Reverendissimo Cardeal Patriarcha, e para os Excellentissimos, e Reverendissimos Principaes, e mais Ministros della, que faz admirar o Universo, tanto pela sumptuosidade da fabrica, como pela summa, e excessiva despeza, que faz o Erario Real todos os annos com cada hum dos Prebendados;

dados; já na fundação de tantos Mosteiros Religiosos; já na edificação de tantos Templos, paramentando-os com alfayas muy ricas, e preciosas; já na criação de tantos Bispos na nossa America com rendas muy avantajadas para as suas Dignidades, Conegos, e Capellaens; já finalmente no accrescentamento, assim de novas Prebendas para as Sés do Arcebispado, e Bispos já erectos na mesma America, como de multiplicadas Vigaiarias, ou Parochias, para melhor, e mais prompta administração dos Sacramentos aos seus Vassallos nestes paizes tão longinquos, e dilatados, com dispendio muy consideravel da sua Real Fazenda: tudo, para mayor culto, e gloria accidental do mesmo Deos.

Em quanto ao amor do proximo, bem se vio naquella epidemia geral dos vomitos negros no anno de 23, quando, sendo requerido dos Medicos, e instado dos Grandes do Reyno, para se retirar da Corte, respondeo: que não amava tão pouco aos seus Vassallos, que houvesse de assegurar a propria vida, deixando as dos Vassallos expostas a tão manifesto perigo; e assim resolveo a ficar, e buscar todos os meynos, sem omittir diligencia alguma para livrar o seu povo daquelle contagio; como de facto conseguiu. Passados alguns annos, indo ás Caldas; e vendo as faltas; e necessidades, que nellas padeciaõ os enfermos, mandou fazer hum Hospital espaçoso, e provido de todo o necessario; para que os enfermos de

qualquer qualidade, ou doença, fossem tratados com todo aceyo ; e assistidos com todo regálo, sem experimentar a menor falta para a recuperação da saude.

Sobre tudo, para livrar os seus Vassallos de todos os vexames, e damnos, que precisamente se leguem da guerra ; assim em prejuizo da saude temporal, como da espiritual, pôs todo o cuidado em conservar o seu Reyno, e Conquistas, em paz, não obstante tantas Embaixadas, e instancias, com que os Reys Estrangeiros o incitavaõ para a guerra, satisfazendo a huns, e divertindo a outros com varios pretextos, e muitas vezes com copiosas sômas de dinheiro ; só por conservar em paz os seus Vassallos. Parece que, desde o dia da sua Acclamação so-

lemne, que foy em o primeiro de Janeiro de 1707, dia oitavo do Nascimento do Menino Deos, quando o Anjo deo aos Pastores aquelle tão grande annuncio, de que era nascido hum Rey, que só havia de cuidar da Gloria de Deos, e da paz dos homens: *Gloria in altissimis Deo, & in terra* Luc. c. 2. *pax hominibus*, tomou o nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. João V. este annuncio Angelico por empreza, e braço do seu Reinado.

Levado eu deste pensamento, quando a obediencia me destinou para Orador destas Exequias, elegi por thema da minha Oração as sobreditas palavras do Anjo, para fazer dellas duas premisas em fôrma de argumento, deixando a consequencia ao arbitrio,

trio: e piedade dos ouvintes, e contentando-me sómente, para elogio do nosso Augusto, e Soberano Monarcha, com o que accrescentou a Igreja ás palavras do Anjo: *Gloria in Altissimis Deo, & in terra pax hominibus: laudamus te, & benedicimus te*: isto he, determinava eu louvar ao nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joaõ V. pela gloria, e culto; que tributou a Deos: *Gloria in Altissimis Deo, laudamus te*; e dizer, ou rogar-lhe mil bens pela paz; em que nos conservou: *Et in terra pax hominibus; benedicimus te*. Mas como esta minha idéa se fez anticipadamente publica, e notoria pela revelação de hum ingrato; e infiel, a quem a communiquey em segredo; me foy preciso retractar o pensamento, e deziſtir

da idéa premeditada: e occorrendo-me varios Textos da Elcritura para thema, abracei as palavras, com que a Igreja principia o Invitatorio do officio funeral: *Regem, cui omnia vivunt; venite adoremus*; para com ellas ponderar hũa virtude singular do nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joaõ V.; a qual comprehendendo simultaneamente o amor de Deos, e do proximo; me dá fundamento efficaç para plenamente o suppôr já glorioso, ou glorificado; e vema ser a piedade misericordiosa com as almas do Purgatorio.

He esta virtude tão elevada, e relevante, q̃ S. Joaõ Chrysostomo a julgou pelo melhor assumpto para panegyrico de hum Principe: *Siquis Principem laudare velit, nihil ei adeò decorum*

M 4 adſcribet,

Psalm.
144.

*adscribet, atque misericordiam: e o Profeta Rey, ponderando os attributos de Deos, deo a primazia sobre todos ao attributo da misericordia: *Miserationes ejus super omnia opera ejus; cuja razã assigna Santo Hilario dizendo: Ideo præstat cæteris operibus misericordia; quia magnifica ejus operatio virtutis suæ est, misericordia verò usus alienus: por isso em Deos a misericordia logra a primazia; porque os mais attributos são creditos da sua grandeza, da sua sabedoria, e do seu poder; mas o attributo da misericordia he o remedio da nossa miseria: e quem poderá negar ser acção mais gloriosa remediar as misérias alheias, que ostentar os lustres da propria grandeza?**

Com esta consideração, dai-me licença,

Principe Soberano, e Rey misericordioso, para omittir, e passar em silencio as acções heroicas da vossa grandeza, e só celebrar a excellencia da vossa piedade, e misericordia; admirem se huns da generosidade, com que creastes tantos Bispos, fundastes tantos Mosteiros; e erigistes tantos Templos para mayor culto e gloria de Deos: passem outros do zelo, e amor, com que attendestes á tranquillidade dos vossos Reynos. e Conquistas, conservando em paz os vossos Vassallos; que só a piedade, e misericordia, que uzastes com as almas do Purgatorio será hoje o unico emprego da minha Oração, porque esta virtude, sendo dirigida pelo amor dos proximos mais necessitados, quaes são as almas do Pur-

Purgatorio, se termina ao amor de Deos, pois he certo, q̃ as almas alleviadas das penas do Purgatorio passaõ a gloriar-se e regozija-se no amor de Deos: Donde fundamentando-me eu na resposta do Divino Mestre ao Farizeo, que na observancia do amor de Deos, e do proximo consistia a possessaõ da vida eterna: *Hoc fac, & vives*; venho a inferir que, se morto para o Mundo, para Deos estais eternamente vivo.

Esta he, Catholico; e discreto auditorio, a razãõ; porque com grande jubilo, e alegria vos venho hoje convidar com o mesmo invictorio da Igreja, que ha pouco ouvistes entoar naquelle Côro, a que festejemos, e rendamos a Deos as graças: *Venite exultemus Domino, jubilemus Deo salutari*

nostro, præoccupemus faciem eius in confessione, & in psalmis jubilemus ei; porque nos deo hum Rey, que fazendo viver tantas almas para a eternidade, o adoramos hoje eternamente vivo: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus*. Está proposta a materia: para discorrer com acerto, e clareza; necessito da Graça; ajudai-me todos a implorá-la com a Saudaçãõ Angelica.

AVE MARIA

A Virtude mais heroica, e meritoria, em que se singularizou o nosso Augusto; e Soberano Monarcha D. Joaõ V., foy o cordial affecto, e devoçãõ, que teve ás almas do Purgatorio, mandando todos os dias dizer quinhentas Missas, repartidas pelas Igrejas de Lisboa,

boa, de esmola de 240 reis; para que, mediante estes suffragios de tão Sacrosanto Sacrificio, tivessem as mesmas almas allivio nas penas, que padecem no Purgatorio, e pudessem gozar a vida eterna na clara visão de Deos. Em dias particulares de jubileo dobrava o numero das Missas: e houve occasião, em q̃ só de hũa vez mandou dizer tres mil e quinhentas Missas, como foy em o anno de 26., tendo noticia, de que se queimara no mar a Náo Capitania da Fróta da Bahia, com todos os homens, que levava; outras tantas mandou dizer no anno de 37. tendo tambem noticia, de que se queimara a Náo da India, chegando ao porto desta Cidade, ainda que escaparaõ com vida muitas pessoas da mesma Náo.

Era este affecto do

nosso Monarcha tão cordial, que duas vezes empenhou a sua authoridade, e soberania com a Sé Apostolica a favor das mesmas almas: a primeira, quando impetrou o indulto de celebrarem todos os Sacerdotes dos seus Reynos, e Conquistas, tres Missas em dia da Commemoração geral dos defuntos, applicadas por suffragios ás mesmas almas: a segunda, quando alcançou a graça, para que todos os seus subditos, que tomassem a Bulla da Cruzada, chamada dos vivos, pudessem tomar tantas Bullas de defuntos, quantas fossem as almas, a quem quizessem applicar as graças, e Indulgencias na mesma Bulla concedidas: e deste modo desvaneeço a opiniaõ vulgarmente recebida, que no mesmo anno não podia

dia pessoa alguma tomar mais de duas Bullas de defuntos. Por esta só virtude tão fructuosa para as almas, ainda no caso, que não tivesse outras tão relevantes, que industriosamente deixo de ponderar, posso piamente arguir, e conjecturar, que o nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joaõ V. está gozando a vida eterna em companhia daquellas mesmas almas, que fez viver eternamente; e por isso com grande regozijo entrey a convidar a todo este auditorio, para o adorarmos vivo; e gloriosamente reinante: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus.*

Antes que eu entre a discorrer, quero primeiro mostrar fundada a minha arguição, e conjectura na authoridade do Supremo Oraculo da Igreja. Escreveo a San-

tidade reinante de Benedicto XIV. ao nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joaõ V., quando lhe mandou o indulto das tres Missas em dia da Commemoração geral dos defuntos; e depois de lhe expressar o conceito, e apreço; que fazia das suas Christianissimas virtudes, conclue dizendo-lhe: que só por esta virtude misericordiosa, que usava com as almas do Purgatorio; em summo; e superlativo gráo meritoria; esperava de Deos, como verdadeiro remunerador, que depois da sua morte o havia livrar das penas do Purgatorio; e collocar na Celeste Patria; para viver eternamente em companhia das mesmas almas já gloriosas. Vaõ as palavras do Santissimo Padre: *Ut majestati tuæ:: de majori suffragio Christi fidelibus*

fidelibus in Purgatorio detentis comparando benemerentissime, post mortalis huius vite cursum è Purgatorii pœnis exemptam ad æternæ beatitudinis in Cælesti statione tranquillitatem perducatur. Pois se o Supremo Oraculo da Igreja, ainda vivo o nosso Soberano Monarcha, firmemente esperava que elle, pela virtude misericordiosa com as almas superlativamête meritória, como denota aquelle termo, *Benemerentissime*, havia de ser livre das penas do Purgatorio, e brevemente gozar a vida eterna; porque razão depois da sua morte, constando que morrera com todos os Sacramentos, e sinaes de predestinado, não poderey eu conjecturar que está já livre dessas penas; e eternamente vivo? Com razão logo entrey

eu a convidar a todos para adorarmos a nosso Rey gloriosamente vivo, pelo beneficio dos suffragios, com que fez viver a tantas almas eternamente: *Regem; cui omnia vivunt, venite adoremus.*

Comecemos agora a ponderar as circumstancias, que occorrerão; concorrerão, e subseguirão a morte do nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joaõ V., para formar o discurso, que será mais academico, que conceituoso: e primeiro que tudo, ponderemos o nome. O nome de Joaõ, segundo a Biblia, interpreta-se pio, e misericordioso: *Joannes, id est, pius, ac misericors*; e adjunta a diviza do numero quinto, que os antigos consideravaõ favoravel aos defuntos, valendo-se em todos os sacrificios funeraes

Virg.
Æneid.
l. 5.

neraes do numero quinario, como canta o Poeta: *Cædit quinas de more bidentes, totque sues, totidem nigrantes terga iuencos, vinaque fundebat pateris, animamque vocabat Anchisæ magni, manesque Acheronte remissos*; bem se vê, que com mysteriosa providencia foy imposto ao nosso Soberano Monarcha o nome de Joaõ V., para denotar o affecto misericordioso, em que se havia singularizar com as almas do Purgatorio,

Com similhante alluzaõ ao mesmo dictame dos antigos, esta minha Oraçaõ, que, a respeito das que tem havido nesta Cidade, he a quinta, trata da virtude especial, em que se esmerou o nosso Soberano Monarcha a favor das almas; pois certamente com esta virtude super-

lativamente meritoria acreditou o mesmo Monarcha o nome de Joaõ V., naõ só de Grande, mas de Maximo, como de Josué diz o Texto Sagrado: *Mag-nus secundum nomen, maximus in salutem electorum*; e naõ só Grande, e Maximo neste Mundo, mas no outro, onde em companhia das almas ja beatificadas o adoramos gloriosamente vivo: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus*; desorte que, anhelando nesta vida o nosso Soberano Monarcha a salvaçaõ das almas do Purgatorio; foybe, sábia, e discretamente, assegurar a sua propria salvaçaõ na vida eterna.

Ecclef.
c. 46.

Vejamos este pensamento provado em dous textos de Salamaõ; que, parecendo á primeira vista encontrados, se uni-

Pro-
verb.
cap. 9. e
c. 11.

unitormão em abono do mesmo pensamento. Fala Salamaõ no Cap. 9. dos Proverbios, e diz que o Sabio, e discreto ha de tratar de si, ou para si: *Si sapiens fueris, tibimetipsi eris*; e no Cap. 11 diz: quem tiver cuidado da salvação das almas, he Sabio: *Qui suscipit animas, sapiens est*. Quem não vê a contradição, ou incoherencia destes dous textos? Se Salamaõ diz no Cap. 9. que o Sabio só ha de tratar de si, ou para si: *Si sapiens fueris, tibimetipsi eris*; como affirma no Cap. 11. que o ser Sabio consiste em tratar da salvação das almas? Oh que bellamente se conformaõ os dous Textos! E se não, vede: o mesmo foy ter o nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joaõ V. cuidado da salvação das almas, que

estavaõ retidas no Purgatorio, que cuidar, e tratar de si; porque a mesma Bemaventurança, e Visão beatifica; que pelos Sacrificios da Missa solicitava para as almas do Purgatorio, grangeou, e allegrou para si: e por isso com fé pia, e conjectura muy provavel o adoramos ja glorioso: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus*.

Agora se verá a verdadeira intelligencia daquelle texto de S. Joaõ, assaz difficultoso de se entender: *Qui scit fratrem suum peccare, non ad mortem, petat, & dabitur ei vita*, quem souber que seu irmão pecca com o peccado, que não induz morte, peça, e alcançará vida. Algũs entendem este Texto do peccado venial; o qual he culpa, que não causa morte, nem faz

Epist.
1.
Joanni
c. 5.

faz perder a vida espirital ; mas contra esta intelligencia está o mesmo texto , que diz que peça , e se lhe dará vida: *Petat , & dabitur ei vita*: logo suppõem que a perdeo ; e se a não perdeo , não carece q se lhe dê. Admiravelmente Rufense , citado pelo Doutissimo Godoy , o qual explica o Texto das penas , que padecem as almas no Purgatorio pelos peccados nesta vida commettidos , e já perdoados ; porque ainda que com o perdão dos peccados receberão as almas a vida espirital da graça , sempre ficou o reato da pena , que se padece no Purgatorio , e impede ás almas o ver a Deos , e viver eternamente : e por isso diz o Evangelista Aguiã , que quem orar a Deos pelas almas , que padecem no Pur-

gatorio , e estão como mortas , privadas de verem a Deos , se lhe dará a vida eterna: *Qui scit fratrem suum peccare , non ad mortem , petat , & dabitur ei vita*.

Bem está : mas a quem se ha de dar esta vida ? aos defuntos , por quem se pede , ou ao mesmo , que pede ? Respondendo , que tanto ás almas do Purgatorio , como ao mesmo , que pelos Sacrosantos Sacrificios das Missas as allevia das penas , e lhes faz gozar a vida eterna : pois , assim este , como aquellas , participaõ da efficacia daquelle tão Soberano , e salutifero Sacrificio : e a razão he ; porque o Sacrificio da Missa não só he suffragio para as almas , por quem se applica , mas tambem para o mesmo , que applica : *Sacrificia Deo oblata non animabus*
tan:

tantum suffragia sunt, sed etiam ipsi offerenti; disse o Douto Pontavellense.

Pfalm.
117.

Corrobora se esta minha resposta com aquella proposição assertiva de David, em que dizia, que não havia de morrer, mas viver sempre: *Non moriar, sed vivam.* He certo que David não fallava da morte temporal; porque sabia muy bem, que desta ninguém se izenta: *Statutum est hominibus semel mori*: logo fallava da eterna; e por isso, huma, e muitas vezes, dizia que esperava não morrer eternamente: *In te, Domine, speravi; non confundar in eternum.* E em que fundava David esta sua esperança? Direy: era David tão compassivo, e misericordioso com as almas dos defuntos, que em todas as occasiões de mor-

Paul ad
Hebr.
c. 9.

Pfalm.
30. &
70.

tandade, já por causa de peste, já por causa de guerra, mandava fazer muitos suffragios, e Sacrificios pelas almas dos que morrião; *Tibi sacrificabo hostiam laudis, id est, per Sacerdotes hostiam offerentes*, expõem o nosso Lyra: e como conhecia a efficacia destes suffragios, que tanto aproveitava ás almas, por quem se applicava, como á sua propria, que applicava; por isso anticipadamente rendia a Deos as graças, não só porque tinha livrado a sua alma do Inferno, mas porq̃ a tinha salvado das penas do Purgatorio: *Exaltabo te, Domine, quoniam eduxisti ab inferno animam meam; salvasti me a descendentibus in lacum.* Eis-ahi em que fundava David a sua esperança, de que não havia de morrer, mas sim viver eter-

Pfal
29

eternamente : *In te, Domine, speravi, non confundar in eternum::: Non moriar, sed vivam.*

Naõ se póde dar mais proprio, e adequado original do nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joaõ V. do que o Rey mais perfeito da Ley Escrita, talhado pelo molde do coração de Deos: *Inveni virum*

secundum cor meum; porque se David teve esperança fixa de se salvar, e viver eternamente, porque era cordialmente compassivo, e misericordioso com as almas, e por isso convidava a todos a festejar este dia, e render a Deos as graças, com tanto jubilo, e applauso : *Venite exultemus Domino, jubilemus Deo salutari nostro; praeoccupemus faciem ejus in confessione, & in psalmis jubilemus ei;* com igual razão devemos

adorar vivo, e gloriosamente gozando a vida eterna, o nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. Joaõ V. ; porque sendo tão compassivo, e misericordioso com as almas do Purgatorio, as fez viver, e gozar a Vizaõ beatifica de Deos: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus;* e por isso com grande jubilo, e prazer vim hoje convidar a este tão Catholico, e Religioso auditorio a render a Deos as graças em nome do mesmo Augusto, e Soberano Monarcha : *Venite exultemus Domino, jubilemus Deo salutari nostro, praeoccupemus faciem ejus in confessione, & in psalmis jubilemus ei.*

Para que vejais com toda a clareza a razão do jubilo do meu convite, passemos a ponderar, assim o dia em que nasceo, como o em que falleceo

N

falleceo

Act.
Apost.
c. 13.

Psalm. 49.

falleceo o nosso Augusto, e Soberano Monarcha: para cuja ponderação he de suppor, como publico, e notorio, o cordial affecto; com que venerava a Religião do meu Serafico Padre S. Francisco, de forte; que vendo a qualquer Religioso da sua Ordem, logo com toda a reverencia lhe beijava a manga do habito; e deste affecto resultou a resolução de querer ser amortalhado fô no habito de meu Padre S. Francisco, não permittindo outro algum; fenaõ o manto da Ordem de Christo, de que era Gam-Mestre. A singularidade desta devoção parece lhe veyo ja do nascimento; por nascer no oitavario de S. Pedro de Alcantara, glorioso filho, e verdadeiro imitador de meu Padre S. Francisco: de

hum, e outro, do Pay, e do filho foy o mesmo Rey, assim que com a idade teve o ullo da razão, cordialissimamente devoto, como mostraraõ sempre as frequentes esmólas, as continuas, e quotidianas vizitas; que fazia aos seus Conventos, e especialmente aos da Provincia da Arrabida, que o mesmo S. Pedro de Alcantara fundou em Portugal. Baste para credito desta espezialidade aquella maravilha, ou maravilhoso Convento de Mafra, que fez edificar para os Religiosos filhos desta Provincia, aonde, apurada a arte, se vê competir a piedade com a magnificencia, a devoção com a Magestade.

Nem carece de mysterio, que nascendo o nosso Soberano Monarcha em 22 de Outubro,

bro, quarto dia do Oitavario de S. Pedro de Alcantara, e tendo por Pay o Serenissimo Rey D. Pedro II., não lhe foy imposto o nome de Pedro, mas sim o de Joaõ, certamente não se pôde attribuir esta imposição, senão a delittino superior da Divina Providencia; que assim dispôs, para que o nosso Soberano Monarcha, com o nome de Joaõ, q se interpreta pio, e misericordioso: *Joannes, id est, pius, ac misericors*, e com a diviza de Quinto, numero favoravel aos defuntos, ostentasse a sua piedade, e misericordia com as almas do Purgatorio.

Accresce outro mysterio para a imposição do nome de Joaõ ao nosso Soberano Monarcha, e vem a ser: nasceu o nosso Soberano Monarcha em 22 de

Outubro, Vespera de S. Joaõ Capistrano, tambem glorioso lustre da Religião Serafica, que se celebra em 23. do mesmo mez: parece que, com o nome, quiz tomar a S. Joaõ Capistrano por seu exemplar, e Patrono, e na verdade assim o verificou a experiencia; pois conseguiu que a Igreja o honrasse com o mesmo titulo, com que he condecorado S. Joaõ Capistrano nas suas Vesperas. Na Antifona de Magnificat, que canta a Igreja nas Vesperas a S. Joaõ Capistrano, lhe dá o singular titulo de Fidelissimo, e Zelador de Fé: *O' Zelator fidei, Joannes Fidelissime*: com este mesmo titulo de Fidelissimo, e Zelador da Fé, honrou tambem a Igreja ao nosso Serenissimo Rey D. Joaõ V.: logo não se pôde negar que

foy mysteriofa a imposição do nome de Joaõ ao nosso Soberano Monarcha por nascer na vespera de S. Joaõ Capistrano; quando a hum, e outro, e a ninguem mais, deo 'a Igreja o titulo de Fidelissimo, e Zelador da Fé. *O' Zelador fidei, Joannes Fidelissime.*

Nem obsta o que ja ouvistes em humas destas funçoens funeraes, que o Santo do nome, a quem o nosso Monarcha tinha por Patrono, era S. Joaõ Evangelista; em cujo dia todos os Grandes, e Prelados da Corte lhe beijavaõ a mão em obsequio ao seu nome: não nego o facto desta cerimonia; mas ouvi o fundamento, q̃ não destroe o jus do Patronato do nosso Santo. He certo, que o nosso Soberano Monarcha nasceo

em Outubro do anno de 1689. ; e como nesse anno ainda não estava solemnemente canonizado para toda a Igreja S. Joaõ Capistrano, tendo que, por decreto de Leaõ X., e de Gregorio XIII., ja se rezava delle em o Bispado de Capistrano, e em todos Conventos da Ordem Serafica; e dahi a hum anno justo em Outubro de 1690. foy solemnemente canonizado para toda a Igreja por Alexandre VIII.; por isso no anno do nascimento do nosso Monarcha elegêraõ o dia do Evangelista para esta cerimonia do beijamão: mas como logo no seguinte anno foy universalmente celebrada a canonização de S. Joaõ Capistrano, adquirio, ou ratificou o Santo o jus do seu Patronato, e ficou sendo Patrono

Patrão do nosso Soberano Monarcha, por nascer este nas Vesperas do seu dia; e por isso condecorados ambos com o singular titulo de Fidelissimo, e Zelador da Fé: *O' Zelator fidei, Joannes fidelissime.*

Até aqui o dia do nascimento do nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. João V.: vamos agora ao dia da sua morte. Já sabeis que morreo em 31. do mez de Julho; dia em que a Religião Serafica celebra o dia oitavo de S. Francisco Solano, Apostolo da America, e Padroeiro das Indias Occidentaes: e como o nosso Monarcha era no affecto todo Franciscano; permittio Deos que fallecesse em o dia oitavo de S. Francisco Solano, cuja vida foy a norma, por onde se regulou, e computou

a do nosso Soberano Monarcha; e senão, vede. S. Francisco Solano tinha 17 annos, quando entrou na Religião; viveo Religioso quasi 44. annos, e falleceo de 61 annos: assim o diz hum Historiador da sua vida. O nosso Soberano Monarcha tinha 17 annos, quando entrou a reinar, reinou quasi 44., e morreo de 61. annos. Mas perguntará a vossa curiosidade, porque razão não permittio Deos que fallecesse o nosso Monarcha em o dia proprio da festa de S. Francisco Solano, e só fim no dia oitavo? Duas razoes me occorrem, (além de huma especial, que reservo, para quando ponderar o dia da semana] que confirmaõ o meu pensamento, ou o motivo do meu convite com tantos jubilos de alegria.

A primeira funda-se nas lições do 2. nocturno, que se rezaõ no dia oitavo de S. Francisco Solano, as quaes parece foraõ talhadas para esta funcão funeral, que celebramos pela morte do nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. Joaõ V. : principia a primeira lição: *Gaudete in Domino, dilectissimi, qui inter continua sue pietatis beneficia indulget hominem mundo, cujus multi salvarentur exemplo*, como se differa, fallando com os Portuguezes: alegrai-vos V. roens os mais mimosos, e amados de Deos, porque o Senhor entre os continuos beneficios, que faz ao Reyno de Portugal, foy dar hum Rey, com cujos suffragios muitas almas se livraraõ do Purgatorio. Começa a segunda lição: *Hæc dies glorioſæ mi-*

grationis (jus, exultemus, & letemur in ea, este he o dia, em que recordamos o seu glorioso transito, alegremo-nos, e festejemos este dia. Finalmente, conclue a terceira lição, como fallando com o nosso Monarcha defunto: *Eia ergo, dulcis Patrone, Advocate fidelis, exurge in adjutorium nobis, ut & nos de nostra ereptione gaudeamus, & tu de plena victoria glorieris*; eia pois, se foltes atègora nosso Rey, e Senhor Soberano, sede, daqui por diante nosso Patrono, e Advogado fiel, para que, festejando a vossa dita, mereçamos alegrar-nos convosco nella gloria. Parece vem de molde as lições do dia oitavo de S. Francisco Solano para esta minha Oração, em que adorando ao nosso Rey gloriosamente vivo, por
ter

ter dadõ a tantas almas a vida de gloria : *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus*, venho a convidar a este auditorio para se alegrar, e render a Deos as graças pela vida gloriosa do mesmo Rey, : *Venite exultemus Domino, iubillemus Deo salutaris nostro, præoccupemus faciem ejus in confessione, & in psalmis jubilemus ei.*

A segunda razão he; porque no dia oitavo, e naõ da festa de S. Francisco Solano concorrem as Vesperas de S. Pedro ad vincula, quando entre cadêas, ou correntes, foy prezo o Principe das Apostolos por mandado de Herodes, cuja prizaõ celebra a Igreja no primeiro de Agosto. Ja sabeis, ou deveis saber, que S. Pedro entre as cadêas, ou correntes daquelle tenebrozo carcere symboliza a hũa

alma entre as horrorozas prizoens do Purgatorio; e assim como para a soltura do Apostolo foy necessario que hum Anjo descesse ao carcere; assim tambem para a soltura de qualquer alma retida no Purgatorio he necessario que algum Anjo desça a livrá-la: por isso na tarde, em que falleceo o nosso Soberano Monarcha, foy cõveniente concorressẽ as Vesperas, em q se solemnizaõ as correntes da prizaõ de S. Pedro; para que elle, como Principe da Igreja, e Vigario de Christo na terra; confortasse, e anima-se ao nosso Monarcha a sopportar a prizaõ do Purgatorio, em quanto descia algum Anjo, ao menos em figura, a livrá-lo dessas penas, como logo mostrarey assim succedera.

Accresce demais

N 4

com

com as Vesperas de S. Pedro ad vincula a cõmemoração dos Martyres Machabeos. He certo, que estes Santos Martyres morrerão antes da vinda de Christo; e he tambem certo, que a Igreja só solemniza os Martyres, que morrerão em odio da Fé de Christo: pois como celebra, e faz a Igreja cõmemoração dos Machabeos, que padecerão antes de vir Christo ao Mundo? Se me não engano, descubro a razão: o primeiro, que introduzio darem-se estipendios, ou esmólas aos Sacerdotes para offerecerem sacrificios por suffragios ás almas dos defuntos, foy o famosissimo Judas Machabeo:

2. Mac. c. II. *Duodecim millia drachmas argenti misit Hierosolymam offerri pro peccatis mortuorum sacrificium; cujo costume*

vemos praticado na Igreja Catholica: e absolutamente o unico Texto da Sagrada Escritura, com que se prova haver Purgatorio; onde as almas se purificação das culpas, que nesta vida commetterão, he do livro 2. dos Machabeos: *Sancta ergo et salubris est cogitatio pro defunctis exorare; ut à peccatis solvantur*: pois por isso a Igreja, em attenção a tão grande beneficio, celebra o martyrio dos Machabeos, não obstante ser antes da vinda de Christo. E como o nosso Soberano Monarcha D. João V. foy perfeito imitador de Judas Machabeo, dispendendo todos os dias copiosa quantidade de dinheiro para se offerecer o Sacrosanto Sacrificio da Missa por suffragio ás almas do Purgatorio, por isso a sua mor.

morte foy no dia oitavo de S. Francisco Solano, em cujas Vesperas con-
correo a commemora-
ção dos Martyres Ma-
chabeos ; para que na-
quelle dia, e hora do
seu transito se alegrasse
com aquella santa ir-
mandade, que tanto
imitou ; e se consolasse
com os suffragios dos
mesmos Machabeos, co-
mo diz a Igreja na sua
Oração: *Fraterna Mar-
tyrum corona letificet,
& multiplici suffragio
consoletur.*

Naõ pára aqui o
mysterio do dia 31 do
mez de Julho, ainda
passa a mais: neste dia 31
de Julho, refere o nosso
eruditissimo Astorga,
succedeo aquelle cele-
bre milagre, que obrou
Christo do cego, e mu-
do, por cuja occasiãõ
levantando a voz Mar-
cella, entre as turbas das
que presenciaraõ o mi-

lagre, e beatificando o
ventre de MARIA SS.
por ter géado a Christo
Author de taõ estupen-
do prodigio : *Beatus* S. Luc.
cap. 11.
Venter, qui te portavit,
respondeo o Divino
Mestre beatificando aos
que ouvem, e guardaõ
a palavra de Deos :
*Quinimo beati, qui au-
diunt verbum Dei, &
custodiunt illud.* Agora
o reparo: e que palavra
de Deos he esta, que faz
bemaventurado ao que a
ouve, e guarda? Ouvi,
e achareis confirmado o
meu conceito.

Tinha Christo ad-
vertido aos seus Disci-
pulos, que fossem pios, e
misericordiosos ; como
era seu Eterno Padre :
Estote ergo misericordes, S. Luc.
c. 11.
*sicut, & Pater vester mi-
sericors est ;* cuja ad-
vertencia lhes intimou
ao depois com mayor
efficacia nestas enfati-
cas, e mysteriosas pa-
lavras:

Id. cap.
16.

lavras: *Facite vobis amicos de mammona iniquitatis, ut cum defeceritis, recipiant vos in æterna tabernacula*; nas quaes, segundo o Cardeal Belarmino, lhes recomendou que fossem pios, emisericordiosos cõ as almas do Purgatorio, applicando muitos suffragios, e sacrificios, para que ellas, depois de beatificadas, á ley de agradecidas, fossem nossas advogadas, e solitassem a nossa felicidade em sua companhia: *Ut cum defeceritis, recipiant vos in æterna tabernacula*. Pois eis-ahi a razãõ, porque affirmou Christo que era bemaventurado o que ouvia, e guardava a palavra de Deos: *Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud*; porque na verdade quem ouvir, e observar a palavra de Deos, isto he, a recõ-

mendação, que faz Christo sobre a piedade, e misericordia com as almas do Purgatorio, tem a certeza de ser bemaventurado. E este he tambem o mysterio, com que o nosso Soberano Monarcha morreo neste dia; para que, como foy taõ pio, e misericordioso com as almas do Purgatorio, applicando-lhes muitos sacrificios, e suffragios, se conhecesse ser do numero dos bemaventurados: *Beati, qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud*.

Agora entendo eu a razãõ, porque David, fiado nas cinco pedras do teu çurraõ, se pôsem campanha com o Gigante Golias, tendo esperança fixa de o vencer. Diz o Author do enigma numerico, citando a Guilherme Onciaco, que David conseguiu a vitoria no mez de

de Julho, que he o setimo do anno, que principia em Janeiro: *Septimo mense à David occisus est Goliath*; mas como não declara o dia, passo avante a ponderar a victoria. Diz o Texto sagrado, que acceitando David o desafio do Gigante, escolhera de hum ribeiro, que ficava em hum valle vizinho, cinco pedras mui limpas, ou lizas, e as metterá no seu curraõ:

1. Reg. cap. 17. *Elegit quinque lapides limpidissimos de torrente, & misit eos in peram; e chegando á estacada, metteo a mão no curraõ, tirou huma pedra, pô-la na funda, e fazendo com duas voltas tiro á cabeça do Gigante, o derrubou no chaõ: Misit manum suam in peram, tulitque unum lapidem, & funda jecit, & circumducens percussit Philistæum in fronte, &*

cecidit in faciem suam super terram.

Estas cinco pedras tiradas do ribeiro daquelle valle representaõ, no sentir de S. Vicente Ferreira, as almas, que deste valle de lagrimas sahem limpas em graça pela penitencia final: e porque levaõ consigo o reato da pena correspondente ás culpas, que nesta vida cometeraõ, ainda que ja perdoadas, vaõ a purificar-se no Purgatorio symbolizado naquelle curraõ de David, onde, como em hum calabouço escuro, estaõ privadas de ver a Deos em quanto se purificaõ: e como a pedra, que tirou David do curraõ, he figura de huma alma, que sahe do Purgatorio; por isso ella, como agradecida ao mesmo David, fez o emprego na cabeça do Gigante com tanto acerto,

to, que o prostrou por terra. Eis-ahi o q obraõ as almas do Purgatorio pelos seus devotos : e por isso, fiado , e confiado nellas, David entrou na peleja sem susto, nem temor ; antes com esperança certa , e fixa de coneguir a victoria : *In te, Domine, speravi, non confundar in æternum:: Non moriar. sed vivam.*

Esta pedra, com que David cõseguio taõ grande gloria, e victoria, ja ouvistes com tanta energia, e erudiçaõ applicada ao nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. Joaõ V.; mas como me naõ contento com ser esta pedra do numero quinario, permitta-me taõ engenheiro Orador dar mais humma voltinha na fundado meu discurso, e mostrar que esta pedra singularmente, por ser

quinta, e symbolizar hũa alma sahindo do Purgatorio, compete ao nosso Soberano Monarcha. A pedra, com que David conseguiu a victoria; ainda que era do numero quinario das pedras, foy singular no tiro; pois naõ consta que David fizesse outro tiro, nem que dẽsse outra pedrada : e o ser do numero quinario naõ a fazer quinta; porque do mesmo numero quinario era tambem a primeira, segunda, terceira, e quarta pedra: logo porque razaõ mais aquella, do que estas, ha de competir ao nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joaõ V.? Ouvi, e dai-me attençaõ: as cinco pedras, que David escolheo no ribeiro, naõ foraõ collectivamente apanhadas, mas divizivamente huma por huma: escolheo a primeira, metteo-a

metteo-a no curraõ ; e colheo a segunda , e depois a terceira, quarta, e quinta, e huma por huma foy mettendo no curraõ ; desorte que a ultima , que na entrada foy quinta, na sahida foy singular , e representava a huma alma sahindo do Purgatorio : e por isso singularmente compete ao nosso Serenissimo Rey , e Senhor D. Joaõ V.

Para mayor intelligencia desta minha explicação ouçamos ao Cardeal Hugo allegorizando as cinco pedras de David, de cuja allegoria se valeo o Grande Vieira nos seus cinco engenhosos discursos ; que prégou na Curia Romana. Diz este Eminentissimo Expositor ; que nas cinco pedras se symbolizaõ cinco considerações, a saber: o conhecimento de si mes-

mo, a dor do perdido, o pejo do commettido, o temor do castigo, e a esperança do gozo eterno: *Quinque lapides sunt: cognitio sui, dolor amissi, pudor commissi, timor supplicii, & spes æterni gaudii.* Reparti estas cinco considerações pelos cinco Reys de Portugal, que tiveraõ o nome de Joaõ ; e achareis que, competindo a cada hum com propriedade genuina a sua pedra, a quinta pertence singularmente ao nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. Joaõ V., a quem hoje adoramos gloriolamente vivo na posse do gozo eterno, que sempre fixamente esperou: ora vede.

O *Cognitio sui* da primeira pedra symboliza o Serenissimo Rey D. Joaõ I., o qual, conhecendo-se illegitimo, e re-

e reconhecendo a preferencia de seu Irmão do mesmo nome, sobre legitimo, mais velho, ainda que ausente, e prezo em Castella, recuzava subir ao throno, contentando-se sómente com o titulo de Regente do Reyno, que Castella pertendia usurpar, e unir á sua Coroa; se os tres Estados do Reyno juntos no nosso Convento da Cidade de Coimbra o não acclamassem por Rey: eis-ahi o *Cognitio sui*. O *Dolor amissi* da segunda pedra compete ao Serenissimo Rey D. João II., o qual, pela morte do Principe D. Affonso seu unico filho, teve tal dor, e pena dessa perda, que passou o restante da vida em huma profunda melancolia: eis-ahi o *Dolor amissi*. O *Pudor commissi* da terceira pedra pertence ao Serenissimo

Rey D. João III., o qual, achando o Reyno abastado de Conquistas, resolve-o inconsideradamente largar as Praças de Arzila, Alcacer, Casim, e Azamor, de cuja resolução se arrependeo ao depois, já sem remedio, e se vio então envergonhado de ter commettido semelhante desacerto: eis-ahi o *Pudor commissi*.

O *Timor supplicii* da quarta pedra se applica ao Serenissimo Rey D. João IV., o qual não duvidando do direito, que tinha á Coroa de Portugal, não se resolvea a emprendê-la, a que por muitas vezes o estimulava a fidelidade, e valor dos Portuguezes, por recear a conclusão pelas grandes difficuldades, que se lhe representavaõ no entendimento, e temer com a vida pagar esta resolução;

resolução; que, a não ser com tanta felicidade finalizada, seria no juizo de Castella julgada pela mayor tração, e condenada ao mais rigoroso castigo; se a Sereníssima Senhora Duquesa, e depois Rainha, Dona Luiza Francisca de Gulman o não animasse, dizendo que de qualquer forte corria perigo a sua vida; e se havia de morrer Duque de Bragança, se expuzesse a viver, ou morrer Rey de Portugal: eis-a hi o *Timor supplicii*. O *Spes æterni gaudii* da quinta pedra se verifica do nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. João V. tão devoto das almas do Purgatorio, que com esta devoção assegurou, e firmou a esperança do gozo eterno; em cuja posse piamente o consideramos ja glorioso: *Regem, cui*

omnia vivunt, venite adoremus.

Temos visto o dia do mez, em que falleceo o nosso Soberano Monarcha: passemos a ponderar o dia da semana, em que com mais individuação veremos verificado o assumpto da minha Oração. He certo, que falleceo em sexta feira á tarde pelas sette horas, quando o Sol, dando fim ao dia; se sepultava no Occaso: Se fora dada ao nosso Monarcha a eleição do dia para morrer, certamente não escolhera outro, senão o da sexta feira; em cuja tarde morreo o mesmo Deos humanado, para resurgir ao terceiro dia, que foy no Domingo, em que descendo ao Limbo trouxe em sua companhia as almas dos Santos Padres, que por elle estavam esperando; e pas-

passando pelo Purgatorio livrou as almas todas das penas, que nelle padeciaõ; sendo elle dia para ellas de maximo jubileo, e indulgencia plenissima, como diz Santo Agostinho; e o Cardeal Bellarmino dellas entende aquellas palavras do Profeta Zacharias: *Emisisti vin: Etos tuos de lacu, in quo non est aqua.*

Zach.
c. 9.

Aqui necessariamente me hei de valer da noticia, que corre vulgar de huma revelação de certa Religiosa, que, mandada pelo seu Confessor, declarou, que estando em Oração lhe fora revelado, que o nosso Soberano Monarcha se salvara; e estivera tres dias no Purgatorio: a esta revelação não posso deixar de dar pio assenso; porque se conforma com o meu discurso conjectural ex

vi da devoção, e affecto, que teve o nosso Monarcha às almas do Purgatorio; e com as noticias, que vieraõ na relação impressa sobre a morte do nosso Soberano. Diz a relação, que o corpo de Sua Magestade vestido com o habito de meu Padre S. Francisco, e adornado com o manto de Gram Mestre das Ordens Militares, estivera no seu proprio leito recolhido em huma sala interior do Palacio athé passar o dia de Domingo, em cuja noite fora conduzido para huma sala exterior do mesmo Palacio, para na segunda feira se fazer o officio solemne de corpo presente, como com effecto o celebrou o Eminentissimo, e Reverendissimo Cardeal Patriarcha com assistencia dos Excellētissimos, e Reveren-

rendíffimos Principaes, e mais Ministros da Santa Igreja Patriarchal.

Vamos conferindo a noticia da relação com a da revelação: primeira-mente ja sabeis q̃ no Domingo, que era o terceiro dia da morte de Sua Magestade, cahio aquelle grande Jubileo da Porciuncula, q̃ alcançou immediatamente de Christo meu Padre S. Francisco, no qual se concede aos vivos remissão plenissima de culpa, e pena; e por especial indulto do Vigario de Christo na terra participaõ as almas do Purgatorio a mesma indulgencia. He tambem de saber que affirmãõ graves Authores, que no dia da Porciuncula desce meu Santo Padre ao Purgatorio, a livrar as almas dos seus filhos, e devotos, das penas que padecem pelas culpas

nesta vida commettidas: e assim, sendo o nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. Joaõ V. filho professo de Francisco na Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, e sobre isso muito seu especial devoto, como inculca a eleição do habito, com que só quiz ser amortalhado, he de crêr piamente, que no tal Domingo, dia da Porciuncula, e terceiro de sua morte, foy livre das penas do Purgatorio, extrahido por meu Padre S. Francisco em companhia de muitas almas, que com elle desceraõ ao mesmo Purgatorio a buscá-lo, para se congratularem na Gloria, e Visão beatifica de Deos. Note-se aqui a razão especial, que atraz fiquei de dar, porque o nosso Soberano Monarcha não morreo no dia proprio de S.

O Fran-

Francisco Solano, mas fim no seu dia oitavo; por ficar este dia mais proximo ao da Porciuncula, e não passar o nosso Soberano Monarcha de tres dias no Purgatorio.

Grande confirmação deste discurso nos dá a Vizaõ, que teve S. Joaõ no seu Apocalypse: diz, que em hum Domingo fora levado em espirito ao Ceo; e que vira a Deos sentado no seu magestoso Throno; e á roda do Throno vinte e quatro Anciaõs sentados tambem em suas cadeiras, com Coroas de ouro nas cabeças: *Et viginti quatuor seniores sedentes, et in capitibus eorum coronæ aureæ*: diz mais, que vira hum Anjo, que subia com os sinaes expressos de Deos vivo: *Vidi alterum Angelum ascendentem ab ortu so-*

lis habentem signum Dei vivi, a quem acompanhavaõ cento quarenta e quatro mil espiritos, assinalados tambem com a mesma diviza: *Et audi* Apoc. c. 4. id. c. 7. *divi numerum signatorum centum quadraginta quatuor millia signati*; e logo depois vio hum innumeravel multidão de espiritos, de todas as sortes de gente, que chegando á presença de Deos faziaõ grande festejo em acção de graças pela salvação, que tinhaõ conseguido: *Post hæc vidi turbam magnā, quam dinumerare nemo poterat, ex omnibus gentibus::: Et clamabant voce magnā dicentes: Salus Deo nostro*. Palmado, e attonito o Evangelista com a Vizaõ, hum dos Anciaõs coroados lhe decifrou a causa, e motivo do festejo.

Antes que eu entre

tre a explanar a Vizaõ, he necessario saber quẽ eraõ aquelles vinte e quatro Anciaõs coroados. Saõ tantas, e taõ varias as interpretaçoens, que daõ os Expositores a este lugar, que cada hum lhe dá o seu sentindo: *Unusquisque in suo sensu abundat*; mas todos se reduzem a duas classes: Huns tomaõ o numero de vinte e quatro por certo, e determinado; e assim entendem pelos vinte e quatro Anciaõs ja os doze Patriarchas do Testamento velho, e os doze Apostolos do novo, cujo numero de doze duplicado faz o de vinte e quatro; ja os doze Apostolos naturaes de Judea, discipulos de Christo no seu primeiro advento, e os doze Apostolos, que ha de eleger da Genti- lidade o mesmo Christo no seu segundo advento; para prégar contra o An;

ti-Christo; que huns, e outros completaõ o numero de vinte e quatro. E hũ gravissimo Orador proximamente na Cathedral em a primeira destas funçoẽs funeraes com elevada elegancia, e facũdia applicou os vinte e quatro Anciaõs coroados aos vinte e quatro Reis de Portugal, q̃ tem havido desde o felicissimo D. Affonso Henriques até o nosso Soberano Monarcha D. Joaõ V. Outros pelo contrario tomaõ o numero de vinte e quatro por incerto e indeterminado; e assim pelos vinte e quatro Anciaõs entendem ja a Universidade dos Bispos nas suas Cathedraes; ja a dignidade Sacerdotal dos Presbyteros; que pela madureza do juizo, e solidez da doutrina, de que devem ser ornados, se dizem Anciaõs.

Venero todas estas exposições pela reverencia, que merecem seus Authores : mas attendendo eu ao que diz o mesmo Evangelista no Cap. 7. do seu Apocalypse, que todos os que estavaõ á roda do Throno de Deos, eraõ Anjos, como creaturas mais puras, e perfeitas: *Et omnes Angeli stabāt in circuitu throni*, accõmodo-me com a opiniaõ do erudito Alapide; o qual, expondo o mesmo lugar do Apocalypse, allude os vinte e quatro Anciaõs aos Anjos da primeira; e suprema Hierarchia: *Alludit ad ordinem Angelorum primæ Hierarchiæ*; e assim, fundado nesta alluzaõ, digo, que os vinte e quatro Anciaõs symbolizaõ os Anjos da primeira Hierarchia; deputados para Custodios dos Reynos Catholicos, que re-

Apoc.
c. 7.

conhecem a Christo por verdadeiro Deos, e Homem, representado naquella Magestade, que rezidia no Throno, como cõmumente entendem os Expositores com Santo Ambrosio. Estes Anjos estaõ sentados, e coroados em razã dos regios, e elevados ministerios; a que saõ deputados; e por differença dos mais Anjos deputados para guarda particular dos homens; que por inferiores naõ tem a mesma graduacão e preminencia. Donde venho a entender, que o Anciaõ coroadado, que explicou a Vizaõ ao Evangelista, foy o Anjo Custodio do Reyno de Portugal; e nesta intelligencia entro a explicar a Vizaõ.

Aquelle Anjo; que vio o Evangelista subir com o final expresso de Deos vivo, e os
cen-

cento quarenta e quatro mil espiritos, que o acompanhavaõ assignalados tambem com a mesma diviza, dizem gravissimos Authores, com S. Boaventura, que era meu Padre S. Francisco com todos os filhos das suas tres Ordens; e aquella copiosa multidão de espiritos, que se não podia numerar, eraõ as almas, que purificadas no Purgatorio, e alleviadas, ou lavadas com o sangue do Cordeiro, representado no Sacrosanto Sacrificio da Missa, tinhaõ subido ao Ceo, como explicou o mesmo Anjo Custodio do Reyno de Portugal ao Evangelista, na intelligencia do Eminentissimo Hugo Cardeal: *Hi sunt, qui venerunt de tribulatione magna, id est, in Purgatorio; & laverunt stolas suas in sanguine Agni.*

Bem está: mas qual era a causa, ou motivo de tanto festejo no Ceo, que occasionou ao Evangelista tantos palmos, e assombros? Permitta-me a piedade Catholica dos Portuguezes dizer, de baixo do protesto ja feito no principio, que foi a subida do nosso Soberano Monarcha D. Joaõ V. ao Ceo naquele Domingo, dia da Porciuncula, e terceiro da sua morte; e por isso interpreta o meu discurso dizer o Anjo a S. Joaõ: Não vos admireis, Evangelista Aguia; todos estes festejos, que vedes, procedem da subida da alma de hum Rey de Portugal, de cujo Reino soudeputado Custodio: este Rey, sendo filho da Terceira Ordẽ de Francisco, e muito especial devoto dos filhos da

Primeira, e Segunda Ordem, e sobre isso cordialmente pio, e misericordiolo com as almas do Purgatorio, mandando quotidianamente fazer-lhes muitos suffragios, mereceo que neste Domingo, dia do maximo Jubileo da Porciuncula, e terceiro da sua morte, o Serafico Patriarcha acompanhando de seus filhos, e de infinitas almas ja gloriosas, agradecidas aos innumeraveis suffragios deste Rey, descesse ao Purgatorio, donde trouxe consigo a alma do mesmo Rey; e por isso todas estas almas estaõ clamando, como rendendo a Deos as graças pela salvaçaõ do mesmo Rey, seu bemfeitor, segundo a exposiçaõ de Santo Agostinho: *Magna voce salutem decantant, qui magna gratiarum actione recolunt,*

Biblia
maxima
ibidem.

non sua se virtute; sed, ipso auxiliante, tribulationum superasse certamina; ou, como traslada Menochio: Voce magna clamabant, semper salvus sit, vivat Rex.

Parece está cabalmente fundamentada a minha arguiçaõ, e conjectura, e juntamente corroborada a noticia da revelaçaõ, que me moveo a convidar a este auditorio para adorar ao nosso Rey ja glorioso, ou gloriosamente vivo: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus.* Porém, para que deponhais todo o escrupulo, e fiquéis totalmente persuadidos deste meu raciocinio, ou discurto; quero-vos ponderar huma circumstancia, que succedeo na morte do nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. Joaõ V., que sen-

fendo publica , e notoria , quicá não tereis reflectido nella ; e certamente he hum argumento forçoso , e convincente do meu assumpto ; e vem a ser , que fallecendo Sua Magestade em Sexta feira , não se lhe fez o Officio funeral de corpo presênte senão depois de tres dias na Segunda feira , que era o quarto do seu fallecimento , pelo Eminentissimo e Reverendissimo Cardeal Patriarcha , com os Excellentissimos e Reverendissimos Principaes , e mais Ministros da Igreja Patriarchal : e não consta que alguma Communiidade , ainda de Religiosos , o fizesse antes ; sendo que se podia fazer no dia seguinte do fallecimento , que foy Sabado. E qual seria a causa da dilacão de hum suffragio tão fructuoso ,

e importante para huma alma , que sahe deste para o outro mundo ? Eu a digo.

Não devo ; nem quero attribuir esta dilacão a descuido de pessoas tão elevadas , em quem não se pôde considerar a mais leve inadvertencia ; mas sim a destino superior da Divina Providencia , que assim dispôs , para que se verificasse no primeiro Officio funeral com toda energia , e propriedade a antifona , com que principia o invitatorio do mesmo Officio funeral : *Regem , cui omnia vivunt ; venite adoremus* ; porque no Domingo , dia da Porciuncula , sahio do Purgatorio a felicissima alma do nosso Augusto ; e Soberano Monarcha a gozar a Vizaõ beatifica de Deos ; só na Segunda feira propriamênte com-

petia á Igreja Lusitana alegrar-se, e render a Deos as graças: *Venite, exultemus Domino, jubilemus Deo salutaris nostro, præoccupemus faciem ejus in confessione, & in psalmis jubilemus ei*; porque lhe dera hũ Rey, que, cuidando tanto em sua vida da gloria, e salvaçaõ das almas; mereceo ao terceiro dia de sua morte a mesma gloria; e por isso ja adorado immortal e gloriosamente vivo: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus.*

Quero por ultimo satisfazer a hum reparo, que naõ sey se vos tem occorrido; e vem a ser: porque razaõ, sendo o nosso Augusto e Soberano Monarcha D. Joaõ V. todo Franciscano, e taõ devoto da Religiaõ Serafica, que só com o seu habito quiz ser amortalhado, naõ

ordenou que seu corpo fosse depositado em algum dos Conventos de meu Padre S. Francisco, havendo tantos na Corte, e Cidade de Lisboa, e alguns tanto da sua devoçaõ, que nelles com os melmos Religiosos assistia aos actos do Coro, e ainda do refeitorio; e só fim dispôs, que o seu corpo fosse depositado em o Cõvento de S. Vicente? Duas razões me occorrem para esta disposiçaõ: a primeira, porque como no Convento de S. Vicente está fundada huma Freguezia com o Orago de S. Miguel com as almas, quiz o nosso Soberano Monarcha, ainda depois de morto, mostrar-se devoto, e freguez das almas, bulcando o deposito do seu corpo na Freguezia de S. Miguel com as almas. A segunda,

da, porque quiz o nobre Soberano Monarcha imitar a meu, e seu Padre S. Francisco, cujo corpo foy primeiro depositado fóra da Ordem em a Igreja do glorioso Martyr S. Jorge; para dahi ser trasladado para o magnifico Convento, que a liberalidade, e devoção de Gregorio IX. lhe edificou, e consagrou: e por isso quiz o mesmo Monarcha que o seu corpo fosse tambem depositado fóra da Ordem Serafica em o Convento do glorioso Martyr S. Vicente, para dahi ser trasladado, como se diz, para o magnifico Convento de Mafra, que a devoção, e liberalidade do mesmo Monarcha fez edificar para os mesmos filhos do Serafico Patriarcha S. Frãcisco.

De todo este dis-

curso venho a concluir; que não nos devemos entristecer com a morte do nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. João V., antes alegrar, e render a Deos as graças, por nos dar hum Rey, que ainda depois de morto o adoramos vivo: *Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus*: e não só vivo, porque piamente o consideramos viver eternamente; mas vivo, porque o vemos renascido; ou representado na viva imagem de seu filho o Serenissimo Rey e Senhor nosso D. Jozé, que Deos nos guarde: pois não se póde deixar de dizer, que ainda vive quem deixou Successor não só com as mesmas virtudes, e excellencias; mas com espiritos dobrados, como insinua o nome de Jozé: *Filius accrescens Joseph*. E se de So-

Socrates diz Seneca que fez que seu pay Sofronisco nunca morresse, e sempre vivesse : *Sofroniscum Socrates expirare non patitur*, dando por causa, que os filhos, que herdaõ as virtudes heroicas de seus pays, como foy Socrates, fazem que os mesmos pays sempre vivaõ na memoria dos vindouros : *Et vivunt ob nullam aliam causam, quàm quòd illos liberorum eximia virtus tradidit posteris*; com mayor razão podemos dizer, que com a successão do nosso Serenissimo Rey, e Senhor D. Joseph, que Deos nos guarde, não morreo o nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. Joaõ V., porque ainda vive o seu espirito, e o seu zelo no mesmo Serenissimo Rey Successor D. Joseph, o qual pôde dizer de seu Augusto, e

Soberano Pay, o que lá disse Christo de seu Eterno Padre : *Qui videt me, videt & Patrem meum*.

Assim o crmos : assim esperamos pelos merecimentos, supplica; e intercessão do nosso Augusto, e Soberano Monarcha D. Joaõ V.; o qual lá dos Ceos, onde piamente o supomos vivendo, e gozando a Vilaõ beatifica de Deos; não cessará de orar, e rogar ao mesmo Deos pela conservação, e augmento de seu filho Successor, e nosso Serenissimo Rey; para que imitando as suas virtudes, e seguindo as suas maximas, tão discretas, como Catholicas, nos governe em huma feliz tranquillidade, como do Imperador Theodosio disse Santo Ambrosio em semelhante função de Exequias funeraes

raes: *Quis dubitabit filiis Theodisii maximum præsidium fore apud Deum? Em morte pois taõ feliz de hum Rey, a quem piamente conjecturamos glorioso, e immortal: Regem, cui omnia vivunt, venite adoremus; sejaõ as declamaçoens festejos, e applausos: Venite, exultemus Domino, iubilemus Deo salutarinostro, præoccupemus faciem eius in*

confessione, & in psalmis iubilemus ei: digamos todos alegres, e gratulabundos: Viva ElRey D. Joaõ V. sempre vivo, e immortal para Deos, sempre pio, e misericordioso para nós: porque entaõ certamente, suffragados com a sua intercessaõ, iremos gozar em sua companhia a eterna Bemaventurança.



S E R M A Õ
N A S
E X E Q U I A S

DO FIDELISSIMO E AUGUSTISSIMO REY

D. J O A Õ V.
P R E ' G A D O

NO CONVENTO DO SERAFICO PADRE
S. Francisco da Villa de Sergipe do Conde,

PELO MUITO R. P. MESTRE

Fr. J O A Õ D E D E O S,
E X - L E I T O R D E T H E O L O G I A
*de Vespera, Filho da Provincia de Santo
Antonio do Brasil.*

SERMA

MA

EXEQUIAS

DO TITEL SEMO E AUGUSTISSIMO PAT

D. JOA V.

TRACADO

DO CONVENTO DO BEMFICOR PADRE

St Francisco da Villa de Saigpe de Conde

ETTO MUTO R. MESTRE

ET. JO A O DE D E O S

EXLATOR DE THEOLOGIN

de Saigpe, Filho de Francisco de Saigpe

Mestre de Teologia



Rex Israel mortuus est occidente Sole.

2. Paral. 28. 34.



Oda esta máquina universal da terra, q̃ Deos creou no espaço de seis dias, acaba, e desfaz a morte em hum só instante: *In ictu oculi clauduntur omnia.* (Muito Alto, Poderoso, e Fidelissimo Rey, e Senhor nosso, agora que vos lamenta a nossa dor nesse triste, e funebre Mausoléo, como despojo da morte, vos considero eu por muito mais Alto, e por muito mais Poderoso Rey: por muito mais Alto, quanto vay do Ceo á terra; por muito mais

Poderoso, quanto vay do poder, com que se reina na terra, ao poder, com que se reina no Ceo.) Toda esta máquina universal da terra, que Deos creou no espaço de seis dias; torno a dizer, acaba, e desfaz a morte em hum só instante: *In ictu oculi clauduntur omnia.* Em hum só instante sepulta a morte entre as negras sombras da noite aquella luz, que no primeiro dia da criação do Mundo sahio das mãos de Deos tão benéfica; como luzida. Tambem escurece a morte

morte em hum só instante aquelle firmamento, que no segundo dia formou Deos sobre a terra. Tambem despoja a morte, em hum abrir, e fechar de olhos, a terra da verde pompa das suas arvores, e plantas, da mimoza, e vistosa galla das flores, com que no terceiro dia enriqueceo Deos a mesma terra. Aquella tocha do Universo, aquelle Principe dos Astros, que Deos creou no quarto dia; tambem ecclipsa, e escurece a morte. Não vale ao Sol o ser dos Planetas o mayor Monarcha: *Luminare maius*, para deixar de viver sujeito ás pensoens da morte, mas antes, por isso mesmo que he Rey, acaba, e morre no mesmo dia em que nalce: *Sol oritur, & occidit.* Este estrago tambem sente a Lua, que he

Princeza da noite; que se em hum tempo cresce para a nossa admiração; em outro minguua para a nossa lastima. Tambem cahem as estrellas; sem valer a algumas o serem fixas. Aquelle numero sem numero de peixes, que no quinto dia mandou Deos que dominassem o crystallino das agoas; aquellas aves tão variamente pintadas, que no mesmo dia ordenou o Senhor que dominassem a esféra do ar, tambem não vivem izentas da tyrannia da morte. Aquelle vulgo todo de feras, e animaes; tão diversos na condição, como differentes na figura, a quem deo vida a terra no sexto dia; tambem acaba a morte em hum instante. Aquelle primeiro homem, que no mesmo dia creou Deos á sua Imagem, e similhança, a quem

Zach.
5. 1.

a quem constituiu Rey de todo o Univerſo, tambem pagou tributo á meſma morte. Em fim, tudo quanto Deos creou por ſua Omnipotencia no eſpaço de ſeis dias, acaba, e deſfaz a morte em hum ſó inſtante: *In ictu oculi clauduntur omnia.* Na Eſcritura Sagrada pinta-ſe a morte com azas, e com huma ſouce na mão: *Ecce falx volans*; porque na ſeara do Mundo quanto Deos ſemêa com a ſua mão, tudo corta, e colhe voando a morte com a ſua ſouce. Oh Morte, quam univerſal, e tyranno he o teu dominio! Tudo dominas, e tudo acabas em hum abrir, e fechar de olhos: *In ictu oculi clauduntur omnia.*

Esta penſão, e tributo, que inevitavelmente pagaõ todos os viventes, e todas as

creaturas á morte, tambem pagou, a pezar de hum Reyno todo, a mais Alta, e Soberana Mageſtade da Monarchia Portugueza. Depois de hum dilatado combate, em que tantas vezes ſe retirou a morte, como deſconfiada da victoria: *Abſorta eſt mors in victoria*; rendeo-ſe ao poderoſo braço da meſma morte o ſempre invicto Monarcha de Portugal: em fim, em huma Sexta feira ao pôr do Sol pagou o inevitavel tributo de nacido o muito Alto, Poderoſo, e Fideliffimo Rey o Senhor D. João V. Affim o teſtimunha eſte tão funebre, como mageſtoſo Mausoléo: affim o dizem com mudas linguas aquellas tremulas luzes: affim o representa aquelle Ceptro, e aquella Coroa cahida: *Cecidit corona capitis*
P. *noſtri;*

Sup.
verbū
Israel

5. P.
Col.
792.

Pfalm.
29. v.
2.

nostri; e finalmente af-
sim o daõ a entender
as palavras, que citey
porthema: *Rex Israel
mortuus est, occidente
Sole*. Esta palavra Israel
na Escriitura Sagrada se
toma pelo povo, ou pelo
Reyno de Israel, como
nota Berchorio: toman-
do-se pelo povo, significa
aquelle povo, e naçaõ,
que vive constante na
fé, e observante no cul-
to, e honra de Deos:
*Israel significat populum;
qui sub fide, & cultu Dei
residet*, diz Lyra. To-
mando-se pelo Reyno;
como neste lugar, re-
presenta a hum Reyno,
que Deos escolheo para
seu throno, como affir-
ma em nome de Deos
o Real Profeta: *Qui
regis Israel intende: e
o povo constante na fé,
e observante no culto
Divino he o povo de
Portugal: Volo in te, &
in semine tuo Imperium*

mihi stabilire. Donde se
infeere que estas palavras:
Rex Israel, representaõ
a hum Rey de Portu-
gal: e o Rey de Portu-
gal, que morreo ao pôr
do Sol, he, como nin-
guem ignora, o Senhor
D. Joaõ V.

O dia da morte na
Escriitura Sagrada cha-
ma-se dia do Senhor:
Veniet dies Domini; e
naõ vi dia mais proprio
do Senhor, que o dia
da morte do nosso Rey.
O dia da morte do nosso
Rey foy em huma Sex-
ta feira ao pôr do Sol;
em huma Sexta feira ao
pôr do Sol morreo
Christo Senhor nos-
so: *Et obscuratus est Sol:
Clamans JESUS voce
magna.. expiravit*. Pois
se o dia da morte do nosso
Rey foy o dia da Sexta
feira ao pôr do Sol, bem
dizia eu, que o dia da
morte do nosso Rey
foy o dia proprio do Se-
nhor.

2. P. 3.
10.

S. Luc.
22.

nhor. Oh ditosa alma, a quem cahio o dia da morte no dia proprio do Senhor: *Veniet dies Domini!*

Principes houveraõ, que, decretando sentenças capitaes, déraõ a escolher o genero da morte, como Nero a Seneca. Se Deos, quando decreta a morte, déra a escolher o dia, e a hora, todo o Mundo escolhera para morrer o dia da Sexta feira ao pôr do Sol; porque entre todos he este o mais fausto para commetter a perigosa jornada desta para a outra vida. Assim o deo a entender Christo nestas pelavras: *Abraham Patet vester exultavit, ut videret diem meum.* O vosso Pay Abraham, diz Christo, muito desejou ver o meu dia. Por este dia entendem Theophylacto, e S. Joaõ Chrysostomo o dia da morte

de Christo: *Diem meum, id est, diem Crucis.* Pois hum dia o mais lamentavel, e o mais triste, que vio o Mundo, he que Abraham muito desejava ver: *Exultavit, ut videret diem meum, id est, Crucis?* Sim; porque entre todos he o mais feliz para morrer, e entrar no Ceo. E assim foy para Abraham, porque tanto que chegou Abraham a ver este dia taõ feliz para todos: *Vidit, logo se alegrou: Et gavisus est.* Esta felicidade grande, que conseguiu Abraham, tambem mereceo alcançar o nosso Monarcha; porque em huma Sexta feira ao pôr do Sol, dia proprio do Senhor: *Diem meum, id est, Crucis,* passou desta vida para a eterna: *Rex Israel mortuus est, occidente Sole.*

Mas sendo este dia feliz, e prospero para

P 2 morrer;

morrer, e entrar no Ceo, foy o mais climaterico para o Reyno de Portugal; porque nelle a cruel Parca, tal-vez que invejola das nossas ditas, cortou com a sua fouce o fio da melhor vida do nosso Monarcha: *Rex mortuus est*. Hum só foy o golpe, que delcarregou a morte; mastantos são os feridos, quantos são os Vassallos de tão Alta; e Soberana Magestade; porque a todos chegou o golpe, que deo a morte no nosso Rey. Os Vassallos se dividem em tres Estados, Ecclesiasticos, Nobres, e Plebêos: a todos tambem fere a morte com a fouce, com que corta a vida de hum Rey.

Tanto que Christo deo os ultimos alentos da vida nos braços da Cruz, logo se rasgou o véo do Templo: *Velum*

templi scissum est: cobrio-se de luto o Sol: *Et obscuratus est Sol*: quebra-^{Matth. 27.v. 51.} raõ-se as pedras: *Et petrae scissae sunt*. E porque razão? Direy. Era Christo Rey: *Rex*: era o véo do Templo figura dos Ecclesiasticos; o Sol retrato dos Nobres; e as pedras symbolos da plebe: e como a morte, que cortou o fio da vida ao Rey, ferio tambem a todos, por isso sentiraõ todos, Ecclesiasticos, Nobres, e Plebêos. Por parte dos Ecclesiasticos rasgou-se o véo do Templo: *Velum templi scissum est*; por parte dos Nobres escureceo-se o Sol: *Et obscuratus est Sol*, e por parte da Plebe quebra- raõ-se as pedras: *Et petrae scissae sunt*.

A estes tres Estados ferio a morte com aquelle tyranno golpe; que delcarregou sobre o

Au-

Author da vida: e a estes mesmos deixou magoados o golpe, com que a mesma morte cortou o dourado fio da vida do nosso Monarcha. Todos igualmente sentiraõ, Ecclesiasticos, Nobres, e Plebêos, porque a todos com igualdade trespassou a dor. Nem obsta o estarem muitos longe da vista, como estaõ os moradores desta America, para deixar de ser em todos igual a dor, e o sentimento. Na morte de Christo chegou a todos igualmente a pena: aos mais proximos, como eraõ as pedras, que estavaõ no Calvario, onde morreo o nosso Redemptor: ao mais retirado, como era o Sol, que estava no Ceo: ao mais distante, como era o véo, que estava no Templo. Na morte do nosso Soberano, a todos igualmente

ferio a dor: aos mais proximos, como saõ os que estaõ na Corte, onde felizmente acabou a vida o nosso Rey: aos mais distantes, como saõ os moradores deste Brazil, a quem o Principe dos Oradores Evangelicos chamou Ceo, ou Mundo novo: aos mais retirados, como somos nós os Franciscanos, que estamos no Sagrado deste Convento, onde todos, desde o mayor até o menor, partimos de dor em dous pedaços os nossos coraçoes; e assim partidos os sacrificamos como victimas do sentimento áquelle funebre Mausoléo, onde se representa, como despojo da morte, a Magestade mais alta de Portugal. Os Egypcios pintavaõ nos tumulos dos mortos os coraçoes dos vivos: e onde pôdem estar mais

In
Serm.
Epiph.

bem sacrificados os corações dos Franciscanos, como victimas do sentimento; que naquelle magestoso Tumulo, onde se representa, como despojo da morte, hum Rey, que foy o thesouro da minha Religião Serafica. Lá disse o Evangelista S. Lucas, que o coração está, onde está o seu thesouro: *Ubi enim thesaurus, ibi & cor*: estando naquelle Tumulo, como despojo da morte; hum Rey, que foy o thesouro da Franciscana: *Thesaurus*; com razão devem ahi estar sacrificados os nossos corações; como victimas do sentimento: *Ibi & cor*. Estalemos pois de dor os nossos corações, fayaõ desfeitos em lagrimas pelos olhos, huma vez que morreo o nosso Rey: *Rex mortuus est*; huma vez que jaz sepultado nos horro-

res de huma Urna hum Rey, que foy o nosso thesouro: *Ubi enim thesaurus; ibi & cor*.

Mas, ó corações magoados, suspendey por hum pouco o vosso pranto, e os vossos gemidos, e suspiros: não pertendo enxugar as vossas lagrimas, nem extinguir a vossa dor, e a vossa magoa; nem tudo isto faria, ainda que pudesse; porque de razão he que sintamos todos a morte de hum tal Rey: *Non igitur penicillo sermonis mei vestras abstergam lacrymas, neque id facere velem, si possem; est enim piis affectibus quedam etiam flendi voluptas*. O que pertendo, he mostrar a causa da nossa dor, para saber o coração com razão sentir. Deo-nos a natureza o entendimento, e o coração: o entendimento para conhe-

S. Ambr.
br. in
ob. Val.

cer, e o coração para sentir; e não pôde o coração sentir, sem que o entendimento conheça a causa. A causa da nossa dor, e o motivo do nosso sentimento não he a morte do muito Alto, Poderoso, e Fidelissimo Rey o Senhor D. João V.; porque esta não se deve lamentar, e chorar, mas sim festejar-se com jubilos de alegria; porque vivendo, como viveo, muito ajustado com as Leis Divinas, podemos piamente conjecturar que está reinando com Deos no Ceo: o que choro, e devemos chorar todos, he a perda, e a falta de hum tal Rey: *Non ploro, neque ille plorandus est, qui vocatus est ad mensam divitis, mihi potius ademptum doleo.* Todos sabem, que em huma Sexta feira, ao pôr do Sol, nos roubou a

morte ao nosso Rey: *Rex Israel mortuus est occidente Sole*; mas nem todos sabem que Rey he este, que perdeu Portugal com a sua morte. Isto, que nem todos sabem, mostrará o discurso, para saber com razão sentir o nosso coração. Dai-me attenção.

Naquella grande batalha, que teve Achab, Rey de Israel, com o Rey da Siria, despedio hum Soldado do Exercito do Rey da Siria a sua setta com tal ventura, que traspasou o Rey Achab: assim ferido, e traspasado o Rey sere tirou para o seu coche; onde ao pôr do Sol acabou a vida: *Rex Israel mortuus est occidente Sole.* Na morte deste Monarcha perdeu o Reyno de Israel hum Rey feito por Deos. He Deos o Creador, e Fundador de todos os Reynos, e

Imperios do Mundo : *Ego ædificator Regnorum, & Imperiorum*; mas na creação dos Reys, e Imperadores do Mundo ha huma notavel differença, e he: que huns são de Deos, e feitos immediatamente pelos homens; outros são de Deos, e feitos immediatamente por Deos: os Reys, que são de Deos, e immediatamente feitos pelos homens, foraõ os Reys fóra de Israel: os Reys, que são de Deos, e immediatamente feitos por Deos, foraõ os Reys de Israel: *Non auferetur vir de genere tuo de folio Israel*. Na morte dos Reys, que são feitos immediatamente pelos homens, perde o seu Reyno hum Rey feito pelos mesmos homens: na morte dos Reys, que são immediatamente por Deos, perde o Reyno hũ

3. Reg.
9. 5.

Rey feito por Deos. Foy Achab Rey de Israel: *Rex Israel*, e feito immediatamente pôr Deos: *Non auferetur vir de genere tuo de folio Israel*: e se na morte dos Reys feitos por Deos perde o Reyno hum tal Rey; claramente se mostra, que quando ao pôr do Sol morreo Achab Rey de Israel: *Rex Israel mortuus est, occidente Sole*; perdeo este Reyno hum Rey feito por Deos: *Non auferetur vir de genere tuo de folio Israel*. Este he o Rey; que perdeo o Reyno de Israel; quando ao pôr do Sol morreo Achab: *Rex Israel mortuus est, occidente Sole*: e tal como este he o Rey, que perdeo Portugal, figurado no Reyno de Israel, quando ao pôr do Sol morreo o Senhor D. João V. Quando ao pôr do Sol morreo Achab Rey

Rey de Israel, perdeu o Reyno de Israel hum Rey feito por Deos. Quando ao pôr do Sol acabou a vida o Senhor D. João V., perdeu a Monarchia Portugueza hũ Rey feito por Deos. Na morte de Achab perdeu Israel hum Rey feito por Deos, porque todos os Reys de Israel são de Deos, e feitos immediatamēte por Deos: *Non auferetur vir de genere tuo de solio Israel.* Na morte do Senhor D. João V. perdeu a Monarchia Portugueza hum Rey feito por Deos, porque todos os Reys de Portugal são de Deos, e feitos por Deos: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire.* Mas alterando mais de pensamento, digo que quando ao pôr do Sol nos roubou a morte ao Senhor D. João V. ainda

mais perdeu a Monarchia Lusitana; porque perdeu mais hum Rey feito por Deos em quanto Trino. Todos os Reys de Israel, e todos os Reys de Portugal são de Deos, e feitos por Deos em quanto hum; que assim se deduz destas palavras: *Non auferetur, e: Volo in te,* porrẽm o Senhor D. João V., Rey de Portugal; foy de Deos, e feito por Deos em quanto Trino: Ora notem.

Quando Deos obra fóra de si mesmo, a que os Theologos chamaõ operaçoens *ad extra*, he certo, com certeza de fé, que para qualquer effeito, mayor, ou menor, mais, ou menos perfeito, não ló concorre Deos em quanto hum, senão igual, e indistinctamente a Trindade das Divinas Pessõas: *Operationes ad extra sunt indi-*

indivisim à tota Trinitate. Com tudo, na expressão deste concurlo ha huma grande, e notavel differença, e he: que se a obra, posto que grande, não he a mais perfeita, se attribue a Deos em quanto hum; mas se he a mais perfeita de todas, se refere expressamente a Deos, em quanto Trino. Na mais antiga obra temos a melhor prova.

Creou Deos no principio do Mundo o Ceo, e a terra: *In principio creavit Deus Cælum, & terram.* A' creação do Ceo, e da terra se seguiu a criação de todas as creaturas, desde a insensível, que he a luz, até a racional, que foy o homem. A creação do Ceo, e de todas as outras creaturas insensíveis, e sensitivas, se attribue expressamente a

Deos hum: *Creavit Deus Cælum, & terram.. dixitque Deus fiat lux, & facta est lux, &c. Verba creavit, dixit, & fecit, unitatem significant;* commenta o Alapide. A criação do primeiro homem, q' foy Adaõ, se refere cõ expressão a Deos em quanto Trino: *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostrã.. Verba faciamus, & nostram, Trinitatem significant.* He certo, como já disse, que para todas as obras *ad extra* concorre não só a Unidade de Deos, mas tambem a Trindade das Pessoas; porque em todas he huma só potencia productiva *ad extra*. Pois se a primeira, e todas as mais creaturas se referem a Deos hum, porque razão a ultima, que foy o homem, se attribue expressamente a Deos em quanto Tri-

Gen. I.
v. 1. 3.

ibid. v.
26.

Alap.
hic.

no ? A razaõ he ; por-
que todas as mais crea-
turas , posto que gran-
des , e admiraveis , naõ
eraõ as mais perfeitas ;
porèm o homem , crea-
do para Rey do mun-
do , era a mais excellen-
te de todas : *Opus per-*
fectissimum ; e por isso
só esta se attribue a
Deos em quanto Tri-
no : *Faciamus hominem,*
ad imaginem, & similitu-
dinem nostram .. Verba
faciamus , & nostram,
Trinitatem significant.
Para a creação de to-
das concorre a Unidade
de Deos , e a Trinda-
de das Divinas Pelloas ;
porèm as menos perfei-
tas , como saõ as crea-
turas insensiveis , e sen-
sitivas , se attribuem a
Deos hum : *Creavit ..*
dixit .. & fecit .. uni-
tatem significant : a
mais excellente , e a
mais admiravel , como
he o homem : *Opus per-*

fectissimum , se refere a
Deos Trino : *Faciamus*
hominem ad imaginem ;
& similitudinem nos-
tram. . Faciamus , &
nostram, Trinitatem sig-
nificant. Pois se a crea-
tura mais perfeita se re-
fere expressamente a
Deos Trino , eis-ahi a
razaõ , porque se pôde
dizer que o muito Al-
to e Poderozo Rey , e
Senhor D. Joaõ V. he
de Deos , e feito por
Deos Trino. Todos os
Reys de Portugal fo-
raõ admiraveis , excel-
lentes , e perfeitos ;
porèm o mais perfeito ,
o mais excellente , e o
mais admiravel foy o
Senhor D. Joaõ V. Os
outros Reys , como
perfeitos , admiraveis ,
e excellentes , saõ de
Deos , e feitos por
Deos hum : *Volo in te, &*
in semine tuo Imperium
mihi stabilire ; o Se-
nhor D. Joaõ V. , que
nos

nos roubou a morte ao pôr do Sol, como mais perfeito, como mais superior nas excellencias, he de Deos, e feito por Deos Trino: *Faciamus hominem.*

Que o Senhor D. Joaõ V. seja entre todos os Reys o mais superior nas perfeçoens, e excellencias, assim o mostra o sobrenome de Quinto. O numero quinto he o que significa a cousa mais perfeita de todas, como se vê quando queremos explicar a mayor perfeição, dizemos: He a quinta essencia da perfeição. Sendo pois, como he, certo este dizer, e vendo, e sabendo nós, que tem o nosso Monarcha o sobrenome de Quinto; bem podemos dizer que he a quinta essencia dos Reys, e entre todos o mais excellente.

Mas como o sobrenome de Quinto tiveraõ outros Reys, como o Senhor D. Affonso V., vamos á Escriitura a ver se acho prova mais fundamental.

Falla Christo por boca do Evangelista S. Lucas do grande Baptista, e diz assim: *Inter natos mulierum non surrexit maior Joanne*; entre todos os nascidos (depois da Mãe de Deos) nenhum mais excellente que Joaõ. Notavel dizer por certo! Onde estaõ, Senhor, tantos Patriarchas, e taõ grandes Profetas, que, sendo tochas brilhantes no mundo, hoje saõ maripozas no Ceo? Onde está hum Elias, no zelo da gloria, e honra de Deos taõ abrazado? Onde está hũ Evangelista, desvélo de vosso cuidado, e emprego de vosso amor excessivo?

Cap. II
v. II.

cessivo? Bem sey que o Evangelista ficou no vosso peito encoflado: *Sic eum volo manere*; e Elias se ausentou para o Paraizo: *Ascendit Elias per turbinem in Cælum*. Pois se estes, e outros muitos Santos foraõ Gigantes na perfeiçaõ; como affirmais que o Bautista a todos excede nas excellencias: *Non surrexit maior Joanne*? Porque o Bautista, responde Christo, incluye em si as perfeiçoens de todos: he Elias: *Ipse est Elias*; he Profeta, e mais que Profeta: *Prophetam dico, & plusquam Prophetam*; e como nelle se achaõ as excellencias de todos os Patriarchas, e Profetas, por isso entre todos he o mayor: *Inter natos mulierum non surrexit maior Joanne*.

Affim o Bautista entre todos os Patriar-

chas, e Profetas; e affim o Senhor D. Joaõ V. entre todos os Reys de Portugal: S. Joaõ o mais perfeito de todos os Profetas, e nascidos: *Inter natos non surrexit maior*; entre todos os Reys de Portugal o mais excellente o Senhor D. Joaõ V.: S. Joaõ entre os Patriarchas o mais perfeito, porque foy tudo, Patriarcha, Profeta, e mais que Profeta: *Ipse est Elias, Prophetam dico, & plusquam Prophetam*; entre os Reys de Portugal o Senhor D. Joaõ V. o mais excellente, porque recopilou em si as excellencias de todos: *Quinque sunt omnia*. Creou Deos ao nosso Soberano Monarcha o Senhor D. Joaõ V., e nelle cifrou as perfeiçoens, que tinha communicado a todos os mais Reys: Houve-se Deos na crea-

Enigma
Num
tract. 5.

Joann.
2 I. V. 2 C.
Reg. 4.
2. I. II.

Matth.
II. 14.

Sap. 7.

ção deste Monarcha , como se houve em todos os tempos: no tempo da Ley natural, no tempo da Ley escrita, e nas obras da natureza. Nas obras da natureza compendiou todas as creaturas em huma só; porque no homem unio o ser, o crescer, o sentir, e o entender; razão, porque disse S. Gregorio: *Omnis creatura est homo*. Na Ley natural compendiou todos os preceitos em hũa só; porque ao preceito do amor reduzio a observancia de todos; como diz S. Paulo: *Qui diligit, legem implevit*. Na ley escrita cifrou todos os sabores em hum só labor; porque no manná unio todos os labores: *Omne delectamentum in se habentem*, diz Salamaõ. Assim se houve Deos nas obras da natureza, na Ley natu-

ral, e na Ley escrita; reduzio a unidade o que tinha dividido em numeros; e assim parece que se houve na criação do Senhor D. Joaõ V. As perfeiçoens, que tinha dividido pelos Reys, unio no Senhor D. Joaõ V.: *Quinque sunt omnia*. Nelle se achou a virtude da fé, e em tal grão, que Benedicto XIV. o honrou com o titulo de Fidelissimo; nelle se vio o zelo do Culto Divino com tal excesso, que delle se pôde affirmar sem encarecimento o que disse a Escriptura de Ezequias Rey de Israel: *Post eum non fuit similis ei de cunctis Regibus; sed neque in his, qui autem eum fuerunt*: nelle se admirou o amor a seus Vassallos, e tão excessivo, que na epidemia geral dos vomitos negros expôs a perigo a sua

4. Reg.
18. 5.

Sap. 7.

ção deste Monarcha , como se houve em todos os tempos: no tempo da Ley natural, no tempo da Ley escrita, e nas obras da natureza. Nas obras da natureza compendiou todas as creaturas em huma só; porque no homem unio o ser , o crescer , o sentir , e o entender ; razão , porque disse S. Gregorio : *Omnis creatura est homo*. Na Ley natural compendiou todos os preceitos em hū só ; porque ao preceito do amor reduzio a observancia de todos ; como diz S. Paulo : *Qui diligit , legem implevit*. Na ley escrita cifrou todos os sabores em hum so labor ; porque no manná unio todos os labores : *Omne delectamentum in se habentem* , diz Salamaõ. Assim se houve Deos nas obras da natureza, na Ley natu-

ral , e na Ley escrita ; reduzio a unidade o que tinha dividido em numeros ; e assim parece que se houve na criação do Senhor D. João V. As perfeiçoens, que tinha dividido pelos Reys, unio no Senhor D. João V. : *Quinque sunt omnia*. Nelle se achou a virtude da fé , e em tal gráo , que Benedicto XIV. o honrou com o titulo de Fidelissimo ; nelle se vio o zelo do Culto Divino com tal excesso , que delle se póde affirmar sem encarecimento o que disse a Escriitura de Ezequias Rey de Israel : *Post eum non fuit similis ei de cunctis Regibus ; sed neque in his , qui autem eum fuerunt* : nelle se admirou o amor a seus Vassallos, e taõ excessivo , que na epidemia geral dos vomitos negros expôs a perigo a sua

4. Reg.
18. 5.

sua Real vida, só para assegurar a vida de seus Vassallos : nelle se descobrio a constancia em tal gráo, que nenhum dos Reys estranhos pode movê-lo a deixar os systemas do seu pacifico governo : nelle admirou o Mundo a humildade de David, a serenidade de Salamaõ, e a benignidade de Jozias : em fim, quanto dividio Deos pelos mais Reys, cifrou no Senhor D. Joaõ V. : *Quinque sunt omnia*. E se S. Jõão he entre todos os Patriarchas, Profetas, e os mais Santos o mais excellente : *Inter natos mulierum non surrexit maior Joanne* ; porque foy tudo, Patriarcha : *Ipse est Elias*, Profeta, e mais que Profeta : *Prophetam, & plusquam Prophetam* ; podemos dizer, que o Senhor D. Joaõ V. he entre todos

os Reys o mais perfeito, porque he huma cifra das excellencias de todos : *Quinque sunt omnia*. Agora ao nosso ultimo intento : se a obra mais perfeita de todas se attribue expressamente a Deos Trino, sendo entre todos os Reys de Portugal o mais admiravel, e o mais excellente o Senhor D. Joaõ V. : *Non surrexit maior Joanne* ; bem se pôde dizer que he de Deos ; e feito por Deos Trino : *Faciamus*.

Donde se infere, que o Monarcha grande, que agora lamentamos morto ao pôr do Sol : *Rex mortuus est, Occidente Sole*, he Poderoso, Sabio, e Amante. Todos os versados na Escritura Sagrada sabem que á Pessoa do Pay se appropriã o poder : *Pater in me mans*

nens facit opera; á Pessoa do Filho a Sabedoria: *In quo sunt omnes thesauri sapientie, et scientie*; á Pessoa do Espírito Santo o amor: *Charitas Dei diffusa est in cordibus nostris per Spiritum Sanctum*: e se estas tres Divinas Pessoas concorreraõ para a creação do nosso Soberano, a Pessoa do Pay lhe comunicou o poder, a Pessoa do Filho a Sabedoria, e a Pessoa do Espírito Santo o amor. Elegeo Deos a Moysés para Capitão General do povo Israelitico: *Constitui te Deum Pharaonis*; e diz o Sagrado Texto, que a Pessoa do Pay comunicou a Moysés o poder representado na vara: *Tolle virgam*.. *hac virga significatur summa potestas* accrescenta o Alapide. A Pessoa do Filho lhe comunicou a sabedoria:

Ego ero in ore tuo; e a Pessoa do Espírito Santo o amor: *Visitans visitavi vos*. E porque razão? Porque Moysés foy constituido Vice-Deos de Pharaó por Deos Trino: *Deus Patrum vestrorum misit me ad vos*.. *significatur hic Mystrium Trinitatis*; expõem o mesmo Alapide citado neste lugar. Assim Moysés Capitão General do povo Israelitico; e assim o Senhor D. João V. Rey de Portugal. Moysés foy constituido Vice-Deos do Egypto por Deos Trino: *Deus Patrum vestrorum, Deus Abraham, Deus Isaac, Deus Jacob misit me ad vos*.. *significatur hic Mystrium Trinitatis*: o Senhor D. João V. Rey de Portugal foy de Deos, e feito por Deos Trino: *Faciamus*; a Moysés por ser eleito por

Ex. 4.
Alap.
hic.

por Deos Trino, cõ-
municou a Pessoa do
Pay o poder: *Tolle vir-
gam... hac virga signi-
ficatur summa potestas;*
a Pessoa do Filho a fa-
bedoria: *Ego ero in ore
tuo;* e a Pessoa do Es-
pirito Santo o amor: *Visi-
tans visitavi vos;*
ao Senhor D. Joaõ V.,
por ser de Deos, e fei-
to por Deos Trino: *Fa-
ciamus,* bem se pô-
de dizer que a Pes-
soa do Pay lhe cõmu-
nicou o poder, o Filho
a sabedoria, e o Elpi-
rito Santo o amor.
Com o poder, cõmuni-
cado pelo Pay, foy Rey
poderoso; com a sabe-
doria, cõmunicada pelo
Filho, foy Rey Sabio;
com o amor, cõmuni-
cado pelo Elpirito San-
to, foy Rey amante.
Ora vamos ponderan-
do estas tres excellen-
em particular no nosso
Rey, que ao pôr do

Sol nos roubou a mor-
te: *Rex Israel mor-
tuus est, occidente Sole:*

Foy o Senhor D.

Joaõ V. Rey poderoso;
e taõ poderoso, que o
seu poder, e dominio
se extendeo a todo o
Mundo. Ter poder, e
dominio em todo o
Mundo cuidou Augus-
to Cezar que o tinha
conseguido: *Ut descri-*

Luc. 2?
v. 5.

beretur universus orbis.
Nabuco, e Asluero af-
sim o presumiraõ. Ale-
xandre Magno o inten-
tou com tal ancia,
que sabendo que os
discipulos de Anaxago-
ras ensinavaõ que ha-
viaõ mais Mundos, e
vendo o pouco, que
tinha conquistado, e
o muito, que faltava
para o cumprimento de
seu dezejo, começou
a chorar, e dizer: *An*

Roder.
in ejus
vita.

videor merito flere,
quia cum mundi sint in-
numerabiles, nos non

Q

dum

dum unius domini facti sumus. Mas o que nestes Monarchas do mundo não foy mais que intento, dezejo, e presumpção, no nosso Rey foy realidade. O Mundo se divide em quatro partes principaes: Europa, Azia, Africa, e América. Europa tem 900. legoas de comprido, e 800. de largo. Azia 2000. de comprido, e 1400. de largo. Africa 1600. de comprido, e 1400. de largo. América 3000. de comprido, e 2500. de largo. Em todas estas quatro partes do mundo teve poder, e dominio o nosso Rey. Na Europa dominou o Reyno de Portugal, de que he cabeça a sempre illustre, nobre, e famosa Cidade de Lisboa, a qual vendo Gonçalo de Avila disse: *Vidi Orbem in urbe,*

tendo ja dito de Roma? *Vidi urbem in orbe.* No Reyno de Portugal dominou tambem cinco Provincias, a Provincia do Entre-Douro, e Minho, a Provincia do Alentejo, a Provincia da Extremadura, a Provincia da Beyra, a Provincia de Tras dos montes. Tambem dominou o Reyno do Algarve. Na Africa, e mar Atlantico os Reynos de Angola, Monçambique, Congo, e Paté, e outros vinte e cinco nas Costas; e Certaõ. A Cidade de Loanda, os Senhorios de Guiné, e Mazagaõ: trinta e humas Ilhas; tres Portos, dous Castellos, e cinco Fortalezas. Na Azia e India o Vice Reynado da India, o Reyno de Ormuz seu feudatario, sette Cidades, e muitas Praças. Na América

Lib. 3. ca o Vice-Reynado do
Cap. 4. Brazil, nove Cidades,
oito Capitanias, cujos
nomes declara a Aca-
demia universal, e sin-
gular. Finalmente em
todo o Mundo teve po-
der o nosso Monarcha.
Oh poder grande! Oh
Monarcha o mayor do
Mundo!

Depois que o Mun-
do começou a dilatar-se
em Imperios, e Mo-
narchias, o Rey mais po-
deroso foy Salamaõ:

3. Reg.
1. v. 23. *Magnificatus est Rex
Salomon super omnes Re-
ges*; e a razão que nos
dá o Sagrado Texto he,
porque Salamaõ teve
poder, e dominio sobre
todos os Reys da terra:

2. Pa-
rali-
pom.
Cap. 9.
26. *Exercuit potestatem su-
per cunctos Reges. So-
bre todas as quatro par-
tes do Mundo se exten-
deo o dominio do nosso
Soberano: e se Salamaõ
foy o mayor no poder:
Magnificatus est Rex*

*Salomon super omnes Re-
ges*; porque a todos os
Reynos da terra se ex-
tendeo o seu dominio:
*Exercuit potestatem su-
per cunctos Reges*; cla-
ro esta, que o mayor
Monarcha, e o Rey
mais excelso no poder
he o Senhor D. Joaõ
V., que ao pôr do Sol
nos roubou a morte:
*Rex Israel mortuus est,
occidente Sole.*

Sendo como foy taõ
extenso o dominio, e
poder de Salamaõ Rey
de Israel, ainda noto
eu huma vantagem, e
excesso no poder do nos-
so Rey. Salamaõ teve
poder, e dominio sobre
todos os Reys da ter-
ra: *Exercuit potestatem
super cunctos Reges*;
mas não consta que
em todos os Reynos, e
partes do Mundo obra-
se Salamaõ prodigios;
porque explicando o
grande Abulente este

Q. 18.
in 2. Pa-
ralip.

Texto Sagrado : *Exercuit potestatem super cunctos Reges ;* diz assim : *Hoc erat per solutionem tributorum , & per rationem aliorum servitiorum , adjuvando Salomonem in bellis , vel aliis , si egeret eorum auxilio.* Porém o nosso Monarcha obrou maravilhas em todas as quatro partes do Mundo. Na Europa sagrou a Santa Basilica Patriarchal , inveja dos Reynos estranhos, gloria singular de Portugal , e por isso digna de perpetua duração ; no primor da arte , na riqueza ; e preciosidade bem pôde competir ; se não excede ; ao magnifico ; e sumptuoso Templo de Salamaõ. Edificou o Real Convento de Mafra , que, entre as maravilhas do Mundo , bem se pôde contar por primeira. Edi-

ficou , e reedificou muitas Igrejas, ornou, e enriqueceo muitos alares , e com seu exemplo fez mais veneradas muitas Sagradas Imagens. E como se fora toda a Europa pequena esfêra para tão grande poder, passou de Europa a Azia. Na Azia, ou Indias Orientaes sujeitou a seu Imperio , e dominio a Cidade de Lorna , a Fortaleza de Rolim , e a muitos Gentios. De Cesar se diz , que venceu tudo o que vio : *Venit, vidit, & vicit*; porém o nosso Monarcha venceu , e sujeitou a seu Real Imperio ainda o que não vio ; assim como o Sol, que, sem sahir da sua dilatada esfêra, triunfa de seus inimigos. Passando de Azia a Africa ; ahi renderão-se ao seu poderoso braço tres Reynos : o de Caçconda com todas as Prov.

vin.

vincias, o Reyno de Olo, que confina com o rio Sena; a valorosa Rainha Ginga, como publica a fama. Para Corsu enviou huma taõ illustre, como poderosa Armada, onde admirou o Mundo todo naõ só a grande, e sempre firme fé dos Portuguezes, senaõ tambem o seu valor, e esforço. Na America, além de muitas Igrejas, que edificou, erigio novamente tres Bispados; hum no Pará, outro na Cidade de S. Paulo, outro nas Minas, Cidade de Marianna. Em fim em todas as quatro partes do Mundo admiraõ todos, naõ sem espanto, e assombro, maravilhosos effeitos do grande poder do nosso Soberano; e o Monarcha, que assim usa de seu poder, bem merece que se consagre á immortalidade hu arco

triumfal para credito de seu dilatado poder.

Depois de hum curso continuo de victorias, voltou David para a Corte, e querendo consagrar á immortalidade huma memoria de seu alentado esforço, fez hum arco triumphal: *Fecit David sibi nomen, cū re-* ^{2. Reg.} ^{8. 13.} *verteretur capta Syria. arcum triumphalem erexit,* commentaõ os Sagrados Expositores. Constava este arco de quatro faces, huma para a parte do Occidente, outra para o Oriente, outra para o Septentriaõ; outra para o Meyo dia. Na face Occidental deste arco mandou David gravar aos Filisteos vencidos, e humilhados aos pés do mesmo David com huma letra, que dizia: *Percussit David* ^{Ibid. n.} ^{1.} *Philistim, & humiliavit eos.* Na face Oriental estavaõ os de Moab

prostrados todos por terra, e David com dous cordeis na mão, extendendo hum delles aos que mandava passar ao fio da espada, e cercando com outro aos que concedia liberalmente a vida; dizia a letra: *Percussit Moab, & mensus est eos funiculo coequans*

N. 3.

terre. Na face Septentrional Adarezer, e Adad Reis da Syria vencidos, e maniatados com todo o seu Exercito, feitos tributarios a David, com esta letra: *Facta est Syria David serviens suo tributo.* Na face Meridional se descobriaõ os Idumeos, descendentes de Esaú, rendidos, e taõ sujeitos, que David lhes punha o pé sobre a cabeça com o verso do Psalmo 59., que nesta occasiaõ compôs: *In Idumeam extendam calcamentum meum.* Por remate deste arco pôs

N. 6.

David hum lyrio: *Vincenti super liliu testimoniu David,* o qual representa a Christo: *Ego liliu,* dando-nos nisto como a entender, que sobre o poder de David Rey de Israel só havia o poder de Deos.

Cant.
2. 1.4

Este he o arco, que mandou David fazer para ostentação do seu grande poder. Outro como este formo eu, e devemos todos formar, para que; admirando nelle o Mundo as grandes maravilhas do nosso Monarcha, acabe de conhecer o immenso de seu poder. Consta o arco triumphal tambem de quatro faces: a primeira para a parte da Europa; a segunda para a parte da Azia; a terceira para a parte de Africa; a quarta para a parte da America. Na primeira parte, que corresponde á Europa

ropa ; se admirará por todas as obras a Santa Basilica Patriarchal com esta letra : *Fecitque domum Sancti Sanctorum.*

2. Reg.
3. 8.

Na segunda face , que corresponde á Azia, eltará a Cidade de Lorna, que sujeitou a seu Imperio o nosso Soberano:

Judith.
cap. 2.
v. 6.

diz a letra : *Urbem militam subiugabis mihi.* Na terceira face se verão os tres Reys prezos , e maniatados com todos os seus Exercitos

Judith.
I. v. 1.

com esta letra : *Subiugavit multas gentes imperio suo.* Na quarta face , que corresponde á America, se descobrião ricamente ornados os tres Bispos , que elegeo o nosso Rey para regerem a Igreja Santa de Deos, diz a letra : *Posuit Episcopos regere Ecclesiam Dei.* Por remate de toda a fabrica estará huma grande Magestade com este epigrafe :

Act.
Ap. 2.
23.

Inter natos mulierum non surrexit maior Joanne.

Entre todos os Reys da terra nenhum mais poderoso , que o Senhor

D. João V. : *Quisquis*

Joanne plus est, non tantum homo, sed Deus est.

S. Aug.
d. verb.
Joan.

Tambem foy Sabio o nosso Rey , que ao pôr do Sol nos roubou a morte , talvez que invejola das grandes felicidades do nosso Reyno. Muitas são as virtudes ; que deve ter hum Monarcha para ser grande no seu Imperio ; mas entre todas a principal he a Sabedoria : as outras virtudes constituem a hum Rey grande , a Sabedoria o faz mayor. Falla o Texto Sagrado de Salamaõ Rey de Israel, e diz que se exaltara sobre todos os Rey da terra : *Magnificatus est Rex Salomon super omnes Reges.* E quem exaltou tanto a

3. Reg.
10. 23.

Salamaõ : A Sabedoria: *In Sapientia*. As outras virtudes, como foraõ as riquezas, e o poder, constituirãõ a Salamaõ grande na sua Monarchia; porêm a Sabedoria o exaltou, e sublimou sobre todos os Reys da terra: *Magnificatus est Rex Salomon super omnes Reges in sapientia*. As outras virtudes sãõ grandes, e valem muito; porêm comparadas com a Sabedoria, aquellas valem mais que nada, e esta val mais que todas: *Venit in me spiritus sapientiæ... Et preposui illam regnis, Et sedibus, Et divitias nihil esse duxi in comparatione illius*. Communi- cou-me Deos, diz Salamaõ, a Sabedoria, deo-me grande poder, e muitas riquezas: porêm comparando eu a Sabedoria, que tenho, com o mais, que possuo; o

mais que possuo, he menos que nada na minha estimaçaõ: *Nihil esse duxi in comparatione illius*, e a Sabedoria, que tenho, he mais que tudo: *Et preposui illam Regnis, Et sedibus*. Que monta serem muitas as riquezas, ser grande, e absoluto o poder, se não ha sabedoria para dispôr bem as riquezas, e usar melhor do poder. A sabedoria he a que ensina aos Reys a governar, e a dispôr com acerto as cousas pertencentes ao bom regimen: *Per me Reges regnant, per me Principes imperant*; e não havendo sabedoria, de que servem as muitas riquezas, e o grande poder? De nada, ou de mais que nada: *Divitias nihil esse duxi*. Agora se entenderá a razaõ, por- que dizendo Deos a Salamaõ, quando o constituiu Rey de Israel, que

Sap. 7.
2.

Prov. 8.
15.

que pedisse por boca tu-
do quanto quizesse para
o bom acerto do seu
governo, pedio Salamaõ
a Deos só a Sabedoria:
*Da mihi sapientiam, &
intelligentiam.* Pois por
que não pede Salamaõ
a Deos as riquezas, e
a extenão do seu do-
minio? Porque estas vir-
tudes valem mais que
nada; e a sabedoria val
mais que tudo: *Nihil esse
dixi in comparatione il-
lius*; aquellas consti-
tuem a hum Rey Gran-
de no teu Imperio, e
esta exalta, e sublima a
hum Monarcha sobre
todos os Monarchas do
Mundo: *Magnificatus
est Rex Salomon super
omnes Reges in sapien-
tia.*

Destá virtude tão
necessaria para hum Rey
ser Grande, foy dotado
o nosso Soberano. Al-
guns annos depois de
nascido foy instruido nas

sciencias; mas não se
consumiu em todas por
causa de huma grave en-
fermidade, que padecio
na primavera dos annos:
mostrou sem logo o mui-
to, que havia de Saber.
Foy assim como o Sol.
O Sol ainda nos braços
da Aurora mostra o mui-
to, que ha de luzir no
dia: *Diem presignat ab
ortu.* O Sol da Monar-
chia Portugueza na pri-
mavera dos annos deo
a conhecer o muito, que
havia de resplandecer no
Mundo a luz da tua Sa-
bedoria. Cresceo nos an-
nos, e cresceo tambem
na sabedoria: *Proficie-* Luc. 21.
bat etate, & sapientia;
e nella se consummou
desorte, que mais pa-
recia sciencia infuza, que
adquirida. Na agudeza
do entendimento foy
singular; na presteza do
discurso sem igual; na
madureza do juizo sem
segundo; na discrição,
e ele-

e elegancia das palavras hum affombro. Digaõ aquelles, que chegando a ouvir suas palavras, naõ só ficavaõ consolados, mas tambem admirados; podendo-se delle dizer o que lá differaõ de Christo no Templo os Doutores. A fabledoria, como ensina Aristoteles, he hum conhecimento de todas as cousas: *Cognitio omnium rerum*: todas as cousas conhecia o nosso Rey: as causas, os effeitos, e os accidentes das cousas; e por isso na eleição dos meynos para conseguir o fim desejado sempre acertou. Todos os negocios, por mais difficultosos q̃ fossem, sempre resolveo com acerto; em todas as materias, principalmente politicas, fallava com admiração dos que o ouviaõ: nelas naõ houve difficuldade, que naõ vencef-

se o seu entendimento; a todas dava taõ adequada, e genuina resposta, que fazia pasmar aos mais doutos; podendo se dizer com verdade, o que diz o Salgado Texto de Salamaõ. De Salamaõ diz o Texto, que excedia na fabledoria a' todos os Orientaes: *Præcedebat^{3.} sapientia Salomonis sapi-*
Reg. 4. 34.
entiam omnium Orientalium; porque em todas as materias fallava, como Salamaõ, que era. Em todas as sciencias fallava o nosso Soberano, como se fora Salamaõ, e por isso entre todos os Reys o mais Sabio, e entendido: *Magnificatus est super omnes Reges in sapientia.*

E se querem saber a escola, onde aprendeo o nosso Monarcha tantas letras, foy na observancia da Ley Divina. A observancia da Ley Divina

vina não só he boa para alcançar a graça, e para ir ao Ceo; mas também para ler mais sabio que todos os doutos. Falla de si o Real Profeta no Plalmo 118., e diz assim; *Super omnes docentes me intellexi*. Eu, diz David, fuy mais sabio que todos os Doutores, e Mestres. E onde aprendeste, meu Santo Rey, tantas letras? Na observancia dos Divinos preceitos: *Quia testimonia tua meditatio mea est*. Todo o meu estudo, diz David, foy na guarda da Ley Divina; *Testimonia tua meditatio mea est*, e esta me fez mais sabio que todos: *Super omnes docentes me intellexi*. Assim David Rey de Israel; e assim o Senhor D. João V. Rey de Portugal: como toda a sua applicação, devêlo, e estudo, foy em observar á rilca a Ley

de Deos; por isso foy entre todos o mais Sabio. E se a Sabedoria he a que exalta aos Reys sobre todos os Reys: *Magnificatus est Rex super omnes Reges in sapientia*; quem deixará de confessar, e dizer, que o Senhor D. João he entre todos os Monarchas o mayor, porque entre todos he o mais entendido: *Super omnes docentes me intellexi*?

Tambem foy Rey amante o Senhor D. João V. E de quem? De seus Vassallos. Assim o confessaõ, e devem confessar todos, como tão obrigados a seu amor. Mas entre todos foy a Religiaõ Serafica a preferida no seu amor. Apenas sahio á luz este Sol abrazado, logo começou a arder no seu coração o fogo do amor Serafico. Com o mesmo ler, que recebeo o nosso

o nosso Soberano do Senhor D. Pedro II., e a da Senhora Dona Maria Sophia, veyo acompanhado o amor á minha Religião Sagrada. Assim o deo a entender o mesmo Senhor, quando mandou chamar ao Prelado superior da Santa Provincia de Portugal, para lhe communicar a resolução, que havia tomado de estabelecer pelos Mestres da mesma Provincia as escólas no Real, e magnifico Convento de Mafra, introduzindo a practica com estas palavras sempre de immortal honra, e gloria para minha Religião Serafica: Bem sabe o Padre Provincial, que eu sou Franciscano por pay, e mãy; como se dissera: Assim como de pay, e mãy recebi o ser, que tenho; assim tambem delles participey o amor

á Religião Serafica. Quando o Pay *in Divinis* gerou ao Filho, communicou-lhe o mesmo ser, e o mesmo amor, com que ama as creaturas: com o ser, que communica o Eterno Padre ao Filho na geração eterna, vem acompanhado, *per identitatem*, o amor essencial, com que ama as creaturas. O Senhor D. Pedro II., e a Senhora Dona Maria Sophia foram em extremo amantes da minha Religião Serafica: geraram ao Senhor D. João o V., e lhe comunicaram o ser; e parece que com este ser veyo acompanhado o affecto, que tiveram á Franciscana. Cresceo nos annos o nosso Rey, e logo começou a atear-se no seu Real coração o fogo do amor desorde, que, não podendo occultar-se na dilatada

latada esféra de seu peito, começou a publicar-se no exterior. O mar trasborda , e inunda fóra, quando dentro de sua circunferencia não póde contêr as suas agoas. Assim o amor do nosso Rey. Não podendo por grande occultar-se na dilatada esféra de seu peito ; começou a publicar os incendios, em que se abrazava o seu coração por amante da Franciscana. O amor, ou se manifesta pelas dadivas , ou se conhece nas obras: *Est amor in dono, & donum in amore manet.* Pelas dadivas se deo a conhecer o amor de Jonathas para com David: *Expoliavit se Jonathas tunica sua, & dedit eam David:* pelas obras manifestou Jacob o excesso, com que amava a Rachel: *Serviam tibi per Rachel:* no muito, que

deo Jonathas a David ; mostrou o muito , que amava ; no muito, que obrou Jacob por Rachel, significou o excesso, com que queria. Por hum, e outro principio manifestou o nosso Rey o grande , e o excessivo amor, que teve á minha Religião Sagrada. Principie-mos pelo dar.

Na primavera dos annos, e antes de ser Rey, mandou o nosso Monarcha huma Estrella de ouro para os Lugares Santos da Palestina; huma das cinco excellencias grandes de minha Religião Serafica. Quando Christo nasceu em Belem, appareceu no Ceo huma Estrella, que, se não era de ouro, tinha dourados os rayos ; e servindo de norte aos tres Reys do Oriente , tambem foy feliz pronóstico do muito, que haviaõ de dar por aman-

1.º Reg.
18. 40.

Gen.
29. 18.

amantes: *Vidimus Stellam ejus, & venimus cum muneribus adorare Dominum.* Aquella Estrella de ouro, que mandou o nosso Soberano para a Palestina, servindo de luz para conhecermos o seu amor, tambem foy pronostico certo do muito, que havia de dar no tempo do seu felicissimo reynado. Neste tempo mandou para a sustentação dos Religiosos, que assistião nos Santos Lugares, trinta e sette conductas tão copiosas, que chegaraõ a fazer a somma de hum conto trezentos e settenta e sette mil cruzados. Mandou mais muitas, e preciosas alfayas, que no primor, e valor excedêrao a quantas mandáraõ os mais Reys da Europa: hum só ornamento, que mandou para cobrir o Santissimo

Sepulchro, fez a despeza de vinte e dous mil cruzados. Voltando da Palestina para Portugal, digaõ os Conventos, que levantou das ultimas ruínas; confessem os que novamente erigio com immensas despezas dos seus thesouros. Diga por todos, os que levantou das ultimas ruínas, o Convento de S. Francisco da Cidade, para cuja reedificação deo por esmola cem mil cruzados. Confesse por todos, os que novamente erigio, o Real Convento de Mafra; onde tantas são as pedras, quantos são os espelhos, em que está vendo, e conhecendo o Mundo o amor do nosso Monarcha; onde tantas são as columnas, quantos são os padroens, que consagrou o seu poder á immortalidade para credito do seu amor

Voltando de Portugal para América ; publique , por todas as Provincias , esta de Santo Antonio do Brasil , da qual foy tambem Protector: razão , porque taõ empenhada se mostrou nas suas Reaes Exequias. Além de largas , e annuaes esmólas , q fez sua Magestade a muitos Conventos desta santa Provincia , mandou para o Convento da Cidade da Bahia hum todo de veludo preto : para o Convento da Cidade de Olinda outro todo de damasco branco , guarnecido de franjas de ouro fino : outro não menos rico para o Convento da Villa de Cairû : outro tambem igual na preciosidade , e riqueza para o Convento da Villa de Igua-rassú : a todos em fim enriqueceo com dadivas

o seu amor. E se o amor se conhece pelas dadivas , como ensina Santo Agostinho : *Amor sentitur in donis* ; vendo o muito , que nos deo o nosso Rey , quem deixará de confessar o fino de seu amor. Assim confessamos , Rey Fidelissimo , e Monarcha Soberano ; assim confessamos todos agradecidos : e para ter credito de fino o vosso amor , basta confessarmos a vossa liberalidade. Dêstes sem limite á minha Religião Serafica , e por isso foy sem limite o vosso amor. No muito , que deo Jonathas , tendo Principe , a David , mostrou o muito , que o amava : *Jonathas diligebat David valde* : I. Regl 19. 1. no muito , com que enriquecestes a minha Religião sagrada , dêstes a conhecer o excesso de

de vosso amor.

Não se contentou o amor do nosso Rey com o muito, que nos deo; ainda passou a mais no que obrou. Para cuja intelligencia excito huma questão. Rezolvendo-se hum Rey a amar a hum Vassallo, em que mostra ser mais fino o seu amor; em dar, ou em receber do Vassallo o sayal? Ninguém ignora, que a segunda fineza he mais subida; porque dando muito, ainda a sua Purpura Real, nunca fica o Vassallo mayor que o Rey: mas tomando o sayal, fica o Rey menos, que o Vassallo: e quem duvida, que he mais subido o amor, que faz ao amante menos, que o amado, que o amor, que faz ao amado igual ao amante. Muito se encarece na

Escritura Sagrada o amor de Jonathas para com David: porém, dando muito Jonathas a David, não consta que recebesse este Principe do Pastor a çamarra. Pois se Jonathas deo a David até a sua Real Purpura, porque razão não recebe de David o sayal? Pode o amor obrigar a Jonathas, que dêse a David, sendo Pastor, a sua Purpura; e não pode acabar com Jonathas, que, sendo Principe, receba de David, sendo Pastor, o sayal? Sim; porque dando o Principe a sua Purpura ao Pastor ficava o Pastor igual ao Principe, e isto póde fazer o amor, que he grande; mas recebendo o Principe o sayal do Pastor, ficava o Principe menos que o Pastor; e isto não póde fazer nem hum

hum amor taõ encarecido, como o de Jonathas para com David.

Isto supposto, vede agora o que obrou por amante da Franciscana o nosso Rey. Depois de dar muito, como deo, tambem recebeu da Religiao o pobre, e humilde sayal. Tres Ordens fundou o meu Serafico Patriarcha S. Francisco. A Primeira dos Religiosos Menores: a Segunda de Freiras; e a Terceira da Penitencia: *Tres Ordines hic ordinat; primumque Fratrum nominat Minorum; pauperumque fit Dominarum medius: sed Pœnitentium tertius sexum capit utrumque.* Nesta Terceira Ordem recebeu o nosso Monarcha o santo habito. No muito, que deo á Religiao, mostrou o

muito, 'que amava; em receber o pobre, e humilde sayal, significou o excesso, com que queria. Muitas finezas obrou o amor de Deos pelos homens; porẽm na dadiva do Filho de Deos, diz S. Joaõ q̃ mostrara o mesmo Deos o mais fino de seu amor: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret.* E porque mais nesta, que nas outras finezas, mostrou Deos o excesso de seu amor? Porque o Filho vestio o habito da nossa humanidade: *Habitu inventus ut homo,* diz S. Paulo: e quando Deos, depois de dar muito, toma tambem o nosso habito, entaõ mostra o subido da fineza. Desorte que na Incarnação do Filho de Deos houveraõ duas finezas: huma no dar-se a si: *Unigenitum*

R da-

In ej.
off.

Phil. 2.
7.

daret ; outra no receber o habito da nossa humanidade: *Habitu inventus ut homo* : no dar-se a si mostrou ser grande o seu amor ; no receber o habito da nossa humanidade subio de ponto a fineza: *Sic Deus dilexit mundum ; ut Filium suum Unigenitum daret .. habitu inventus ut homo.*

Oh fineza grãde de Deos para com os homens ! Oh amor tambem grande para com a minha Religiaõ Serafica ! Deos , depois de dar muito aos homens, tambem recebeo o habito da nossa humanidade ; o nosso Rey, depois de dar muito á Franciscana, tambem recebeo o pobre , e humilde sayal. No muito , que deo Deos aos homens, mostrou o grande amor , que lhes tinha : o nosso Reyno , muito , com

que enriqueceo a minha Religiaõ Serafica, significou o seu grande affecto. Deos , quando se vestio da mortalha da nossa humanidade, mostrou o excesso de seu amor : o nosso Rey, em receber o pobre Sayal de Francisco meu Padre, mostrou os mayores quilates do seu amor. Ora notemos huma circumstancia , que houi-ve na profissãõ , que fez o nosso Rey , para melhor conhecermos todos o excesso de seu amor.

Aos 7, de Dezembro, vespera do dia , em que solemniza a Igreja nossa Mãe a sempre pura , e Immaculada Conceiçaõ de Maria Santissima Mãe de Deos , e Protectora de todo o Reyno de Portugal , fez o nosso Monarcha a sua profissãõ de verdadeiro Filho de S. Francisco

cilco nas mãos do Padre Commissario dos Terceiros com tal espirito, e devoção, e com tal ternura de affectos, que, ditas as palavras da profissão, começou a lançar pelos olhos duas correntes de crystaes. Quem tal dissera! Suspendei, meu amante Rey, as vossas lagrimas, que parece indecente o chorar a Soberania de hũa tão alta Magestade. Negou Pedro a Christo, e para chorar, diz o Texto lagrado que deixara o

LUC. 22
62. Paço: *Egressus foràs flevit amarè*. Pois porque razão não chora Pedro no Paço, onde negou a Christo? De razão era que vissem a penitencia aquelles, que viraõ a culpa; para que sahe Pedro do Paço para chorar? Direi: era Pedro Principe: *Princeps*; e as lagrimas são indecentes á

Soberania de hũ Principe; como se dissera Pedro He conveniẽte á minha alma o chorar; he proprio á contrição o pranto: mas como o pranto he indecente á Magestade, não hei de chorar onde me vejaõ os homens, e para isso tomei por accordo o sahir fóra do Paço: *Egressus foràs flevit amarè*. Pois se as lagrimas em publico são indecentes á Magestade; porque razão chorastes tantas lagrimas em publico? Para que, parando na Real face aquelles crystaes derretidos, se pudesse delles formar hum crystallino espelho, onde pudessem todos ver os incendios de seu peito amante. Assim foy, e assim o devemos presumir todos; porque he o amor tão ambiciozo de se dar a conhecer com

o pranto, que não pôde hum coração abraçar-se em finezas, sem que no candido papel do rosto as escreva com caracteres de lagrimas.

Quando Jacob se avistou a primeira vez com Raquel naquella poço de agoa, em que bebeo tanto fogo o coração do amante Pastor diz o Texto sagrado que chorara muito Jacob: *Cumque eam vidisset; elevata voce, flevit.* Eu não ley que razão teve Jacob para derramar tantas lagrimas. Se esta he a primeira vez, que Jacob vê a Raquel, porque chora? Porque amava muito a Raquel: *Præ amoris magnitudine.* O mesmo amor, que lhe ateou no coração o fogo, derreteu nos olhos as lagrimas; para que vendo Raquel o muito,

que choravaõ os olhos; conhecesse tambem o muito fogo, em que se abrazava o seu coração por amante. Vio Jacob a Raquel, e pelos olhos se introduzio no coração de Jacob o amor: e como o amor dezeja ser manifesto, e as lagrimas são as melhores testemunhas do excesso, com que se ama: *Vis amoris per lacrymas manat;* para que Raquel conhecesse do seu amor o excesso, começou a chorar Jacob: *Elevata voce fle-*

Agora se deixa bem conhecer a causa, porque chegando Christo á sepultura de Lazaro derramou muitas lagrimas: *Lacrymatus est*

JESUS. Porque como os homens tão sómente discorrem pelo que vem: *Homo videt ea, que parent,* vendo nos olhos de Christo Rey muitas

S. Bern.
trat. de
Lac.

Joan. II
v. II.

1. Reg.
16.

Joan.
II.

muitas lagrimas, pudessem conhecer o muito, que o amava: *Ecce quomodo amabat eum.* Era Christo amante fino de Lazaro; levadas da vehemencia do amor subiraõ aos olhos as lagrimas: *Lacrymatus est JESUS*, e como saõ as lagrimas os verdadeiros interpretes do querer, deraõ a conhecer o muito, que amava Christo a Lazaro: *Ecce quomodo amabat eum.*

E se as lagrimas, como verdadeiros interpretes do querer, saõ as melhores testemunhas do excesso, com que se ama, quem não dirá, que derramarem os olhos do nosso Rey tantas lagrimas em publico, quando professou o ser filho de Francisco, foy empenho de querer por ellas dar a conhecer ao mundo o excesso, com que ama-

va a minha Religiaõ Seráfica? Eu pelo menos nenhuma duvida tenho, não só pelo que diz o sagrado Texto de Jacob a respeito de Raquel, de Christo a respeito de Lazaro; mas tambem porque fey, que muito mais obrava só a fim de querer dar-se a conhecer por amante fino da Franciscana. Ora vamos descobrindo as finezas para se conhecer melhor o extremado do seu amor.

Feito o nosso Rey filho de seu, e meu Padre S. Francisco, prezava-se mais desta filiação adoptiva; que da que lhe vinha pela Real ascendencia. Assim o mostrava todas as vezes, que fallava na minha Religiaõ, porque sempre a tratava pela nossa Religiaõ Seráfica. Quando á sua Real pre-

tença chegava algum Religioso Menor, o recebia nos braços; beijava a manga do santo habito; e muitas vezes a levava á Coroa de sua Real cabeça, dando-nos nisto a entender, que mais estimava o habito de S. Francisco que a Coroa de sua Real cabeça, ou que a Coroa de sua Real cabeça era o Habito de nosso Padre S. Francisco. A todos os Religiosos seus Irmaõs mostrava especial agrado, com todos fallava, e conversava com muita familiaridade. Grande finenza de amor na verdade, extremo estranho de hum bem querer resignado, pois não se pôde dar amor com mayor excesso, que chegar hum Rey a ter familiar conversação com hum Vassallo tão humilde! Notavelmen-

te encarece a Escriptura Sagrada o amor de Jonathas para com David, dizendo, que tanto lhe queria, que como a sua mesma alma o amava: *Diligebat eum quasi animam suam*. Pergunto agora: em que descobrio o Sagrado Texto este amor tão grande? O grande Abulense delgadamente a nosso intento solta a duvida: *David venerat in habitu pastoralis, hoc autem inhonestum erat, cum assumptus fuisset ad familiaritatem Regis*. Inda que eu compuzera as palavras, não as fizera mais proprias. Querem dizer: Jonathas era hum Principe, David hum pobre Pastor: travou practica Jonathas com David, e começaram ambos a conversar com tanta familiaridade, como se foraõ ambos iguaes;

I. Reg.
18.

iguães: considerando pois isto resolveo-se o Sagrado Texto a dizer, que onde se achava esta acção, hum valente amor se descobria: *Diligebat eum, quasi animam suam.* E se isto diz a Escriptura do amor de Jonathas para com David, que direy eu do amor do nosso Rey, vendo, e sabendo, que com tanta familiaridade conversava com os pobres, e humildes Franciscanos? Direy, como digo, que foy tão grande fineza, e tão estranho extremo de hum bem querer refinado, como foy o amor de Jonathas para com David: *Diligebat eum quasi animam suam.*

Naõ parou aqui o seu amor, ainda passou a mais. No Real Convento de Mafra servio á Mesa a todos os Religiosos, que nel-

le moravaõ. Fez o nosso Rey por amante dos Franciscanos, o que lá fez Christo por amor dos homens. Quando o Amantissimo Senhor vio que era chegada a hora de se ausentar dos homens, a quem amava, diz o Evangelista S. Joaõ que se cingira, e apertara com hũa toalha: *Linteum præcinxit se,* e que assentara comfigo á Mesa aos Discipulos: *Hoc nemo scivit discumbentium* e que os servira á Mesa, e administrara como servo, sendo o mais Soberano Senhor: *Ego in medio vestrum sum, sicut qui ministrat.* Isto he o que obrou Christo por amante dos homens; e isto he o que obrou o nosso Rey por amante dos Franciscanos: Christo por amante se cingio com huma toa-

Joan.
13.

lha : *Precinxit se lin-*
teo ; o nosso Rey por
 amante dos Franciscanos
 le apertou com
 huma toalha. Christo
 assentou á sua Mesa os
 Discipulos : *Nemo sci-*
vit discumbentium ; á
 Mesa fez assentar aos
 Franciscanos o nosso
 Rey : Christo, sendo
 Rey ; e Senhor dos
 Senhores, servio á Me-
 sa aos Discipulos : *In*
medio vestrum sum, si-
cut qui ministrat : o Se-
 nhor D. Joaõ V., sendo
 nosso Rey e Senhor,
 servio á Mesa aos Fran-
 ciscanos. Oh amor,
 que a muito obrigas ;
 quando chegas a ser o
 mais refinado, e o mais
 subido ! Obrigas hum
 Deos a servir aos ho-
 mens, e obrigas a hum
 Rey a servir a huns po-
 bres, e humildes Vaf-
 fallos.

Aqui vem nascen-
 do huma questãõ, e he

qual destas finezas foy
 a mayor : se o estimar
 a Religiaõ Franciscana ;
 se o conversar familiar-
 mente com os seus Re-
 ligiosos ; ou se a estes
 servir á Mesa ? Pare-
 ce-me, que ninguem
 duvida, que esta ulti-
 ma fineza he entre to-
 das a de mayor realce.
 Todas saõ em extremo
 grandes, porèm esta
 terceira he a maxima ;
 e a razãõ he : porque
 estimando o nosso Rey
 a minha Religiaõ, con-
 vertendo familiarmente
 com os seus Religiosos
 ficava a Religiaõ exal-
 tada, e os humildes
 Religiosos sublimados ;
 porèm servindo lhes á
 Mesa ficava humilhada
 a Magestade : e quem
 duvida, que mais in-
 tenso he o amor, que
 humilha ao amante,
 que o amor, que exal-
 ta ao amado.

Tres finezas obrou
 Christo

Christo pelo amor dos homens: huma foy a Incarnação; outra foy a instituição do Divinissimo Sacramento; e outra foy o Lavatorio. A primeira fineza foy grande, a segunda mayor, e a terceira maxima: assim o diz S. João Chrysostomo; e assim o deo a entender o Evangelista Amado quando no Evangelho dos amores de Christo pôs em ultimo lugar, e como coroa de todos a fineza do Lavatorio: *Præcinxit se linteo .. cæpit lavare*; e assim o mostrou o Principe dos Apostolos S. Pedro, quando olhando para Christo, e olhando para si, repugnou este excessão do amor de Christo: *Non lavabis mihi pedes*. O que supposto, pergunto agora: Qual terá a razão, porque a fineza

do Lavatorio ha de exceder, e levar vantagem ás outras? Na Incarnação unio-se Deos com os homens com aquella tão intima, como indissolúvel uniaõ. No Sacramento fez Deos aos homens Deozes: *Verè comedens Deus efficitur*: no Lavatorio lavou Christo os pés dos Discipulos: *Cæpit lavare*; e o lavar Christo os pés dos Discipulos he mayor fineza, que o fazer aos homens Deozes, e que unir se Deos com os homens? Sim; e a razão he: porque naquella intima uniaõ de Deos com os homens, ficaraõ os homens exaltados: *De-* S. Aug. l. 3. de Trin. t. 3. *monstratum est homini, quem locum haberet in rebus*: no Sacramento ficaraõ sublimados, e levados a mayor altura, e iguaes, ou quasi iguaes

Cap. 13
4. 5.

iguaes com Deos: *Deus efficitur*; porém no lavatorio ficou humilhada, e abatida a *Migestade*: *Cæpit lavare*; e como he mais fino o amor, que humilha, e abate o amante, que o amor, que exalta o amado; por isso, sendo aquellas finezas em extremo grandes, he esta entre todas a mais crescida. Na escola do amor ha dous modos de obrar: exaltar a pessoa amada; abater a pessoa amante. Se o amor he grande, exalta a pessoa amada; se o amor he refinado, passa a mais: abate, e humilha a pessoa amante. Dous amores acho eu muito encarecidos na Escriitura Sagrada; hum o amor de Jonathas para com David; outro he o amor de Jacob para com Raquel; e se me perguntarem, qual

delles he o mais excessivo? Direi que he o amor de Jacob para com Raquel: *Præ amoris magnitudine*. E a razão he; porque o amor de Jonathas exaltou a David: *Expoliavit se tunica sua, & dedit eam David*; porém não abateo a Jonathas: e o amor de Jacob, além de sublimar a Raquel, humilhou a Jacob, porque o fez servir: *Serviam tibi per Raquel*: e o amor, que he só grande, exalta ao amado, e não abate ao amante; porém o amor, que he excessivo, humilha ao amante depois de exaltar ao amado.

Tudo obrou por amante o nosso Soberano; exaltou-nos a nós, e humilhou-se a si: exaltou-nos a nós, quando nos seus braços nos recebia; quando a si nos unio o seu amor; quando

do comnosco converlava familiarmente ; e em todas estas acçoens mostrava o grande amor , que nos tinha : humilhou se a si , quando no Convento de Matra nos servio á mesa , como se fora servo , sendo o mais alto , e Soberano Senhor , e nisto nos mostrou os mayores quilates , e os mayores realces da fineza. Que Jacob sirva a Labaõ por Raquel , não me admira , que isso he servir hum pastor a outro ; mas que huma Magestade taõ alta , que hum Senhor taõ poderoso sirva a huns pobres , e humildes Fradinhos ; isso he que admira ! Mas assim havia de ser , para ser verdadeiro imitador de Christo , e extremadamente amante da Franciscana.

Com todas estas finezas , com todos es-

tes excessos não soce-
gou ainda o coração amante do nosso Rey : porque em quem palpitão as chammas do amor , não pode socegar nas finezas. Dizem que o amor , quando chega a ser o mais refinado chega até a morte : *Amicus usque ad aras* : e o amor , que teve o nosso Monarcha á minha Religiaõ Serafica passou além da morte ; porque quando vivo ordenou que o seu corpo , depois de morto , fosse amortalhado no pobre , e e cinzento sayal de nosso Padie S. Francisco. Assim se executou ; e assim devia ser para se acreditar o seu amor de sette vezes mayor , e de sem semelhante na terra. Para exemplar dos Reys na terra pôs Deos ao Sol no Ceo : a este exemplar do Ceo imitou na terra o nosso Rey. Em

Em dous lugares falla o Sagrado Texto do Sol no dia do Juizo: no Capitulo 3. de Isaias, e no Capitulo 6. do Evangelista S. Joaõ. No Capitulo 6. do Apocalypse diz S. Joaõ, que o Sol se ha de vestir de cilicio: *Sol factus est niger tamquam saccus cilicinus*; e Isaias no Capitulo ja citado diz, que o Sol ha de luzir sette vezes mais que nos outros dias: *Erit lux Solis sicut lux septem dierum*. Quem não vê a diversidade destes Textos? Que o Sol se vista de cilicio no dia de Juizo, não me admira; porque he Principe, e he Rey: *Luminare maius*, e quẽ no principio o levantou á Magestade, no fim do mundo o condenou a penitencia, não por culpas proprias mas sim por culpas alheas; que esta he hũa

das obrigaçoens dos Reys, fazer penitencia ainda por culpas alheas. Mas o que me espanta he, que o Sol brilhe, e relplandeça sette vezes mais, a tempo que ha de apparecer a mortalhado em hum pobre, e cinzento sayal! O vestir-se o Sol de cilicio he amortallar-se: o amortallar-se o Sol, he deixar de luzir: o luzir sette vezes mais, não só he luzir, tenão luzir muito. Pois como ha de o Sol luzir sette vezes mais, quando ha de apparecer amortalhado, e vestido de cilicio: *Sol factus est niger tamquam saccus cilicinus: erit lux Solis sicut lux septem dierum*? Por isso mesmo; que se ha de amortallar em hum cinzento sayal, ha de luzir sette vezes mais. He o Sol Rey: *Luminare maius*; he a luz, pelo que tem

tem de fogo, emblema do amor; e quando hum Rey por amante se amortalha com hum pobre, e cinzento sayal, entãõ admira o mundo sette vezes mayor o seu amor: *Sol factus est niger tanquam saccus cilicinus.. erit lux Solis, sicut lux septem dierum.*

Este he o exemplar do Ceo, a quem imitou na sua morte o Sol da Monarchia Portugueza. Decretou este Sol abrazado, que no dia da sua morte, que tambem he dia de Juizo, se amortalhasse o seu corpo no habito pobre, e humilde de S. Francisco nosso Padre; e o mesmo foy amortalharle seu corpo, e vestir-se de cilicio este luzido Sol: *Sol factus est niger, tanquam saccus cilicinus;* que conhecer o Mundo todo a seu amor por sette vezes mayor: *Erit lux Solis*

sicut lux septem dierum. Em extremõ grande foy o amor do nosso Rey; quando com muitas dadas enriqueceo a minha Religiaõ Serafica; mais extremado, e mais de ponto subido nas honras, e estimacoens, que nos fez; e como ja naõ podia subir mais, que tez? Decretou, que o seu corpo fosse, qual outro Sol, amortalhado no pobre, e cinzento sayal de nosso Padre S. Francisco: *Sol factus est niger, tanquam saccus cilicinus;* para que naquellas pardas sombras acabasse o Mundo de conhecer, que entre todos os seus Vassallos o mais preferido no amor, foy a minha Religiaõ Serafica: *Erit lux Solis sicut lux septem dierum.*

Este he o Rey, que ao pôr do Sol nos roubou a morte: *Rex Israel mortuus est occidete Sole;*
hum

hum Rey, que foy de Deos, e feito por Deos Trino; hum Rey, que, por ser obra de Deos Trino, foy Poderoso, Sabio, e Amante. Vejão agora se tem bastantes causas toda a Monarchia Portugueza para sentir com razão, para lamentar com repetidos suspiros, e gemidos a perda de hum tal Rey. E posto que a Providencia, e a bondade Divina nos deixou para lenitivo da nossa dor, e para allivio da nossa laudade outro Rey em tudo semelhante: *Similem enim reliquit post se*; com tudo, quem deixará de sentir, e chorar tão grande perda? Na morte de Christo, nosso Redemptor sentiraõ todos, como ja disse; e a razão, que tiveraõ para tão grande sentimento, foy o perderem hum Rey, que em quanto

homem foy obra de Deos Trino: *Faciamus hominem*; hum Rey Poderoso: *Omnia militradita sunt à Patre meo*; hum Rey sabio: *Sciens*, e hum Rey tão amante dos seus Vassallos: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos* Pois se na morte de Christo sentiraõ todos huma tão grande perda, de razão he que gema, sinta, e chore toda a Monarchia Portugueza; huma vez que perdeu hum tão grande Monarcha. Chore pois Portugal, gema toda America, sinta Azia, lamente Africa; porque como em todas estas quatro partes do Mundo teve poder, e dominio o Senhor D. João V., em todas he universal, e commũa a perda; e quando he universal a perda, deve ser commum, e universal o sentimento.

Mas

Mas supposto com-
prehenda geralmente a
todos tão grande perda,
a ninguem magôa mais,
que a toda a Religião
Serafica: porque se quem
mais perde, deve mais
sentir; na morte do Se-
nhor D. João V. nin-
guem perdeu mais, que
toda a Franciscana. Per-
deu a Franciscana, co-
mo perderão todos os
Portuguezes, hum Rey,
que foy de Deos, e fei-
to por Deos Trino; hum
Rey Poderoso, Sabio,
e Amante; e perdeu mais
que todos, porque per-
deu hum Rey mais
amante seu, hum Rey,
que era o seu thesouro,
seu Pay, e juntamente
Filho seu: em fim hum
Rey, que era o seu tu-
do: e quem tanto per-
de, deve sentir, e cho-
rar mais que todos.
Quando deo Christo os
ultimos alentos da vida
nos braços da Cruz, sen-

tião, e choráraõ todas
as creaturas; porêem a dor
que traspaslou o coração
da Virgem Mãy, foy
mais aguda, e mais in-
tenta, que a dor de to-
das as creaturas: *Vir-
ginis dolor erat maior*,
diz S. Bernardo. E por-
que razão? A razão he
tão clara, como na-
tural. Porque na morte
de Christo perdeu a Se-
nhora mais que todas
as creaturas. Todas as
creaturas perderão na
morte de Christo Rey,
que por ser em quanto
homem obra de Deos
Trino, foy Poderoso,
Sabio, e Amante: a Se-
nhora perdeu mais, por-
que, além de perder tu-
do isto, perdeu mais
hum Rey mais amante
seu, que de todos: *Di-
lectus meus mihi*; hum
Rey, que era o seu the-
souro: *Hæredem uni-
versorum*, hum Rey,
que era seu Pay: *Tu*

Cent.
6.

Heb. i.
2.

S. Anf.
d. lau-
dib.
Virg.

mihi

mihi Pater, e juntamente Filho seu: *Tu mihi Filius*; em fim, hum Rey, que em quanto homem era todo seu, e emquanto Deos era o seu tudo: *Deus meus & omnia*: e como quem mais perde, deve mais sentir; por isso chegando a todas as creaturas a dor na morte de Christo, o coração da Senhora foy o traspassado de huma dor mais aguda, e mais intensa: *Virginis dolor erat maior*.

Esta foy a dor, que padeceo a Senhora na morte de Christo, Rey do Universo; e tal como esta parece ser, como deve, o sentimento de toda a Religião Serafica na morte do Senhor D. João V. Rey de Portugal. Na morte de Christo perdeu a Senhora igualmente com todas as creaturas hum Rey, que em quanto

homem foy de Deos, e feito por Deos Trino; na morte do Senhor D. João V. perdeu a Religião Serafica, e toda a Monarchia Portuguesa hum Rey de Deos, e feito por Deos Trino. Na morte de Christo perdeu a Senhora mais que todas as creaturas, hum Rey, q̃ em quanto homẽ era todo seu, e emquanto Deos era o seu tudo; na morte do Senhor D. João V. perdeu a Religião Serafica hum Rey, que por amante era todo seu. Na morte de Christo perdeu a Senhora hum Rey, que era seu Pay, e juntamente Filho seu; na morte do Senhor D. João V. perdeu a Religião Serafica hũ Rey, que era seu Pay, e juntamente seu Filho: a Senhora, porque tudo perdeu na morte de Christo, padeceo huma dor

dor mais intensa, que as dores, que padeceraõ todas as creaturas: *Virginis dolor erat maior*; o sentimento de toda a Franciscana he, e deve ser mayor que o sentimento de todos; porque quando roubou a morte ao Senhor D. Joaõ V. ao pôr do Sol, perdeu tudo: *Omnia simul in te uno*. Chore pois, finta, gema, e suspire toda a Religiaõ Serafica, huma vez que perdeu tudo: *Rex Israel mortuus est occidente Sole. Dilectus meus. Tu mihi Pater. Tu mihi Filius. Omnia simul in te uno.*

Estas são as causas, e estes são os motivos, que tem os nossos corações para com razão sentir, e os nossos olhos para chorar, posto que não ponderadas com aquella efficacia de palavras, com aquella energia de affectos, com

aquella profundidade de sentimento, que perdia tão grande, e tão notavel perda. Agora quizeram eu, que neste theatro se mudasse a scena: que os lutos se convertessem em ricas gallas, que as caveiras se revestissem de vida, que os Cypestres se reproduzissem em palmas, que os epitafios se convertessem em panegyricos, que as luzes daquella triste Urna, e funebre Mausoléo se mudassem em luminarias de alegria; porque, o que até aqui lamentamos, como despojo da morte: *Rex mortuus est*, agora o contemplo eu como triunfante no Ceo. Triunfou da morte, e salvou se o muito Alto, Poderoso, e Fidelissimo Rey o Senhor D. Joaõ V. Fallo com aquella modificação, que ordenaõ os Summos Pontifi-

tífices da Igreja nossa Mãe. Esta conjectura, e esperança nos dão as muitas virtudes de nosso Rey defunto. E quando não houvessem algumas, bastava, para assim o conjecturar, o cordial affecto, que teve em sua vida o nosso Rey ao nosso Serafico Patriarcha, e a toda a sua Religião Sagrada.

Falla o Mellifluo Doutor S. Bernardo de S. João Bautista, e diz assim: *Ioannes stat, quia amicus, & quia ardens erat, sicut Seraphim stare dicuntur.* S. João, diz o Santo Doutor, está no Reyno da Gloria; porque foy amante, assim como estão os Serafins no Ceo. Não reparo em que diga o Santo Doutor: que S. João está no Ceo, porque para o Ceo foy creado; no que reparo, he na causal: *Quia ami-*

cus, & quia ardens erat; porque foy amante, e amigo dos Serafins do Ceo. Pois não teve o Grande Bautista outras muitas virtudes? Sim teve. Não foy tão Poderoso, que Deos o elevou, e exaltou sobre todos os Reys da terra? Jerem. c. I. v Sim, que assim o profetizou Jeremias: *Ecce* 10. *constitui te super gentes, & super Regna.* Não foy tão sabio, que mereceo ser a voz, pela qual explicou o Eterno Padre o seu Divino Verbo? Sim, que assim o disse Santo Agostinho: *Beatum Joannem, quasi vocem, per quam ad nos verbum sum proferret assumpsit.* Pois porque razão não diz o Mellifluo Doutor, que S. João está reinando no Ceo, porque foy Poderoso, porque foy Sabio, mas sim porque foy Amante: *Quia amicus*

Serm. 76. in. Apend

cus

cus, & quia ardens erat?
 Porque só esta virtude,
 e só este extremado bat-
 ta para levar ao Ceo hũ
 Justo. Todas as virtu-
 des são degraços, por on-
 de se sóbe ao Ceo; po-
 rêm como o amor aos
 Serafins da Gloria he
 entre todas a principal,
 por isso só esta excel-
 lencia allega o Santo
 Doutor, quando diz
 que está no Ceo o Se-
 nhor S. Joaõ: *Joannes*
stat, quia amicus, quia
ardens, sicut Seraphim
stare dicuntur.

Em extremo grande
 foy o cordial affecto,
 que teve o nosso Rey á
 aquelle Serafim Chaga-
 do, e a toda a lua Re-
 ligião Sagrada: e se S.
 Bernardo diz que S.
 Joaõ está no Ceo, por-
 que foy amante dos Se-
 rafins do Ceo: *Joannes*
stat, quia amicus, &
quia ardens erat; porque
 não direy, do modo q̃ pos-

lo dizer: *Joannes stat quia*
amicus, & quia ardens
erat; o Senhor D. Joaõ
 V. está no Ceo, porque
 foy amante do coração
 do Serafim de Assis, e
 de toda a sua Religião?
 Ainda quando sey que
 esta he huma das excel-
 lencias, e favores que
 Christo Senhor Nosso
 concedeo ao nosso Se-
 rafico Patriarcha. Hum
 dos seus privilegios, e
 favores, que Christo Se-
 nhor Nosso concedeo a
 meu Padre S. Francis-
 co, e a toda a lua Sagra-
 da Religião he este: =
 Que qualquer pessoa,
 que amasse de coração a
 seus Religiosos, (por
 mayor peccador que fos-
 se) alcançaria miseri-
 cordia de Deos Nosso
 Senhor. = Pois se este
 he o favor, que Christo
 concedeo a meu Padre
 S. Francisco, e se o nos-
 so Rey foy cordial
 amante de meu Padre

S. Francisco; e de todos seus Religiosos, como fica provado, e todos nos confessamos tão obrigados, como agradecidos a seu amor; porque não poderey dizer com S. Bernaado: *Joannes stat, quia amicus, & quia ardens erat*; O Senhor D. João V. está, como piamente podemos crer, no Ceo, porque foy cordial amante dos Serafins da terra?

Assim piamente cremos todos, muito Alto, Poderoso, e Fidelissimo Rey, e Senhor nosso: assim como vos obedecemos, e servimos todos na terra, assim vos veneramos com a mesma piedade no Ceo. Gozay, gozay para sempre, não a Coroa, que deixastes na terra, mas sim a que merecestes alcançar no Ceo pelo cordial affecto, com que vene-

raistes sempre a nossa Religião Serafica. E se he proprio dos Vassallos o pedir mercês a seu Soberno, por mercê vos pedimos todos, que vos lembreis do vosso Reyno, alcançando de Deos para elle, e para todos nós a conservação da paz, em que tanto vos empenhastes na terra. Lembrai-vos tambem de todos os vossos tão leaes Vassallos, que se tanto merecerão a vossa memoria na terra, justo he que mereção a vossa lembrança no Ceo. Lembrai-vos de toda a Religião Serafica, que se a enriqueceste na terra com dadivas, e honras, fazey com Deos, que a enriqueça de muitas virtudes, e graças. Lembrai-vos em fim desta Santa Provincia do Brazil, da qual se fostes especial Protector na terra

terra, sedetambem nos- e agradecidos a vosso
lo Amparo, nosso Ad- amor, á vossa protecção;
vogado, e Protector lá e amparo, vos cantamos
no Ceo, que todos nós, hoje para sempre: *Re-*
como tão obrigados, *quiescat in pace.*

FINIS
LAUS DEO.



...e, habendo por objecto a ...
 ...e, habendo por objecto a ...
 ...e, habendo por objecto a ...
 ...e, habendo por objecto a ...

LAUS DEO.



Gemidos Jeraficos por Fr. Gervasio de Noronio;
 Ollaçao nas Exequias por Fr. Antonio de S. Maria S.
 Sermao nas Exequias por Fr. Serafim de S. Antonio S.
 Sermao nas Exequias. por Fr. Jose da Conceicao S.
 Ollaçao Panegirico. por Fr. Joao de S. Angela S.
 Sermao nas Exequias por Fr. Jose do Santos S.
 Sermao nas Exequias por Fr. Joao de Deo. S.